UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA ATIVIDADE FÍSICA

DANILO LUTIANO VALERIO

Análise do estádio como construção de um habitus esportivo: o caso do Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

São Paulo

2017

DANILO LUTIANO VALERIO

Análise do estádio como construção de um habitus esportivo: o caso do Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

Versão Original

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Atividade Física.

Área de Concentração:

Atividade Física para Promoção do Lazer.

Orientador:

Prof. Dr. Marco Antônio Bettine de Almeida.

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Valério, Danilo Lutiano

Análise do estádio como construção de um habitus esportivo : o caso do Estádio Cícero Pompeu de Toledo / Danilo Lutiano Valério ; orientador, Marco Antonio Bettine de Almeida. – São Paulo, 2017
212 p.: il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo
Versão original

1. Sociologia do esporte. 2. Campo de futebol - São Paulo. 3. São Paulo Futebol Clube. 4. Bourdieu, Pierre, 1930-2002. 5. Estádio Cícero Pompeu de Toledo - Aspectos históricos. I. Almeida, Marco Antonio Bettine de, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 306.483

Nome: Lutiano Valerio, Danilo.

Título: Análise do estádio como construção de um habitus esportivo: o caso do Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Atividade Física.

Área de Concentração:

Atividade Física para Promoção do Lazer.

Aprovado em: (__ / __ / __)

Banca Examinadora

Prof. Dr.	_____	Instituição:	_____
Julgamento:	_____	Assinatura:	_____

Prof. Dr.	_____	Instituição:	_____
Julgamento:	_____	Assinatura:	_____

Prof. Dr.	_____	Instituição:	_____
Julgamento:	_____	Assinatura:	_____

Dedico este trabalho ao Futebol, esporte pelo qual eu vivo intensamente desde meus primeiros anos de vida. E ao São Paulo Futebol Clube, um amor que foi passado de pai para filho...

AGRADECIMENTOS

Como ponto de partida começo agradecendo à Escola de Artes, Ciências e Humanidades, minha querida EACHUSP, que me acolheu, e se tornou meu porto seguro acadêmico.

A CAPES pela bolsa concedida. Essa ajuda permitiu que eu dedicasse grande parte do meu tempo à minha pesquisa.

Ao meu orientador, professor, e amigo Marco Bettine. Sua orientação foi fundamental para que este estudo se materializasse. Obrigado por todos os conselhos, paciência, e compreensão ao longo desses anos.

Aos Professores Dante De Rose, e Ursula Peres pelas observações que fizeram ao meu estudo. Suas sugestões tiveram grande valor para o desenvolvimento final do trabalho.

A toda Família Fut-Campo EACHUSP, meus queridos companheiros que fizeram parte de toda essa caminhada.

Não poderia deixar de citar também os amigos Andrei Pavão, Daniel Grubisich, Erick Lopes, Flavio Costa, Luzia Rall, Murilo Matheus, Renan Pamplona, Bruno Venoso e Silas Chiara. Amizades de um valor incalculável, que estiveram presentes nesta trajetória.

Ao meu amigo e companheiro de arquibancada Renato Cortez. Grande são-paulino e irmão de longa data. Espero que nossa amizade faça sempre parte de nossas vidas.

A todos meus familiares pelo carinho, e ajuda. Em especial as minhas tias queridas, Claudete, Marlene, e também ao meu estimado tio Osvaldo, e ao meu adorado primo Renato.

Ao meu amado irmão, e melhor amigo Leandro. Jamais esquecerei tudo o que fez na minha vida. Obrigado por todo companheirismo, por estar sempre ao meu lado, e sempre acreditar mim. Amo você.

Ao meu Pai, e minha Mãe, por todo amor, e carinho recebido. Vocês são meus pilares, os principais responsáveis por essa conquista. Sei que nunca vou conseguir retribuir tudo o que fizeram por mim. Obrigado, amo vocês com todo amor que carrego no peito.

E a você Tamirys, que foi fundamental para que eu chegasse até aqui. Acredito que de todas as dificuldades enfrentadas na concepção deste trabalho, este momento agora é o mais difícil, pois me faltam palavras para expressar todo o meu sentimento de gratidão a você. Então só me resta te agradecer, dizendo um muito obrigado por tudo, e por todos os momentos ao meu lado. Você é, e sempre será o Amor da minha vida.

“Ao Mestre Tele, Raí e Companhia”.

RESUMO

LUTIANO, Danilo Valerio. **Análise do estádio como construção de um habitus esportivo:** o caso do Estádio Cícero Pompeu de Toledo. 2017. 212 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Versão original.

Utilizando como referencial teórico as teorias de Capital, Habitus, Campo e Campo Esportivo, desenvolvidas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, efetuou-se nessa Dissertação de Mestrado um estudo de caráter descritivo-analítico, com um enfoque histórico-social. A análise empreendida neste instrumento de pesquisa compreende um caso concreto que ocorreu no cenário esportivo nacional, que foi a construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo. A partir da teoria de Campo e Campo Esportivo, foi definido o futebol brasileiro como um espaço social de prática esportiva, demarcando o São Paulo Futebol Clube como um agente esportivo deste campo. A edificação desta obra erigida por esse personagem do cenário futebolístico do Brasil foi interpretada através das teorias de Capital e Habitus, o que nos permite apreender o Estádio do Morumbi como um elemento que possibilitou ao São Paulo Futebol Clube se diferenciar dentro do campo esportivo, além de entender as práxis que os dirigentes são-paulinos realizaram para poder erigir o seu estádio. Ao realizar esta análise, registrar-se um período (1970 – 1992) que se inicia após a construção do Morumbi, e vai até a conquista do primeiro título mundial do São Paulo Futebol Clube. Durante essa fase é reconhecido que a agremiação conquistou inúmeros êxitos esportivos, além de aumentar sua torcida por todo país, elucidando que o Estádio Cícero Pompeu de Toledo foi um dos possíveis fatores que proporcionaram a aquisição destes triunfos.

Palavras-chave: *Pierre Bourdieu; Capital; Habitus; Campo; Campo Esportivo; São Paulo Futebol Clube; Estádio Cícero Pompeu de Toledo.*

ABSTRACT

LUTIANO, Danilo Valerio. **Analysis of the stadium as construction of a sports habitus:** the case of the Cícero Pompeu de Toledo Stadium. 2017. 212 p. Dissertation (Master's Degree in Physical Activity Sciences) – School of Arts, Sciences and Humanites, University of São Paulo, São Paulo, 2017. Original version

Using as theoretical reference the theories of Capital, Habitus, Field and Sports Field, developed by the French sociologist Pierre Bourdieu, a Master's Dissertation was carried out in a descriptive-analytical study with a historical-social approach. The analysis undertaken in this research instrument case study that occurred in the national sports scene, which was the construction of the Stadium Cicero Pompeu de Toledo. From the theory of Field and Sports Field, Brazilian football was defined as a social space of sports practice, showing São Paulo Football Club as a sports agent in this field. The built of this work erected by this personage of the soccer scene in Brazil was interpreted through the theories of Capital and Habitus, which allows us to apprehend Morumbi Stadium as an element that allowed São Paulo Football Club to differentiate itself within the sports field, besides to understand the praxis that Sao Paulo's leaders have carried out in order to erect their stadium. In this analysis, a period (1970 - 1992) is recorded, starting after the construction of Morumbi, and going on until the conquest of the first world title of São Paulo Football Club. During this phase, it is recognized that the club won numerous sports successes, in addition to increasing its fans throughout the country, elucidating that Cícero Pompeu de Toledo Stadium was one of the possible factors that provided the acquisition of these triumphs.

Key-words: *Pierre Bourdieu; Capital; Habitus; Field; Sports Field; São Paulo Football Club; Cícero Pompeu de Toledo Stadium.*

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO.</i>	11
<i>CAPÍTULO I. MÉTODO DE PESQUISA:</i>	
<i>CAMINHOS PARA COMPREENDER O OBJETO DE PESQUISA.</i>	
1.1. Objetivos e Justificativa.	14
1.2. Sobre a sociologia do esporte e do futebol.	16
1.3. Sobre a temática central do estudo.	39
1.4. Sobre Bourdieu e seus conceitos sociológicos: Capital, Habitus e Campo.	50
<i>CAPÍTULO II. APORTE TEÓRICO:</i>	
<i>CAMPO ESPORTIVO, E O SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE.</i>	
2.1. Um histórico sobre o tema: Esporte, futebol e o futebol no Brasil.	66
2.2. Bourdieu, o campo esportivo, e o subcampo futebol.	87
2.3. Bourdieu e seus conceitos sociológicos no campo esportivo investigado.	101
<i>CAPÍTULO III. DISCUSSÃO TEÓRICA:</i>	
<i>CAPITAL e o HABITUS: UMA LEITURA SOBRE O ESTÁDIO DO MORUMBI.</i>	
3.1. Capital, Habitus, e o Morumbi.	128
3.2. O Estádio do Morumbi e os êxitos esportivos do SPFC.	149
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS.</i>	157
<i>BIBLIOGRAFIA.</i>	160
<i>ANEXOS.</i>	
<i>ANEXO A – EVENTOS MÚSICAIS REALIZADOS NO ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO ENTRE 1981 - 1990.</i>	172
<i>ANEXO B - EVENTO RELIGIOSO REALIZADO NO ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO EM 1980.</i>	173
<i>ANEXO C – PRESIDENTES DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE ENTRE 1952 – 1992.</i>	174
<i>ANEXO D – FOTOS.</i>	175

INTRODUÇÃO

O estudo apresenta como problema de pesquisa analisar a idealização e construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, utilizando como fundamentação teórica os conceitos de Capital, Habitus, Campo e Campo Esportivo do sociólogo francês Pierre Bourdieu¹, além de possuir como pano de fundo as questões históricas e sociológicas do esporte moderno e do futebol. O trabalho ainda delimitará uma possível relação entre este empreendimento, e os êxitos esportivos conquistados pelo São Paulo Futebol Clube durante o período de 1970 a 1992².

Estes conceitos aludidos no inciso acima foram desenvolvidos por Pierre Bourdieu durante sua trajetória como sociólogo, e ficaram impressos como clássicos da sociologia no último século, avultando ainda mais essa disciplina acadêmica com seus escritos. Alude-se neste prelúdio algumas peças sociológicas de Bourdieu que tratam dessas teorias sociais, como é o caso do artigo “*Capital simbólico e classes sociais*” (2013)³, o livro “*A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*” (1970)⁴, o trabalho “*Sobre a televisão*” (1997)⁵, além do texto “*Como é possível ser esportivo*” (1978)⁶. No decurso metodológico da pesquisa todos estes textos de Bourdieu foram explorados, com a pretensão de absorver ao máximo seus conceitos sociológicos, para que, de tal modo, o nível teórico do trabalho apresente a consistência necessária que uma Dissertação de Mestrado exige.

Além de contar com as teorias sociais de Bourdieu, a pesquisa contém elementos históricos e sociológicos, que dão sustentação para que o trabalho seja desenvolvido. Entre esses elementos está o esporte moderno, que foi constituído em meados do século XIX, e se

¹ Pierre Felix Bourdieu foi um dos grandes sociólogos do último século. Nascido na França em 1930 graduou-se em Filosofia pela Escola Normal Superior (Paris), desenvolvendo seus estudos sociais nas áreas da educação, cultura, política, literatura, arte, mídia, linguística, e esporte. Segundo Vasconcellos (2002, p. 78) Bourdieu “criou uma verdadeira ‘escola’ que contribuiu à reflexão crítica em torno do seu trabalho”. Suas primeiras obras aparecem na década de 1960, destacando os textos “*Trabalho e trabalhadores na Argélia*” (1963), e “*Le Déracinement*” (1964). Ao longo do século XX seus conceitos teóricos de Capital, Habitus, e Campo vão influenciando inúmeros pensadores das ciências humanas. Em 2002, Pierre Bourdieu morre aos 71 anos de idade.

² Este recorte temporal compreende a inauguração final do Estádio Cícero Pompeu de Toledo em 1970, até o momento que o São Paulo Futebol Clube atinge o seu ápice esportivo em dezembro 1992.

³ No artigo “*Capital simbólico e classes sociais*” (2013), Bourdieu apresenta suas concepções sobre seu conceito de Capital.

⁴ Neste trabalho Pierre Bourdieu desenvolve seu conceito sociológico de Habitus.

⁵ O conceito social de Campo é tratado no livro “*Sobre a Televisão*” (1997) pelo autor.

⁶ Pierre Bourdieu aclara suas ideias sobre a construção de um campo esportivo no texto “*Como é possível ser esportivo*” (1978).

consolidou no último século como um fenômeno da contemporaneidade, e o futebol que se tornou um fenômeno de popularidade em diversas nações. Desta maneira tanto o esporte moderno (composto por diversas modalidades esportivas), como o futebol, se tornaram um grande campo de investigação para as ciências sociais⁷.

Dito isso é possível afirmar que o esporte moderno, o futebol e a sociologia de Pierre Bourdieu oferecem inúmeras possibilidades de estudos dentro das ciências sociais. Defronte destas possibilidades foi pensando em realizar uma análise da edificação do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, relacionando-o diretamente com o desenvolvimento esportivo, do São Paulo Futebol Clube, durante um determinado período de sua história (1970 – 1992).

Ao apreendermos o que foi declarado até aqui, o qual revelou que o principal objeto de análise do estudo será um estádio de futebol, interpelar-se-á nas próximas linhas, que este equipamento esportivo apresenta diversas perspectivas de interpretação. Por ora, de maneira introdutória aponta-se sob a ótica de um determinado contexto, que este local catártico pode ser compreendido como um monumento, e não apenas como um local de prática esportiva, considerando-o como um elemento citadino que tem vida própria.

Diante desta disposição conceitual, é deflagrado que alguns autores debatem essa problemática, isto é evidenciado no texto de Machado e Banchetti (2010) “*O Futebol rouba a cena! O Estádio-Monumento enquanto palco de tensos e resistência: O caso do Pacaembu*”. Neste ensaio teórico os autores dialogam a respeito destas concepções, trazendo com feitiço preliminar a definição de monumento de Marilena Chauí (2000, p. 12)⁸ que define ser este o local “onde toda a sociedade possa comunicar-se celebrando algo comum a todos e que conserva e assegura o sentimento de comunhão e unidade”.

A partir desta fundamentação teórica os autores desenvolvem suas análises a despeito do Estádio Municipal do Pacaembu, trazendo elementos novos para o debate desta temática de pesquisa. É manifestada esta conjuntura de estudo, com o intuito de atestar que o estádio de futebol é um sólido objeto de análise dentro da academia, que pode ser estudado sob o olhar das diferentes áreas do conhecimento.

⁷ Autores como Gebara (2002), Almeida, Gutierrez e Marques (2013), Rodrigues (2002), Ribeiro (2004), Helal, Soares e Lovisolo (2001), em seus estudos discutem diante da perspectiva das ciências humanas as questões postas dentro do esporte moderno e do futebol.

⁸ Marilena Chauí apresenta essas concepções no texto “*Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*” (2000).

A vista disso revela-se nesse instante o que será facultado na trajetória metodológica da pesquisa. Empreender-se-á nos caminhos desta peça de estudo histórico-social, três capítulos, os quais serão arquitetados a partir de um modelo estrutural proposto dentro desta dissertação. De tal forma, ofertar-se-á ao leitor no primeiro capítulo o método de pesquisa do trabalho, expondo os objetivos centrais do texto, um diálogo teórico com autores que discutem a sociologia do esporte, do futebol, e as questões históricas e atuais que permeiam a construção dos principais estádios de futebol do Brasil, além de uma interlocução teórica sobre os conceitos sociológicos de Capital, Habitus e Campo.

No segundo capítulo denominado “*Aporte Teórico: Campo esportivo, e o São Paulo Futebol Clube*”, exibir-se-á uma leitura histórico-social sobre as temáticas que circundam o objeto chave de investigação da pesquisa, e uma análise do campo esportivo, e do subcampo do futebol. Ainda nesta etapa, no tópico derradeiro desse capítulo, será compreendido o São Paulo Futebol Clube dentro do espaço social de prática esportiva o qual ele faz parte⁹.

Já o terceiro capítulo do texto, evidenciará uma interpretação analítica de todas as questões que compreenderam a idealização e edificação do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, de acordo com os conceitos de Capital e Habitus. Será ainda aclarado nessa etapa do trabalho, uma análise cronológica de um determinado período da história do São Paulo Futebol Clube, destacando os principais êxitos esportivos conquistados pelo clube neste recorte temporal. Após estas três fases teóricas, limitar-se-á o estudo com o item “*Considerações Finais*”, o qual apresentará uma visão de tudo o que foi discutido nessa jornada acadêmica, elucidando os aspectos centrais da pesquisa.

Em vista disso, acredita-se que a partir desta estrutura metodológica desenvolvida, o trabalho apresentará uma lógica de estudo, pois diante desta constituição será possível apreender o objeto central de análise. Portanto a concepção estrutural do texto foi parte importantíssima da elaboração desta Dissertação de Mestrado, a qual foi pensada com o intuito de facilitar a compreensão do que foi objetivado na pesquisa.

Por agora, é encerrado aqui este item introdutório, desejando-lhes uma excelente leitura.

⁹ A compreensão do São Paulo Futebol Clube dentro do campo esportivo será empreendida de acordo com Teoria de Campo e Campo Esportivo.

CAPÍTULO I. MÉTODO DE PESQUISA

CAMINHOS PARA COMPREENDER O OBJETO DE PESQUISA

1.1 Objetivos e Justificativa.

Ao darmos os primeiros passos nos caminhos metodológicos do estudo, buscar-se-á exibir ao leitor os objetivos da pesquisa, e os motivos que justificam a aplicação deste objeto de análise sociológica. Dentro desta primeira etapa o que será empreendido é esclarecer o escopo teórico do trabalho, para que, de tal forma, os leitores possam compreender a estrutura metodológica da Dissertação de Mestrado, e o seu objeto central de investigação.

Em vista disso, o primeiro objetivo deste instrumento de investigação será aplicar a teoria de Campo, Campo Esportivo, Capital e Habitus. Diante dessa intenção inicial da pesquisa, aludir-se-á de maneira breve alguns trabalhos que aplicaram as teorias sociais de Bourdieu, com o propósito de absorver esse conhecimento, a fim de desenvolver uma observação interpretativa de sua temática central de averiguação.

Souza e Marchi Júnior (2010b) no texto *“Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu”*, Souza, Almeida e Marchi Júnior (2014) em *“Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial sociológico de Pierre Bourdieu”*, e Setton (2002) em seus escritos *“A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea”* são alguns exemplos de ferramentas sociológicas que utilizaram esses conceitos sociais como seu principal referencial teórico. Por conseguinte, a aplicação destes conceitos de Bourdieu serão desenvolvidos, e expostos nos três capítulos da dissertação, uma vez que, em todos estes capítulos estas teorias se farão presentes, no decurso prático-metodológico da pesquisa.

O segundo objetivo do estudo é aprofundar-se nas questões da sociologia do esporte e da sociologia do futebol no cenário brasileiro. Esta etapa do texto terá como principal função metodológica dialogar com os grandes autores que discutem as demandas postas nestes novos campos do conhecimento, a sociologia do esporte, e a sociologia do futebol, com um enfoque no campo futebolístico nacional. Justifica-se essa abordagem, pois a

partir de meados do último século começa a emergir dentro da grande área da sociologia, a sociologia do esporte, uma sociologia que foi definida por Murad (2009, p. 1) como “uma sociologia particular”.

Defronte destas questões, alude-se o trabalho de Betti (1989) “*Esporte e sociologia*”, o texto já citado acima de Murad (2009) “*Sociologia do esporte*”, o estudo de Jean Marie Brohm (1993) “*20 Tesis sobre el deporte*”, e outro instrumento de pesquisa de Murad (1996) “*Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*”, além de um clássico da sociologia do futebol brasileiro “*Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*” de Roberto DaMatta (1982). Esses são estudos que dialogaram e apresentaram uma visão social do esporte, e do futebol, analisando-os como fenômenos que estão presentes na sociedade contemporânea. Destarte, o desenvolvimento do primeiro capítulo, apresentará um diálogo com diversos autores das ciências sociais que discutem em seus trabalhos os conceitos sociológicos de Capital, Habitus e Campo de Bourdieu, além de expor uma discussão sobre a constituição dos estádios brasileiros ao longo do último século, avançando a seguir com as questões existentes hoje a respeito dessa temática de pesquisa.

Prosseguindo, aponta-se neste instante mais um desígnio da pesquisa, que é discutir as questões históricas e sociais do esporte moderno, do futebol, e do futebol no Brasil. No percurso metodológico do estudo, buscar-se-á atingir esse objetivo no segundo capítulo, no item 2.1 “*Um histórico sobre o tema: Esporte, futebol e o futebol no Brasil*”, onde será tratado o esporte como um elemento da modernidade, que se institui a partir da Revolução Industrial, que ocorreu na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX, e o futebol como elemento desse novo fenômeno que surge em terras inglesas, além de abordar a chegada dessa modalidade esportiva no Brasil, analisando sua vinda, e os motivos sociais que possibilitaram sua introdução por aqui.

À vista disso, abordar-se-á o esporte a partir de uma leitura de ruptura, como bem explanou Bourdieu (1978), a respeito dessa temática em “*Como é possível ser esportivo*”, ou como definiu Bracht (2002) a partir de uma linha de seu pensamento, denominada de “descontinuidade”, que foi exposta no texto “*Esporte, história e cultura*”. Ademais para desenvolver essas questões sobre a chegada do esporte bretão em solo brasileiro dialogar-se-á com os trabalhos de Almeida, Gutierrez e Ferreira (2010) “*Futebol e ferrovia: A história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista*”, e de Almeida, Gutierrez e

Marques (2013) “*Uma leitura do futebol em São Paulo: A ginga, os territórios e as identidades*”.

Diante da análise proposta dessa dissertação, o que será empreendido e almejado é utilizar a metodologia de Pierre Bourdieu para uma análise de um estádio de futebol. Alicerçado com os conceitos teóricos de Capital, e Habitus que foram exibidos nos livros¹⁰ “*Capital simbólico e classes sociais*” (2013), e “*A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*” (1970) será interpretado uma interpretação do Estádio Cícero Pompeu de Toledo a partir dessas teorias sociais, compreendendo a importância do Estádio do Morumbi¹¹ para o desenvolvimento do São Paulo Futebol Clube.

Examinar-se-á também o lócus do estádio próprio com os êxitos esportivos¹² do SPFC¹³, ambicionando entender a importância do Estádio do Morumbi e sua relação com os sucessos desportivos que o clube alcançou após a inauguração do estádio em janeiro de 1970, até a conquista do seu primeiro título mundial de clubes vencido pelo SPFC no Japão, em dezembro de 1992 (1970 – 1992). Esses dois objetivos versados acima são discutidos no capítulo 3 da dissertação, nos tópicos 3.1. *Capital, Habitus e o Morumbi*, e no 3.2. *O Estádio do Morumbi e os êxitos esportivos do SPFC*.

Posto isto, delimita-se aqui esse tópico que apresentou os objetivos deste instrumento de pesquisa social, em vista disso seguir-se-á neste instante com o percurso prático-metodológico da dissertação, o qual apresentará nas linhas que se sucedem um diálogo teórico sobre a sociologia do esporte e do futebol, como já mencionado nos escritos acima.

1.2 Sobre a sociologia do esporte e do futebol.

Após definir os objetivos da pesquisa e clarificar as questões que levaram a execução do trabalho no tópico acima, enceta-se esse segundo item do capítulo, onde será

¹⁰ Ambos os livros são peças sociológicas escritas pelo cientista social Pierre Bourdieu. O livro “*Capital simbólico e classes sociais*” (2013) disserta sobre o conceito de Capital, já o livro “*A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*” (1970) apresenta o conceito de Habitus.

¹¹ Estádio Cícero Pompeu de Toledo é popularmente conhecido como “Estádio do Morumbi”, devido ao fato de este estar localizado no bairro do Morumbi, na zona sul da capital paulista.

¹² Êxitos esportivos serão definidos no item do trabalho “3.2. *O Estádio do Morumbi e os êxitos esportivos do SPFC*”. Ver mais nas páginas 154-161.

¹³ SPFC é abreviação de São Paulo Futebol Clube.

evidenciado um diálogo com diversos pensadores que debatem a sociologia do esporte e a sociologia do futebol. Buscar-se-á ofertar ao leitor uma gama de conceitos sociológicos sobre esses dois recentes campos de investigação que as ciências sociais começaram a explorar com maior profundidade a partir de meados do século XX.

Diante deste contexto o que será exposto inicialmente, é um diálogo sobre as demandas existentes dentro do estudo da sociologia do esporte, e posteriormente uma abordagem sobre as indagações que se fazem presentes na sociologia do futebol, e do futebol brasileiro.

Posto isto, inicia-se essa exposição teórica apontando o esporte moderno como um elemento de investigação da sociologia, que se apresenta como um tema recente, somente durante meados do último século autores começam a se debruçar sobre essa temática, e passam a estudar o esporte sobre a perspectiva das ciências sociais. Deste modo, surge um novo campo de estudo na grande área da sociologia, a sociologia do esporte, que será discutida agora no texto.

Será exposto no texto um diálogo com diversos autores que debatem essa problemática, dialogando com clássicos da sociologia do esporte, como Jean Marie Brohm (1993), González (1993), Elias e Dunning (1992), e Bourdieu (1978), além dos textos de Ferreira e colaboradores (2009), Betti (1989), Murad (2009), Gebara (2002), Proni e Lucena (2002), Marchi Júnior (2006), Proni (2002), Bracht (2002), Rodrigues (2005), Marques (2007), e Melo (2007), que fornecem elementos teóricos para o desenvolvimento de novos trabalhos nesta área do conhecimento.

Ferreira e colaboradores (2009) expõem em seu artigo o pensamento de Elias e Dunning (1992, p. 17) que apontam algumas hipóteses que ajudam a entender os motivos pelos quais a sociologia do esporte se apresenta como um campo novo de investigação das ciências sociais. Os autores expõem o raciocínio de Elias e Dunning (1992), onde:

Afirmam que alguns sociólogos da sua época não abordam o Esporte por não conseguir distanciar-se dos valores dominantes e dos pensamentos característicos das sociedades ocidentais, para terem a capacidade de compreender o significado social deste fenômeno, sua ligação com outras esferas da sociedade, dentre outras formas de abordagem deste objeto de estudo, que é ignorado pelas teorias convencionais (FERREIRA et al, 2009, p. 2).

Para Ferreira e colaboradores (2009, p. 2) esse tipo de abordagem limitou o esporte e “afetou sua produção sociológica”, fazendo com que pesquisas que tem o esporte

como objeto central de investigação “ainda sejam recentes e sutis, principalmente se comparados a outros temas considerados mais tradicionais”.

À vista disso iniciamos nosso diálogo sobre esse novo campo do conhecimento, porém, se faz necessário tecer algumas considerações sobre o grande campo de estudo da sociologia, clarificando o que esta área do conhecimento estuda. Utilizaremos uma definição de Betti (1989) sobre seu entendimento por sociologia:

A Sociologia como a Ciência que estuda as relações sociais entre os homens, ou seja, como eles se organizam socialmente para produzir bens, para transmitir cultura e para garantir a sobrevivência e a reprodução da própria sociedade, analisando tanto a estabilidade como a mudança social (BETTI, 1989, p. 7).

Diante desta perspectiva, Betti (1989, p. 7) cita Buckley (1971)¹⁴, e Berger & Berger (1980)¹⁵, que afirmam que “algumas formas sociais, que se tornam relativamente duradouras numa certa cultura e num certo período histórico e que atendem a certos requisitos são chamadas de Instituições Sociais”. O autor expõe o esporte moderno como uma dessas Instituições Sociais, apontando o esporte como “uma instituição social autônoma no mundo moderno”. Betti (1989, p. 7) aclara que “o esporte moderno tem sua organização própria, normas, valores e autoridades, aos quais os participantes têm que se sujeitar”. Apoiado ainda na leitura de Betti (1989), que baseia-se nos escritos de Lüschen (1970)¹⁶, Lüschen e Weis (1979)¹⁷, e Seban (1976)¹⁸, o autor apresenta uma definição sobre o que a sociologia do esporte busca estudar e compreender:

A Sociologia do Esporte busca desenvolver teorias capazes de explicar a ação e os comportamentos no campo esportivo, assim como a estrutura, a função e os valores sociais promovidos por esta instituição, e contribuir para a prática social do esporte, subsidiando a tomada de decisões sócio-políticas que dizem respeito ao esporte (Lüschen, 1970, Lüschen e Weis, 1979, Seban 1976). (BETTI, 1989, p. 7-8).

Aclarando o conceito de sociologia, o estudo apresenta a visão de Murad (2009, p. 1) que aponta que esta é “uma das ciências sociais e teve seu estatuto científico firmado a partir da segunda metade do século XIX, na Europa, mais especificamente na França”, esclarecendo que a sociologia surge através “do pensamento positivista de Augusto Comte

¹⁴ Betti (1989) utiliza o livro de Buckley *A Sociologia e a Moderna Teoria dos Sistemas* (1971).

¹⁵ Na citação de Berger & Berger, o autor utiliza como referencial teórico o texto dos autores *O que é uma Instituição Social* (1980), do livro *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia*, in FORACHI, M; MARTINS, J.S.

¹⁶ Texto utilizado como referencial teórico por Betti (1989) *Sociology of sport and the cross-cultural analysis of sport and games* (1970), retirado do livro *The Cross-Cultural analysis of sport and games*, in LÜSCHEN.

¹⁷ Texto utilizado como referencial teórico por Betti (1989) *Deporte en la Sociedad; posición y cometidos de una sociología del deporte* (1979), retirado do livro *Sociología del Deporte*.

¹⁸ Texto utilizado como referencial teórico por Betti (1989) *A Theoretical consideration of the internal dynamics of sport* (1976), retirado do livro *Sport in the sócio-cultural process*, in HART, M.

(1798/1857)¹⁹ e Émile Durkheim (1858/1917)²⁰”. Murad (2009, p. 1) elucida seu pensamento, dividindo a sociologia em dois campos de estudo, sendo estes denominados pelo autor, “a sociologia geral e as sociologias particulares”. Deste modo, o autor classifica a sociologia do esporte como uma destas sociologias particulares. Aclara-se:

A sociologia do esporte é uma dessas sociologias particulares, específicas ou especiais e trata de como pesquisar e analisar o fenômeno esportivo, enquanto fenômeno social, ou seja, a partir da articulação dinâmica e interativa entre as diferentes estruturas componentes da sociedade: a econômica, a política e a cultural (MURAD, 2009, p. 1).

Partindo da leitura de Murad (2009, p. 1) sobre seu entendimento sobre esse novo campo do conhecimento, o autor define que “o esporte é o lúdico socialmente organizado, institucionalizado, com regras aceitas internacionalmente, apresentando hierarquias, papéis e funções, como, de uma maneira geral, podemos ver em todas as instituições”, deste modo fica exposto por esta interpretação que o esporte apresenta características presentes nas mais diversas instituições da sociedade. Murad (2009) segue em sua linha de raciocínio, expondo os inúmeros aspectos que o esporte pode desempenhar dentro da sociedade, evidenciando as suas diferentes representações, e também os motivos que fazem do esporte um campo importante a ser estudado pela sociologia, possibilitando assim incontáveis contribuições que o estudo deste fenômeno social pode agregar para o entendimento das questões postas na sociedade contemporânea:

Inúmeros são os tipos e as modalidades esportivas. A vida em sociedade quase sempre e em todas as épocas tem um jogo, um esporte ou algum dos fundamentos destes marcando o seu dia-a-dia e podendo ser um dos elementos de sua representação cultural e social. O esporte pode ser uma metáfora da vida social, uma representação resumida de seus fundamentos, de suas raízes, de suas contradições. O esporte é um “fato social total”²¹. Portanto, pode e deve ser estudado pela sociologia, como uma contribuição expressiva a uma sociologia geral da sociedade (MURAD, 2009, p. 1).

Findando a interpelação do texto de Murad (2009), observa-se uma aproximação do nascimento do esporte moderno com as leituras já expostas no texto, as quais apontam o surgimento deste fenômeno a partir do continente europeu pós-revolução industrial, o que possibilitou sua exportação para as diversas partes do globo. O sociólogo atribui que o esporte

¹⁹ Segundo consta sua biografia Augusto Comte nasceu em Montpellier no dia 19 de janeiro de 1798, falecendo em Paris no dia 5 de setembro de 1857. Comte foi um “filósofo e auto proclamado líder religioso, deu à ciência da Sociologia seu nome e estabeleceu a nova disciplina em uma forma sistemática”. Esta biografia foi retirada do trabalho *Discurso preliminar sobre o espírito positivo – Augusto Comte* – disponível em http://chafic.com.br/chafic/moodle/file.php/1/Biblioteca_Virtual/Filosofia_e_Sociologia/espírito_positivo_comte.pdf.

²⁰ Émile Durkheim cria em 1887 o curso de *Ciência Social* em Bordeaux, na França.

²¹ O autor utiliza o conceito de “*Fato Social Total*” do antropólogo e sociólogo Marcel Mauss, do *Ensaio sobre a dádiva*, do livro *Sociologia e Antropologia* (1974).

é “uma das representações sociais mais relevantes e por ele podemos ‘ler’ as identidades de uma determinada cultura, as raízes de uma determinada sociedade, os sentidos de uma determinada história” (MURAD, 2009, p. 2).

Com base nos conceitos de Murad (2009), o estudo dialoga neste instante com uma leitura histórico-social do fenômeno esportivo, evidenciando a análise feita por Gebara (2002, p. 5), que entende o esporte como “um fenômeno universalmente crescente, economicamente em expansão e recente”, a partir desta concepção teórica, o esporte ganha uma nova maneira de ser estudado, surgindo novos modelos de análise voltados para a compreensão deste fenômeno social. Seguindo essa linha de pensamento, Gebara (2002, p. 5-6) cita que “esses modelos de análise têm se concentrado em compreender a especificidade do esporte moderno, distinguindo-os dos jogos e das formas ancestrais de competição física que estes esportes assumiram”, analisando o fenômeno esportivo em um patamar macro, discutindo o caráter sociológico do esporte.

Dialogando sobre esse entendimento do esporte moderno como um fenômeno da contemporaneidade, Proni e Lucena (2002) discutem o esporte como um novo fenômeno social, abordando diversos autores que estudam o esporte a partir desta perspectiva. Prosseguindo com o texto de Gebara (2002, p. 6) que disserta sobre o esporte moderno, definindo que este é um objeto que ainda não se constituiu, “ele ainda não está constituído a ponto de permitir sua compreensão com base em um modelo de análise preconcebido, não obstante serem, os modelos de análise fundamentais para o desenvolvimento problematizador do tema”.

Regressando as observações iniciais do texto, as quais foram expostas que a sociologia do esporte aparece como um novo campo do conhecimento aludir-se-á o texto de Betti (1989), atentando-se para as diversas referências utilizadas pelo autor, que denotam ser da década de 70 do último século, portanto um campo de conhecimento que passou a ser investigado pelas ciências sociais recentemente, se compararmos com os mais diversos

estudos abordados pela sociologia, por autores clássicos como, Marx (1848)²², Durkheim (1895)²³, e Weber (1903 - 1906)²⁴.

Marchi Júnior (2006) escreve sobre essas questões, dialogando em seu texto o autor apresenta que “atualmente, por exemplo, temos nos deparado com o desenvolvimento, por que não dizer, a aceitação do esporte no contexto é acervo de pesquisa em ciências humanas” (MARCHI JÚNIOR, 2006, p. 159).

Abordando o texto de Marchi Júnior (2006), nota-se a importância que o estudo do esporte moderno, vem ganhando ao longo dos anos, onde era qualificada como uma ciência de pouca relevância, para uma ciência com um alto valor no meio acadêmico, no qual sua produção pode auxiliar diversas outras áreas do conhecimento. Objetiva-se assim o esporte moderno, como um novo campo de estudo das ciências sociais, com uma gama de possibilidades de estudos sobre o tema, possibilitando um maior entendimento sobre esse fenômeno:

O que outrora foi desprezado, e até mesmo considerado objeto de estudo de “segundo calibre”, hoje se faz central, presente e, em determinados casos, imprescindível em discussões e publicações acadêmicas de impacto, além de presença constante em planos e propostas de políticas governamentais. Esse é um dado que substancia linhas específicas de pesquisa para o tratamento desse objeto. Objetivamente, podemos citar a história do esporte, a antropologia do esporte, a sociologia do esporte, a economia do esporte, em suma, uma rede de estudos na qual – renomados autores e autoridades em diversas áreas do conhecimento acadêmico estão direcionando seu escopo teórico para estudar o fenômeno de maior impacto sociocultural do final do século XX e início do XXI (MARCHI JÚNIOR, 2006, p. 159).

A partir desta perspectiva de encarar o esporte como um fenômeno social, evidencia-se o pensador Jean Marie Brohm (1993), que concebe o esporte como um fenômeno da modernidade, relacionando-o ao capitalismo. Brohm (1993, p. 47) debate essas questões, definindo o esporte como um “produto de ruptura”, o qual o autor esclarece:

El deporte como institución es producto de una ruptura histórica. Apareció en Inglaterra, espacio clásico” del modo de producción capitalista, en la época industrial moderna. De entrada, el deporte no es una institución homogénea sino una práctica de clase. El deporte tiene una significación diferente según las clases

²² Karl Marx publica juntamente com Engels o *Manifesto Comunista* em 1848. Livro utilizado como referência bibliográfica dos trabalhos de Marx: *Karl Marx: para a crítica da economia política do capital* (1999), traduzido por Edgard Malagodi.

²³ Émile Durkheim em 1895 publica o texto *As regras do Método Sociológico*. Livro utilizado como base teórica: 3ª edição de *As regras do Método Sociológico* (2007) de Émile Durkheim, com tradução de Paulo Neves, e Eduardo Brandão.

²⁴ Max Weber publica nesse período *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. As bases teóricas utilizadas de Max Weber foram extraídas do livro: *Max Weber: Sociologia* (1979), organizado por Gabriel Cohn, e Traduzido por Amélia Cohn, e Gabriel Cohn.

sociales. Mientras que la burguesia concibe el deporte como ocio, como una forma de pasatiempo, el proletariado lo necesita como un medio de recuperación física. Así se explica que el movimiento obrero uniese, desde sus inicios, la reivindicación del derecho al deporte con la del derecho del trabajo, y haya luchado por esta reivindicación al mismo tiempo que por la reducción de la jornada laboral (BROHM, 1993, p 47)²⁵.

Proni (2002, p. 33) de acordo com os conceitos de Brohm (1982)²⁶, apresenta “os fundamentos da sociologia política do esporte”, salientando que “Brohm define seu livro como um ensaio de sociologia geral do esporte, que procura hierarquizar e examinar as categorias centrais do sistema esportivo”. O autor segue sua análise apontando que Brohm utiliza como referencial teórico na sua obra as teorias de Marx, tratando o esporte “como uma totalidade”, explorando ainda Lévy-Strauss (1975)²⁷ e o seu “modelo estruturalista”, estudando a estrutura do esporte e a sua funcionalidade:

Em razão da natureza polissêmica do seu objeto de estudo, da multiplicidade de questões a serem examinadas e da dificuldade de dispor de uma linguagem conceitual suficientemente abrangente, o autor se vê obrigado a constituir uma “rede de conceitos” (cap.1, p. 22) pautada em diferentes contribuições teóricas em Marx: trata o esporte como uma totalidade, cuja complexidade só pode ser desvendada por meio de uma “síntese de abstrações” e cuja evolução é guiada pelas contradições que lhe são inerentes. Também se inspira no modelo estruturalista de Lévy-Strauss, ao estudar o sistema esportivo em funcionamento, privilegiando as propriedades e os princípios que dão coesão e movimento a essa “armação conceitual” (PRONI, 2002, p. 33).

Proni (2002, p. 34) expõe que a análise feita por Brohm, traz o elemento do “processo histórico” como um fator para entender, e diferenciar o esporte moderno do esporte antigo, assumindo em sua linha de raciocínio o entendimento do esporte de acordo com a leitura de ruptura do pós-capitalismo.

Segue as palavras de Proni (2002):

O ponto de partida de Brohm é semelhante ao escolhido por Marx em *O Capital*, no qual a constituição do sistema capitalista é explicada partindo de sua categoria mais elementar: a mercadoria. No caso, é o processo histórico que, ao desenvolver novas e complexas formas esportivas, produz a categoria mais simples – *o esporte moderno* – como expressão abstrata, pura e simples da prática esportiva diversificada (cap. 1, pp. 26 -27). O esporte antigo não pode ser compreendido em sua forma elemental, embrionária, sem que haja a comparação com as formas evoluídas e modernas do esporte industrial capitalista e pós-capitalista. Somente com a forma histórica mais desenvolvida se converte o esporte em categoria abstrata e simples. O esporte aparece, assim, como “continuidade histórica e descontinuidade capitalista industrial” (cap. 1, p. 29) (PRONI, 2002, p. 24).

²⁵ Versão espanhola do texto de Jean Marie Brohm, *20 Tesis sobre el deporte* (1993).

²⁶ Proni utiliza a versão espanhola, *Sociologia política del deporte*, publicada em 1982, do autor Jean Marie Brohm, para escrever o capítulo *Brohm e a Organização Capitalista do Esporte*, do livro *Esporte, História e Sociedade* (2002).

²⁷ Proni utiliza como referência bibliográfica o livro de Lévy-Strauss: *Antropologia Estrutural* (1975), traduzido por Chaim S. Katz e Eginardo Pires.

González (1993) apresenta um olhar das ciências sociais sobre o fenômeno esportivo, no qual o autor clarifica seu pensamento, dialogando com os escritos de Brohm (1982), abordando o esporte como um elemento da modernidade, diferenciando o esporte moderno das atividades atléticas que eram praticas na antiguidade, como os Jogos Olímpicos realizados na Grécia Antiga. Segundo González (1993) essa teoria sobre o fenômeno esportivo traz o esporte como um elemento que está inserido nas sociedades pós – revolução industrial, com características particulares:

Por otro, se han ofrecido explicaciones sociológicas que conciben las prácticas deportivas como una características (descriptiva y normativa) de las sociedades avanzadas. De acuerdo con estas explicaciones, el deporte habría pasado a convertirse en un elemento básico de los estilos de vida imperantes en la sociedad postindustrial, en un hábito cotidiano de una sociedad de clases medias, ocupadas fundamentalmente en los sectores de servicios, que gozan de un alto nivel educativo y disfrutan de una gran cantidad de tiempo libre²⁸ (GONZÁLES, 1993, p. 10).

Bracht (2002) dialoga seus conceitos a partir destas concepções, expondo uma linha do seu pensamento, que discute o esporte como um fenômeno de ruptura, ou de descontinuidade²⁹, como o próprio autor denominou. De acordo com as leituras evidenciadas no texto, de Brohm (1982), González (1993), e Bracht (2002), o esporte moderno está inserido na sociedade, e se apresenta como um produto da modernidade, que se originou pós-revolução industrial, desenvolvendo-se atrelado ao capitalismo, o que possibilitou ao esporte moderno se consolidar como um fenômeno da sociedade contemporânea. Os autores citam que as atividades atléticas anteriores a revolução industrial (atividades atléticas praticadas por gregos, romanos, e por povos medievais) apresentam natureza distinta do esporte moderno, pois este só se tornou possível por esses dois fatores já citados, a revolução industrial e o capitalismo.

O estudo apresenta agora os conceitos teóricos dos sociólogos Nbert Elias e Eric Dunning (1992), que fazem uma leitura histórica e social do esporte a partir da teoria do Processo Civilizador³⁰ de Elias (1939). Iniciando esta apreciação sociológica e histórica de Elias e Dunning (1992), elucidar-se-á sobre o termo sport:

Há alguns séculos, o termo *sport* era usado em Inglaterra, juntamente com a versão *disport*, para designar uma variedades de passatempos e divertimentos. Em *A Survey*

²⁸ Versão em espanhol de um trecho da Introdução escrita por José Ignacio Barbero González do livro *Materiales de Sociologia del Deporte*, 1993.

²⁹ Ver no Capítulo II, *Aporte Teórico: Campo Esportivo, e o São Paulo Futebol Clube*, no item 2.1 *Um histórico sobre o tema: Esporte, futebol, e o futebol no Brasil*, páginas 70-71, onde foi apresentado esse conceito de Bracht (2002).

³⁰ *O Processo Civilizador* é uma das mais importantes obras do sociólogo Nbert Elias, publicada em 1939. O trabalho utilizou o livro *Processo Civilizador* 1ª edição, volume 1, de 1995.

*of London*³¹, escrita no final do século XVI, temos conhecimento do <espectáculo realizado por cidadãos para diversão* do jovem príncipe Ricardo>, ou sobre o <divertimento** e passatempos que se costumavam realizar anualmente, primeiro na festa de Natal... Havia na casa dos reis... um “senhor da desordem”, ou “mestre de joviais” desportos***...>. No decurso do tempo, o temor <desporto> passou a ser padronizado como um termo para formas específicas de recreação nas quais o esforço físico desempenhava o principal papel – formas específicas de um tipo de recreação que se desenvolveu primeiro em Inglaterra e que, a partir daí, se espalhou por todo o mundo (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 223).

Elias e Dunning (1992) apresentam suas concepções relatando os primórdios do termo sport, que surgiu na Inglaterra para definir as atividades de recreação e divertimento das pessoas durante o tempo livre, já no século XVI. Ao longo dos séculos, os autores estabelecem que a palavra desporto³², passa a ser utilizada para indicar atividades de recreação que apresentavam como componente essencial, o caráter físico durante a realização destas práticas.

Buscando um entendimento sobre as questões que permeiam o estudo sociológico do esporte, Elias e Dunning (1992, p. 229) utilizam como escopo teórico as configurações, para apreender esse campo do conhecimento, onde é concebido que “a técnica de pesquisa sociológica para qual utilizo, como denominação mais adequada, a análise e síntese <configuracionais> e para demonstrar qual é o modo como penso que estas devem ser utilizadas”. Esclarece-se esse conceito de estudo:

As configurações constituem, no estudo dos desportos, o fulcro da investigação. O desporto – qualquer que seja – é uma actividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. Mas todos os tipos de desportos têm funções específicas para os participantes, espectadores ou para os respectivos países em geral. Quando a forma de um desporto fracassa na execução adequada destas funções, as regras podem ser modificadas (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 230).

Para fazer a leitura do esporte com um elemento presente na sociedade, Elias e Dunning (1992) utilizam estas configurações, entendendo este conceito a partir da criação de teias interdependentes que serão utilizadas para compreender todos os processos que fazem parte do elemento central de investigação, para assim atinar o objeto central do estudo como um todo. Com base no conceito de configuração, os autores conseguem fazer uma apreciação

³¹ Nobert Elias utilizou como referência teórica para escrever sobre a origem do termo sport os escritos de *John Stow, A Survey of London de 1561*, obra que foi publicada pela primeira vez em 1603, e republicada em Oxford em 1908.

³² A palavra desporte utilizada no texto, é sinônimo da palavra esporte.

do esporte de acordo com a sociedade em que este está inserido, e entender porque certas modalidades esportivas fazem parte de determinadas sociedades, ou são praticadas por grupos sociais específicos.

Elias e Dunning (1992, p. 235) seguem suas análises, buscando um entendimento do desenvolvimento do esporte, atrelado à sociedade em que o mesmo faz parte, evidenciando que determinado esporte “pode ter um grau de autonomia em relação à estrutura da sociedade onde é jogado”, ou seja, em determinadas sociedades o esporte pode se desenvolver em maior escala que a própria sociedade. Porém, os autores afirmam que de maneira geral isto não ocorre, relatando que o esporte irá se desenvolver na mesma proporção que a sociedade, estabelecendo que esta evolução do fenômeno esportivo, “pode ser considerado como uma ramificação do desenvolvimento da sociedade onde são jogados e como são jogados, cada vez mais, a nível internacional, no desenvolvimento da sociedade humana” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 235).

Outro ponto que o texto de Elias e Dunning (1992) exhibe é o conceito do esporte como um importante elemento social, que oferece aos indivíduos um determinado sentimento de excitação. Os autores compreendem o esporte como um liberador de tensões presentes nas sociedades:

O desporto é, de facto, uma das maiores invenções sociais que os seres humanos realizaram sem planear. Oferece às pessoas a excitação libertadora de uma disputa que envolve o esforço físico e destreza, enquanto reduz ao mínimo a ocasião de alguém ficar, no seu decurso, seriamente ferido (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 243).

A partir desta leitura do esporte como importante elemento da sociedade, evidencia-se Rodrigues (2005, p. 112) que analisa a importância do esporte na sociedade contemporânea, em seu estudo ele afirma que “o esporte ocupa um importante lugar na sociedade moderna, seja na estruturação dos espaços e posições sociais, seja na construção dos corpos”. Leitura semelhante faz Marques (2007) que discute em seus escritos o esporte como um fenômeno social e cultural, sendo uma forma de atividade física que pode ser inserido no hábito das pessoas como uma prática positiva, apresentando o esporte como um universo singular, porém heterogêneo, com várias formas de manifestações que trazem diversos valores de cunho moral, interferindo diretamente em práticas realizadas pelos indivíduos e em sua percepção de bem estar e qualidade de vida. Buscando um entendimento sobre essas questões Rodrigues (2005), utiliza os conceitos de Bourdieu, que investiga essa problemática separando as modalidades esportivas para melhor compreender este fenômeno.

Para fazer a análise sobre o principal objeto de investigação do estudo, utilizar-se-á como fundamentação teórica os conceitos sociológicos do cientista social francês Pierre Bourdieu, porém, nesta explanação teórica, de forma limitada também buscar-se-á um diálogo com algumas questões que Bourdieu (1978)³³ encara como problemáticas da sociologia do esporte. Acerca deste tema o autor parte de algumas indagações, as quais são encaradas pelo sociólogo com o objetivo de compreender, e apreender essa temática de estudo:

[...] Como se produz a demanda dos “produtos esportivos”, como as pessoas passam a ter “gosto” pelo esporte e justamente por um determinado esporte mais do que por outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo? Mais precisamente, segundo que princípios os agentes escolhem entre as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhes são oferecidos como possibilidade em um dado momento? (BOURDIEU, 1978, p. 1).

Para responder essas indagações, Bourdieu (1978) inicia sua análise, partindo para uma investigação histórica, e sociológica sobre este fenômeno que está posto na sociedade contemporânea. O autor expõe em sua fala todos os agentes que formam esse novo campo social, o campo esportivo, e todos os elementos que fazem parte deste novo objeto de investigação. Aclara-se:

Acho que deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais da possibilidade deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como óbvio, o “esporte moderno”. Isto é sobre as condições sociais que tornam possível a constituição do sistema de instituições e agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos “esportivos”, públicos ou privados, que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários a prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos, especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos, dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo) (BOURDIEU, 1978, p. 2).

Nesta leitura Bourdieu (1978) aborda também as questões do consumo esportivo e os conjuntos de práticas esportivas. O cientista social explora as relações entre as práticas esportivas e as variáveis dos consumos esportivos que existem de diversas formas. Bourdieu (1978, p. 1) questiona “como se produz a demanda dos produtos esportivos, como as pessoas passam a ter gosto pelo esporte e justamente por um determinado esporte mais do que outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo?”. Concluindo “que o princípio das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na relação entre as transformações da oferta e as transformações da demanda” (BOURDIEU, 1978, p. 18).

³³ Utiliza-se como referencial teórico o texto de Pierre Bourdieu retirado de sua exposição introdutória ao *Congresso Internacional do HISPA*, realizado no INSEP em março de 1978, na capital francesa, Paris.

Evidencia-se neste instante o trabalho de Melo (2007) que menciona estudos que estabelecem relações do esporte com outras áreas do conhecimento. Melo (2007, p. 201) discute em seu texto as relações entre o esporte e as artes, relacionando o esporte com o Futurismo, movimento “da vanguarda artística europeia no Pré Primeira Grande Guerra”, diante desta abordagem, o autor cita vários autores que já exploraram as relações do esporte com as artes, como Soares (1979)³⁴ que relaciona o esporte com o teatro, Marañón (2005)³⁵ e Melo (2006)³⁶ que estabelecem relações entre o esporte e o cinema, Branco (2006)³⁷ que analisa as relações entre esporte e a música e González (2003)³⁸, Huitorel (2005)³⁹ e Melo (2006b)⁴⁰ que discutem a relação das artes plásticas com o fenômeno esportivo.

Defronte todas essas leituras citadas no texto que discutiu algumas questões postas dentro da sociologia do esporte, o item agora estreita o seu campo de apuração, ramificando sua análise. Em vista disso, empreender-se-á neste instante uma discussão sociológica com autores que tratam os conceitos, e as indagações presentes na sociologia do futebol. Destarte, é aclarado que o futebol hoje é estudado dentro da academia por pesquisadores que investigam diversos aspectos presentes nesta modalidade esportiva específica, apresentando linhas de pesquisa que tratam das perspectivas biológicas, técnicas, táticas, e até econômicas que fazem parte deste esporte.

Como aludido no início deste item, que o esporte e o futebol são campos recentes de investigação das ciências sociais, é válido ressaltar que o futebol surge como uma temática de pesquisa nova na grande área das ciências humanas, aflorando novos estudos sobre essa problemática a partir das últimas décadas. Deste modo, por ora, será exposto um diálogo teórico sobre as questões que permeiam o estudo da sociologia do futebol, e da sociologia do futebol brasileiro, a partir do prisma das ciências sociais.

³⁴ Melo (2007) cita o trabalho de Soares (1979): *Futebol e teatro: notas para uma análise de estratégias simbólicas*. Boletim do museu nacional, Rio de Janeiro, n. 33, p. 1-23. jun 1979.

³⁵ Melo (2007) cita o trabalho de Marañón (2005): *Fútbol y cine*. Madrid: Ocho y medio films de cine, 2005. 337 p.

³⁶ Melo (2007) cita seu próprio trabalho: *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano/Faperj, 2006a, 138 p.

³⁷ Melo (2007) cita o trabalho de Branco (2006): *Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915 – 1990)*. In: SILVA, F. C. T; SANTOS, R. P. Memória social do esporte. Rio de Janeiro: Maud/Faperj, 2006. p. 187-228.

³⁸ Melo (2007) cita o trabalho de González (2003): *Introducción del deporte en Espana. Su repercusión en el arte*. Madrid: Edilupa, 2003. 123 p.

³⁹ Melo (2007) cita o trabalho de Huitorel (2005): *La beaute du geste*. Paris: Editions du Regard, 2005. 215 p.

⁴⁰ Melo (2007) cita seu próprio trabalho: *A presença do esporte e do lazer em obras de arte: uma análise comparada de impressionistas e futuristas*. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, v. 3, n. 3, sem página, jul-set. 2006b.

Com o objetivo de proporcionar um maior entendimento sobre as questões que serão discutidas agora nesta narrativa teórica, inicia-se esta explanação com a definição de Murad (1996, p. 15) sobre o que é a sociologia do futebol, expondo em qual campo do conhecimento essa “sociologia especial” está situada:

A Sociologia do Futebol é uma sociologia especial, como a Sociologia, do Romance ou a Sociologia Jurídica. E, assim como estas que também são partes específicas de sociologias especiais mais amplas – a Sociologia da Arte e a Sociologia Política, respectivamente –, a Sociologia do Futebol se inscreve epistemológica, teórica e metodologicamente no campo do saber da Sociologia do Esporte (MURAD, 1996, p. 15).

Elucidando rapidamente este raciocínio que posiciona a sociologia do futebol na área das ciências sociais, Murad (1996) clarifica seu pensamento, definindo o futebol como um “objeto do saber sociológico”, que faz parte do pensamento social, e “se inscreve na instância do cultural e está inserido no universo das representações sociais”, enxergando-o como um “campo cultural”, que é “um dos maiores e mais importantes patrimônios da cultura brasileira” (MURAD, 1996, p. 19).

A partir destas concepções de Murad (1996) apontar-se-á autores que começaram a desenvolver os estudos sociológicos sobre futebol no Brasil. O autor afirma que o “primeiro grande cientista social brasileiro a tematizar o futebol, como objeto de estudo da Sociologia, e indicar linhas interpretativas fecundas, tanto teórica quanto metodologicamente” foi Gilberto Freyre⁴¹ em seu livro “Sociologia” (MURAD, 1996, p. 75).

Acompanhando este raciocínio alude-se Campos e Alfonsi (2014), que relatam os primeiros estudos sobre futebol empreendidos no país diante da perspectiva das ciências humanas. Os autores indicam os primeiros pesquisadores que se interessaram pela investigação desta problemática de pesquisa. É aludido o livro do jornalista Mário Filho, “O negro no futebol brasileiro”⁴², de 1947, que “pautou as discussões e se transformou na grande referência bibliográfica até meados da década de 1970” (CAMPOS; ALFONSI, 2014, p. 8).

Este clássico da literatura nacional influenciou dois “críticos literários, Anatol Rosenfeld e Décio de Almeida Prado”, que dialogaram diretamente em seus ensaios com o

⁴¹ Murad (1996) cita que Gilberto Freyre discute essas questões no livro “*Sociologia*” (1945) no capítulo das “*Sociologias Especiais*”.

⁴² Campos e Alfonsi (2014) citam o livro *O negro no foot-ball brasileiro*, publicado em 1947 com prefácio de Gilberto Freyre, que foi reeditado em 1964, com o acréscimo de mais dois capítulos, e com modificações em sua parte inicial.

trabalho de Mário Filho. Anatol Rosenfeld escreveu “O Futebol no Brasil” em 1956⁴³, já Décio de Almeida Prado elaborou os textos “Recordação de Leônidas da Silva” de 1961⁴⁴, “Quatro bicampeões” em 1962⁴⁵, e “Fotos de Pelé” no ano de 1970⁴⁶ (CAMPOS; ALFONSI, 2014, p. 8).

Campos e Alfonsi (2014, p. 9) expressam que provavelmente a conjuntura política que o país vivia “e a instrumentalização do futebol como propaganda da ditadura instaurada em 1964 tingiram o futebol com as cores da alienação e do ufanismo, contribuindo para o relativo desprezo acadêmico”. Isto posto, os autores seguem citando de maneira cronológica o avanço dos estudos sobre futebol a partir de um olhar sociológico, mencionando “o trabalho de Janet Lever⁴⁷, de 1969, que visitava as questões da alienação e do ópio do povo relacionados ao futebol”, a dissertação de mestrado de Simoni L. Guedes em 1972⁴⁸, e o trabalho de Maria do Carmo Fernández⁴⁹ que “desenvolveu um interessante estudo sobre o futebol na área da comunicação” durante os anos de 1972 e 1974 (CAMPOS; ALFONSI, 2014, p. 9).

Influenciados por Roberto DaMatta novos pesquisadores passam a ocupar as universidades do Rio de Janeiro e começam a desenvolver pesquisas sociais sobre o futebol, “em São Paulo, as iniciativas de José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter também ofereceram novas perspectivas para as pesquisas”⁵⁰ que tem o esporte bretão como objeto central de investigação. Como resultado disto, a partir das décadas de 1980 e 1990 ocorre um aumento da “produção acadêmica sobre futebol”, que é “impulsionada por centenas de pesquisas de mestrado e doutorado” sobre o tema (CAMPOS; ALFONSI, 2014, p. 10).

⁴³ Campos e Alfonsi (2014) mencionam o ensaio *O Futebol no Brasil*, de 1956 escrito em alemão, e traduzido apenas em 1974, por Modesto Carone, e publicado como livro em 1993.

⁴⁴ O texto de Campos e Alfonsi (2014) apresenta o ensaio *Recordação de Leônidas da Silva*, de 1961, escrito por Décio de Almeida Prado, que dialogou com as ideias do livro *O Negro no foot-ball brasileiro* (1947).

⁴⁵ O texto de Campos e Alfonsi (2014) apresenta o ensaio *Quatro bicampeões, de 1962*, escrito por Décio de Almeida Prado, que dialogou com as ideias do livro *O Negro no foot-ball brasileiro* (1947).

⁴⁶ O texto de Campos e Alfonsi (2014) apresenta o ensaio *Fotos de Pelé, de 1970*, escrito por Décio de Almeida Prado, que dialogou com as ideias do livro *O Negro no foot-ball brasileiro* (1947).

⁴⁷ Campos e Alfonsi (2014) citam o trabalho de Janet Lever *Soccer: opium of de Brazilian People. Trans-Action*, p. 36-43.

⁴⁸ Dissertação de Mestrado de Simoni L. Guedes citada por Campos e Alfonsi (2014): *O futebol Brasileiro: instituição zero* (1977). Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional, Rio de Janeiro.

⁴⁹ Referência bibliográfica citada por Campos e Alfonsi (2014): FERNÁNDEZ, M.C. *Futebol – fenômeno linguístico. Análise linguística da imprensa esportiva*. Rio de Janeiro: PUC/Ed. Documentário, 1974.

⁵⁰ Campos e Alfonsi (2014) citam em nota de rodapé o livro organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter: *Futebol e cultura: coletânea de estudos*” (1982).

Com a eclosão dos estudos sociológicos sobre futebol, Murad (2007a, p. 16) expressa a importância destas novas pesquisas que analisam o futebol e outras modalidades esportivas sob o prisma social, narrando que “estudar as atividades esportivas é um auxílio importante para a compreensão geral das sociedades humanas para o entendimento de nossos sistemas simbólicos. Mais ainda, quando seus impactos coletivos são muito profundos, como é o caso do futebol”.

Murad (2007a, p. 16) relaciona os “fenômenos futebolísticos” com o “fato social de Mauss”, compreendendo esses fenômenos e suas diversas esferas, não restringindo-os “apenas às ocorrências intrínsecas ao seu universo profissional”. O autor ainda afirma que “o futebol alcança uma significação muito mais ampla do que um jogo dentro das quatro linhas e, por conseguinte, suas construções simbólicas transformam-se em objeto de estudo para as ciências sociais” (MURAD, 2007a, p. 16).

Diante da definição de sociologia do futebol concebida por Murad (1996, p. 15), da apresentação histórica do surgimento dos primeiros estudos sociais sobre o esporte bretão no Brasil realizado por Campos e Alfonsi (2014), e do tratamento que Murad (2007a) deu a respeito da importância deste novo olhar acadêmico sobre esse fenômeno, o estudo segue para uma discussão teórica sobre algumas questões que permeiam essa “sociologia especial”.

Iniciando esse diálogo acadêmico alude-se o texto de Costa (2005, p. 13)⁵¹ que apresenta algumas concepções sobre o significado do futebol, retratando-o possivelmente como “o fenômeno social mais significativo de nosso tempo”, podendo ser até considerado “como alguns sociólogos já o fizeram, ‘o filho terrível do século XX’”. O autor estabelece o futebol como um símbolo da sociedade, expondo que o mesmo pode refletir os elementos que o constituem em seus mais diversos campos, definindo-o assim, como um elemento social que se manifesta com características que estão presentes na sociedade:

Como fenômeno social e total de natureza perfeitamente integrado à realidade, o futebol é capaz de todos os investimentos sociais e pode representar simbolicamente a sociedade, tanto em seu funcionamento global quanto em suas vertentes mais diversas. Ligado às nossas origens por seus rituais e símbolos (a bola, por exemplo, é um dos símbolos mais antigos, relacionando com a mitologia, a religião e o sagrado), o futebol é um microcosmo da sociedade e um espelho verdadeiro ou deformante da mesma em todos os seus aspectos (COSTA, 2005, p. 13).

⁵¹ Referencial teórico utilizado é o capítulo “*Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade*”, escrito por Antônio da Silva Costa, do livro *Futebol e Sociedade: um olhar transdisciplinar* (2005), organizado por Martha Lovisaro e Lecy Consuelo Neves.

Relatando esta leitura que relaciona o futebol como um retrato da sociedade, Costa (2005, p. 13) traz que este é um “produto da sociedade industrial”, afirmando que “o futebol moderno reproduz a imagem dessa sociedade graças a seu funcionamento, suas crises e contradições, seus sonhos e esperanças”. De acordo com essa ideia, o autor segue em sua análise evidenciando que esta modalidade esportiva apresenta “os valores da sociedade e até a lógica daqueles que a governam”, onde a partir do estudo sociológico do futebol, pode-se “chegar a uma teoria da sociedade”, que permite “alcançar a construção de uma ‘sociologia’” (COSTA, 2005, p. 13-14).

Seguindo estas concepções teóricas, o autor estabelece que as causas e sentidos que possibilitam o funcionamento do futebol moderno, são os mesmos que viabilizam a sociedade industrial, sendo estas características “rendimento, eficácia, progresso, hierarquização e organização burocrática”, afirmando que “para conhecer um povo, bastará analisar e refletir sobre o futebol que ele pratica”. Costa (2005) delimita que o futebol nos permite “encontrar modelos de comportamento e formas de pensamento sobre o homem e o mundo” (COSTA, 2005, p. 14).

Com base no texto de Costa (2005) define-se que:

Podemos, portanto, a partir do futebol, chegar a um maior entendimento da natureza lúdica da sociedade e do próprio homem que nela se realiza enquanto jogador à procura de uma vitória final. É esta significação do futebol que vamos tentar descobrir por meio das reflexões a serem apresentadas. Tais reflexões nos ajudarão a compreender que o futebol, apesar de parecer um jogo simples e fácil, guarda em si um mistério a ser desvendado (COSTA, 2005, p. 14).

Explorando essa temática, Lima (2005, p. 51) exhibe o futebol como um “tema transversal”, sendo este “um fato social em que a tríade *espaço, corpo e movimento* deve ser buscada permanentemente por todos, e em especial pelos pesquisadores e profissionais que o vivenciam”. Dialogando com Costa (2005), Lima (2005) apresenta um olhar acerca das concepções simbólicas desta modalidade esportiva, definindo-a como parte da sociedade, citando a própria sociedade brasileira que encara este esporte como elemento de expressão popular, e que pode refletir esta mesma sociedade. Clarificando este pensamento, segue as palavras da própria autora:

Pode-se afirmar que o futebol, como força simbólica, tem o poder de atravessar as mais diversas redes de relações sociais, uma vez que a sociedade brasileira encontrou nesse esporte uma forma de se expressar, um modo de cidadania. A partir desse ponto de vista, concluímos que o futebol é dinâmico, pois reflete a própria sociedade brasileira (LIMA, 2005, p. 52).

A autora finaliza seus escritos apoiando-se no pensamento de Morin ⁵², concebendo que o futebol carece “da alegria moleque de seus craques e de suas jogadas”, que são “verdadeiras obras de arte”, elucidando que a partir destes feitos artísticos os jogadores se tornam capazes de desafiar “as regras e as estratégias de controle dos poderosos, clarificando os limites de seus poderes pela conquista do aplauso e do reconhecimento de seus principais aliados, os apaixonados” (LIMA, 2005, p. 53).

Murad (1996, p. 21) traz em seu livro alguns destes conceitos, aproximando seus escritos com os de Costa (2005) e Lima (2005), a respeito de uma análise teórica do futebol e seus elementos simbólicos, no qual aponta-se que “do ponto de vista simbólico, o futebol é uma metalinguagem que revela as relações sociais substantivas de uma determinada realidade”, e transmite os elementos básicos presentes na vida das pessoas e na sociedade, tornando-se “um objeto polissêmico e polifônico, que articula múltiplos saberes e diferentes linguagens e se inscreve como objeto de estudo no universo das Ciências da Cultura”. O autor enxerga o futebol como forte elemento da cultura brasileira, aclarando-o como “uma relevante via de acesso à interpretação de nossas temáticas básicas, à compreensão das relações dominantes na história, tanto de nossa formação, como da organização estrutural da realidade presente” (MURAD, 1996, p. 21).

O sociólogo clarifica o conceito de sociologia a partir da definição de Costa Pinto (1972) ⁵³, definindo-a como “o estudo científico da formação, da organização e da transformação das sociedades humanas”, partindo desta perspectiva teórica Murad (1996), precisa a importância do estudo da sociologia do futebol, dialogando com o texto de Costa (2005), concebe que a sociologia do futebol pode fornecer elementos para a análise e entendimento das sociedades. O pesquisador articula seu raciocínio exemplificando o estudo da sociologia do futebol no Brasil, como um importante instrumento sociológico, que auxilia na compreensão da sociedade brasileira:

Assim, elaborar uma Sociologia do Futebol no Brasil é oferecer importante contribuição a uma Sociologia Geral da sociedade brasileira. A reciprocidade analítica entre o futebol e o país é temática e estilística [...]. Somos um país futebolístico e futebolizado. Carnavalizado, diria Mikhail Bakhtine. Por meio do futebol, se conhece melhor e mais aprofundadamente a complexidade brasileira. “O

⁵² Elma Corrêa de Lima usa como referencial teórico o livro de Edgar Morin *As grandes questões do nosso tempo* (1994).

⁵³ Murad retirou do livro de Luiz de Aguiar Costa Pinto “*Sociologia e Desenvolvimento*”, de 1972, o conceito apresentando de Sociologia.

conhecimento do Brasil passa pelo futebol”⁵⁴. Por meio do Brasil, se conhece melhor e mais aprofundadamente a complexidade futebolística. “Um país que tem o samba, a capoeira, o frevo, o chorinho tem de jogar futebol diferente”⁵⁵ (MURAD, 1996 p. 21 - 22).

O estudo agora aponta o texto de Franco Júnior (2014, p. 370), o qual o autor trata o futebol não somente como uma “manifestação cultural”, mais entende que este deve ser pensando como uma cultura própria, ou nas palavras do próprio pesquisador “como cultura à part entière”. Como referencial de cultura o autor objetiva seu raciocínio, expondo que “desde os iluministas do século XVIII cultura é característica inerente à condição humana coletiva, o oposto de natureza” (FRANCO JÚNIOR, 2014, p. 370).

O autor dialoga esse seu raciocínio com uma reflexão do psicólogo Fred Donaldson (1984)⁵⁶, o qual observa de maneira plausível que o “jogo é ‘triumfo da natureza sobre a cultura’, no sentido de trazer à tona manifestações indomadas como agressividade” (FRANCO JÚNIOR, 2014, p. 370). Porém ainda nesta discussão Franco Júnior (2014, p. 370) apresenta um olhar que se opõe as concepções do psicólogo exibidas acima, apontando ser possível “inverter esse raciocínio e ver no jogo a vitória da cultura, que disciplina e normatiza manifestações da natureza, ou pelo menos as sublima”.

A partir destas concepções, Franco Júnior (2014) cita uma frase célebre sobre futebol de Nelson Rodrigues (1963)⁵⁷, que talvez de sentido a esses conceitos referidos a cima, onde o escritor afirma que “a mais sórdida pelada é uma complexidade shakespeariana [... nela] a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão”, aclarando deste modo com base neste pensamento, que os elementos presentes no futebol são “componentes naturais na cultura”. Elucida-se esta visão:

O sucesso do jogo se deve, justamente, a essa condição limítrofe. De um lado, ele utiliza as partes mais animais e naturais do corpo humano (pés), e não as mais humanas e culturais (mãos). De outro lado, como o futebol estabelece um equilíbrio frágil, porém jamais irremediavelmente quebrado, entre força e talento, espontaneidade e normatização, individualidade e coletividade, ele atrai o interesse de todos os grupos sociais, independentemente de seu nível cultural; ele é

⁵⁴ Nota de rodapé do livro de Murad (1996): “*Edilberto Coutinho como se fora José Lins do Rego*” (MURAD, 1996, p. 22).

⁵⁵ Murad utilizou como referencial teórico seu próprio livro “*Todo esse lance que rola: uma história de namoro e futebol*”, de 1994.

⁵⁶ Franco Júnior utilizou como base teórica sobre as questões de cultura e jogo o trabalho de Fred Donaldson: DONALDSON, F. *Play to win and every victory is a funeral. Somatics* (Novato California), 4, 1984, p. 29 – 36.

⁵⁷ Franco Júnior cita Nelson Rodrigues em: RODRIGUES, N. *O divino delinquente [1963], em À sombra das chuteiras imortais. Crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 115 – 116.

representante típico daquilo que já definimos como cultura intermediária (FRANCO JÚNIOR, 2014, p. 371).

Zucal (2011, p. 13)⁵⁸ desenvolve um olhar acerca do futebol e as possíveis reflexões que esta modalidade esportiva pode trazer na sociedade, no qual “el fútbol, como muchos otros deportes, es un lugar privilegiado para reflexionar sobre la sociedad” elucidando esta afirmação, que coloca o futebol e as demais modalidades esportivas como possíveis locais que possibilitam uma reflexão a respeito das sociedades. O autor faz uma leitura do futebol como um fenômeno das sociedades da América Latina, investigando este objeto de pesquisa sob o olhar das ciências sociais, trazendo para o centro das pesquisas questões que tratam da relação do futebol com a sociedade.

Seguindo essa discussão teórica, Zucal (2011, p. 16) define ainda o futebol como um fenômeno global, afirmando que “nadie puede negar que este deporte conquistó al mundo, son pocos los rincones del planeta en donde no se juega o no se consume”, relacionando-se com esta leitura, exibe-se a análise feita por Giulianotti (2002, p. 43), que também define o futebol como um fenômeno presente no mundo todo, evidenciando em sua observação que “as relações sociais e culturais complexas no ‘cenário do futebol’ passaram de predominantemente modernas e ‘nacionais’ para ‘pós-modernas’ e ‘globais’”.

Avançando nesta narrativa, Costa e colaboradores (2005, p. 4) dissertam sobre o olhar que a sociedade apresenta em relação ao esporte bretão, citando que o futebol é visto muitas vezes pela sociedade como um esporte que tem uma “função secundária”, proporcionando somente a sociedade uma prática de atividade física que ajude na manutenção da saúde, e qualidade de vida das pessoas. Os autores acreditam que esta é uma visão “simplista” e “unilateral”, sendo refutada, “pelo simples fato de que os esportes não atraem somente praticantes, mas também espectadores”. No texto os pesquisadores citam um pensamento de Elias e Dunning (1992)⁵⁹ sobre o esporte, o qual “esclarece que a função de manter a saúde é mais um aspecto complementar, mas o principal é a função social que ele cumpre aos seres humanos”.

⁵⁸ O texto de José Garriga Zucal foi retirado do livro “*Fútbol y Sociedad*”, (2011), organizado por Matías Godio e Santiago Uliana.

⁵⁹ Norbert Elias e Eric Dunning em: “*Deporte y ocio en el proceso de la civilización*”. Referência completa se encontra no item “*Referências Bibliográficas*” desta Dissertação.

Elias e Dunning (1992)⁶⁰ também discutem em seus escritos algumas considerações sobre o futebol, onde buscam um entendimento sociológico desta modalidade esportiva a partir de uma leitura configuracional. Os autores objetivam a partir desta investigação, compreender as tensões e os conflitos que estão presentes dentro do esporte bretão, e também utilizam este modelo de estudo sociológico para entender as demais dinâmicas que fazem parte de outros esportes⁶¹:

O estudo dos jogos-deporto como o futebol pode, por isso, servir como uma introdução relativamente simples a uma análise configuracional no estudo de tensões e de conflitos – a perspectiva segundo a qual a atenção se concentra não na dinâmica de um lado ou do outro, mas nos dois polos ao mesmo tempo, formando uma única configuração. O pensamento sociológico a respeito de problemas deste gênero parece girar, actualmente, à volta de duas alternativas: por um lado, problemas de grupo em situação de tensão; por outro, problemas de cooperação e harmonia (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 383).

Moletta Junior e colaboradores (2005, p. 1) destacam que “historiadores, sociólogos e antropólogos observam que juntamente com o carnaval, o futebol é uma das principais formas de se compreender a sociedade brasileira”. À vista disso Souza (2008, p. 17), faz uma leitura histórica a respeito do futebol e as suas relações com a sociedade brasileira durante o último século, onde segundo o autor “o futebol é um dado cultural inegável da sociedade brasileira, responsável por manifestações coletivas de grandes proporções”. A partir desta perspectiva Souza (2008, p. 18) afirma que o esporte bretão “é um dos principais instrumentos de significação da sociedade brasileira”, e pode segundo Guterman (2009) explicar nosso país se for compreendido corretamente, pois o futebol não está à margem da sociedade brasileira, associando-se diretamente com a vida política e econômica do Brasil ao longo dos anos.

Murad (2014)⁶² faz uma leitura que discute estes conceitos, concebendo o futebol e sua significação para a sociedade brasileira, aclarando o futebol como um elemento de aproximação social. O autor coloca o futebol juntamente com “o carnaval e outras manifestações de nossa cultura *de* massa e *da* massa” que também desenvolvem “esse papel social”, podendo-o ser interpretado dentro da “ambiguidade nuclear da vida brasileira: de um lado, a exclusão histórica e, de outro, as tentativas de inclusão” (MURAD, 2014, p. 265).

⁶⁰ Essa referência teórica foi retirada do *Capítulo VI – A dinâmica dos grupos desportivos – uma referência especial ao futebol*, escrito por Nobert Elias e Eric Dunning, que compõe o livro a “*Busca da Excitação*” (1992).

⁶¹ Neste caso esporte deve ser compreendido como modalidades esportivas.

⁶² Como referencial teórico utilizou-se o Capítulo – *Futebol e Cinema no Brasil: Interações*, escrito por Maurício Murad. Este capítulo faz parte do livro “*Futebol Objeto das Ciências Humanas*” (2014), organizado por Flavio de Campos e Daniela Alfonsi.

Fundamentado neste pensamento, o autor clarifica o futebol como um representante social do Brasil:

Por isso, de uma maneira ou de outra, o futebol sempre representou o nosso país, as nossas contradições sociais, os nossos dilemas e paradoxos. É um dos grandes caminhos para entender a sociedade brasileira, desde nossa formação étnica, nossa miscigenação, nossa musicalidade e cultura corporal, como os aspectos estruturais perversos que marcam a nossa sociedade: a concentração de renda, de poder e de oportunidades (MURAD, 2014, p. 265).

Daolio (2006, p. 108)⁶³ dialoga diretamente com os conceitos teóricos de Murad (2014), o pesquisador também entende o futebol como um componente importante da sociedade brasileira, estando esta “impregnada de futebol”. O autor esclarece essa afirmação, utilizando como exemplo o nascer de uma criança no Brasil:

O maior exemplo disso pode ser visto no nascimento de uma criança – homem, de preferência –, quando ela recebe um nome, uma religião e um time de futebol. Time esse que ela vai aprender a gostar, compartilhando com ele momentos de glória e sofrendo com ele períodos ruins, sem jamais pensar em substituí-lo por outro (DAOLIO, 2006, p. 108).

Daolio (2006) objetiva no seu trabalho não conceituar o futebol apenas como uma modalidade esportiva, que pode ser praticada ou assistida, mas sim trazer reflexões acerca do futebol como uma práxis da sociedade, que de tal forma “expressa à sociedade brasileira, com todas as suas aspirações mais antigas, seus desejos mais profundos e suas contradições mais camufladas”. Dialogando ainda com Byington (1982, p. 21)⁶⁴, o autor disserta a respeito dos símbolos do futebol, no instante em que o pesquisador entende ser o futebol “nosso maior exercício psicológico simbólico de desenvolvimento” (DAOLIO, 2006, p. 108).

Prosseguindo nesta leitura, Daolio (2006) apoia-se nas concepções sociológicas de DaMatta e colaboradores (1982)⁶⁵, na qual é aclarado o futebol juntamente com outros elementos da cultura nacional (carnaval, rituais religiosos, entre outros), como instrumentos de compreensão da sociedade brasileira, sendo este conceito já abordado no texto anteriormente, na leitura de Murad (2014), e Moletta Junior e colaboradores (2005). Desta

⁶³ O trabalho utilizou como referencial teórico o Capítulo – *O drama do futebol brasileiro: Uma análise socioantropológica*, que compõe a Parte II do livro “*Cultura: Educação física e futebol*” (2006), escrito por Jocimar Daolio.

⁶⁴ Daolio (2006) utilizou no seu texto o trabalho: BYINGTON, C. “*A riqueza simbólica do futebol*” (1982). O texto de Carlos Amadeu Botelho Byington encontra-se em formato digital, com a última revisão realizada em maio de 2006. Essa referência consta no item do trabalho REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

⁶⁵ As concepções sociológicas de DaMatta e colaboradores que Daolio (2006) apoiou-se para fundamentar seu trabalho, foram retiradas do livro “*Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*” (1982), escrito por Roberto DaMatta e colaboradores. Este livro é um clássico da literatura que discute as questões da sociologia do futebol brasileiro.

forma o autor apreende que através do entendimento das questões que permeiam a sociologia do futebol brasileiro, torna-se possível interpretar nossa sociedade (DAOLIO, 2006):

Neste sentido, o futebol, como o carnaval e os rituais religiosos, além de outras práticas típicas do Brasil, pode ser visto como um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira. Dessa forma, a compreensão sociológica do futebol praticado em nosso país permitirá melhor interpretação da sociedade brasileira. O futebol praticado no Brasil é apenas um modo, entre outros existentes, da sociedade brasileira apresentar-se, deixando-se, assim, descobrir (DaMatta et al., 1982)⁶⁶ (DAOLIO, 2006, p. 108 – 109).

Salientado o futebol e sua investigação pelas ciências sociais, Rodrigues (2002) reuniu vários estudos que analisam o futebol brasileiro mediante uma abordagem sociológica. Rodrigues (2002, p. 1) desenvolve na primeira parte do seu texto “uma introdução à sociologia do futebol brasileiro, com ênfase nos temas das principais investigações sobre o fenômeno futebolístico no Brasil”, posteriormente o autor objetiva “mostrar a possibilidade de utilização de alguns conceitos sociológicos contemporâneos na investigação do futebol”. Rodrigues (2002, p. 1) pretende analisar “as possibilidades de utilização de alguns conceitos relevantes da teoria social contemporânea nas investigações do esporte moderno, particularmente o futebol”, utilizando para isso grandes pensadores das ciências sociais, como Bourdieu⁶⁷, Foucault⁶⁸, Elias e Dunning⁶⁹.

Rodrigues (2002, p. 14) conclui “que a construção da sociologia do futebol brasileiro é um projeto em andamento que necessita de maiores contribuições dos cientistas sociais brasileiros”, afirmando que:

A teoria social contemporânea pode contribuir com a análise do futebol brasileiro, podemos através dos conceitos: campo, habitus, poder, controle, disciplina investigar o futebol os seus múltiplos aspectos, e consequentemente entender dimensões da vida brasileira (RODRIGUES, 2002, p. 14).

Evidenciando este olhar acerca do futebol e sua relação com a sociedade brasileira, alude-se Ratton e Morais (2011, p. 8) que elucidam o futebol como componente “do cotidiano dos brasileiros”, incutindo “sua marca no que pode ser chamado de nossa identidade social”. Murad (2007b, p. 109) aproxima sua análise, fazendo “uma reflexão em

⁶⁶ Idem nota de rodapé 65.

⁶⁷ Pierre Bourdieu em: “*A economia das trocas simbólicas*” (1999), “*As regras da arte*” (1996), “*Lês Jeux Olympiques: Programme pour une analyse*” (1994), “*Programa para uma sociologia do esporte*” (1990), e “*Como ser esportivo?*” (1983). Textos utilizados por Rodrigues (2002).

⁶⁸ Michel Foucault em: “*Vigiar e punir: nascimento da prisão*” (1989), e “*Microfísica do poder*” (2001). Textos utilizados por Rodrigues (2002)

⁶⁹ Norbert Elias e Eric Dunning em: “*A busca da excitação*” (1992). Texto utilizado por Rodrigues (2002).

torno de algumas questões históricas e sociológicas, que possam ajudar à compreensão do futebol como importante fenômeno da cultura brasileira”, afirmando que o futebol:

É um dos maiores eventos da cultura da massa (e não somente de massa) no Brasil, mobiliza paixões coletivas, expressa os fundamentos antropológicos de nossa formação e representa o nosso sistema simbólico, como poucos acontecimentos da estrutura social (MURAD, 2007b, p 109).

Exibe-se neste epílogo do texto, o estudo de Souza e colaboradores (2014) que desenvolvem uma leitura sociológica do futebol a partir do referencial de Pierre Bourdieu⁷⁰. Os autores com base nos conceitos de Bourdieu entendem “o futebol na condição de um esporte de apelo massivo, distribuído entre as diferentes classes sociais e que ocupa um lugar de destaque na hierarquia de oferta e consumo dos bens esportivos e culturais na sociedade moderna (SOUZA et al, 2014, p. 225).

Souza e colaboradores (2014, p. 225) pensam o futebol como um lugar específico, no qual alicerçados com a teoria de campo, ressaltam que o futebol pode ser entendido “como um campo relativamente autônomo” que “tanto sofre a influência de diversos campos em determinados aspectos estruturais de funcionamento, quanto mantêm um grau manifesto de autonomia em relação a outros aspectos”.

Deste modo limita-se esta explanação teórica, na qual se fez necessária com o objetivo de compreender o esporte, e o futebol como objetos de estudo das ciências sociais e humanas, dialogando com diversos autores que debatem essas problemáticas em suas análises, oferecendo assim um olhar sociológico sobre o esporte, e sobre o futebol. Esta etapa da pesquisa também se fez indispensável na busca de uma maior compreensão desta temática de estudo, para assim, fundamentado com esse escopo teórico, seguir na busca de um maior entendimento do objeto central de investigação do trabalho.

Após esta reflexão sociológica que discutiu algumas questões postas dentro da sociologia do esporte, e do futebol, dar-se-á o próximo passo teórico do estudo, uma análise sobre os estádios de futebol, realizando uma leitura histórica sobre esse tema, e também uma observação das demandas existentes hoje sobre essa temática.

⁷⁰ Souza et al. (2014) utilizaram os seguintes textos de Pierre Bourdieu no desenvolvimento do seu trabalho: “*O poder simbólico*” (1989), “*Coisas ditas*” (1990), “*Sobre a televisão*” (1997), “*Como é possível ser esportivo*” (1978), “*Programa para uma sociologia do esporte*” (1990), “*A distinção crítica social do julgamento*” (2008), “*Meditações pascalianas*” (2008), além do texto “*Una invitación a la sociologia reflexiva*” (2005) escrito por Bourdieu e Loïc Wacquant. Os autores citam em suas referências bibliográficas outras pesquisas que utilizam os conceitos de Bourdieu como ferramenta metodológica na interpretação de seus objetos de estudo.

1.3 Sobre a temática central do estudo.

A partir de toda fundamentação teórica que foi exibida no estudo até este momento, que dialogou com inúmeros autores das ciências humanas, analisando o esporte e o futebol sob o prisma sociológico, partir-se-á neste instante para uma investigação sobre algumas questões postas na construção do estádio Cícero Pompeu de Toledo, ação administrativa empreendida pelo SPFC. O que será objetivado neste item do estudo é uma análise histórica dos primeiros grandes estádios de futebol do Brasil, abordando alguns aspectos que explicam o porquê da edificação desses empreendimentos, seguindo para uma interpretação de possíveis motivos que possibilitaram o SPFC idealizar, e erigir seu próprio estádio. Finalizar-se-á este item com uma observação das demandas que se apresentam hoje nas pesquisas que discutem temática semelhante, que tem como objeto de estudo os novos estádios construídos no Brasil nos últimos anos.

No terceiro capítulo desta Dissertação, no item 3.1 é exposto de maneira mais detalhada o surgimento dos primeiros estádios brasileiros, e os principais palcos do futebol que marcaram história no país⁷¹. Na leitura de Guterman (2009), Mascarenhas (2014), Caldas (1990), e Mazzoni (1960), que foram os principais autores utilizados para erigir este item citado acima, é elucidado algumas questões postas sob essa problemática, onde podemos afirmar a partir destas narrativas, que o processo de edificação dos estádios brasileiros durante a primeira metade do século XX se deu por fases.

A leitura de Mascarenhas (2014, p. 107) expõe que os primeiros estádios brasileiros de futebol foram erigidos “como equipamentos de pequeno porte” apresentando “uma arquitetura mais assemelhada a um confortável teatro”. Estes locais eram designados às classes sociais mais altas da sociedade, e na maioria dos casos patrocinados por mecenas, como é o caso do Estádio das Laranjeiras⁷², do Fluminense Football Club, edificado no Rio de Janeiro, em 1919. Este espaço de prática futebolística é um importante exemplo da primeira geração dos estádios erguidos aqui no Brasil, concebido sob essas concepções arquitetônicas,

⁷¹ Ver sobre essas questões no *Capítulo III Discussão Teórica: Capital e o Habitus: Uma leitura sobre o Estádio do Morumbi*, no item 3.1 *Capital, Habitus e o Morumbi*.

⁷² O Estádio das Laranjeiras sobrevive até os dias atuais, porém hoje o Fluminense Football Club utiliza seu estádio apenas para treinamento de sua equipe profissional, e não realiza mais partidas oficiais no local. O último jogo oficial realizado no estádio foi no dia 26 de fevereiro de 2003, em partida válida pelo Campeonato Carioca entre Fluminense Football Club e Americano Futebol Clube, que terminou empatado em 3 a 3. Fonte: Extraído do texto de Ricardo Gioia de 26/02/2010, disponível em <http://canelada.com.br/fluminense/especial-que-saudade-das-laranjeiras/>.

e patrocinado por uma das famílias mais ricas e importantes da sociedade carioca do início do século XX, a família Guinle.

No trabalho já exibido de Caldas (1990, p.88) fica exposto a “fase dos grandes investimentos em estádios no Sudeste e Sul do país”, que marca o processo de popularização e democratização do futebol durante a década de 1920, e tem o Estádio de São Januário⁷³ como símbolo desta geração de novos estádios. Segundo Mascarenhas (2014, p. 123) o estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama foi erguido pela “colônia portuguesa” que erigiu “um gigantesco equipamento”.

Hollanda (2014, p. 325) dialoga com as ideias de Caldas (1990), afirmando que o Estádio de São Januário foi um “marco da popularização do futebol” em terras brasileiras, o qual “chegou a ser a maior arena esportiva da América Latina”, se tornando um dos grandes estádios nesse período, juntamente com o Estádio Centenário⁷⁴, em Montevidéu, que foi palco da primeira Copa do Mundo da FIFA, realizada no Uruguai, em 1930.

Por fim elucida-se a edificação de gigantescos estádios erigidos pelo poder público, os quais foram às primeiras praças futebolísticas brasileiras. Mascarenhas (2014) cita o Estádio Municipal do Pacaembu⁷⁵ em São Paulo, inaugurado em 1940, como sendo um dos primeiros estádios de futebol arquitetado pelo Estado no Brasil. Posteriormente, como bem dialogou Guterman (2009) que aponta a construção do Estádio Mário Filho, o Maracanã, no Rio de Janeiro, para a Copa do Mundo de 1950, e o Estádio Governador Magalhães Pinto, mais conhecido como Mineirão, erguido em Belo Horizonte no ano de 1965.

Abordando um clássico da literatura futebolística nacional, Mazzoni (1939) aborda esse período retratado por Caldas (1990)⁷⁶ e Hollanda (2014), elucidando sobre as condições dos estádios paulistas, que já não atendiam as demandas dos jogos, pois os estádios

⁷³ O Estádio de São Januário foi inaugurado no dia 21/04/1927, em partida amistosa disputada entre o Clube de Regatas Vasco da Gama e o Santos Futebol Clube. A equipe santista venceu o amistoso por 5 a 3. Ver mais sobre a inauguração do Estádio de São Januário no livro de Waldenyr Caldas “*Pontapé Inicial – Memória do futebol brasileiro (1894 – 1933)*”, páginas 88 – 89.

⁷⁴ Ver mais sobre a construção do Estádio Centenário no Uruguai no livro “*O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país*” (2009), de Marcos Guterman. Página 64.

⁷⁵ A inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu (Estádio Paulo Machado de Carvalho) ocorreu no dia 27 de abril de 1940, com a realização de um desfile cívico-esportivo que contou com a presença do então Presidente da República Getúlio Vargas. Ver mais sobre a inauguração do Estádio do Pacaembu na página 79 do livro “*São Paulo FC: O Supercampeão*” (2011), de Orlando Duarte e Mário Vilela.

⁷⁶ Caldas (1990) utilizou para estudar o aumento dos torcedores nos estádios de futebol no Brasil o livro de Sílvio Castro “*O Futebol Brasileiro: Bicampeão do Mundo*” (1962). Ver mais em nota de rodapé 170 do livro de Waldenyr Caldas “*Pontapé Inicial – Memória do futebol brasileiro (1894 – 1933)*”, página 189.

existentes já não estavam comportando os grandes públicos que as partidas vinham recebendo em praticamente todos os jogos:

O grave problema das acomodações em campos paulistas – Desde 1933 que se tornaram de vez insuficientes nossos campos em vista da crescente atração das partidas, mas pouco ou nada se fez em favor do público, com prejuízo naturalmente à própria economia e popularidade do futebol local e consequentemente em grande mal ao “association” profissional (MAZZONI, 1939, p. 33).

Como efeito da massificação do futebol que ocorreu durante as décadas de 1920 e 1930, na capital paulista é edificado em 1940 o Estádio Municipal do Pacaembu, como já mencionado anteriormente no texto. Inaugurado para 70.000 pessoas, o Pacaembu torna-se o maior equipamento futebolístico do Brasil, atendendo assim as demandas de público dos jogos em São Paulo, como bem explicou Mazzoni (1939) (MASCARENHAS, 2014).

Dialogando com o texto de Guterman (2009) que aludiu sobre as questões que permearam a construção do Maracanã, Hollanda (2014) também discute essas problemáticas, evidenciando o que levou os governantes municipais e federais em optar pela edificação do estádio carioca, que veio a ser um dos maiores templos do futebol mundial:

A necessidade de lidar com essa demanda infraestrutural por praças de esportes de grande porte se tornou mais premente em 1947, com a deliberação da FIFA de realizar no Brasil a IV Copa do Mundo de futebol, de 1950. A escolha se dava após o longo interregno de tempos sem copas, desencadeado pela Segunda Guerra Mundial. As autoridades federais e municipais perceberam a urgência de se erguer um palco à altura da magnitude do torneio que ocorreria no país (HOLLANDA, 2014, p. 325).

Após a construção dessas grandes praças futebolísticas arquitetadas pelo Estado, surgem novos estádios erigidos pelos próprios clubes, Mascarenhas (2014, p. 165-166) cita dois importantes palcos erguidos sob essa concepção, o Estádio Olímpico Monumental⁷⁷ do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, inaugurado em 1954, em Porto Alegre, e o Estádio Beira – Rio⁷⁸ do Sport Club Internacional, também na capital do Rio Grande do Sul, “cuja obra iniciou em 1959, mas somente foi inaugurada dez anos mais tarde”.

⁷⁷ O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense inaugurou o Estádio Olímpico Monumental no dia 19 de setembro de 1954, em um amistoso contra o Club Nacional de Football, de Montevideu, vencido pela equipe gaúcha pelo placar de 2 a 0. O Estádio Olímpico, como ficou popularmente conhecido. Segundo Mascarenhas (2014, p. 165) foi inaugurado com uma “estrutura mais modesta, apenas com o anel inferior”. Ver mais sobre o estádio Olímpico Monumental no site oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Disponível em: http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=id_1133&language=0. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁷⁸ A inauguração do Estádio Beira – Rio ocorreu no dia 6 de abril de 1969. A partida inaugural foi entre o Sport Club Internacional e o Sport Lisboa e Benfica (mais conhecido como Benfica de Portugal). O jogo foi vencido pela equipe anfitriã por 2 a 1. Ver mais no site oficial do Sport Club Internacional. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=1&setor=279&secao=273>. Acesso em: 29 abr. 2016

Um ponto importante a ser destacado neste instante é a questão do público nos estádios, como vimos previamente de acordo com os escritos de Mazzoni (1939), durante as décadas de 1920 e 1930 ocorreu um acréscimo dos torcedores nas partidas de futebol. Para entender o que motivou os grandes clubes do cenário futebolístico nacional a pensar e erguer seus próprios estádios é necessário destacar alguns pontos expostos no texto de Caldas (1990), que dialogam com as proposições levantadas por Mazzoni (1939).

O autor apresenta que já no ano de 1917 os clubes passaram a cobrar ingresso para os torcedores assistirem as suas partidas, e que o futebol se tornou uma modalidade esportiva rentável nas décadas de 1920 e 1930, porque conseguia já nesse período que milhares de torcedores pagassem ingresso para acompanhar seus jogos (CALDAS, 1990).

Caldas (1990) afirma que:

[...] Em 1930, as rendas arrecadas com o futebol já eram muito grandes, o suficiente para cobrir outras despesas do clube, que nada tinham a ver com o futebol. Além disso, os dirigentes já se preocupavam com a construção de novos e maiores estádios. Os que já existiam e estavam sendo usados, lotavam sempre nos dias de jogos [...] (CALDAS, 1990, p. 203).

Guterman (2009, p. 74)⁷⁹ dialoga com o texto de Caldas (1990), e aponta também a importância das rendas dos jogos para as receitas dos clubes já na década de 1930, onde em 1933 “dirigentes esportivos do São Paulo ameaçaram proibir as transmissões dos jogos porque, em sua visão, elas tiravam o público dos estádios”. Isto se explica pelo fato do rádio ser o principal veículo de comunicação da época, um importante disseminador do futebol pelo país. O autor evidencia que a partir das transmissões das partidas pelo rádio, o futebol “que já era popular, tornou-se um ser vivo, pulsante, um drama de cores épicas descritas pelos narradores” (GUTERMAN, 2009, p. 74).

Duarte e Vilela (2011, p. 116) seguem expondo alguns destes conceitos, elucidando sobre os aspectos financeiros que os clubes de futebol aqui no Brasil apresentavam durante meados do século passado, diante desta perspectiva os autores afirmam que a receita dos clubes “vinha quase exclusivamente de bilheteria”. Exemplo que relata essa realidade financeira dos clubes nesse período ocorreu em São Paulo, com São Paulo Futebol Clube que passou a alugar o Pacaembu para mandar suas partidas, multiplicando em quase dez vezes o

⁷⁹ Ver mais sobre a importância do rádio como um veículo de informação que disseminou o futebol pelo Brasil no Capítulo “Anos 1930 – 1950” do livro “O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país” (2009), de Marcos Guterman. Páginas 63 – 85.

número dos torcedores em seus jogos como mandante, “com essa alavanca, a exposição e a situação financeira melhorariam imensamente” (DUARTE; VILELA, 2011, p. 81).

Logo, a partir da leitura destes autores citados, nota-se a importância das rendas provenientes das partidas de futebol para as receitas dos clubes nessa fase do futebol brasileiro, sendo os estádios um importante instrumento que possibilitava a aquisição de ativos financeiros para as agremiações esportivas. Seguindo esta narrativa teórica é exibido o texto de Santos (2014) que faz uma análise do processo de “arenização” dos estádios no Brasil. O autor fez um levantamento dos “principais momentos históricos que explicam as razões econômicas e políticas que levam a essa realidade, entendendo o futebol como uma indústria cultural” (SANTOS, 2014, p. 1).

Santos segue (2014, p. 8) destacando que no período de Getúlio Vargas e da Ditadura Militar, “criar grandes estádios cumpriria um papel fundamental aos clubes, que até então tinha as bilheteria como uma das poucas fontes de receita”. Afirma ainda que nesse período “a bilheteria passa a ter grande importância para os clubes que almejavam grandes conquistas, ao manter os melhores jogadores vestindo suas cores” (SANTOS, 2014, p. 6).

Holzmeister (2005) faz uma leitura das transformações que ocorreram nos estádios de futebol desde os seus primórdios, tratando o estádio como elemento fundamental para o desenvolvimento financeiro dos clubes, pois em sua análise ele entende o futebol moderno como um produto. O autor apresenta em sua dissertação⁸⁰ de mestrado o estádio como um local onde os clubes podem comercializar o seu principal produto, o jogo de futebol de sua equipe. Para entender essas diversas questões postas, Holzmeister (2005) concebe uma análise histórica do surgimento dos estádios, a qual dialoga com as leituras já citadas no texto:

A partir do momento em que competições e campeonatos cada vez mais regulares e bem organizados tornaram-se frequentes, cresceu o número de espectadores presentes nas diversas partidas de futebol, sendo assim necessária a criação de algum tipo de acomodação para estas pessoas. Com acomodações melhores (bons pontos de vista, cobertura para os torcedores que os protegesse das intempéries, talvez cadeiras e assentos), a presença de espectadores aumentava em uma proporção cada vez maior. Logo os clubes perceberam aí uma possibilidade de arrecadar fundos com os quais seria possível mantê-los em atividade, a partir da cobrança de um ingresso junto aos torcedores, que lhes permitisse acessar estas acomodações e desfrutar os 90 minutos de lazer que ali lhe eram oferecidos (HOLZMEISTER, 2005, p. 36).

⁸⁰ Dissertação de Mestrado de Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz com o título “*A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005.

Silva e Campos Filho (2006, p. 198) abordam a gestão dos clubes de futebol aqui no Brasil e a busca por novas receitas, os autores citam Ekelund (1998)⁸¹ narrando que “a evolução dos sistemas de receitas é um bom indicador do consumo na indústria do futebol profissional”, os autores relatam que até a década de 50 o “principal negócio era a relação clube – torcedor, e ela se dava em torno das entradas dos estádios”. Os autores apresentam em seu texto as principais fontes de receitas dos clubes, a partir de uma leitura cronológica:

- i) Até a década de 50 (A Era do Estádio), onde o principal do negócio era a relação clube – torcedor e ela se dava em torno das entradas nos estádio;
- ii) Entre as décadas de 50 – 70 (A Era da TV Comercial Tradicional), quando as televisões gratuitamente transmitiam os jogos e originam os patrocinadores;
- iii) Década de 80 (A Era dos Patrocinadores), quando os patrocinadores passaram a se interessar pelo futebol pela visibilidade proporcionada pelo aumento da audiência; e, (SILVA; CAMPOS FILHO, 2006, p. 198).

A partir desta análise feita por Silva e Campos Filho (2006) observa-se um diálogo com os estudos já mencionados nesta narrativa teórica, que destacaram que as principais receitas dos clubes até meados do século passado eram oriundas das rendas dos jogos. De acordo com essa interpretação, pode-se buscar uma compreensão, e um entendimento do principal objeto de estudo do trabalho, o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, pois o mesmo foi idealizado no início da década de 1950, como bem relatado nos escritos de Duarte e Vilela (2011) e Mazzoni (1960), e que possivelmente diante deste contexto, os dirigentes do SPFC idealizaram a construção do seu estádio.

Campos e Roman (2008, p. 51) seguem na mesma linha de raciocínio de Silva e Campos Filho (2006), destacando que o futebol na década de 1950 “já era o esporte mais popular do mundo e conseguia levar milhares de pessoas aos estádios”, no artigo os autores colocam que “segundo Silvio Lancellotti, em 1952, a famosa produtora de conhaques Stock colocou anúncios em todos os estádios da Itália e garantiu uma cota de US\$ 30mil, quantia enorme naquela época, a cada clube da série A”⁸².

Outro relato sobre esse período do futebol mencionado no trabalho de Campos e Roman (2008, p. 51), é que a principal fonte de receita dos clubes era a renda proveniente da bilheteria dos jogos, relatando que a FIFA “permitiu somente no final dos anos 70 e início dos

⁸¹ Ver mais em: EKElund, P. *A rentabilidade das Associações de times de futebol: Os exemplos das ligas de Futebol da Itália e da Inglaterra. Texto apresentado no 1º. Congresso Internacional EAESP de Gestão de Esportes organizado pela Fundação Getúlio Vargas, 1998.* Referência retirada do trabalho de Silva e Campos Filho (2006) no item Referências Bibliográficas, página 207.

⁸² Ver mais em: POZZI, L. F. A. *A grande jogada. São Paulo: Globo, 1998.* Referência retirada do trabalho de Campos e Roman (2008) no item Referências, página 63.

anos 80 que aparecessem, bem pequenas, as logomarcas dos fabricantes dos uniformes e a possibilidade de os clubes venderem espaços publicitários em seus uniformes”.

Justificando a importância dos estádios, e as rendas que estes proporcionavam aos clubes nesse período, Marchi Júnior (2003, p. 2) dialoga com essa questão posta por Campos e Roman (2008), e cita o caso do Brasil, que apenas em 1981 deliberou “o fim da proibição de empresas patrocinarem clubes ou entidades desportivas⁸³ a exibirem em seus uniformes, como forma de propaganda, as marcas de seus patrocinadores⁸⁴”, possibilitando assim uma nova fonte de receitas.

Com a reforma e construção de novos estádios nos últimos anos no Brasil, as “novas arenas” ganharam ainda mais importância para os clubes, como potenciais geradoras de receitas. Seguindo esta linha de raciocínio Campos e Roman (2008, p. 53) destacam que a relação dos clubes com seus torcedores passa pelos seus estádios, os autores citam o trabalho de Ferreira (2002)⁸⁵ que entende que “o sucesso do futebol brasileiro, passa necessariamente, pela recuperação e remodelação dos seus estádios, pois o estádio é um instrumento de relacionamento clube-torcedor, ou seja, cliente-empresa”.

Diante desta perspectiva os autores apoiados nas leituras de Kussarec (2005)⁸⁶ e Szperling (2002)⁸⁷, citam possíveis fontes de receitas que os clubes acabam perdendo com os estádios, não sabendo aproveitar todas as possibilidades que esses espaços podem gerar de ativos financeiros, desperdiçando assim outras fontes de rendas, além da venda de ingressos nos jogos:

Os dirigentes esquecem que, com mais pessoas frequentando os estádios, poderiam ganhar mais dinheiro, explorando, por exemplo, lanchonetes. É difícil entender como os dirigentes podem aceitar que empresas, ditas de alimentação, prestam um serviço tão ruim e ao mesmo tempo com preço exorbitante dentro de seus estádios (KUSSAREC, 2005) (CAMPOS; ROMAN, 2008, p. 53-54).

⁸³ BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 3/80. Diário Oficial**, 06 jun. 1980. Deliberação retirada do texto de Marchi Júnior (2003), no tópico *Notas*, página 6.

⁸⁴ BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 09/81. Diário Oficial**, 10 jun. 1981 e BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 14/81. Diário Oficial**, 10 ago. 1981. Deliberações retiradas do texto de Marchi Júnior (2003), no tópico *Notas*, página 6.

⁸⁵ Ver mais em: FERREIRA, R. *Início e consolidação do profissionalismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Referência retirada do trabalho de Campos e Roman (2008) no item Referências, página 62.

⁸⁶ Ver mais em: KUSSAREC, S. *Os clubes mais ricos do mundo*. Disponível em: <<http://www.jt.estado.com.br/>>. Acesso em: 10/03/2005. Referência retirada do trabalho de Campos e Roman (2008) no item Referências, página 62.

⁸⁷ Ver mais em: SZPERLING, F. *A História do negócio futebol no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Referência retirada do trabalho de Campos e Roman (2008) no item Referências, página 63.

Segundo o mesmo autor citado anteriormente, os clubes acabam perdendo dinheiro para as barraquinhas de ambulantes. A mesma coisa acontece com o estacionamento: os clubes são incapazes de criar áreas ou parcerias com estacionamentos perto de seus estádios e perdem renda para os famosos “flanelinhas” (CAMPOS; ROMAN, 2008, p. 53-54).

Os clubes não perdem somente essa fonte de receita; poucos torcedores em suas arquibancadas é significado de pouco poder de barganha no momento em que se negocia o valor pago pelas transmissões de TV. Fecha-se um círculo vicioso, formado por clubes em má condição financeira, alto custo de manutenção, estádios vazios e valores pagos pela TV abaixo do necessário à sobrevivência do clube (SZPERLING, 2002) (CAMPOS; ROMAN, 2008, p. 53-54).

Retomando a análise da presença de público nos estádios brasileiros ao longo dos anos, Giovannetti e colaboradores (2006) investigaram essa problemática, abordando a presença de público nos estádios de futebol no Brasil, diante de um levantamento histórico. Os autores demonstraram que durante a década de 1970 a média de público do Campeonato Brasileiro foi maior que nas décadas seguintes de 1980 e 1990.

No desenvolvimento do seu trabalho Giovannetti e colaboradores (2006) partem para uma análise da presença de público nos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2004, averiguando a frequência dos torcedores nos estádios, para deste modo relacionar essa questão com os aspectos econômicos dos clubes. Como fundamentação teórica os autores utilizam os conceitos de Rottenberg (1956)⁸⁸ que “apresenta as características básicas da economia dos esportes profissionais, em especial a natureza conjunta do processo de produção esportiva” (GIOVANNETTI et al, 2006, p. 390).

Giovannetti e colaboradores (2006, p. 391) seguem, exibindo um “modelo teórico” onde “o torcedor é representado por um agente econômico maximizador de utilidade que escolhe entre ir ou não ao estádio de futebol”. Diante deste modelo teórico proposto pelos autores, entende-se que os torcedores são um importante elemento que pode auxiliar no desenvolvimento econômico do clube, através da sua ida ao estádio para assistir as partidas de seu time de coração, e também o consumo (alimentação e produtos do clube) que este torcedor faz dentro do estádio. Portanto, a partir de mais um estudo, fica explícito a importância do estádio com a arrecadação dos clubes, que pode gerar receitas com a comercialização das entradas dos jogos, além de outras inúmeras possibilidades de exploração que os estádios podem gerar.

⁸⁸ Ver mais em: ROTTENBERG, S. (1956). *The baseball players labor Market*. *Journal of Political Economy*, 64:242-258. Referência retirada do trabalho de Giovannetti e colaboradores (2006) no item Referências Bibliográficas, página 401.

Elucidando essa temática que objetiva os estádios de futebol como um componente relevante para o crescimento e desenvolvimento financeiro dos clubes, Holzmeister (2010, p. 5)⁸⁹, compreende que “no futebol moderno, convertido em mercadoria e regido pela lógica de mercado, os estádios assumem uma importância central, um palco onde a partida de futebol é somente mais um dos produtos em oferta a serem consumidos”. No seu texto o autor aborda a evolução dos estádios de futebol ao longo dos anos, a partir de uma leitura dos primeiros estádios britânicos construídos no início do futebol moderno, ainda no século XIX, até os novos estádios ingleses construídos entre as décadas de 1990 e 2000.

Holzmeister (2010, p. 75) apresenta as concepções que as novas “arenas” inglesas foram construídas, a partir de um argumento de proporcionar mais conforto e segurança aos torcedores, foram substituídos os “setores com grande capacidade, mas de baixa lucratividade para os clubes – os setores populares *ends/terraces* – por assentos mais caros”, além da edificação “de camarotes executivos e corporativos com vistas a atrair um perfil de público mais corporativo, empresas interessadas em fazer seu marketing corporativo em um evento futebolístico com possíveis clientes”.

Esse perfil pode ser notado aqui no Brasil, com a construção e reforma dos novos estádios para a Copa do Mundo da FIFA de 2014, tomando como grande exemplo a reforma feita no Maracanã. Findando esta leitura, o autor entende que hoje ouve uma “diversificação do uso dos espaços nos estádios, que foram equipados, em muitos casos, com centros comerciais, cinemas, cassinos, hotéis, restaurantes e lojas temáticas (HOLZEMEISTER, 2010, p. 75-76)”.

Somoggi (2013, p. 243)⁹⁰ desenvolve uma leitura sobre a gestão das praças futebolísticas, apresentando “os principais fatores envolvidos na gestão de espaços esportivos, da concepção à sua plena e correta utilização, englobando aspectos operacionais, comerciais e mercadológicos, além de apontar “as principais estratégias que proporcionam a viabilidade econômico-financeira de espaços esportivos”. O autor clarifica seu pensamento expondo os principais aspectos que a concepção de um novo espaço esportivo (estádio) deve conter, além

⁸⁹ Tese de Doutorado de Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz com o título “*A virada econômica do futebol: Observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo*”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010.

⁹⁰ O autor desenvolve seus conceitos no *Capítulo 13 “Gestão de Espaços Esportivos como Negócio”*, que faz parte do livro organizado por Michel Fauze Mattar e Fauze Najib Mattar “*Gestão de negócios esportivos*” (2013).

de elucidar sobre a viabilidade financeira, objetivo, planejamento, e sucesso econômico deste tipo de empreendimento:

A concepção de um projeto para um novo espaço esportivo deve ter a preocupação de atender, simultaneamente, a viabilidade comercial do empreendimento e os aspectos de sustentabilidade e responsabilidade social (SOMOGGI, 2013, p. 254).

O aspecto fundamental da viabilidade econômico-financeira de complexos esportivos é que a conceituação, desde o projeto arquitetônico inicial até o final da obra, quando ocorrerá o início da operação do empreendimento, deve estar alinhada com o planejamento mercadológico, que deve ser criativo [...]. O objetivo do controle da execução da obra e dos gastos é fazer com que a qualidade, prazos e custos permaneçam exatamente dentro dos previstos (SOMOGGI, 2013, p. 254).

O sucesso financeiro do espaço esportivo dependerá diretamente do planejamento comercial das receitas a serem geradas durante sua operacionalização. O projeto deve reunir um número alto de fontes de receitas, e muitas delas podem ser geradas antes de a obra ser iniciada ou durante o período de construção (SOMOGGI, 2013, p. 254).

O planejamento deve também focar nas estratégias de marketing a serem desenvolvidas para elevar o fluxo de pessoas durante os eventos esportivos e não esportivos. Deve ainda criar projetos mercadológicos de diversificação dos produtos e serviços dentro do estádio (SOMOGGI, 2013, p. 254).

Perante toda essa fundamentação teórica exposta neste tópico do segundo capítulo do trabalho, é possível compreender alguns aspectos que levaram o SPFC a idealizar a construção do seu estádio. Fumagal e Louzada (2009, p. 1) analisaram em seu estudo “as ações empreendidas pelos dirigentes” do SPFC, desde a sua fundação até o ano de 2009. No trabalho os autores identificaram quatro períodos⁹¹ distintos da administração do clube, a partir da análise dos dados coletados. A primeira fase vai de 1930 até meados da década de 1950, a segunda se inicia em meados da década de 1950 e vai até 1970, a terceira do ano de 1970 até fins da década de 1990, e a última parte dos primeiros anos da década de 2000 até 2009, ano de publicação do trabalho (FUMAGAL E LOUZADA, 2009).

Utilizar-se-á como escopo teórico o segundo período identificado pelos autores, neste momento é idealizado, erigido, e inaugurado o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, objeto de pesquisa do estudo. O trabalho de Duarte e Vilela (2011, p. 116), aponta o panorama da cidade de São Paulo, a qual sua principal praça esportiva era o Pacaembu, estádio municipal, que “antes avantajado, se apequenava – em 1950 a população da cidade já passava de 2,2 milhões, ou 60% mais do que quando se inaugurara o estádio”.

⁹¹ Para compreender esses quatros períodos ler o trabalho de Fumagal e Louzada “*O modelo de Gestão do São Paulo Futebol Clube*” (2009).

Diante deste contexto, o SPFC e os demais clubes da capital paulista tinham como única possibilidade alugar o estádio da prefeitura, os dirigentes do SPFC então encampam a ideia de edificar seu próprio estádio, com capacidade superior ao Pacaembu, o que faria do clube um possível locatário, deixaria de ser inquilino. O texto de Fumagal e Louzada (2009, p. 12) dialoga com estas questões, expondo que as “prioridades administrativas” do SPFC entre 1950 a 1970 era de “construir um patrimônio que pudesse garantir a existência do clube e manter o SPFC entre os grandes times da cidade de São Paulo”, os autores evidenciam que:

Naquele momento, a bilheteria era a principal fonte de receita dos clubes e os seus dirigentes acreditavam que a construção de um estádio com capacidade para acomodar um público numeroso poderia significar a garantia de uma fonte de receita estável, o que viabilizaria a existência do clube.

Fumagal e Louzada (2009, p. 12) seguem demonstrando que defronte deste aspecto, o SPFC decide “pela construção de um estádio com capacidade para 150.000 pessoas”. Segundo os autores essa decisão deve ser analisada contextualizando o momento em que ela foi tomada (início dos anos 1950), onde “as principais fontes de receitas para os times de futebol eram as vendas de ingressos e os ganhos em jogos amistosos realizados em excursões internacionais” (FUMAGAL; LOUZADA, 2009, p. 15).

[...] Neste cenário, ter um estádio próprio significava uma fonte de receita estável que poderia ser maior com um estádio com capacidade para receber muitos torcedores. Do ponto de vista financeiro encontra-se evidências, que mesmo em um contexto diferente daquele da decisão tomada, o estádio segue como uma alternativa para geração de receitas, pois o Balanço Patrimonial de 2007 registra 14 milhões de reais como receita proveniente da venda de ingressos para jogos, o que representa 8% do total das receitas operacionais do clube (FUMAGAL; LOUZADA, 2009, p. 15).

Nota-se que o trabalho de Fumagal e Louzada (2009) dialoga diretamente com autores mencionados⁹² nesta narrativa teórica, observando que todos esses estudos apresentam a mesma leitura sobre a problemática, à importância das rendas das partidas de futebol.

Observando o texto de Holzmeister (2010), e Somoggi (2013), os quais clarificam que hoje os estádios possuem diversas fontes de receitas, alude-se o trabalho de Costa e Colaboradores (2013). Neste estudo Costa e Colaboradores (2013) definem o Estádio Cícero Pompeu de Toledo como uma das primeiras arenas multiuso do Brasil, que passou a gerar diversas fontes de receitas, e não apenas as rendas da venda de ingressos. Os autores apontam que após várias reformas ao longo dos anos, o Morumbi, teve um aumento de 72% no seu

⁹² Caldas (1990), Guterman (2009), Duarte e Vilela (2011), Santos (2014), Holzmeister (2005), Silva e Campos Filho (2006), Campos e Roman (2008). Todos esses autores discutiram em seus textos a questão da renda dos jogos como principal fonte de receita dos clubes em determinado período do futebol brasileiro e mundial.

faturamento, entre os anos de 2008 e 2011 (de R\$ 34,5 milhões para quase R\$ 60 milhões), de acordo com balanços financeiros do clube.

Esse aumento segundo Costa e colaboradores (2013) ocorreu devido ao acréscimo das receitas das vendas dos ingressos dos jogos do SPFC e de outras fontes de renda, como camarotes, cadeiras cativas, aluguel do estádio para shows e aluguel de espaços comerciais (lojas, bares, restaurantes, entre outros), o que dialoga diretamente com as ideias de Holzmeister (2010), e Somoggi (2013). O aumento de receitas dessas outras fontes foi consideravelmente maior que o aumento da venda de bilhetes de arquibancada.

Defronte deste arcabouço teórico exposto no texto, finaliza-se este item que discutiu as questões que se apresentam sobre a temática central da pesquisa, abordou-se também de maneira breve o surgimento dos principais estádios de futebol no Brasil. De acordo com as leituras realizadas, é possível entender a edificação destas praças esportivas a partir da compreensão, e contextualização dos períodos em que estes espaços foram erigidos. Constata-se que um fator apareceu em destaque nos textos aludidos, a importância que as rendas dos jogos tinham nos orçamentos dos clubes de futebol em um determinado período histórico, o que possivelmente foi um fator importante na idealização, e construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo. Posto isto, este ensaio ainda dialogou de maneira sucinta com autores que estudam as novas “arenas”, e as possibilidades de receitas que estes novos estádios podem proporcionar aos seus clubes.

A partir de todos esses conceitos discutidos neste tópico, e no tópico anterior⁹³, que dialogou com autores que estudam as questões que permeiam a construção dos estádios de futebol, e a sua importância no campo esportivo, à sociologia do esporte, a sociologia do futebol, respectivamente, o estudo parte para o próximo item deste capítulo, denominado de *Sobre Bourdieu e seus conceitos sociológicos: Capital, Habitus e Campo*. Nesta próxima etapa metodológica da pesquisa, será apreendido um diálogo sobre os conceitos sociológicos desenvolvidos por Pierre Bourdieu, com o objetivo de apreender todas essas teorias sociais, que se farão essenciais para o desenvolvimento dos próximos capítulos do estudo.

1.4 Sobre Bourdieu e seus conceitos sociológicos: Capital, Habitus e Campo.

⁹³ Item do trabalho 1.2. *Sobre a sociologia do esporte e do futebol*.

Inicia-se neste instante o quarto item do primeiro capítulo do trabalho que buscará tratar dos conceitos sociológicos, capital, habitus, e campo, os quais se fazem necessários para o entendimento do objeto central de investigação do estudo. A partir da compreensão destas teorias sociais, trilha-se um norte dentro dos caminhos metodológicos escolhidos no desenvolvimento da pesquisa.

Ao darmos os primeiros passos neste item, evidência Wacquant (2002, p. 96), que tece algumas considerações sobre o legado sociológico de Pierre Bourdieu, afirmando que o autor “incorporou muitos de seus ensinamentos e de suas notáveis inovações teóricas em sua própria prática de pesquisa e em sua produção científica”, apontando que “de um ponto de vista sociológico e acadêmico, Bourdieu teve uma trajetória improvável”. Wacquant (2002, p. 96) segue, e cita Raymond Aron⁹⁴, lembrando que “Bourdieu foi exceção às leis de transmissão do capital cultural que ele mesmo estabeleceu em seus livros iniciais (com Jean-Claude Passeron), *Les héritiers: les étudiants et la culture* (1964)⁹⁵, e *La reproduction: éléments pour une théorie du système d’enseignement* (1970; 1975)⁹⁶.

Encetando este tópico do trabalho, pode-se afirmar que Pierre Bourdieu apresenta-se como um dos principais sociólogos do último século, desenvolvendo em seus estudos sociológicos uma série de teorias, e conceitos que possibilitam aos autores que discutem as questões postas nos diversos campos da sociologia, uma gama de ferramentas metodológicas para a compreensão, e entendimento de tais questões investigadas. A partir desses conhecimentos concebidos pelo autor, exhibe-se neste instante o conceito de capital, que segundo Bourdieu (2011b, p. 81)⁹⁷, “capital is labor (in its materialized form or its “incorporated”, embodied form) which, when appropriate on a private, i. e., exclusive, basis by agents or groups of agents, enables them to appropriate social energy in the form of reified or living labor”. O capital aqui é exposto por Bourdieu (2011b) em sua forma material, acumulado através do trabalho, ou seja, o capital no sentido mais estrito da palavra.

⁹⁴ Raymond Aron foi um filósofo e sociólogo francês do século XX, lecionou Filosofia Social na Universidade de Colônia, na Alemanha, e também foi Professor de Sociologia na Universidade de Sorbonne, na França. Ver mais no livro de Nicolas Baverez “*Raymond Aron: Un moraliste au temps des idéologies*”, (1993).

⁹⁵ BOURDIEU, P. & PASSERON, J. –C. 1964. *Les héritiers: les étudiants et la culture*. Paris: Minuit. Referência retirada do trabalho de Loïc Wacquant “*O legado sociológico de Pierre Bourdieu: Duas dimensões e uma nota pessoal*”, no item REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, página 109.

⁹⁶ _____. 1970. *La reproduction: éléments pour une théorie du système d’enseignement*. Paris: Minuit. Referência retirada do trabalho de Loïc Wacquant “*O legado sociológico de Pierre Bourdieu: Duas dimensões e uma nota pessoal*”, no item REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, página 109.

⁹⁷ Referência retirada do texto “*The forms of Capital*” (1986), de Pierre Bourdieu, que se apresenta como o oitavo capítulo do livro “*Cultural theory: An anthology*” (2011), organizado por Imre Szeman e Timothy Kaposy.

Moore (2008) elucida que o conceito de capital é utilizado por Bourdieu (1986)⁹⁸ em diversos de seus estudos, abordando as várias formas que este conceito pode ser aplicado. O autor clarifica seu pensamento, expondo que o conceito de capital é explorado por Bourdieu e por outros autores das ciências sociais, que utilizam estas teorias como base de suas fundamentações teóricas. Dentro desta aplicabilidade, Moore (2008) entende que o conceito de capital pode ser pensado de duas formas, primeiro apreendendo-o como um capital herdado, e segundo interpretando-o como sendo um capital adquirido. Aclara-se esse pensamento:

Bourdieu's theory of capital and how it is used in various areas of his work possess distinctive characteristics. As a consequence, there is an important, though subtle, point at issue in terms of how forms of symbolic capital should be understood. There are, in effect, two different ways in which this is done, both in Bourdieu's own work and by those using his ideas. In the first, the values, tastes and life-styles of some social groups (of habitus held in common in different status groups by virtue of power relations in society and in terms of which they are defined and differentiated) are, in an arbitrary manner, elevated above those of others in a way that confers social advantage (for example, in education). In the second way, forms of capital such as cultural capital can be understood in terms of qualitative differences in forms of consciousness within different social groups (class fractions rather than classes in themselves); that is, in terms of habitus as a specialization ("cultivation") of consciousness and a recognized mastery of some technique(s) (MOORE, 2008, p. 102)⁹⁹.

A partir destas concepções, elucida-se o conceito de capital¹⁰⁰, o qual é estabelecido que “todo capital, sob qualquer forma que se apresente, exerce uma violência simbólica assim que é reconhecido, ou seja, desconhecido em sua verdade de capital, e impõe-se como autoridade exigindo reconhecimento” (BOURDIEU, 2013, p. 113).

Bourdieu (2011b) destaca o capital como sendo um elemento plural, que pode se manifestar de várias formas dentro da sociedade, expressando-se de diversas maneiras. A partir deste raciocínio, Bourdieu (1989a, p. 145) define a existência do “capital simbólico”.

Destaca-se abaixo o conceito de capital simbólico:

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo óbvio (BOURDIEU, 1989b, p. 145).

⁹⁸ Robert Moore utiliza como fundamentação teórica o texto de Pierre Bourdieu “*The Forms of Capital*” que faz parte do livro “*Education, Globalisation and Social Change*” (2006).

⁹⁹ Citação retirada do texto “*Capital*” de Robert Moore, que compõe o livro “*Pierre Bourdieu: Key concepts*” (2008), editado por Michael Grenfell.

¹⁰⁰ Artigo publicado originalmente na *Revista L’Arc*, nº 72, 1978. A versão utilizada no trabalho foi publicada na *Revista Novos Estudos*, nº 96, julho de 2013, com tradução de Fernando Pinheiro. Essa versão foi extraída do *Journal of Classical Sociology*, volume 13, nº 2, maio de 2013.

Dialogando com essas questões, Terray (2005, p. 304) faz uma leitura do conceito de capital simbólico de Bourdieu (1989b), apontando que “todas as espécies de capital – econômico, cultural, escolar, social – podem transformar-se em capital simbólico”, entretanto para que isto ocorra “basta que a espécie considerada seja percebida por intermédio das noções que ‘desconhecem a arbitrariedade de sua posse e de seu acúmulo’”.

Para entendermos o conceito de capital simbólico, e as diversas maneiras que se este pode se manifestar, é preciso tecer alguns comentários sobre “espaço social”, com o objetivo de compreendermos as distintas formas que o capital pode se apresentar (BOURDIEU, 2004b, p. 14). Bourdieu (2004b, p. 14) entende que “as noções de espaço social, espaço simbólico ou de classe social não são, nunca examinadas em si mesmas e por si mesmas; são utilizadas e postas à prova em uma pesquisa inseparavelmente teórica e empírica”.

Esclarece-se:

De fato, todo o meu empreendimento científico se inspira na convicção de que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser que submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, como “caso particular do possível”, conforme a expressão de Gaston Bachelard, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis. Concretamente, isso quer dizer que uma análise do espaço social como a que proponho, a partir do caso da França dos anos 70, é a da história comparada, que se interessa pelo presente, ou a da antropologia comparativa, que se interessa por uma determinada região cultural, e cujo objetivo é apanhar o invariante, a estrutura, na variante observada (BOURDIEU, 2004b, p. 15).

Bourdieu (2004b, p. 18) traz a noção de “espaço”, o qual entende ser um “conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento”. Elucidando esta análise, cita-se um exemplo que o próprio autor apresenta em seus escritos, onde diversas “características dos membros da pequena-burguesia podem ser deduzidas do fato de que eles ocupam uma posição intermediária entre duas posições extremas, sem serem objetivamente identificáveis e subjetivamente identificados com uma ou com outra” (BOURDIEU, 2004b, p. 18-19).

Essas questões apresentadas acima possibilitam agora clarificar a compreensão do conceito de capital, pois definido por Bourdieu (2004b, p. 19) “o espaço social é construído de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo *com dois princípios de diferenciação*”, sendo estes “o

capital econômico e o capital cultural”. De acordo com Bourdieu (2004b) esses dois princípios em sociedades mais estruturadas, se apresentam muito eficazes, por exemplo, na sociedade dos Estados Unidos, do Japão, e da França.

Nesta leitura Bourdieu (2004b, p. 19) define dois tipos de “capital”, o capital econômico e o capital cultural, que são utilizados por ele para diferenciar dois grupos de agentes em um determinado espaço social. O autor distribuiu os agentes dentro do espaço social em duas dimensões, a “primeira dimensão, de acordo com o volume global de capital (desses dois tipos diferentes) que possuam e, na segunda dimensão, de acordo com a estrutura de seu capital, isto é, de acordo com o peso relativo dos diferentes tipos de capital” (BOURDIEU, 2004b, p. 19).

Clarifica-se este pensamento:

Assim, na primeira dimensão, sem dúvida a mais importante, os detentores de um grande volume de capital global, como empresários, membros de profissões liberais e professores universitários, opõem-se globalmente àqueles menos providos de capital econômico e cultural, como os operários não-qualificados; mas, de outra perspectiva, isto é, da perspectiva do peso relativo do capital econômico e do capital cultural no seu patrimônio, os professores (relativamente mais ricos em capital cultural do que em capital econômico) opõem-se de maneira mais nítida aos empresários (relativamente mais ricos em capital econômico do que em capital cultural) [...] (BOURDIEU, 2004b, p. 19).

Ao analisar essas questões destacadas na leitura de Bourdieu (2004b), fica evidente que o autor compreende o capital não apenas como um elemento econômico e financeiro, e sim enxerga dentro dos espaços sociais a presença de capitais específicos, que muitas vezes se sobrepõem sobre o capital financeiro, como é o caso do capital cultural, como foi evidenciado no pensamento descrito acima. Elucida-se esta passagem, demonstrando que no espaço social a soma dos diversos tipos de capital, possibilita aos agentes um lugar dominante, porém em um determinado espaço social o peso relativo de um tipo de capital possui mais valor, como é o caso do capital cultural dentro do espaço social da cultura. Desta forma é possível pensar que dentro deste espaço social os professores, mestres e doutores possuem um maior capital, que os demais agentes que não possuem tais títulos acadêmicos.

Como vimos, Bourdieu (2004b) desenvolve sua teoria a partir da compreensão de um espaço social definido, tentando desta maneira estabelecer qual o capital de maior valor dentro deste local específico. Seguindo nesta leitura, Bourdieu (2004b), destaca o conceito de

“capital político”¹⁰¹, o qual o autor desenvolveu ao analisar a antiga sociedade da Alemanha Oriental (RDA)¹⁰², que se apresentava como um Estado socialista. De frente desta particularidade, Bourdieu (2004b, p. 30-31) inicia suas concepções, destacando as distinções existentes entre a sociedade francesa, e a sociedade da Alemanha Oriental, elucidando que as “grandes diferenças entre os dois espaços e entre os princípios de diferenciação que os definem está no fato de que o capital econômico – a propriedade privada dos meios de produção – se encontra oficialmente (e, em grande parte, realmente) fora do jogo”.

Bourdieu (2004b, p. 31) avulta o fato da RDA ser um Estado socialista, diante desta característica o capital econômico não possuía grande valor dentro desta sociedade, o que fez o autor estabelecer a ideia de um novo capital, o “capital político”, como o capital mais valioso dentro dessa sociedade:

Assim, é preciso levantar a hipótese de que existe um outro princípio de diferenciação, de um outro tipo de capital, cuja distribuição desigual está na base das diferenças constatadas, particularmente no consumo e nos estilos de vida. Estou pensando aqui no que poderíamos chamar de *capital político*, que assegura a seus detentores uma forma de apropriação privada de bens e de serviços públicos (residências, veículos, hospitais, escolas etc.). Observa-se essa patrimonialização de recursos coletivos quando, como é o caso nos países escandinavos, uma “elite” social-democrata está no poder há várias gerações: vemos então que o capital social de tipo político que se adquire nos aparelhos dos sindicatos e dos partidos transmite-se através de redes de relações familiares que levam à constituição de verdadeiras dinastias políticas (BOURDIEU, 2004b, p. 31).

Deste modo diante destas concepções sobre capital, limita-se neste instante esse diálogo teórico sobre essa teoria social, partindo agora para o entendimento de outro conceito de Bourdieu (2000)¹⁰³, o conceito de Habitus, o qual foi desenvolvido pelo sociólogo no início de sua produção científica. Segundo Catani (2002, p. 67) “o conceito de *habitus* aparece pela primeira vez nos escritos de Bourdieu em *A reprodução*”¹⁰⁴, e segue sendo “trabalhado em dezenas de artigos e também em livros publicados posteriormente”.

Dialogando com a afirmação de Catani (2002), alude-se Maton (2008), o qual escreve que certamente este é o conceito mais citado de toda a teoria sociológica desenvolvida

¹⁰¹ Bourdieu apresentou o conceito de “*Capital Político*” em conferência realizada na cidade de Berlim Oriental, no dia 25 de outubro de 1989. Conferência encontra-se no item Apêndice: “*A variante ‘Soviética’ e o Capital Político*”, do Capítulo 1 “*Espaço Social e Espaço Simbólico*” páginas 28-33, que compõe o livro “*Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*”, (2004) de Pierre Bourdieu.

¹⁰² RDA: República Democrática Alemã.

¹⁰³ Pierre Bourdieu desenvolveu o conceito de Habitus no livro “*Esquisse d’une théorie de la pratique*” do ano de 1960. A edição utilizada como referencial teórico no trabalho é do ano de 2000, e consta no item Referências Bibliográficas.

¹⁰⁴ O livro “*A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*” (1970) foi escrito por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron.

por Pierre Bourdieu. Segundo o pesquisador o conceito de habitus “has been used in studies of an astonishing variety of practices and contexts, and is becoming part of the lexicon of a range of disciplines, including sociology, anthropology, education, cultural studies, philosophy and literary criticism (MATON, 2008, p. 49).

De acordo com Maton (2008), habitus proposto por Bourdieu vem sendo utilizado como ferramenta metodológica por vários autores que se debruçam nas mais diversas áreas do conhecimento das ciências sociais, apreendendo através deste conceito o seu objeto de pesquisa. Buscando entender esse conceito proposto por Bourdieu (2000), enceta-se esse diálogo com uma definição que o sociólogo francês traz em seu livro “A Distinção – crítica social do julgamento” (2007)¹⁰⁵, definindo habitus como um:

[...] princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas. Na relação entre duas capacidades que definem o habitus, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2007, p. 162).

Boltanski (2005, p. 160) dialoga com essa definição de habitus que Bourdieu (2007) desenvolveu em seu trabalho, entendendo “o habitus, como conjunto de esquemas interiorizados”, ou seja, um “espaço intermediário – se assim pudermos dizer – que permite passar, nos dois sentidos, das estruturas determinadas ao longo do trabalho de organização do corpus às ações de um ator singular e à experiência que ele adquire”. O autor ainda clarifica a importância do uso do conceito de habitus para a sociologia:

Talvez a importância desse conceito para a sociologia tenha sido, finalmente – como muitas vezes é o caso das inovações conceituais que marcaram uma época da disciplina que elas vinham desarranjar –, trazer quase tantas questões novas quanto resolver problemas antigos (BOLTANSKI, 2005, p. 163).

Para Souza, Almeida e Marchi Júnior (2014, p. 223) Bourdieu tinha como uma de suas aspirações ao empregar o uso do habitus, “romper com a dicotomia indivíduo/sociedade, explícita na sociologia clássica e ainda em algumas vertentes sociológicas contemporâneas, as quais, sobretudo, orientam e direcionam a análise ora para o indivíduo (agente), ora para a sociedade (estrutura)”. Dialogando sobre essas questões os autores citam Malerba (2000), que discorre “sobre a relação entre os agentes sociais e o ‘habitus’” (SOUZA; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2014, p. 223).

¹⁰⁵ Bourdieu desenvolveu o conceito Habitus na *Segunda Parte: “A economia das práticas”, no Capítulo 3 “Habitus e o espaço dos estilos de vida”, do livro “A Distinção – crítica social do julgamento” (2007).*

Elucida-se a leitura citada por Souza, Almeida e Marchi Júnior (2014) de Malerba (2000), a qual o pensador discorre sua compreensão sobre essa ferramenta sociológica de Bourdieu, entendendo que:

[...] o habitus talvez melhor se defina como os limites de ação, das soluções ao alcance do indivíduo em uma determinada situação social concreta. É, portanto, um produto da história que produz práticas individuais e coletivas e que estabelece os limites dentro dos quais os indivíduos são “livres” para optar entre diferentes estratégias de ação (MALERBA, 2000, p. 216).

Azevedo (2003, p. 2) compreende o conceito de habitus como “uma forma de disposição à determinada prática de grupo ou classe, ou seja, é a interiorização de estruturas objetivas das suas condições de classe ou de grupo sociais que gera estratégias, respostas ou proposições objetivas ou subjetivas”, o que leva segundo o autor a “resolução de problemas postos de reprodução social”. Bourdieu (1989a, p. 386-387) dialoga com essa compreensão de Azevedo (2003), apontando que o habitus “tende a reproduzir as condições de sua própria produção, gerando, nos domínios mais diferentes da prática, as estratégias objetivamente coerentes e as características sistemáticas de um modo de reprodução”.

O sociólogo francês segue expondo que “o habitus, enquanto disposição geral e transponível, realiza uma aplicação sistemática e universal, estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente às condições de aprendizagem” (BOURDIEU, 2007, p. 163).

Avançando nesta leitura, o autor prossegue:

Pelo fato de que as condições diferentes de existência produzem habitus diferentes, sistemas de esquemas geradores suscetíveis de serem aplicados, por simples transferência, às mais diferentes áreas da prática, as práticas engendradas pelos diferentes habitus apresentam-se como configurações sistemáticas de propriedades que exprimem as diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência sob a forma de sistemas de distâncias diferenciais que, percebidos por agentes dotados dos esquemas de percepção e de apreciação necessários para identificar, interpretar e avaliar seus traços pertinentes, funcionam como estilos de vida (BOURDIEU, 2007, p. 164).

Aproximando-se ainda mais das questões postas sobre a problemática evidenciada neste instante no texto, Bourdieu (2004a, p. 149)¹⁰⁶ escreve o conceito de habitus como “uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos”. Ao aprofundar-se nesta leitura com o propósito de compreender o seu conceito sociológico,

¹⁰⁶ Texto retirado da conferência que Pierre Bourdieu pronunciou na Universidade de San Diego, em março de 1986. O texto intitulado “*Espaço social e poder simbólico*”, constitui a Terceira Parte do livro “*Coisas Ditas*” (2004), de Pierre Bourdieu.

clarifica-se o habitus, em suas palavras como “as disposições dos agentes”, ou seja, o habitus como “as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social” (BOURDIEU, 2004a, p. 157-158).

Bourdieu (2004a, p. 158) chama atenção neste trabalho, elucidando como “a busca de formas invariantes de percepção ou de construção da realidade social mascara diversas coisas”, enumerando de que forma isto acontece:

[...] primeiro, que essa construção não é operada num vazio social, mas está submetida a coações estruturais; segundo, que as estruturas estruturantes, as estruturas cognitivas, também são socialmente estruturadas, porque têm uma gênese social; terceiro que a construção da realidade social não é somente um empreendimento individual, podendo também tornar-se um empreendimento coletivo (BOURDIEU, 2004a, p. 158).

Posto isto, o autor segue aclarando que “as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação”, que também podem ser representadas “como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social” (BOURDIEU, 2004a, p. 158).

Todas essas concepções descritas nos dois últimos parágrafos se fazem necessárias com o objetivo de elucidar o conceito de habitus, que Bourdieu (2004a) dissertou nesta obra, onde o autor definiu que o habitus:

[...] é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social (BOURDIEU, 2004a, p. 158).

Bourdieu (2009, p. 158) enriquece seu conceito teórico expondo que “o *habitus* implica não apenas em *sense of one's place*¹⁰⁷, mas também um *sense of other's place*”¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Bourdieu (2004a, p. 155) cita que “as disposições adquiridas na posição ocupada implicam um ajustamento a essa posição, o que Goffman chamava de *sense of one's place*”. Ver mais sobre nos essas concepções do sociólogo Erving Goffman em um de seus trabalhos clássicos “*The presentation of self in everyday life*” (1959).

¹⁰⁸ Bourdieu (2004a, p. 159) explica que “em primeiro lugar, isso supõe que o gosto (ou o *habitus*) enquanto sistema de esquemas de classificação está objetivamente referido, através dos condicionamentos sociais que o produziram, a uma condição social: os agentes se auto-classificam, eles mesmos se expõe à classificação ao escolherem, em conformidade com seus gostos, diferentes atributos, roupas, alimentos, bebidas, esportes, amigos, que combinam entre si e combinam com eles, ou, mais exatamente, que convêm à sua posição. Mais exatamente: ao escolherem, no espaço dos bens e serviços disponíveis, bens que ocupam nesse espaço uma posição homóloga à posição que eles ocupam no espaço social. Isso faz com que nada classifique mais uma

Desta maneira, o sociólogo expõe que “através do *habitus*, temos um mundo de senso comum, um mundo social que parece evidente” (BOURDIEU, 2004a, p. 159).

Explorando a interpretação do *habitus* por outros autores, evidencia-se Lopes (2009, p. 396) que compreende este conceito “como uma aptidão dos agentes sociais para se moverem e se orientarem num determinado espaço social, segundo a lógica específica desse próprio espaço, sem que tenham de necessariamente recorrer ao cálculo explícito”. O autor continua aclarando suas concepções sobre o *habitus*:

Mais concretamente, a concepção de *habitus* pode ser compreendida como um sistema de disposições duradouras que os agentes adquirem por meio de suas inserções nos mais variados espaços sociais – seja ele, por exemplo, o ambiente familiar ou profissional – e que constituem uma matriz de percepção, de apreciação e de ação que se realiza em condições sociais análogas às quais essa matriz foi adquirida. Com isso, os agentes sociais tendem, nessas situações análogas de existência, a agir de forma muito semelhante ao modo como agiram anteriormente. Ainda, a se portarem, sem saber ou perceber, de modo muito similar a milhares de outros que possuem o mesmo *habitus* (LOPES, 2009, p. 396).

Outra noção do *habitus* é exibida neste instante no trabalho, apresenta-se a definição de Nogueira (1989, p. 4), onde a autora interpreta este conceito como sendo “esquemas estruturados de percepção, pensamento, ação, formados a partir dos modos de viver e de pensar das diferentes classes sociais, e que se traduzem por predisposições ou disposições duráveis em direção à ação”. Miceli (1997, p.1)¹⁰⁹ é outro autor que apresenta uma fundamentação teórica sobre o *habitus*, apreendendo-o como “um conjunto de padrões adquiridos de comportamento, pensamento e gosto, com ‘traduções’ nos diferentes domínios da prática, que acaba operando um ligamento entre a força do ‘coletivo’ e os registros caprichosos das práticas individuais”.

A partir da apreciação do *habitus* Garcia (1996, p. 65) entende que este pode se caracterizar em “um sistema de disposições duráveis e socialmente constituídas que, incorporadas por um agente ou um conjunto de agentes, orientam e dão significado às suas ações e representações”. A autora com base nos escritos de Bourdieu clarifica sua interpretação desta ferramenta sociológica, expondo que “o *habitus* são estruturas

pessoa do que suas classificações. Em segundo lugar, um juízo classificatório como ‘isso é coisa de pequeno burguês’ supõe que, enquanto agentes socializados, somos capazes de perceber a relação entre as práticas ou representações e as posições no espaço social (como quando adivinhamos a posição social de uma pessoa pela sua maneira de falar)”.

¹⁰⁹ O entendimento sobre o conceito de *habitus* foi retirado do texto de Miceli, escrito para o Jornal Folha de São Paulo no Caderno Mais! do dia 13 de abril de 1997, em versão eletrônica disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs130427.htm>. A referência completa do texto de Sergio Miceli se encontra no item Referências Bibliográficas.

‘estruturadas e estruturantes’ que ultrapassam o nível da consciência e fazem a mediação entre, de um lado, as estruturas sociais e, de outro, as práticas individuais” (GARCIA, 1996, p. 65).

Dialoga-se com Setton (2002, p. 61) que concebe “o conceito de habitus como um instrumento conceptual que (me) auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos”. Fica evidente nesta leitura, que o habitus “embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientado para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação”. Para Setton (2002, p. 61) “Habitus não é destino. Habitus é uma noção que auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente”.

A autora ainda afirma que o:

Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano (SETTON, 2002, p. 63).

A posteriori de toda essa fundamentação teórica que discutiu o conceito de habitus, dialogando com Bourdieu, e com outros autores que apreendem essa teoria, e utilizam o habitus como ferramenta metodológica, arremata-se esta etapa do texto. O que se empreende agora neste epílogo, é um retorno ao trabalho de Garcia (1996), que relaciona o conceito de habitus com o conceito de campo de Pierre Bourdieu:

O habitus é constituído, então por um conjunto de esquemas geradores de ação adaptados a um determinado campo ou situação. E é nesse sentido que o conceito se relaciona com o que neste trabalho se enfoca mais detidamente, ou seja o conceito de campo (GARCIA, 1996, p. 65).

A partir da relação que Garcia (1996) estabeleceu com essas duas teorias sociais de Pierre Bourdieu, habitus e campo, finda-se a leitura da primeira e inicia-se a compreensão da segunda. Empreender-se-á na sequência dessa narrativa uma discussão teórica sobre o conceito de campo, trilhando em seu caminho metodológico um diálogo sobre essa teoria social de Bourdieu (1997)¹¹⁰, aclarando suas concepções, e a de outros autores que exploram essa problemática, e utilizam em seus escritos essa ferramenta metodológica como instrumento sociológico para fundamentar suas discussões.

¹¹⁰ Pierre Bourdieu apresenta em seu livro “*Sobre a televisão*” (1997), sua definição de campo.

Segundo Montagner e Montagner (2011, p. 258) “o conceito de campo surge na obra de Bourdieu em um período mais tardio, e de certa forma eclipsou seu primeiro conceito fundamental, o de habitus”. Os autores afirmam que a utilização deste conceito possibilita “uma análise de um determinado espaço social específico e, nos casos nos quais ainda não existia um determinado campo, a sua própria inauguração fundadora (considerando que os intelectuais são os operadores da criação simbólica)” (MONTAGNER; MONTAGNER, 2011, p. 258).

Os autores definem que:

A gênese do conceito de campo pode ser pensada como o resultado de uma necessidade de situar os agentes portadores de um habitus dentro do espaço no qual esse mesmo habitus havia sido engendrado sob o pecado original da dominação e que, para tanto, pressupôs um arcabouço estável no qual essa dominação se reproduziria (MONTAGNER; MONTAGNER, 2010, p. 259).

Com o objetivo de clarificar o entendimento deste conceito sociológico, evidencia-se neste átimo do texto a definição de campo exposta por Bourdieu (1997), a qual o autor estabelece:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdades, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Bourdieu (2004a, p. 160) entende o campo como um “espaço social”, que “tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida”. O sociólogo define “o espaço social global como um campo, isto é, ao mesmo tempo como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos”, afirmando ser este espaço “um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura” (BOURDIEU, 2004b, p. 50).

Seguindo nessa linha de raciocínio Bourdieu (1983, p. 89) explica que os campos são “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinada por elas)”. Hirata (2010, p. 4) interpreta essas concepções, evidenciando que para Bourdieu (1983) em um “campo estão manifestas relações

de poder, o que implica entender que ele se estrutura a partir de uma desigualdade, e essa desigualdade determina a posição de um agente específico”. O autor ainda em sua leitura do texto de Bourdieu (1983), entende “que dentro de cada campo existem lutas entre o novo, que tenta garantir sua participação através das estratégias de subversão, e o dominante, que defende a manutenção da ordem e o monopólio, objetivando exterminar a concorrência” (HIRATA, 2010, p. 4).

À vista disso, explorar-se-á nesta narrativa a compreensão do conceito de campo por outros autores que estudam essa temática. Trazendo para este diálogo, aludiremos o texto de Araújo, Alves e Cruz (2009, p. 33) que definem o campo como “um ‘campo de forças’, pois constrange os agentes nele inseridos, quanto um ‘campo de lutas’, no qual os agentes atuam conforme suas posições, mantendo ou modificando sua estrutura”. Os autores discutem os conceitos de campo e habitus de Pierre Bourdieu, onde citam que esses dois conceitos permitem compreender o mundo social, dos diversos espaços que o compõem, suas hierarquias e lutas internas, colocando em destaque os aspectos conflituosos dos diferentes campos da vida social e suas relações de poder.

Dialogando com Hirata (2010), e Araújo, Alves e Cruz (2009), Rodrigues (2005) aponta sua definição de campo, expondo em seus escritos o que ele depreende ser esse espaço social definido por Bourdieu (1997):

Campo no sentido de um espaço de diferenciação social, que funciona de acordo com regras e normas próprias, dotado de autonomia relativa diante da política, da economia e da religião. No campo existem atores sociais estratégicos preocupados em maximizar seus interesses e influenciar nas definições e divisões sociais. Existem disputas por poderes simbólicos e materiais (RODRIGUES, 2005, p. 115).

Miranda (2005, p. 10-12) evidencia que “Bourdieu introduz a ideia de campos sociais relativamente autônomos que possuem regras próprias de funcionamento”, a narrativa destaca que “os campos têm sua estrutura modificada basicamente através das chamadas ‘trajetórias desviantes’, produtos das mobilidades ascendente ou descendente que são fonte de disjunção entre o habitus e as posições sociais angariadas em seu interior”. O texto de Garcia (1996) explora essa ideia exposta por Miranda (2005), definindo que:

[...] o conceito de campo se refere aos diferentes espaços da vida social ou da prática social, que possuem uma estrutura própria e relativamente autônoma com relação a outros espaços ou campos sociais. Esses campos se organizam em torno de objetivos e práticas específicas e apresentam – apesar das homologias que os unem – uma lógica própria de funcionamento que estrutura as relações entre os agentes no interior de cada um deles. Assim, a relativa autonomia é uma característica inerente à noção bourdieuniana de campo (GARCIA, 1996, p. 66).

Bourdieu (1983)¹¹¹ apreende uma aproximação do conceito de campo com o conceito o habitus, o que já foi exibido brevemente nos escritos de Garcia (1996). O sociólogo francês faz uma aproximação direta entre suas teorias sociais, dissertando seu ponto de vista teórico:

Um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos (não se poderia motivar um filósofo com questões próprias dos geógrafos) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar neste campo (cada categoria de interesses implica a indiferença em relação a outros interesses, a outros investimentos, destinados assim a serem percebidos como absurdos, insensatos, ou nobres, desinteressados). Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas a disputar o jogo dotadas de habitus que impliquem o conhecimento e o reconhecimento das leis imanes do jogo, dos objetos de disputas, etc (BOURDIEU, 1983, p. 89).

Diante da aproximação feita por Bourdieu (1983) dos seus dois conceitos sociológicos, Salvini, Souza e Marchi Júnior (2012, p. 402) dialogam sob esse mesmo raciocínio apresentado pelo autor, e também compreendido por Garcia (1996). Os autores elucidam a relação do habitus com a teoria dos campos, expondo que o habitus é “uma categoria gerativa na Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu”. Afirma-se ainda que segundo “o sociólogo, existe uma cumplicidade ontológica entre o conceito de ‘habitus’ e o conceito de campo”, ou seja, “a constituição de campos relativamente autônomos se dá pela a incidência dos ‘habitus’ nesses espaços” (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012, p. 402).

Aclarando a relação que se apresenta entre esses dois conceitos sociológicos, direciona-se esta narrativa ainda aos escritos de Salvini, Souza e Marchi Júnior (2012, p. 402), ao evidenciaram a leitura de Bourdieu (2009)¹¹². É exposto que “o campo estrutura o ‘habitus’ em tão presente medida que o ‘habitus constitui o campo”. De acordo com essa passagem os autores compreendem que:

Mais especificamente, o que o sociólogo está sugerindo é que a análise estrutural dos campos e a análise estruturante dos “habitus” fazem parte de um mesmo projeto analítico, isto é, são leituras completamente entrelaçadas imbricadas e penetrantes. Aí reside o perigo de se tomar mecanicamente um ou outro desses conceitos e aplicar na análise e compreensão de determinadas práticas e realidades empíricas, como se fosse possível, segundo a perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu, isolar os mecanismos estruturais que constituem a sociedade de uma análise mais específica das disposições estruturalmente inscritas nos corpos, ou melhor,

¹¹¹ Ver mais no Capítulo “*Algumas propriedades dos campos*”, do livro de Pierre Bourdieu “*Questões de sociologia*” (1983).

¹¹² Pierre Bourdieu em “*A economia das trocas simbólicas*” (2009).

incorporadas pelos agentes e vice-versa (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012, p. 402).

Seguindo nesta leitura aclara-se que “para Bourdieu todo campo se caracteriza por agentes dotados em traços gerais de um mesmo ‘habitus’ e justamente por isso é que o habitus vem a ser entendido ao longo de sua obra como uma necessidade tornada virtude [...]” (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012, p. 402). Distingue-se ainda o campo “como um ‘locus’ social de lutas, disputas e concorrência entre os dominantes – detentores de poder de determinado campo – frente aos dominados que tentam se estabelecer nessa estrutura”, sendo que estes que ocupam posição de inferioridade dentro do campo irão se utilizar “de estratégias que lhe permitam ter acesso aos objetos de interesse e as posições distintas e legítimas do campo em questão” (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012, p. 402-403).

Fundamentado a partir de todas essas concepções teóricas da teoria de campo, exemplifica-se neste instante alguns exemplos de espaços sociais específicos que Pierre Bourdieu analisou em seus escritos sociológicos. Destarte alude-se o campo de Produção, e o campo de Consumo (BOURDIEU, 2007)¹¹³, o campo Religioso, o campo da Produção Erudita, o campo do Poder (BOURDIEU, 2009)¹¹⁴, o campo Intelectual (BOURDIEU, 2004a)¹¹⁵, e por fim o campo Burocrático (BOURDIEU, 2004b)¹¹⁶. Esses são alguns dos espaços sociais que o sociólogo francês investigou, e analisou durante sua trajetória acadêmica, desenvolvendo suas análises apoiado nas perspectivas sociológicas do seu conceito de campo.

Por fim alude-se mais um elemento sociológico da obra de Bourdieu (1974, 2004a)¹¹⁷, o conceito de estratégia, o qual está totalmente relacionado aos outros dois conceitos, de campo e habitus. O conceito de estratégia é exposto “como sequências de práticas estruturadas” ou “série de ações ordenadas e orientadas que os agentes desenvolvem em função de um habitus adquirido e das possibilidades que um determinado campo oferece

¹¹³ Bourdieu apresentou suas concepções sobre o Campo de Produção e o Campo de Consumo no livro “*A distinção: crítica social do julgamento*” (2007), no Capítulo 4 “*A dinâmica dos campos*”.

¹¹⁴ Os três campos referidos acima: Campo Religioso, Campo da Produção Erudita, e Campo do Poder, foram expostos por Bourdieu no livro “*A economia das trocas simbólicas*” (2009).

¹¹⁵ O Campo Intelectual foi tratado por Bourdieu em sua obra “*Coisas Ditas*” (2004), na Terceira Parte intitulada “*Aberturas*”, no Capítulo denominado “*O campo intelectual: um mundo à parte*”.

¹¹⁶ As concepções sobre o Campo Burocrático são evidenciadas por Pierre Bourdieu em sua obra acadêmica “*Razões Práticas*” (2004).

¹¹⁷ O conceito de Estratégia é exposto por Bourdieu no seu artigo “*Avenir de classe et causalité du probable*” (1974), e no livro “*Coisas Ditas*” (2004). As referências completas desses dois trabalhos de Pierre Bourdieu se encontram no item Referências Bibliográficas.

para a obtenção e maximização dos lucros específicos em jogo no campo em questão” (GARCIA, 1996, p. 66).

Findando a leitura do texto de Garcia (1996, p. 66) clarifica-se que “o conceito de estratégia com o sentido que lhe é atribuído por Bourdieu, e estreitamente ligado aos conceitos de campo e habitus”, apontando que as estratégias são “ações que visam a determinadas finalidades sem serem necessariamente concebidas para tal”. A autora afirma que as estratégias “são antes o resultado do ‘senso prático’, do conhecimento das regras e do ‘sentido do jogo’ social que se adquire pela experiência e pela participação nas atividades sociais. São, enfim, o resultado de um habitus na relação com um campo” (GARCIA, 1996, p. 66).

Deste modo arremata-se este item da pesquisa que tratou os conceitos de capital, habitus, e campo, apresentando também um breve comentário sobre a definição sociológica de estratégia de Bourdieu. Clarificaram-se essas teorias a partir das concepções do próprio autor, além da exposição dos escritos de outros autores, que analisam esses fundamentos sociológicos, e as utilizam em seus estudos como peças fundamentais para o entendimento de suas temáticas centrais. O que se fez aqui foi trilhar um caminho que possibilite compreender os conceitos sociais de Pierre Bourdieu, que se farão necessários no percurso prático-metodológico deste instrumento de pesquisa social, pois serão os pilares teóricos do estudo, permitindo a compreensão do objeto de investigação central da pesquisa.

Após definir e esclarecer neste capítulo os objetivos do estudo, dialogar com autores que discutem as questões colocadas sobre a sociologia do esporte, e do futebol, dissertar a respeito da temática dos estádios, e fundamentar-se com os conceitos de capital, habitus, e campo, seguir-se-á nesse instante para o próximo capítulo deste instrumento de pesquisa histórico-social. Este próximo passo teórico da pesquisa, apresentará uma análise histórica e social acerca do esporte moderno, do futebol, e do futebol aqui no Brasil, além de desenvolver um diálogo sobre o conceito de campo esportivo, que se apresenta na obra de Bourdieu, e é imprescindível para o entendimento do último item do segundo capítulo, onde será desenvolvida uma análise interpretativa do campo esportivo, o qual o SPFC está inserido.

CAPÍTULO II. APORTE TEÓRICO

CAMPO ESPORTIVO, E O SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

2.1 Um histórico sobre o tema: Esporte, futebol e o futebol no Brasil.

Como pano de fundo do trabalho aqui pesquisado, apresenta-se o Esporte Moderno, fenômeno este que vem sendo constituído a partir do século XIX, e surge vinculado a uma série de eventos que ocorreram na Inglaterra durante esse período. Gebara (2002, p. 7) analisa o surgimento do fenômeno esportivo atrelado a estas questões, o autor destaca Hobsbawn (1984), ao analisar os diversos eventos que ocorreram juntamente com o surgimento do Esporte Moderno:

Ao referir-se ao surgimento da política de massas em finais do século XIX, coloca a questão do ressurgimento dos elementos “irracionais” na manutenção da estrutura e da ordem social. Neste sentido, três novidades seriam mais importantes: a educação primária secular, as cerimônias públicas e a produção em massa de monumentos públicos. Afirmo ainda que a invenção das tradições políticas mais universais foi obra dos Estados, não obstante tenham participado deste processo movimentos de massa que reivindicavam status independente, como os movimentos socialistas operários (com o 1º de maio). Esse processo apresentou tradições próprias, entre elas o esporte; particularmente o futebol tornar-se-ia um “culto proletariado de massa”.

Gebara (2002, p. 7) afirma que a expansão do esporte a partir da Inglaterra, trouxe duas demandas que “tornaram-se visíveis e fundamentais”. Estas questões são abordadas pelo autor:

De um lado, com a expansão vitoriosa da burguesia e seu crescimento, a identidade de seus membros estabelecia-se também pela participação em alguma atividade ociosa, especialmente o esporte. De outro lado, a sociabilização da mulher, especialmente pela sua possibilidade de maior liberdade motora, encontraria massificação dos esportes importante componente (GEBARA, 2002, p. 7-8).

Ainda de acordo com o texto, Gebara (2002, p. 8) salienta que está abordagem do esporte a partir de Hobsbawn (1984) “se refere ao processo histórico europeu, e particularmente ao caso inglês; é arbitrário pensar a história dos esportes aqui no Brasil, transformando este caso em modelo de análise, não obstante sua importância pedagógica”.

Findando essa leitura, evidenciam-se diversos autores que estudam o desenvolvimento e o surgimento do esporte em diversos locais (GEBARA, 2002). O autor cita Maguirre (1990) que estuda o “desenvolvimento do futebol americano na Inglaterra”,

Kidd (1991) que pesquisa “o desenvolvimento do esporte no Canadá”, Wagner (1990) que “aprofunda a discussão partindo de estudos na África e Ásia” e Guttmann (1991) que apresenta estudos e conceitos similares aos estudados por Wagner (GEBARA, 2002, p. 9-10).

Bourdieu (1978) argumenta também sobre o surgimento do esporte moderno atrelado a uma série de eventos que ocorreram em outros campos específicos da sociedade em que este se constituiu (política, economia). Porém o sociólogo observa que o surgimento do esporte moderno possui sua própria história, uma história independente de outros acontecimentos. Bourdieu (1978, p. 2) define:

A história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.

Apoiado nesta leitura, Bourdieu (1978, p. 3) faz uma crítica aos estudos que abordaram as atividades atléticas das sociedades medievais e antigas, como precursores do esporte moderno, questionando “se a aparição do esporte no sentido moderno do termo não é correlativa de uma ruptura (que pode se operar progressivamente) com atividades que podem aparecer como ‘ancestrais’ dos esportes modernos”. Evidenciando esta análise, Bourdieu elucida:

Isto leva ao questionamento de todos os estudos que, por anacronismo essencial, aproximam os jogos das sociedades pré-capitalistas, europeias ou não, tratado erroneamente como práticas pré-esportivas, aos esportes propriamente ditos cuja aparição é contemporânea à constituição de um campo de produção de “produtos esportivos” (BOURDIEU, 1978, p. 3).

Proni (2002) faz uma leitura do esporte moderno apoiado nas ideias de Jean Marie Brohm (1982)¹¹⁸. O autor elucida a origem do esporte moderno feita pelo sociólogo, definindo que “a origem do esporte moderno, segundo Brohm (1982), deve ser buscada na Inglaterra, em consonância com a consolidação do modo de produção capitalista e de um Estado burguês” (PRONI, 2002, p. 37-38).

Proni (2002, p. 36) segue afirmando que “para Brohm, o sistema esportivo constitui-se historicamente como uma totalidade estruturada, e só faz sentido pensar a história do esporte como sendo a constituição progressiva de um sistema de dimensões mundiais”.

Com base nesta leitura, o autor esclarece:

¹¹⁸ Proni utiliza a versão espanhola, *Sociologia política del deporte*, publicada em 1982, do autor Jean Marie Brohm, para escrever o capítulo *Brohm e a Organização Capitalista do Esporte*, do livro *Esporte, História e Sociedade* (2002).

Embora o esporte seja, de acordo com o senso comum, um produto transitório, Brohm afirma que é possível ver uma clara “ruptura histórica” (cap. 2, p. 70) na aparição do esporte moderno. Para ele, o esporte moderno difere do antigo não apenas por introduzir a noção de recorde, mas fundamentalmente no que se refere aos respectivos “cimentos sociais” (relação de produção escravista versus capitalista) e à concepção de corpo associada às tendências dominantes nos respectivos modos de produção (metafísica do finito versus teoria do progresso linear e contínuo). O fato é que o esporte, tal como entendemos, i) nasce com a sociedade industrial e é inseparável de suas estruturas e funcionamento; ii) evolui estruturando-se e organizando-se internamente de acordo com a evolução do capitalismo mundial; iii) assume forma e conteúdo que refletem essencialmente a ideologia burguesa (PRONI, 2002, p. 37).

De acordo com Proni (2002, p. 37) “o nascimento do esporte de competição está relacionado com a introdução da mediação, em especial a cronometragem”. A partir desta afirmação o autor faz uma comparação do esporte moderno com as antigas atividades atléticas, exibindo “que a mensuração exata dos resultados e a comparação da performance dos atletas em diferentes ocasiões não faziam parte das competições atléticas antigas” (PRONI, 2002, p. 37).

Analizando o desenvolvimento do esporte moderno, o pesquisador destaca que existem quatro fatores responsáveis por esse desenvolvimento segundo Brohm (1982):

- (a) O aumento do tempo livre e o desenvolvimento do ócio (que ocupa um lugar de destaque na civilização do lazer);
- (b) A universalização dos intercâmbios mediante os transportes e os meios de comunicação de massa (o esporte converte-se em “mercadoria cultural” graças à sua natureza cosmopolita);
- (c) A revolução técnico-científica (que reflete-se na busca da eficiência corporal, nos novos materiais e equipamentos, inclusive no surgimento de novas modalidades esportivas);
- (d) E a revolução democrático-burguesa e o enfrentamento das nações no plano internacional (isto é, a dinâmica político-ideológica) (PRONI, 2002, p. 39).

Proni (2002, p. 39) ainda estabelece a partir dessa abordagem feita do surgimento do esporte, que este é “um produto da sociedade burguesa industrial”. Por fim, o autor utilizando as concepções de Jean Marie Brohm (1982), distingue o esporte moderno das atividades atléticas realizadas nas sociedades feudais, concebendo o esporte moderno como um fenômeno da sociedade capitalista.

Esclarece:

A ideia de esporte é inconcebível em uma sociedade feudal agrária, pois exige a fluidez do mercado, o livre intercâmbio de ideias, a liberdade jurídica dos indivíduos. Portanto, o esporte nasce não só com o modo de produção capitalista, mas sobretudo com o estado nacional-democrático. Fruto da dinâmica da sociedade moderna, o esporte reduz as distâncias entre as classes, multiplica os contatos, promete mobilidade social e vai progressivamente abolindo as discriminações sociais. Em suma, o esporte exige instituições “democráticas”, e por isso se firma primeiro nas duas grandes democracias: Inglaterra e EUA (PRONI, 2002, p. 39).

Pilatti (2002, p. 66) articula suas ideias sobre o surgimento dos esportes modernos, de acordo com os conceitos do sociólogo Allen Guttmann (1978)¹¹⁹, que afirma ser um erro “considerar os esportes gregos como antecessores dos esportes modernos”. Aclara-se:

Para Guttmann, a conformação desses esportes está muito mais próxima das atividades de povos primitivos que das Olimpíadas da era moderna. Nos jogos gregos, o caráter religioso nunca ficou em dúvida. Apesar desse caráter, já era possível localizar entre os gregos a emergência do esporte como um fenômeno secular, que gradualmente vai se tornando ordinário (PILATTI, 2002, p. 66).

Em conformidade com o autor o esporte moderno apresenta mais similaridades com os esportes romanos, onde as competições, e festividades da sociedade romana não apresentavam caráter análogo aos dos gregos, que homenageavam seus deuses durante as competições, os romanos “se exercitavam para manter a forma física e para participar de seus eventos” (PILATTI, 2002, p. 66).

Elucidando essa afirmação:

Os esportes gregos eram considerados efeminados pelos romanos. Para os romanos, esportes eram brigas, corridas de bigas e coisas do gênero, os quais tinham um tom bestial. Em seu caráter secular, os esportes romanos estão mais próximos do esporte de nossos dias. Os eventos romanos, marcados pelo ideário clássico do pão e circo, também guardam semelhança com a ideia do espetáculo, que é uma ideia nuclear na sociedade de nossos dias (PILATTI, 2002, p. 66).

Sigoli e De Rose (2004) fazem uma leitura do esporte e o seu uso político, discutindo a partir de uma análise histórica do fenômeno esportivo. Os autores apontam em seu texto as particularidades das atividades atléticas realizadas nas sociedades gregas e romanas, estabelecendo a mesma interpretação feita por Pilatti (2002), atribuindo que “os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga tinham grande caráter religioso”, já em Roma “a função alienadora dos Jogos Romanos já era aplicada durante a República” e na era do Império Romano “os jogos alcançaram seu apogeu, tornando-se grandes espetáculos e reunindo milhares de pessoas” (SIGOLI; DE ROSE, 2004, p 113).

Sigoli e De Rose (2004, p. 113) abordam o movimento ginástico europeu do século XVIII e XIX, afirmando que “as Escolas Ginásticas surgiram na Europa no início do século XIX e tiveram desenvolvimento simultâneo em diversos países”. Os autores trazem que o surgimento do esporte moderno em meados do século XIX, está diretamente atrelado a Revolução Industrial que ocorreu em solo britânico, e a regulamentação dos jogos populares.

Ilustrando essa interpretação dos autores:

¹¹⁹ Pilatti utiliza como base teórica o livro do sociólogo Allen Guttmann *From ritual to record: the nature of modern sports*, publicado em 1978.

A Revolução Industrial influenciou a mudança na forma de se pensar o mundo. O pensamento racional foi direcionado as formas de otimização da produção, através de processos que visavam o acúmulo de capitais. O esporte moderno se desenvolveu paralelamente ao processo de industrialização herdando dele a racionalização, sistematização e a orientação ao resultado. A origem do esporte na Inglaterra está em jogos e recreações populares, assim como em algumas atividades lúdicas da nobreza britânica. As modalidades esportivas foram concebidas pela regulamentação destas práticas. O esporte moderno foi regulamentado nas escolas aristocráticas inglesas “Public Schools” (SIGOLI; DE ROSE, 2004, p. 114).

Não é objetivo do estudo discutir o surgimento do esporte a partir das atividades atléticas realizadas na Grécia Antiga, ou no Império Romano, isto posto, a escolha teórica do trabalho parte das teorias de ruptura, como vem sendo apresentado pelos autores já expostos no texto, porém a pesquisa reserva um pequeno espaço sobre uma outra forma de entender o nascimento do esporte. O texto de Bracht (2002) exhibe outra leitura sobre o surgimento deste fenômeno, o autor expõe uma análise sobre a sua gênese, expondo duas linhas de raciocínio para o entendimento do surgimento deste fenômeno. Essas duas linhas de pensamento são denominadas de “continuidade e descontinuidade”, e estão associadas “a duas visões de caráter do esporte: a) como natureza essencial, ou b) como natureza histórico-social, respectivamente” (BRACHT, 2002, p. 191).

Exemplificando essas duas visões, Bracht (2002, p. 191) explica que “numa visão o esporte, na sua essência, já sempre existiu, em todas as culturas, ele apenas se atualiza em diferentes contextos e momentos históricos, e em outra, o esporte é um fenômeno datado”. A partir dessas questões, o autor identifica tanto na história como na sociologia do esporte, dois posicionamentos diferentes. Expõe-se:

- a) a perspectiva de que o esporte moderno é um mero reflexo das estruturas mais amplas que caracterizam a sociedade moderna, ou, no viés marxista, como reflexo da sociedade industrial capitalista;
- b) como mundo próprio, como que transcendendo todas as formas de organização social, como constante antropológica. Estas duas perspectivas também são perpassadas por uma discussão teórica que diz respeito à relação entre o particular e o geral, diz respeito à autonomia de fenômenos sociais particulares ante o poder determinante das estruturas sociais mais amplas. Tende-se a oscilar entre as visões simplistas do reflexo e da autonomia absoluta. É uma disputa sem fim. Por um lado as análises estruturais identificando características comuns no desenvolvimento do esporte, e como esse esporte absorve e repete os valores, os princípios estruturantes da sociedade moderna (capitalista e socialista), e por outro, contrapondo-se a essas análises, estudos mostrando ritmos culturais próprios, significações, ressignificações divergentes presentes no fenômeno esportivo. Às tentativas de homogeneização do conceito de esporte, contrapõem-se os exemplos da sua diversidade e polissemia (BRACHT, 2002, p. 192-3).

É importante destacar nesta abordagem algumas características do esporte enquanto fenômeno da era moderna, especificando como essas características se modificaram

em conformação com os movimentos que ocorreram na sociedade ao longo dos anos (BRACHT, 2002).

Bracht (2002) deslinda as características que o esporte assume como fenômeno da modernidade:

O esporte, como ele é “destilado” das práticas corporais da aristocracia/burguesia inglesa e das classes populares, é prototípico da modernidade. Uma comparação de performances físicas e/ou atléticas que se dá sob os códigos de regras fixas e válidas igualmente para os competidores. Não vou discutir aqui aquelas características comuns à sociedade moderna e ao esporte moderno, e sim apenas lembrá-las: secularização, igualdade de oportunidades (meritocracia), especialização de papéis, organização burocrática, quantificação (e busca do recorde) (BRACHT, 2002, p. 194).

Isto posto, o objetivo desta narrativa inicial foi abordar os diversos autores que estudam a temática histórico-sociológica do esporte moderno. Buscou-se uma compreensão sobre o esporte como um elemento da modernidade, devido a este fato a maioria dos conceitos destacados no texto, discute o esporte como um fenômeno da contemporaneidade. Isto se deve pelo fato que o objeto principal de estudo, é um clube de futebol brasileiro, que faz parte de uma modalidade esportiva que se estabeleceu na modernidade, o futebol.

A partir da leitura dos autores tratados aqui nesta explanação teórica, é compreensível dizer que o fenômeno do esporte moderno surgiu paralelamente a diversos acontecimentos que ocorreram nos séculos XVIII e XIX, entre esses acontecimentos destaca-se a Revolução Industrial inglesa. O esporte moderno surge impregnado de valores sociais burgueses, e atrelado ao capitalismo, que proporciona o seu desenvolvimento.

Dando prosseguimento a esta exposição conceitual, partiremos agora para uma discussão de cunho histórico-sociológica sobre o futebol, conversando com autores das ciências sociais que apresentam como objeto principal de investigação o futebol. Discutiremos nas linhas a seguir o surgimento do futebol, onde buscar-se-á uma análise do nascimento da respectiva modalidade esportiva como um elemento que faz parte do esporte moderno. Por conseguinte essa discussão não irá destacar de forma mais profunda os possíveis “ancestrais” do esporte “bretão”, se atentando mais na discussão do seu surgimento dentro da sociedade em que se constituiu, a sociedade inglesa de meados do século XIX.

Franco Junior (2007, p. 14) faz uma leitura sobre o futebol, afirmando que a modalidade esportiva em questão ocupa lugar de grande importância na sociedade contemporânea, “nos cinco continentes ele mobiliza profissionalmente, de forma direta e

indireta, dezenas de milhões de pessoas”. Analisando os primórdios do futebol, o historiador traz “as questões históricas de possíveis origens longínquas do futebol”. Em seu texto apresentam-se diversas atividades realizadas com uma bola, onde os praticantes utilizavam os pés ou outras partes do corpo (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 15).

Podemos citar algumas dessas atividades, como o Tsu-Chu (Chutar a Bola), praticado na China no século III a.C, no Japão esse jogo foi trazido no século II com o nome de Kemari (Chutar a Bola), na Grécia Clássica o Epyskiros era jogado desde o século IV a.C, o Harpastum em Roma praticado possivelmente no século III a.C, o Tlachtli que fora praticado na América Central por volta de 900 a.C (FRANCO JUNIOR, 2007).

Existem relatos sobre jogos disputados com bola no território anglo-normando medieval, a descrição que na Inglaterra os jogos com bola são datados desde 1174. O historiador Yann Brékilien (1966) discorre sobre uma partida realizada na Bretanha no século XI, que tinha como objetivo levar a bola para o campo da equipe adversária, outro relato diz sobre um jogo com bola disputado com os pés em 1314 na Inglaterra. Já no final da Idade Média e início da Idade Moderna temos o Calcio praticado em Florença na Itália desde o século XIV, e o Soule que surgiu no norte da França no século XII (FRANCO JUNIOR 2007).

É importante entender que todos esses jogos citados são formas de jogos realizados com uma bola onde os praticantes utilizavam os pés ou outras partes do corpo. Franco Junior (2007, p. 20) explica porque esses jogos não representam de fato como sendo os antepassados do futebol:

Enfim, cada uma das práticas precedentemente lembradas respondia a condições culturais específicas, o que torna muito frágil tentar vê-las como antepassadas do futebol. Nobeit Elias e Eric Dunning destacaram com razão o fato de que o uso da palavra *football* na documentação inglesa a partir do século XIV pouco significa, pois todos os indícios são de que se tratava de jogo bastante diferente do atual. A limitação metodológica da noção “jogos ancestrais do futebol” poderia ser resumida em uma questão: por que nenhuma daquelas modalidades conhecidas no Oriente, na América ou na Europa pré-industrial desembocou em algo semelhante ao futebol ocidental moderno?¹²⁰

O futebol que conhecemos hoje nasce na Inglaterra em meados do século XIX, Bourdieu (1978) destaca que tanto o Futebol como o Rugby são modalidades esportivas que nascem na alta sociedade inglesa, o autor deixa claro que a aristocracia inglesa de um caráter

¹²⁰ A resposta parece não gerar dúvidas: porque jogos com bola são manifestações antropológicas, não específicas de determinado povo e determinada época, enquanto o futebol tal qual o conhecemos hoje resultou de um conjunto de fatores presentes apenas na Inglaterra do século XIX (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 20).

de esporte aos jogos populares existentes na época, este fato ocorre nas conhecidas public schools inglesas, que eram frequentadas pelos filhos dessa aristocracia, fazendo uma relação direta do surgimento destas modalidades esportivas com o que ocorreu no campo da música erudita:

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às “elites” da sociedade burguesa, nas public schools inglesas, onde os filhos da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares, bourrées, gavotas e sarabandas, para fazê-las assumir formas eruditas como a suíte (BOURDIEU, 1978, p. 4).

Relaciona-se esta leitura feita por Bourdieu (1978) com o texto de Dunning e Curry (2006), que apresentam uma interpretação a respeito da marginalização destes “jogos populares”, mais especificamente sobre o *football popular* praticado na Grã-Bretanha no início do século XIX. Os autores descrevem a respeito da discriminação deste tipo de futebol, que “parece suficiente no contexto atual notar que estas formas de jogar parecem ter se alienado dos processos de ‘civilização’ e ‘formação’ do Estado” (DUNNING; CURRY, 2006, p. 56).

Dunning e Cury (2006) clarificam este pensamento:

Isto é, um grande número de pessoas estava começando a considerar repugnante a aspereza do *football* popular. Ao mesmo tempo, a formação de novas forças policiais nos anos 1820 e 1830 – possibilitou um instrumento de controle social mais eficiente do que os previamente disponíveis. As proibições que tinham começado em 1314 poderiam assim ser mais rigidamente reforçadas e o “Projeto de lei para manter a artilharia e banir jogos ilegais” já podia ser removido da legislação (DUNNING; CURRY, 2006, p. 56).

O texto segue elucidando que a marginalização do *football popular* está associada com o processo de industrialização e formação do Estado, pois esse processo resultou na expansão do poder burguês, e como “consequência, a competição por *status* entre membros da burguesia e as classes baixas cresceu mais intensamente, levando os burgueses a retirarem seu apoio aos esportes tradicionais dos ‘povos comuns’” (DUNNING; CURRY, 2006, p. 56).

Complementando esta leitura, Dunning e Curry (2006) esclarecem que o futebol moderno nasce a partir das escolas públicas e universidades inglesas, sendo estes locais o seio do desenvolvimento desta modalidade esportiva. De acordo com a ideia anterior exposta sobre a marginalização do futebol popular e o desenvolvimento do futebol moderno, os autores relatam:

Durante os anos 1830 e 1840, quando a marginalização cultural do *football* popular estava começando a alcançar seu auge, novas formas do jogo – mais apropriadas às condições sociais emergentes e aos valores de uma sociedade urbanizada e industrializada, na qual a formação e a civilização do Estado estavam avançando – começaram a surgir nas escolas públicas. Centrais neste processo: (1) A escrita das regras; (2) a demarcação estrita do tamanho e da forma da área de jogo; (3) a imposição de limitações mais estritas quanto à duração dos jogos; (4) uma redução no número de jogadores; (5) uma igualação do número de jogadores de cada equipe; e (6) a imposição de regulamentos mais estritos sobre o uso da força física. Foi no curso desta modernização incipiente – que parece ter sido mais abrangente e talvez em parte relacionada aos comparáveis progressos da sociedade como um todo, como por exemplo, o *football* jogado pelo dinheiro das apostas de bares, fato amplamente documentado por Goulstone e Harvey – que o futebol e o rúgbi começaram a emergir da matriz de jogos localmente diferenciados da escola pública (DUNNING; CURRY, 2006, p. 61).

A partir das escolas públicas o futebol começa a se espalhar por toda a sociedade inglesa, este fato está apoiado em dois processos sociais, “uma expansão da classe média que ocorreu com a industrialização, urbanização, formação do Estado e civilização; e uma transformação educacional geralmente conhecida como ‘culto aos jogos nas escolas públicas’” (DUNNING; CURRY, 2006, p. 66).

É importante destacar duas universidades inglesas nesse processo de evolução do futebol, a Universidade de Cambridge, e a Universidade de Oxford. Segundo Dunning e Curry (2006) os alunos dessas instituições começaram a praticar de forma regular o futebol, o qual vai se estabelecendo dentro das universidades, e a partir daí começa a se espalhar pela sociedade:

O esporte, naturalmente, já estava estabelecido como uma instituição na universidade. O que aconteceu, conjuntamente com o culto aos jogos, foi que os jogos de bola, juntamente com *rowing* e o atletismo de trilha e campo, começaram a substituir esportes tais como a caça, no topo da hierarquia do prestígio dos esportes nas universidades. Era, em outras palavras, um desenvolvimento abrangentemente civilizador, no sentido proposto por Elias (DUNNING; CURRY, 2006, p. 70).

Ressalta-se a Universidade de Cambridge, pois é o local onde os primeiros regulamentos do futebol são escritos nos anos de 1838, 1846, 1856 e 1863. Ainda em 1863 surge a FA (*Football Association*), que busca a unificação das regras de jogo, separando as formas de jogar do futebol e do rúgbi (DUNNING; CURRY, 2006).

Neste período ocorre o desmembramento do futebol e do rúgbi, ramificando-se em duas modalidades esportivas específicas. Segue nas palavras de Dunning e Curry (2006, p. 73) o momento derradeiro da distinção das modalidades:

Em 1 dezembro de 1863, data da quinta reunião, esse conflito foi revelado ainda mais completamente. A discussão centrou-se outra vez nas controversas regras sobre o *hacking* e o *carrying*. O Secretário-eleito, Ebenezer Cobb Morley, opinou que não

tinha uma forte objeção pessoal contra o *hacking*, mas sentia que reter essa regra inibiria seriamente o desenvolvimento do *football* como um jogo adulto. O Presidente-eleito, Arthur Pember, o apoiou, referindo-se a um grupo de quinze que ele havia organizado para uma partida: “Eu era o único que não tinha estado em uma escola pública”, disse ele, é “éramos todos mortalmente contra o *hacking*” (Green, 1953, p. 29). F.M. Campbell, do Blackheath FC, era o principal partidário do *football de Rugby*, e em sua opinião, o *hacking* era essencial se um elemento de *pluck* devesse ser retido no *football* e seria ameaçado se o *hacking* e o *carrying* fossem excluídos do jogo da associação – neste caso, seu clube se retiraria. Os partidários do jogo de rugby foram derrotados na votação, e as regras controversas retiradas. Um exame detalhado das listas dos presentes àquelas reuniões, sugere que os partidários do jogo na forma embrionária do futebol haviam “conspirado” para asseguraram-se de que seria a maioria quando os votos fossem contados. Em 8 de dezembro, na sexta e última reunião inaugural, Campbell levantou-se para dizer que, embora seu clube aprovasse o FA e seus alvos, as regras adotadas emascarariam o *football*. Blackheath recusou-se a apoiar tal jogo, e retirou o time da associação. Com esta ação, o clube de Blackheath pavimentou o caminho para a divisão final e irrevogável das maneiras de jogar que viriam a ser o futebol e o rúgbi. As “leis” 9 e 10 do regulamento adotado pela recém formada FA em 1863, marcaram o desenvolvimento decisivo do futebol como esporte distinto do *football de Rugby* principalmente pela eliminação das práticas do *hacking* e *carrying*¹²¹.

O texto de Franco Junior (2007) apresenta as concepções que Dunning e Curry (2006) abordaram em sua obra, associando o surgimento do futebol o qual se apresenta hoje, com os fenômenos que ocorreram na sociedade da Inglaterra no século XIX. Fica exposto que o surgimento do futebol não está dissociado com um grande acontecimento que ocorreu na Inglaterra durante os séculos XVIII e XIX, a Revolução Industrial.

Não é acidentalmente que estes dois episódios germinem na Inglaterra, pois “os dois fenômenos baseiam-se em competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados e fixação de regras” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 52).

Essa leitura expõe o surgimento e desenvolvimento do futebol atrelado às questões da sociedade inglesa neste período. Esta fase fica marcada como a “época da padronização e fixação em vários planos da vida inglesa”, onde o surgimento da burocratização em diversos setores da sociedade inglesa passa a vigorar (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 25).

Esse aspecto vai ocorrer também nos esportes, e consequentemente no futebol:

Em 1852, os mandatos de convocação diante da Justiça foram uniformizados. Ao longo do século XIX surgiram diversos códigos do direito criminal. Em 1858 elaborou-se o projeto do imponente *Oxford English Dictionary*, que recolhe, identifica, registra, legitima todos os vocabulários da língua. Não é de estranhar, portanto, a multiplicação de regras esportivas: para corridas de cavalo por volta de

¹²¹ *Hacking* e *Carrying* são duas jogadas típicas praticadas no Rugby que foram proibidas no Futebol.

1750, golfe em 1751, críquete em 1788, rúgbi em 1846, ciclismo em 1868. E futebol em 1863 (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 26).

Elias e Dunning (1992) também definem que o surgimento do futebol moderno se dá a partir dos jogos populares ingleses em 1863, com a fixação de regras, e uma maior uniformidade, logo este vai se difundindo para outros países da Europa e da América. Destaca-se a fala de Elias e Dunning (1992) que exibem suas análises:

A transformação dos polimorfos jogos populares ingleses em futebol ou *soccer* assume o caráter de um desenvolvimento bastante vincado no sentido de maior regulamentação e uniformidade. Esta culminou na codificação do jogo, a um nível nacional, mais ou menos em 1863. O primeiro clube alemão de futebol fundou-se, de modo bem elucidativo, em Hanover, em 1878. Na Holanda, o primeiro clube de futebol foi fundado em 1879/80 e, em Itália, cerca de 1890 (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 189-190).

Os autores seguem:

As federações de futebol fundaram-se na Suíça, em 1895, na Alemanha, em 1900, e em Portugal, no ano de 1906, o que revela o aumento de número de clubes em cada país. Só na Holanda existiam, desde 1900/01, vinte e cinco clubes de futebol, cada um com mais de dez membros. Em 1910/11, o número de clubes eleva-se para cento e trinta e quatro [...] À medida que o jogo se divulgava por outros países, o próprio termo futebol, muitas vezes transformado por conveniência e, na maior parte das vezes, associado ao tipo de futebol inglês *soccer*, invadiu outras línguas. Em França manteve a sua forma original. Na Alemanha transformou-se sem grande dificuldade em *fussball*. Em Espanha tornou-se futebol com características, como *futbolero* e *futbolista*. Em Portugal tornou-se futebol, na Holanda *voetbal*. Nos Estados Unidos, também o termo *football* se relacionou durante muito tempo com o tipo de jogo *soccer*, mas então o termo alterou o seu sentido, de acordo com as mudanças verificadas no sucesso do próprio jogo (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 190).

Franco Junior (2007), evidencia que o nascimento do futebol na Inglaterra ocorre durante o predomínio do Império Britânico, que significava não apenas o domínio econômico inglês mais também um domínio cultural sobre diversas partes do globo. Logo a influência da cultura inglesa era exportada para diversas regiões do planeta.

O historiador brasileiro explica que “a propagação do futebol seguiu a lógica da influência cultural inglesa: de início nas próprias ilhas britânicas, a seguir na Europa germânica, depois na Europa latina, pouco mais tarde na América latina”, este fato possibilitou a disseminação do futebol para várias partes do mundo, chegando até as terras “tupiniquins” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 23).

Por conseguinte desta abordagem teórica do surgimento do futebol em terras britânicas, seguiremos para uma leitura histórica e sociológica sobre o futebol no Brasil, discutindo com autores que dialogam sobre essa temática. Interpelar-se-á não somente os fatos e os sujeitos envolvidos na eclosão da modalidade em solo brasileiro, mas também será

feita uma análise da sociedade brasileira, e os fatores presentes neste corpo social que possibilitaram o nascimento e desenvolvimento do futebol no país que mais tarde ficaria conhecido como “País do Futebol”.

Logo, grande parte dos jornais e mídias que abordam a história do nascimento do futebol no Brasil se atenta em discutir de maneira mais simplista este fato, analisando apenas os sujeitos que trouxeram o “jogo de bola”, e disseminaram a prática do futebol nos grandes centros o qual esses atores faziam parte, o que buscar-se-á nesta etapa final deste item, é uma análise não apenas dos sujeitos que introduziram o futebol em solo brasileiro, mas os fatos econômicos e sociais que marcaram a sociedade brasileira no final do século XIX, e início do século XX, considerando assim os fatores que viabilizaram o ingresso e desenvolvimento desta modalidade esportiva no Brasil. Ao expor o panorama do Brasil neste período, busca-se com maior clareza o surgimento do futebol, compreendendo os motivos que possibilitaram germinar essa modalidade esportiva no “país do carnaval”.

A introdução do futebol no Brasil já com as características do esporte moderno, fica atribuída por muitos autores a Charles Miller, como o principal introdutor da modalidade em terras tupiniquins. Porém o texto limitará um pequeno comentário sobre alguns jogos realizados em solo brasileiro com traços semelhantes ao futebol. De acordo com a leitura feita de Franco Junior (2007, p. 61) há relatos que padres jesuítas introduziram jogos com bola em Itu no Colégio São Luís, onde era disputado um jogo denominado “bate bolão”, com características do “*football association*”.

Franco Junior (2007) disserta que em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, em colégios confessionais e laicos, o jogo de bola era praticado por seus alunos desde a década de 1880, o autor expõe que “há ainda notícias de marinheiros ingleses que jogaram em praias brasileiras em seus dias de folga, e até mesmo o registro de uma partida realizada em 1878, no Rio de Janeiro, em frente à residência da princesa Isabel” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 62).

Retomando a análise anterior sobre o ingresso do futebol no Brasil estabelecido por Charles W. Miller, ao retornar de seus estudos na Inglaterra em 1894, podemos citar outros personagens, o alemão Hans Nobiling, que chega ao Brasil em 1897 vindo de Hamburgo, e começa a organizar junto com Miller campeonatos no campo de rúgbi do São Paulo Athletic e no Velódromo. O carioca Oscar Cox, descendente de ingleses que retorna de

seus estudos em La Chatelaine, na Suíça em 1897, local que estudava também o brasileiro Antônio Casimiro da Costa, conhecido como “Costinha”, que foi o primeiro presidente da Liga Paulista de Futebol, organização embrionária do futebol paulista, “Costinha” ainda viveu também na França e na Inglaterra. (CALDAS, 1990; GUTERMAN, 2009).

Nesse primeiro registro sobre a chegada do futebol no Brasil é necessário entender como se constituía a economia e a sociedade brasileira no final do século XIX, e início do século XX, pois sua configuração possibilitou a entrada do futebol por aqui. Guterman (2009), explica de maneira muito clara a importância do capital inglês no desenvolvimento das estradas de ferro em São Paulo, que foi essencial para a expansão da economia cafeeira paulista. O autor traz não somente o valor econômico que os ingleses proporcionaram a sociedade brasileira neste período, ele elucida também a relevância social da presença dos britânicos, que foram incorporando sua cultura na sociedade, por conseguinte fundamental para a eclosão do futebol em solo brasileiro:

Em 1851, havia apenas 15 quilômetros de estradas de ferro no país; menos de 70 anos depois, esse número saltaria para cerca de 28.600 quilômetros. O capital para esse tipo de construção era basicamente inglês, primeiro apenas como investimento indireto, depois com empresas totalmente britânicas atuando no setor. Era esse precisamente o caso da São Paulo Railway, que ficou conhecida como a “joia da Coroa” das ferrovias nacionais: a que ligava o Vale do Paraíba a Santos. Eram apenas 139 quilômetros, mas tornou-se um dos empreendimentos mais importantes da economia brasileira na ocasião, porque serviu para escoar a produção de café, cujo valor na pauta das exportações no Brasil havia assumido posição insuperável em meados do século XIX – foi o principal produto brasileiro no exterior durante quase um século, e o Brasil controlava 80% do mercado mundial. Foi o ciclo de riqueza gerado pelo café que alavancaria não só a economia, por meio da industrialização e da entrada de capital externo, como também a vida social, com a entrada maciça de imigrantes e a consequente introdução de hábitos e cultura estrangeiros, no meio dos quais estava o “esporte bretão” (GUTERMAN, 2009, p. 14).

Almeida, Gutierrez e Ferreira (2010) analisam a relação da expansão das estradas de ferro no noroeste paulista, e o desenvolvimento do futebol na região. Dialogando com o texto de Guterman (2009), os autores expõem a característica política, econômica e social do Brasil, apontando como essas características foram importantes para o desenvolvimento do futebol no início do século XX. Os autores destacam como se configurava o cenário político e econômico brasileiro no período Pré-republicano:

No período anterior à Proclamação da República em 1888, sob forte influência dos ideais republicanos e das ideias econômicas inglesas, acontece a Abolição da Escravatura. A partir desse momento há uma visível transformação do cenário político social no Brasil, selando o fim de um período. Segundo uma leitura rápida, onde se destaca o desenvolvimento dos meios de produção e a necessidade de ampliação do mercado consumidor, os países que primeiro se industrializaram, com

especial atenção a Inglaterra, influenciaram o governo brasileiro a abolir a escravidão (ALMEIDA, GUTIERREZ, FERREIRA, 2010, p. 251).

Esta leitura expõe com muita clareza a influência inglesa no cenário político e econômico brasileiro deste período. A partir de então com a Revolução Republicana de 1889, e com o fim da escravatura em 1888, influenciado pelas ideias do Iluminismo francês, do liberalismo inglês e alicerçados pelos militares e fazendeiros paulistas, o Brasil busca a transformação da conjuntura político-econômica e social da época, modificando-se a estrutura de sua sociedade com característica basicamente agrária, para uma sociedade industrializada e com economia liberal (ALMEIDA, GUTIERREZ, FERREIRA, 2010).

Almeida, Gutierrez e Ferreira (2010, p. 251) apontam uma alteração no padrão da sociedade, onde “os engenhos açucareiros, principal meio de produção de produto de exportação, são paulatinamente substituídos pelos latifundiários cafeeiros, e a mão-de-obra de origem africana ex-escrava começa a se misturar com a de origem europeia no cenário rural”:

Outro fator importante para a vinda de mão-de-obra para São Paulo, e consequentemente uma maior diversidade cultural, era a autonomia política territorial e econômica que davam aos governos estaduais uma maior liberdade para pedir empréstimos a nações estrangeiras ou adotar legislação regional específica para a criação de empresas desses imigrantes, fato este que possibilitou os produtores de café e empresários paulistas a constituírem convênios diretamente com a Inglaterra para a produção e circulação das mercadorias, não é por mero acaso que São Paulo e não Rio de Janeiro, capital do país, que se inicia o futebol (ALMEIDA, GUTIERREZ, FERREIRA, 2010, p. 251).

Fato importante a ser ressaltado nesta apreciação é que a influência britânica não se deu apenas no plano político, e econômico, mas também no plano social e cultural, como abordado já por Guterman (2009). Franzini (2009) destaca o poderio econômico e social inglês do final do século XIX, e como este vai se disseminando pelo mundo:

Da Inglaterra, essa religião leiga ganharia o mundo, acompanhando a difusão global de outro credo nativo: o capitalismo. Nas últimas décadas do século XIX, o capital e seus frutos já alcançavam, em maior ou menor grau, o mundo todo, e recriavam universos geográficos, históricos e sentimentais graças aos seus avassaladores impactos financeiros e humanos. Graças à ação dos ingleses, o mundo torna-se menor, mais próximo, mais integrado – ainda, é claro que tal integração fosse desigual e desvantajosa para aquelas sociedades que eram por ela engolfadas, sem pedir licença (FRANZINI, 2009, p. 109).

Observa-se no texto de Franzini (2009), uma aproximação direta com os escritos de Guterman (2009), e Almeida, Gutierrez e Ferreira (2010), sobre a dominação britânica. Os ingleses não apenas expandiram seu capital, e seus produtos para além de suas fronteiras, ampliando seu domínio econômico, mas também influenciaram a vida social e cultural das sociedades as quais eles “conquistaram”, espalhando seus costumes a esses povos. Torna-se

importante então, não somente os investimentos britânicos para o desenvolvimento estrutural das cidades, a modernidade como um todo se dará com a junção de dois fatores, o aporte financeiro britânico, e o estilo de vida inglês, como bem explica Franzini (2009):

Afinal de que adiantaria o “progresso” trazido pelos ingleses, materializado em grandes investimentos financeiros, na disseminação das ferrovias, no desenvolvimento da infraestrutura urbana, se a ele não correspondesse também um novo modo de vida, dito “moderno”? A própria ênfase na “necessidade” da adequação da vida à realidade em transformação era componente essencial de tal progresso, ou, mais precisamente, de sua ideologia, muito bem-sucedida em mascarar as contradições e os custos dessa sintonia, a ponto de criar para o período o nome e a imagem de *belle époque*. Nada mais natural, pois, do ponto de vista daqueles que capitaneavam o processo, a beleza da época estava exatamente na europeização e, como seu duplo, no crescente aburguesamento do mundo que então se vivia (FRANZINI, 2009, p. 111).

Entre esses costumes levados pelos “súditos da Rainha”, está o futebol, que passa a ser exportado pelos ingleses como mais um de seus produtos. Franzini (2009, p. 111) cita o escritor uruguaio Eduardo Galeano (1995), que expressa seu ponto de vista, afirmando que o futebol tornou-se nesta fase “um produto de exportação tão tipicamente britânico como os tecidos de Manchester, as estradas de ferro, os empréstimos do banco Barings ou a doutrina do livre comércio” (GALEANO, 1995, p. 31).

Acentuando-se ainda mais essas concepções da influência britânica na sociedade brasileira, o autor segue corroborando com esse pensamento:

O Brasil, é evidente, não escaparia desse movimento. Desde meados dos anos 1850, com o fim do tráfico de escravos e a estabilidade política da monarquia, já eram perceptíveis os indícios de nossa integração – dependente e compulsória, é verdade – ao capitalismo, como demonstra, por exemplo, o incremento das atividades bancárias no país (c.f. Graham, 1973, p. 33). Daí por diante, a espiral de investimentos e, principalmente, as demandas a ela associadas arrebatariam, primeiro, a escravidão (1888) e, logo em seguida, o próprio Império (1889), substituídos pelo trabalho livre e pela República, ambos vistos como fatores de redenção do nosso “atraso” frente aos países tidos por “civilizados”. Temperando tais metamorfoses estruturais, as mudanças do e no cotidiano urbano nos aproximou mais e mais dos ingleses, para desgosto, quem sabe, de Eça de Queiroz. (FRANZINI, 2009, p. 111).

Ao analisar todo esse contexto apresentado da época, torna-se mais fácil a compreensão da introdução do futebol no Brasil. Regressando ao início do texto, onde foi aclarada a chegada do “esporte bretão” a Charles W. Miller e seus patrícios ingleses (filhos de britânicos que foram estudar na Inglaterra e na Europa), entende-se porque esta modalidade esportiva chegou a terras brasileiras, e como se deu os seus primórdios por aqui.

Guterman (2009) aborda a introdução do futebol em solo brasileiro, relatando as origens de Charles Miller. Ao analisar as origens de uns dos pioneiros futebolísticos do Brasil,

o autor exibe que a família deste personagem histórico estava diretamente relacionada com o cenário político, econômico e social já relatado, “o pai de Miller viera ao Brasil para trabalhar na São Paulo Railway, ou San Paulo (Brazilian) Railway Company, Limited, como consta nos documentos da empresa na Inglaterra, em meio ao *boom* de construção de ferrovias no Brasil” (GUTERMAN, 2009, p. 14). Elucidando sobre a imigração britânica ao Brasil, o autor afirma que o contingente de imigrantes britânicos que desembarcaram em solo brasileiro foi ínfimo, em comparação com outros imigrantes que vieram para o Brasil também para trabalhar, e apresentaram características singulares:

As comunidades britânicas atraídas para trabalhar no Brasil são insignificantes do ponto de vista demográfico, razão pela qual não aparecem entre os maiores contingentes de imigrantes recebidos pelo país entre o final do século XIX e o começo do século XX. Os registros indicam que os ingleses viviam em grupos de até 300 funcionários das empresas do Reino Unido e trabalhavam em tarefas específicas. [...] Raros eram os ingleses pobres – estes imigraram para os EUA, e não para o Brasil. São Paulo recebeu ingleses de classe média e alta, gente “com os bolsos recheados de moedas de prata”, em busca de “grandes empreendimentos” e com “um certo padrão de educação”, conforme descreve Charles Reginald Enock, viajante britânico, em *The Republics of Central and South America*, livro de 1913 (GUTERMAN, 2009, p. 15-16).

Como já exposto no texto que a gênese do futebol se dá na Inglaterra, e sua institucionalização ocorre nas escolas públicas inglesas, exibe-se abaixo os motivos que possibilitaram a vinda do futebol para o Brasil a partir dos brasileiros de origem britânica:

Os fundadores do futebol brasileiro se enquadravam na definição de Enock. Embora São Paulo e Rio já tivessem boas escolas no final do Império e no começo da República, havia um quê de exibicionista, entre os imigrantes mais ricos e a aristocracia local, em mandar os filhos estudar na Europa. Charles Miller, por exemplo, foi mandado pelos pais à Inglaterra para estudar quando tinha 9 anos, em 1884. A família esperava que, no Banister Court School, em Southampton, ele se formasse para entrar na administração dos negócios ingleses em São Paulo. A escola não era propriamente um destaque no mundo acadêmico britânico. Minúscula, tinha somente três professores e sua especialidade maior era desenvolver caráter, bem ao gosto da Inglaterra vitoriana. Para Miller, no entanto, aquilo foi um achado – foi lá que ele descobriu o futebol e pôde desenvolver suas habilidades. O garoto ficou na Banister até 1894 (GUTERMAN, 2009, p. 16).

Gambeta (2013) apresenta em sua tese essas concepções, dialogando de maneira análoga, com os outros autores já abordados aqui no texto. O autor expõe que o começo do futebol moderno no Brasil ocorre em 1894, ano do regresso de Miller ao Brasil, com o estabelecimento das regras do jogo, o que permitiu que as equipes jogassem entre elas, obedecendo a uma forma de jogar única, independentemente dos lugares onde a partida estivesse sendo disputada, semelhante ao ocorrido na Inglaterra em 1863.

Nesta leitura Gambeta (2013) dialoga com o historiador Santos Neto (2002)¹²², que contesta Charles Miller como o pioneiro do futebol no Brasil, apresentando uma versão que o futebol brasileiro germinou nas últimas décadas do século XIX, das práticas educativas do colégio jesuíta São Luís, em Itu, práticas já citadas anteriormente no texto, na análise feita por Franco Junior (2007). O autor cita que os professores jesuítas após visita a colégios da Europa, trouxeram bolas para praticar o jogo, onde “a partir de 1894, o padre Luiz Yabar, que conhecera bem o jogo em escolas europeias, adotou as regras do *association football* e organizou os alunos em quatro times para a disputa de um campeonato interno”, como consequência o futebol foi divulgado para fora dos muros do colégio por seus ex – alunos, que se tornariam mais tarde fundadores dos primeiros clubes paulistas (GAMBETA, 2013, p. 8).

Porém Gambeta (2013) coloca nesta discussão o biógrafo John Mills (2005)¹²³, que rejeita de maneira enfática essa interpretação, que retira de Miller o lugar de pioneiro do futebol brasileiro, defendendo que “as atividades recreativas jogadas com os pés, ainda que tenham ocorrido mais cedo em algumas escolas, não podem ser confundidas com a institucionalização do futebol”, demonstrando que não é novidade publicações no jornalismo esportivo que citam esses jogos com bolas praticados nos colégios jesuítas, ou por marinheiros britânicos nos portos. Todavia existe concordância pela imprensa esportiva “que a adoção das regras oficiais inglesas e a organização de times só começaram, de fato, com o retorno de Miller ao Brasil” (GAMBETA, 2013, p. 9).

Gambeta (2013) dialoga em seu texto com algumas concepções expostas nos parágrafos acima, explicando porque o futebol nasce no Brasil a partir das classes mais abastadas, atrelado assim à elite econômica da sociedade brasileira:

A trajetória do jogo também coincide para os dois autores: teve início nas instituições escolares europeias que educavam os filhos de famílias ricas e de classe média. Várias das famílias britânicas radicadas em São Paulo eram de funcionários de empresas estrangeiras e, não raro, embarcavam os seus filhos para estudarem em escolas da pátria mãe. Miller, filho de um funcionário técnico da *São Paulo Railway*, tornou-se um aficionado e competente futebolista depois de cursar escolas inglesas durante dez anos e lá jogar entre 1892 e 1894. De maneira análoga, os professores jesuítas que trouxeram os jogos escolares da Europa para Itu atendiam aos anseios da sua rica clientela. O *Colégio São Luís*, fundado em 1861, era um internato de

¹²² Livro do historiador José Moraes dos Santos Neto utilizado por Gambeta (2013) é “*Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil*” (2002). A referência completa se encontra no item do trabalho REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

¹²³ Gambeta (2013) utiliza como referencial teórico o livro de John Mills “*Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*” (2005). A referência completa se encontra no item do trabalho REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ensino fundamental que recebia garotos de famílias abastadas vindos de várias cidades, principalmente da capital paulista. No final do Império se tornou prática costumeira entre as famílias endinheiradas mandar os meninos para internatos afastados dos maiores centros urbanos. Ali eles recebiam uma educação com pedagogias importadas, pois os pais esperavam que os garotos tivessem uma educação básica compatível com as escolas estrangeiras. Muitos dos jovens recém-formados seguiram estudos secundários e superiores em instituições europeias, por isso mesmo o ensino de línguas era privilegiado nesses albergamentos de ensino básico (GAMBETA, 2013, p. 10).

A chegada do futebol no Brasil apresenta toda a influência cultural da elite britânica, e de seus valores, que eram provenientes do padrão inglês de educação, que visava o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos jovens. As pedagogias para o corpo, incorporadas à educação física, proporcionaram robustez e “valores morais, como companheirismo, disciplina, respeito, lealdade, liderança, combatividade, entre outros”, a estes jovens que mais tarde assumiriam o comando do país (GAMBETA, 2013, p. 10).

Toda essa análise feita por Gambeta (2013) expõe como o futebol moderno sai da Inglaterra, e segue para suas colônias e demais países do continente europeu e americano, que sofriam influência direta do capital, da educação, e da cultura inglesa. Entre esses locais está o Brasil, mais especificamente São Paulo, que sofreu com todas essas influências, como aqui já exposto nas leituras anteriores. Gambeta (2013) resume basicamente o que foi expresso no texto, referindo como se deu à chegada do “esporte bretão” em solo brasileiro, e seus primeiros passos:

Quando se compara a história do futebol em diferentes países é possível constatar as duas formas básicas de propagação no final do século XIX interagindo entre si: a) no âmbito do ensino, introduzido por professores de escolas secundaristas e universidades, com a importação do jogo recreativo seguida por campeonatos colegiais universitários; b) no cotidiano urbano, por iniciativa dos *old boys* que voltavam de estudos no exterior e de funcionários graduados de empresas inglesas, com a fundação de clubes esportivos, adoção das regras inglesas e a organização de uma liga local para disputar campeonatos. Em alguns países a propagação aconteceu em etapas distintas, com a primeira desencadeando e tendo uma influência decisiva sobre a segunda, como aconteceu em Buenos Aires. Em outros as duas formas aconteceram simultaneamente, com os jogos escolares tendo um peso menor para a divulgação do esporte, como é o caso de São Paulo (GAMBETA, 2013, p. 11).

Outro ponto importante a ser ressaltado é que somente brasileiros com alto poder aquisitivo tinham possibilidade de jogar futebol, pois todo material utilizado pelos jogadores naquela época era caro e importado da Inglaterra. Fica assim estabelecido um corte de classe nesse período do futebol no Brasil, onde pessoas de classes econômicas inferiores, negros e mulatos ficaram impossibilitados de praticar o futebol (CALDAS, 1990); (RODRIGUES, 2004).

Caldas (1990) narra que a primeira “grande” partida de futebol foi disputada em São Paulo em 1899, com um público de sessenta pessoas, a partida foi disputada por funcionários da Empresa Nobiling, contra os britânicos que trabalhavam nas empresas inglesas estabelecidas na capital paulista, sendo estas a Companhia de Gás, a Estrada de Ferro e o Banco Londres:

O primeiro “grande” jogo, aquele que empolgou a plateia, foi realizado em São Paulo, em 1899, na presença de sessenta torcedores. Um número admirável, se considerarmos o quase total desconhecimento do futebol no Brasil. De um lado, estava o time formado pelos funcionários da Empresa Nobiling; do outro, os ingleses que trabalhavam na Companhia de Gás, na Estrada de Ferro e no Banco. No final do jogo, um resultado sem novidades: vitória dos ingleses por 1 X 0 (CALDAS, 1990, p. 23).

O futebol passa a ser incorporado pelos clubes que começam a surgir influenciados pelo *São Paulo Athletic Club*, fundado para a prática do críquete, que reunia altos funcionários de empresas inglesas¹²⁴ de São Paulo. Miller se associou ao SPAC, e começa a organizar o futebol dentro do clube com as regras do *football association* trazido da Inglaterra. Deste modo inspirados pelo futebol do SPAC surgem a *A.A. Mackenzie College* (1898), *Sport Club Internacional* (1899), *Sport Club Germania* (1899) e o *Club Athletico Paulistano* (1900) na capital Bandeirante. No Rio de Janeiro surgem o *The Bangu Athletic Club* (1904), o *Fluminense Football Club* (1902), entre outros (CALDAS, 1990); (GAMBETA, 2013).

Lucena (2001) analisa a relação dos eventos esportivos, com o modo de vida urbanizado das pessoas, que começa a ganhar força no início do século XX nas grandes cidades, com a mudança das características da sociedade, de um perfil rural, para uma sociedade de caráter urbano. O autor coloca que o futebol começa a ganhar prestígio entre os jovens do Rio de Janeiro, o que já ocorria em São Paulo, desde o final do século XIX. O futebol torna-se objeto de interesse das pessoas, nos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, e tem no nascimento dos clubes um fator motivador importante:

O interesse pelo futebol era um fato incontestável. Fundavam-se clubes nos mais variados recantos da cidade. Os jornais e, posteriormente, o rádio deram sua contribuição para que esse processo fosse mais dinâmico e lograsse êxito. Já em 18 de abril de 1906, a *Gazeta de Notícias* começava a noticiar sobre esse esporte em abril, “a estação do foot-ball” só iria ser iniciada em maio, quando o mesmo jornal vai anunciar que “é-nós agradável registrar este facto porque se vê que o sport entre nós se vae tornando uma realidade”. Como era preciso conhecer melhor esse esporte jogado com os pés, o jornal segue tratando, na mesma página do jogo, suas características e regras e os termos em inglês marcam a sua origem nobre, pois “o

¹²⁴ Companhia de Gás, o Banco de Londres e a São Paulo Railway.

foot-ball, sport de origem inglesa, é jogado em um terreno plano a que se dá o nome de ground” (*Gazeta de Notícias*, 03-05-1906) (LUCENA, 2001, p. 128).

Com base nesta leitura, nota-se a importância do surgimento dos clubes para o desenvolvimento do futebol nos grandes centros urbanos que começam a se formar. É importante destacar que um clube específico foi um dos responsáveis pelo início da popularização do futebol. Caldas (1990) aponta como pontapé inicial para a democratização da modalidade esportiva o The Bangu Athletic Club, fundado em 1904, clube da Companhia Progresso Industrial, uma fábrica de tecidos localizada no subúrbio carioca no bairro de Bangu. O autor elucida que o Bangu possibilitou que os operários da Companhia Progresso Industrial jogassem futebol junto com seus altos funcionários ingleses, além da própria fábrica importar de Londres os equipamentos para que seus funcionários praticassem o futebol no seu tempo de lazer:

Fundado por ingleses em 1904, sob o nome de The Bangu Athletic Club, este time, na verdade, pertence aos altos funcionários da Companhia Progresso Industrial Ltda., uma próspera fábrica de tecidos localizada no subúrbio carioca, no bairro de Bangu. Vindos da Inglaterra, os técnicos dessa empresa logo pensaram em criar seu time de futebol; com o apoio da diretoria foi muito fácil. Além do gramado bem próximo à fábrica para servir de campo, a direção facilitou ainda a importação do material necessário para a criação do time, mandando buscar tudo em Londres. Até aí, tudo corria muito bem. Os técnicos ingleses da Cia. Progresso Industrial estavam felizes. Entre outras, por terem podido criar um time de futebol para seu lazer. Mas, ao mesmo tempo, surgem os primeiros problemas (CALDAS, 1990, p. 29).

É preciso salientar que a possibilidade dos operários de jogarem futebol junto com os ingleses, foi motivada pelo fato de não haver funcionários ingleses suficientes para formar dois times, e também pela distância do bairro de Bangu do centro da cidade que “desencorajava” compatriotas ingleses dos altos funcionários da Companhia de irem até Bangu jogar futebol, durante seu período de folga no trabalho, “a solução teria que ser doméstica, e a única alternativa possível era contar com os operários interessados em jogar futebol” (CALDAS, 1990, p. 29). Devido a este fato é possível compreender que os passos iniciais para a democratização do futebol no Brasil¹²⁵ se deu por uma necessidade, e não por intenção da elite inglesa da Companhia Progresso Industrial de popularizar o esporte (CALDAS, 1990).

¹²⁵ Sander (2009) relata que a primeira grande manifestação popular foi à partida final do Campeonato Sul – Americano de Futebol de 1919, disputada entre a seleção brasileira e a seleção uruguaia no estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Lucena (2001) cita outro jogo que apresentou grande mobilização popular, a partida da fase decisiva do campeonato paulista de 1919, entre Corinthians e Palestra Itália, assistida por 20 mil pessoas no Parque Antártica.

Acontecimento importante que permite ao futebol expandir seus horizontes é a regulamentação da profissionalização dos jogadores, Caldas (1990, p. 37) refere-se a esse fato como sendo “talvez o mais importante marco na história do nosso futebol”. Anterior à profissionalização dos jogadores de futebol, há vários relatos de jogadores que recebiam algum dinheiro para entrar em campo. Esse tipo de pagamento surge como forma de incentivo aos jogadores para conseguir as vitórias, fica estabelecido neste momento o que ficou conhecido como “profissionalismo marrom” (RODRIGUES, 2004); (CALDAS, 1990).

A partir da década de 1930 diversos jogadores começam a deixar o país, seduzido pelo profissionalismo internacional, fato que influenciou diretamente a profissionalização do jogador de futebol. É importante ressaltar que a política irá estabelecer relações com o futebol neste período, “em 1931, o governo Vargas incluía o jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 76).

O profissionalismo começa a se desenhar, seu início fica marcado por diversas desavenças, entre aqueles que defendiam a manutenção do amadorismo, e os que defendiam a profissionalização do jogador no futebol brasileiro. Questões ideológicas e esportivas convergiam, Franco Junior (2007, p.76), cita o presidente do Clube de Regatas do Flamengo que era contrario a profissionalização, o “rubro – negro” dizia “o profissionalismo avilta o homem (*Diário Carioca*, 26/11/1932)”, já o Fluminense Foot – Ball Club favorável à ideia, faz a contratação de diversos jogadores para conquistar o título carioca de 1936. Em São Paulo essa briga se deu entre duas entidades, a LAF (Liga de Amadores de Futebol) e a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), que resultou no fim do futebol de um dos clubes mais tradicionais paulista, o Paulistano¹²⁶ (MAZZONI, 1960).

Em 1933 acontece o marco regulatório do profissionalismo no futebol brasileiro, em janeiro deste ano a Liga Carioca de Futebol (LCF), oficializa a profissionalização dos jogadores. Em agosto do mesmo ano a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) e a LCF (Liga Carioca de Futebol), se unem contra a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), fundando a Federação Brasileira de Futebol, oficializando de vez o profissionalismo:

¹²⁶ Ver mais sobre a extinção do futebol no quadro esportivo do Club Atlético Paulistano no item 2.3 *Bourdieu e seus conceitos sociológicos no campo esportivo investigado*, desta Dissertação de Mestrado.

Assim é que, assumindo definitivamente seu rompimento com a CBD, a APEA e LCF reúnem-se a 26 de agosto de 1933, em São Paulo, no Salão nobre do Palestra e fundam a FBF – Federação Brasileira de Futebol. Depois do acontecimento no Rio de Janeiro que fundou a LCF e oficializou o profissionalismo, a reunião de São Paulo, para criar a FBF, passou a ser, talvez, o acontecimento mais importante do futebol em 1933 (CALDAS, 1990, p. 220).

A partir daí o esporte bretão vai se consolidando como um dos principais elementos culturais do Brasil. Logo, o futebol brasileiro consolida-se em todo mundo entre as décadas de 1950 e 1970 com a conquista dos títulos da Copa do Mundo em 1958 na Suécia, 1962 no Chile e 1970 no México. Nesse período o estilo de jogo brasileiro passa a ficar conhecido como “Futebol-Arte” “caracterizado pela astúcia, improviso, elasticidade, individualidade e capacidade de criação” dos jogadores (RODRIGUES, 2004, p. 275).

O futebol moderno no Brasil hoje se apresenta como um fenômeno plural, tornando-se elemento da cultura popular brasileira, assim como o carnaval. Portanto apontaram-se nos escritos acima algumas considerações históricas sobre o surgimento deste fenômeno social que foi se consolidando no Brasil durante o último século, analisando as idiossincrasias que estavam postas na sociedade brasileira, e que foram determinantes para a chegada, e inserção do futebol por aqui, mais especificamente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

O estudo partir-se-á neste instante para uma análise sociológica sobre o conceito social de campo esportivo, com o propósito de absorver ao máximo todo esse conhecimento teórico, para que de tal modo alicerçado com esse conceito social, possamos ampliar a análise interpretativa de um campo esportivo específico, que será empreendida no item 2.3 deste segundo capítulo. Será abordado nesta próxima leitura, uma discussão com textos de Bourdieu, e de autores que tratam dessa teoria sociológica em seus escritos, com o intento de alcançar maior clareza sobre esse conceito social, que se faz necessário para a compreensão da problemática fulcral do texto.

2.2 Bourdieu, o campo esportivo, e o subcampo futebol.

Após avançar nas linhas acima a respeito das questões históricas e sociais do esporte, do futebol, e do futebol em terras brasileiras, partir-se-á agora para um diálogo

teórico do conceito de campo esportivo. A partir de sua teoria geral de Campo, Bourdieu propõe o conceito sociológico de Campo Esportivo, com o objetivo de auxiliar as análises de um fenômeno da contemporaneidade que se consolidou durante o século XX, o esporte moderno. Souza e Marchi Júnior (2010a, p. 45) apresentam que a “constituição histórica da sociologia do esporte pelas ‘lentes sociológicas’ de Pierre Bourdieu possibilita ir muito além do que simplesmente demarcar o espaço que essa disciplina vem conquistando no âmbito acadêmico”.

Além de tratar nesse tópico essa teoria social do campo esportivo, a qual Bourdieu desenvolveu para que pudesse analisar o fenômeno esportivo sob a ótica da sociologia, apresentar-se-á também no epílogo deste item, observações sobre o subcampo do futebol, entendendo-o como um elemento presente no espaço social do esporte, que é utilizado para apreender uma modalidade esportiva específica, o futebol, contemplando assim os conceitos de Bourdieu (1978)¹²⁷. Será construído esse diálogo teórico sobre o subcampo do futebol, pois este é o campo esportivo o qual o SPFC está inserido, sendo este clube de futebol o responsável direto para que essa Dissertação de Mestrado ganhasse vida.

Logo, inicia-se essa discussão teórica apontando que para Souza e Marchi Júnior (2010b, p. 298) os primeiros textos de Bourdieu que trataram da problemática sociológica do esporte, o artigo “*Esporte e classe social*” (1978)¹²⁸, e o capítulo do livro “*A distinção – “O habitus e o espaço dos estilos de vida”*” (1979)¹²⁹. Deste modo o esporte dentro da sociologia de Pierre Bourdieu se apresenta como um de seus objetos de investigação sociológica, ainda sob a luz do texto de Souza e Marchi Júnior (2010b, p. 297) é exposto que Bourdieu “recuperou o esporte (dentre outros inúmeros objetos tidos como insignificantes no âmbito das ciências sociais) enquanto um objeto digno de ser abordado cientificamente no universo de produção sociológica”.

Esclarecendo essa passagem, os autores afirmam:

Conforme Bourdieu, o esporte, a moda, o jornalismo – objetos aparentemente “fúteis” e “indignos” – geralmente cativam aqueles pesquisadores que se situam do

¹²⁷ Bourdieu faz uma análise do esporte moderno em seu texto “*Como é possível ser esportivo?*” (1978), estabelecendo assim a Teoria de Campo Esportivo.

¹²⁸ Ver versão original em: Bourdieu, P. *Sport and social class. Social Science Information sur les Sciences Sociales, Paris*, v. 17, n. 6, p. 819-940, 1978.

¹²⁹ O Capítulo “*O habitus e o espaço dos estilos de vida*”, consta no livro “*A distinção*” (1979). Versão utilizada no trabalho: BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. 560 p. Tradução: Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. Tradução de: *La distinction: Critique sociale du jugement*.

lado dominado do campo, isto é, do lado que procura instaurar a heresia e impor uma nova definição de objetos legítimos. Ocorre também desses objetos, que a representação dominante tende a encarar como inferiores, muitas vezes atraírem os pesquisadores que estão menos preparados para trata-los, o que colabora para que os princípios de visão e divisão do campo permaneçam exatamente como estão. (BOURDIEU, 1998c, p. 35-38)¹³⁰. Em outros termos, isso equivale a entender que a ciência e os objetos definidos como únicos e legítimos são resultado das lutas objetivas entre ortodoxia e heterodoxia, entre aqueles que buscam conservar a estrutura e aqueles que buscam subvertê-la (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b, p. 297-298).

Rodrigues (2005) dialoga com essas questões postas pelos autores, elucidando essa problemática em seu texto ao abordar a análise que Bourdieu fez do esporte. O autor evidencia que “o esporte aparece na obra de Bourdieu talvez muito mais pelo fato de que a teoria do campo permite pensar o esporte como uma área relativamente autônoma, dotada de regras e atores sociais com interesses em disputar o poder” (RODRIGUES, 2005, p. 112).

Avançando no texto de Rodrigues (2005, p. 114-115) é exposto que “Pierre Bourdieu fornece-nos elementos para pensar o esporte moderno (o futebol) como uma esfera específica da vida social”, aclarando ainda que a teoria dos campos de Bourdieu “auxilia-nos na investigação do esporte moderno como campo especializado da sociedade contemporânea”.

Retornando ao trabalho de Souza e Marchi Júnior (2010b, p. 296) deslinda-se que a sociologia de Bourdieu ao aludir o esporte busca “conhecer os antecedentes históricos”, ou seja, a “produção sociológica e epistemológica reservada ao campo das práticas esportivas é condição primeira para ser possível entender, sob diferentes ângulos, os próprios problemas que são colocados sobre esse espaço [...]”.

Ao tratar destas questões Souza e Marchi Júnior (2010b, p. 296) apresentam uma crítica ao corpo científico que se dedica a analisar o esporte, dialogando que em muitos casos “os especialistas que se debruçam sobre o esporte, muitas vezes, condicionam os pesquisadores a terem um olhar mais ou menos ‘treinado’ a respeito das tensões demandadas do próprio campo esportivo”. Os autores dialogam afirmando que “para romper com essa persuasão imposta pelos universos de produção científica é que Bourdieu advoga em favor de que sociólogos façam uma história social dos problemas, dos objetos e dos instrumentos de pensamento”, elucidando “que se instaure um movimento de ruptura com o ‘pré-construído duto’ e com o ‘bom senso científico’” (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b, p. 297).

¹³⁰ Pierre Bourdieu em: *Método científico e hierarquia social dos objetos*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. *Escritos da educação*. Petrópolis: Vozes, 1998c. p. 35-38. Referência retirada do texto de Souza e Marchi Júnior (2010b) no item “Referências”.

Esclarecendo esse pensamento, aclara-se:

Assim, antes de olhar sociologicamente para o campo esportivo, é necessário se debruçar sobre o campo de produção sociológica constituída em torno desse campo ou, em termos equivalentes, realizar um trabalho social sobre a elaboração dos instrumentos de construção dessa própria realidade social legitimada academicamente enquanto objeto de estudo. Nisso consiste encarar a teoria do mundo social e a teoria do conhecimento como partes de uma mesma etapa do fazer sociológico (SOUZA, MARCHI JÚNIOR, 2010b, p. 297).

Destarte essas questões levantadas por Souza e Marchi Júnior (2010b), destaca-se a abordagem de Bourdieu (2004a, p. 207) que evidência as dificuldades de se erigir uma sociologia do esporte, expondo que “parte dos obstáculos para uma sociologia científica do esporte deve-se ao fato de que os sociólogos do esporte são de algum modo duplamente dominados, tanto no universo dos sociólogos quanto no universo do esporte”. Para explicar esse raciocínio o sociólogo francês cita uma frase que segundo Marchi Júnior (2002, p. 81) pode ter sido “considerada provocadora para os estudiosos do esporte e também para seus praticantes”.

Clarifica-se este pensamento de Bourdieu (2004a, p. 207):

Assim, de um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na forma prática, mas que não sabem falar dele, e, de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo, ou a fazer a torto e a direito [...].

Posto isto, Bourdieu (2004a, p. 208) afirma que para se constituir uma sociologia do esporte “é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo”. Para compreender um esporte “é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes”, ou seja, “a partir de conjuntos de indicadores, como, de um lado, a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, a distribuição das diferentes federações, segundo o número de adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes, etc.”, e outra abordagem que reconheça “o tipo de relação com o corpo que ele favorece ou exige, conforme implique um contato direto corpo-a-corpo, como a luta ou o rúgbi, ou, ao contrário, exclua qualquer contato, como o golfe, ou só o autorize por bola interposta, como o tênis [...]”.

O sociólogo ainda afirma que é “preciso relacionar esse espaço dos esportes como o espaço social que se manifesta nele”, com o propósito “de evitar erros ligados ao estabelecimento de uma relação direta entre um esporte e um grupo que a intuição comum sugere” (BOURDIEU, 2004a, p. 208).

Para elucidar essas concepções de Bourdieu (2004a) evidencia-se a leitura que Salvini, Souza e Marchi Júnior (2012) fizeram desta análise proposta pelo autor. Os autores clarificam essas concepções expondo que:

Segundo Bourdieu (2004)¹³¹, para compreender o esporte é preciso conhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes por meio de indicadores como: a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social; a distribuição de diferentes federações; o número de adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes, bem como, o tipo de relação com o corpo que ele favorece ou exige, isto é, se existe contato direto ou se esse contato ocorre por intermédio de instrumentos (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012, p. 403).

A partir dessa fundamentação teórica de Bourdieu (2004a), os autores dissertam afirmando “que a distância social se traduz muito bem na lógica do esporte quanto ao contato corporal das modalidades e a distinção que lhes é concebida e conferida pelos agentes dotados dos esquemas de percepção e do monopólio do juízo estético” (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012, p. 403). É exposto também nesta leitura, com um propósito de impedir “um julgamento imediato, no sentido de se relacionar mecanicamente a prática esportiva com a posição social do praticante”, que “é preciso analisar as diferentes atividades esportivas com o espaço das posições sociais que ocupam os agentes envolvidos” (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012, p. 403).

Bourdieu (1978) segue sua análise sobre o esporte moderno, aclarando que este deve ser analisado compreendendo-o como um elemento autônomo, dissociando sua concepção de outros componentes que fazem parte do mundo social, mesmo este possuindo ao longo de sua história vínculo com grandes fatos marcantes que ocorreram na sociedade¹³². O sociólogo entende que “não se pode compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes” (BOURDIEU, 1978, p. 2).

Porém Bourdieu (2004a, p. 210) concebe em outro texto que o “espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo”, é definido que este espaço social “está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema”. Segue nas linhas abaixo a oposição entre o primeiro e o segundo pensamento de Bourdieu (2004a) apresentados acima no texto:

¹³¹ Salvini, Souza e Marchi Júnior (2012) fazem a leitura do trabalho de Pierre Bourdieu “*Coisas Ditas*” (2004), o mesmo trabalho utilizado no presente estudo.

¹³² Ver Capítulo 2. *Aporte Teórico*, no item 2.1. *Um histórico sobre o tema: Esporte, futebol, e o futebol no Brasil*, as concepções levantadas por Bourdieu (1983) sobre sua compreensão da história do esporte.

Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele. Quero simplesmente dizer que não se pode estudar o consumo esportivo, se quisermos chama-lo assim, independentemente do consumo alimentar ou do consumo de lazer em geral. As práticas esportivas passíveis de serem registradas pela pesquisa estatística podem ser descritas como a resultante da relação entre uma oferta e uma procura, ou, mais precisamente, entre o espaço dos produtos oferecidos num dado momento e o espaço das disposições (associadas à posição ocupada no espaço social e passíveis de se exprimirem em outros tipos de consumo em relação com outro espaço de oferta) (BOURDIEU, 2004a, p. 210-211).

Dialogando diretamente com essas leituras que Bourdieu (2004a) estabeleceu do esporte moderno, retorna-se rapidamente ao texto de Salvini, Souza e Marchi Júnior (2012), no instante em que os autores tratam dessas problemáticas, apreendendo o raciocínio que Bourdieu (2004a) faz do esporte como um fenômeno posto dentro de uma lógica de mercado, estando vinculado diretamente ao sistema financeiro que rege as sociedades contemporâneas, o capitalismo:

Devemos notar que é justamente por conta desse entendimento, que Bourdieu percebe e avança no tratamento do esporte na condição de um fenômeno inserido em um sistema mercadológico de práticas e consumos que se liga intimamente com outras formas de consumo em geral, ou seja, que está inserido de forma muito peculiar e articulada no espectro da relação entre as leis de oferta e procura na sociedade capitalista (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012, p. 403).

Hirata (2010, p. 5) discute essas questões analisando “em que medida as práticas e os consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais podem ser entendidos como uma oferta destinada a encontrar determinada demanda social”. De acordo com Hirata (2010, p. 5) a configuração de um espaço de práticas esportivas é “preconizado por Bourdieu”, neste espaço “atuam agentes e instituições ligados à prática e ao consumo esportivo”. Esses “agentes e instituições” são segundo o autor “produtores e vendedores de materiais esportivos, profissionais que prestam serviços úteis à prática do esporte e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões, revistas e loterias esportivas)” (HIRATA, 2010, p. 5-6).

Defronte estas questões expostas nos parágrafos acima, seguir-se-á neste ponto da pesquisa para o entendimento da ferramenta metodológica criada pelo próprio autor, o campo esportivo, o qual ele utiliza para compreender esse fenômeno da contemporaneidade. Bourdieu (1978, p. 5) coloca que o campo esportivo deve possuir autonomia diante dos outros espaços sociais existentes na sociedade, estabelecendo que o “campo das práticas esportivas se firma mais claramente quando se reconhece aos grupos esportivos as faculdades de auto-administração e regulamentação, fundadas numa tradição histórica ou garantidas pelo Estado:”.

O sociólogo segue dissertando sobre a autonomia que os agentes inseridos dentro do campo esportivo possuem, onde estes “são investidos do direito de fixar as normas de participação por eles organizadas, de exercer, sob o controle dos tribunais, um poder disciplinar (exclusões, sanções, etc.), destinado a impor o respeito às regras específicas por eles editadas”, podendo a partir desta autonomia “conceder títulos específicos, como os títulos esportivos ou, como na Inglaterra, os títulos de treinadores”¹³³ (BOURDIEU, 1978, p. 5).

Posto isto, elucida-se que para Bourdieu (1978, p. 5) “a constituição de um campo das práticas esportivas se acompanha da elaboração de uma filosofia política do esporte”. O autor entende que “o campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva [...]” (BOURDIEU, 1978, p. 7). Bourdieu (1978) prossegue sua explanação evidenciando quais são algumas destas lutas presentes no campo esportivo:

[...] amadorismo contra o profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa etc.; e este campo também esta inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, lutas que além de oporem entre si, treinadores, dirigentes, professores de ginástica e outros comerciantes de bens e serviços esportivos [...] (BOURDIEU, 1978, p. 7).

Ao expor esse pensamento de Bourdieu (1978) sobre as diversas lutas existentes dentro do campo esportivo, alude-se o trabalho de Rodrigues (2005, p. 115) novamente, pois em seu texto é reforçado estas questões. O autor dialoga afirmando que “no campo esportivo existem atores sociais estratégicos preocupados em maximizar seus interesses e influenciar nas definições e divisões sociais”. É elucidado nesta leitura que “existem disputas por poderes simbólicos e materiais”, que estão inseridas dentro desse espaço das práticas esportivas (RODRIGUES, 2005, p. 115). Discutindo sob essa problemática, reporta-se mais uma vez aos escritos de Hirata (2010, p. 6) definindo que o “campo esportivo pode ser entendido como um local de lutas concorrenciais que envolvem os agentes e instituições esportivas”.

Para aclarar essa temática, corrobora-se:

No campo esportivo, ocorrem lutas de diferentes modalidades. Algumas lutas giram em torno da definição e do uso legítimo do corpo, lutas estas que podem ser traduzidas nas disputas entre o esporte amador versus esporte profissional; esporte coletivo versus esporte individual, esporte de elite versus esporte de massa. O

¹³³ Compreendendo esta afirmação de Bourdieu (1978) cita-se como exemplo a soberania que o Tribunal de Justiça Desportivo tem em relação ao Tribunal de Justiça Comum, sendo que as decisões tomadas pelo primeiro no âmbito esportivo não podem ser revogadas pelo segundo. Esse é só um pequeno exemplo da autonomia que as instituições presentes dentro do campo esportivo têm em relação a outras instituições de outros campos da sociedade.

advento do esporte profissional implicou mudanças na forma e no significado social dos esportes (RODRIGUES, 2003, p. 63).

Seguindo sob essas concepções, Rodrigues (2005, p. 115) faz uma análise das “lutas pela autoridade de definição legítima no futebol utilizando a teoria dos campos”. O que o autor propõe é que a teoria dos campos de Bourdieu permite analisar as lutas presentes dentro de um campo esportivo específico, “por exemplo, a abordagem sociológica das disputas pela profissionalização no futebol brasileiro (nas primeiras décadas do século XX)” (RODRIGUES, 2005, p. 115).

Rodrigues (2005, p. 111) segue definindo que o conceito sociológico de campo esportivo proposto por Bourdieu, possibilita estudar e investigar as “práticas e modalidades esportivas”, e também que esta ferramenta sociológica “auxilia-nos na investigação do esporte moderno como campo especializado da sociedade contemporânea”. (RODRIGUES, 2005, p. 114-115). O autor entende que a partir da teoria social de campo esportivo proposta por Bourdieu (1995)¹³⁴, é possível compreender o esporte moderno, apreendendo-o de modo separado as suas diversas modalidades esportivas, “a fim de melhor conhecer a posição ocupada por elas (no campo esportivo) no espaço dos esportes e a distribuição dos praticantes tendo em conta a sua posição social”¹³⁵ (RODRIGUES, 2005, p. 113).

Outro ponto que Rodrigues (2005, p. 113) coloca é a importância de se averiguar “também que existem diferenças na demanda por práticas esportivas entre as diferentes classes sociais”. Essas questões são descritas abaixo:

Geralmente, as classes sociais mais abastadas preferem os esportes individuais, nos quais a figura do sujeito pode ser mais destacada (o golfe, o tênis). Os indivíduos de classe sociais superiores econômica e culturalmente tendem a praticar esportes que não demandam grandes sacrifícios corporais. Já as classes populares preferem as modalidades esportivas coletivas e que demandam uma maior quota de sacrifício corporal. Nesses casos, o futebol é um exemplo clássico (RODRIGUES, 2005, p. 113).

Ainda sobre essa problemática Rodrigues (2005, p. 113) disserta que “a diferença central da prática esportiva de uma e/ou outra classe social são as diferentes percepções e entendimentos em relação ao esporte e também ao acesso que as pessoas têm ao esporte”. Essas concepções são elucidadas por Bourdieu (2004a), que de acordo com Rodrigues (2005, p. 114), Bourdieu (2004a) sugere uma “hipótese geral”, a qual aponta uma existência de “uma

¹³⁴ Pierre Bourdieu no livro “*Coisa Ditas*” (1995). A versão utilizada no trabalho é do ano de 2004, e consta no item *Referências Bibliográficas*.

¹³⁵ Bourdieu entende que para se apreender melhor uma modalidade esportiva em questão, é necessário separá-la das demais, partindo assim do todo (campo esportivo – formado por todos os esportes), seguindo até suas partes (subcampos esportivos – modalidades esportivas).

homologia entre o espaço social e o espaço das práticas esportivas”. Essa hipótese que Rodrigues (2005) disserta em seu texto é clarificada nas próprias palavras do sociólogo francês, facilitando assim sua compreensão:

Na verdade, a correspondência, que é uma autêntica homologia, estabelece-se entre o espaço das práticas esportivas, ou, mais precisamente, das diferentes modalidades finalmente analisadas da prática dos diferentes esportes, e o espaço das posições sociais. É na relação entre esses dois espaços que se definem as propriedades pertinentes de cada prática esportiva. E as próprias mudanças nas práticas só podem ser compreendidas, nessa lógica, na medida em que um dos fatores que as determinam é a vontade de manter no nível das práticas e distância que existe entre as posições (BOURDIEU, 2004, p. 209).

Elucidando sobre a edificação do campo esportivo, Bourdieu (2004a, p. 210) aponta que “a prioridade das prioridades é a construção da estrutura do espaço das práticas esportivas”. Para se erigir essa estrutura deve-se analisar a história das mudanças presentes nessas estruturas, ou seja, conhecer a história do campo esportivo em questão, compreendendo desde sua formação, até o momento em que ocorreram transformações nesse espaço social “(o que significa que a oposição entre estrutura e transformação, entre estática e dinâmica, é totalmente fictícia e que não há outro modo de compreender a transformação a não ser a partir de um conhecimento da estrutura)”.

Diante de toda essa fundamentação teórica exposta no texto sobre a teoria social que foi desenvolvida por Pierre Bourdieu, tratar-se-á neste instante no texto, alguns trabalhos que foram elaborados por autores das ciências sociais, que discutem a sociologia do esporte, e utilizam como ferramenta metodológica para compreender seus objetos de investigação, o conceito social de campo esportivo. Exibe-se inicialmente o trabalho de Marchi Júnior (2002, p. 96) que fundamentado sob o prisma dessa teoria social, constrói uma análise sobre o “campo esportivo do voleibol”, fazendo uma leitura histórica deste esporte específico, e as modificações que ocorreram nas estruturas desse espaço de prática esportiva. O autor alicerçado com “o modelo estruturalista de análise e o pensamento relacional de Bourdieu”, considera:

[...] que o voleibol é um esporte inventado, diferentemente dos moldes, anseios e locais europeus, a partir dos interesses de uma elite cristã americana – representação de uma classe burguesa emergente –, sendo que esta forjou agentes de divulgação nas mais diversas formas de intervenção (clubes, escolas, guerras) com a perspectiva de que as estruturas, eventualmente estabelecidas no interior do campo esportivo, fossem capazes de compor e perpetuar uma representação social (MARCHI JÚNIOR, 2002, p. 108).

Outro estudo sociológico que utiliza as concepções teóricas do campo esportivo de Pierre Bourdieu para a compreensão do seu objeto central de investigação é o trabalho de

Starepravo, Souza e Marchi Júnior (2013). A partir da teoria dos campos os autores “apresentam uma possibilidade de leitura de políticas públicas de esporte e lazer no Brasil” (STAREPRAVO; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2013, p. 785).

Seguindo ainda nessa linha que trata das pesquisas sociais que utilizam o conceito de campo esportivo, aponta-se outro exercício sociológico de Marchi Júnior (2005), o qual utilizou a teoria de campo e campo esportivo como instrumento metodológico, para empreender uma visão sobre a relação que existiu entre os meios de comunicação e o voleibol brasileiro, em uma determinada época da história desta modalidade esportiva. O que o autor procurou essencialmente apreender neste texto foi realizar “uma leitura do voleibol, essencialmente na década de 1980, destacando a inclusão do universo midiático no conjunto de suas relações” (MARCHI JÚNIOR, 2005, p. 149).

Posto algumas pesquisas que utilizaram como referencial teórico a teoria social de campo esportivo, para compreender seu objeto de análise, avançar-se-á nas linhas abaixo acerca do um campo esportivo específico, o futebol, elucidando alguns conceitos sobre esse espaço de prática esportiva. Serão expostos também alguns estudos que investigaram esse subcampo do esporte.

De acordo com Guedes (2009, p.2) “os esportes, de uma maneira geral, difundiram-se pelo mundo de maneira extraordinária no último século, configurando espaços de sociabilidade”. A autora a partir deste ponto de vista considera o futebol como sendo o esporte “mais difundido” no cenário esportivo brasileiro, onde este “transformou-se no esporte nacional”, enxergando-o no Brasil como um campo esportivo que está diretamente vinculado a sociedade brasileira, o qual “se transforma num campo de debates sobre a nação e o povo brasileiro” (GUEDES, 2009, p. 2-3).

Seguindo sob esse olhar Guedes (2009, p. 3) disserta sobre alguns agentes que fazem parte do campo esportivo futebolístico, apontando que os “jornalistas e comentaristas esportivos são os intérpretes privilegiados do futebol, especialistas e peritos que testemunham sua prática e tudo que a cerca”. Elucida-se este fato:

Deste modo, uma pequena parte das discussões em torno do futebol é documentada e perpetuada na imprensa que produz, de fato, as leituras autorizadas dos eventos, consagrando determinadas versões e desqualificando outras. A especificidade deste “discurso de autoridade” “reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder seu poder), é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito

próprio” (Bourdieu. 1996: 91) ¹³⁶. A produção simultânea de um corpo de especialistas, de peritos, na produção dos textos e imagens que cercam o futebol é, pois, parte fundamental deste fenômeno multidimensional (GUEDES, 2009, p. 3).

Azevedo (2003) expõe um olhar sobre o subcampo esportivo do futebol, relatando as formas que dois tipos distintos de pessoas podem jogar esse esporte. Em seu texto o autor revela como pode ser praticado o futebol por “trabalhadores braçais”, onde “o ritmo do jogo tem uma dinâmica mais forte, é mais rápido e a virilidade marca seu estilo”, já o mesmo pode ser jogado de forma diferente por “profissionais liberais, empresários, e talvez por professores, que irão distinguir sua prática “pela menor velocidade, ‘chegada’ mais leve e discussões multiplicadas com o juiz do jogo” (AZEVEDO, 2003, p. 1)”. Essa observação dialoga com as concepções de Bourdieu (2004a), ao expor que dentro de um campo esportivo a prática desse esporte se diferencia em consonância com a posição social que cada agente ocupa dentro da sociedade.

Já Rodrigues (2003), aclara algumas questões presentes dentro do campo esportivo específico do futebol, as quais estruturam esse espaço social de prática esportiva. No trabalho o autor coloca algumas lutas que ocorreram no cenário futebolístico brasileiro, expondo entre elas a “luta pela profissionalização do futebol no Brasil, que marcou as primeiras décadas do século XX, em que a elite defendia a manutenção do – amadorismo – e segmentos da classe operária reivindicavam a profissionalização” (RODRIGUES, 2003, p. 63-64).

Ilustrando essa fala de Rodrigues (2003) acerca das lutas existentes dentro do futebol aqui no Brasil, alude-se um período do futebol nacional, o qual apresentou certa disputa dentro desse campo esportivo, podendo a partir desses escritos compreender quais tipos de disputas podem estar inseridas no interior desse espaço social que está vinculado ao esporte:

Pode-se pensar as lutas pela definição legítima de um estilo de organizar e jogar futebol no Brasil que se estabeleceram a partir da Copa 1974 à luz da teoria dos campos. As disputas giram em torno do antagonismo: futebol-arte *versus* futebol-força. Segundo Gil (1994, p. 107) ¹³⁷, a partir de 1978 duas correntes de pensamento se confrontam no futebol brasileiro: (a) *de orientação esquerdista*, defendida por João Saldanha, deseja o retorno do futebol-arte na seleção (futebol alegre, de dribles, improviso, malandragem, magia), criticando a imitação de modelos e esquemas europeus de jogar futebol (o futebol-força); (b) *defendia nossa integração ao*

¹³⁶ Simoni Lahud Guedes (2009) retira do texto de Pierre Bourdieu “*A linguagem autorizada. As condições sociais da eficácia do discurso ritual*”, que faz parte do livro “*A economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer*” (1996).

¹³⁷ Rodrigues utilizou em seu texto o pensamento de Gilson Gil, desenvolvido em “*O drama do ‘futebol-arte’: O debate sobre a seleção nos anos 70*” (1994).

futebol-força, uma forma de modernização do futebol brasileiro e inserção da elite do futebol mundial através da adoção de um estilo racional, pragmático, competitivo. Nesta corrente, coloca-se técnicos estudiosos do futebol europeu, como Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, defensores da importação de modelos/estilos europeus (RODRIGUES, 2003, p. 64).

A pesquisa de Rodrigues (2003, p. 64) também dialoga com os escritos de Guedes (2009) citados acima, dissertando sobre os agentes que fazem parte desse campo esportivo, situando “atletas, técnicos, professores e dirigentes” como personagens presentes no referido espaço de prática esportiva, situando-os em suas “posições e disposições” (RODRIGUES, 2003, p. 64).

Em outro texto de Rodrigues (2002)¹³⁸ o qual já foi referido no primeiro capítulo deste estudo sociológico, é exposto uma leitura sobre o futebol brasileiro a partir da análise de autores das ciências sociais, e de clássicos da sociologia. Neste instrumento de pesquisa Rodrigues (2002, p. 3) dialoga também com o estudo de Guedes (2009), ao definir o futebol como “um fenômeno sócio-cultural de grande importância para o povo brasileiro”. Ao expor esse pensamento podemos observar que esse campo esportivo no Brasil tem um alto valor para a sociedade, onde é possível estabelecer analogias entre o futebol e a identidade do povo brasileiro (RODRIGUES, 2002).

No texto *“Modernidade Disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil”* (2004), o campo futebolístico é aclarado como “uma instituição disciplinadora e civilizadora, dotada de regras, normas e princípios científicos (positividades), tendo como objetivo produzir, manipular, individualizar, adestrar e aperfeiçoar o corpo do indivíduo” (RODRIGUES, 2004, p. 260). Dentro deste local de práticas esportivas é definido que o futebol moderno apresenta idiosincrasias na sua constituição, e formatação.

Rodrigues (2005, p. 116) ainda aponta o “futebol como um campo específico no esporte”, sendo o cenário futebolístico brasileiro “um belo exercício de operacionalização do conceito de campo”. Ao expor essas concepções, o autor revela como esse referido campo foi se desenvolvendo ao longo de sua história no Brasil:

A constituição de um mercado de trabalho no futebol brasileiro consolida-se somente na década de 1930, quando a profissionalização é institucionalizada. É nesse momento que surge um mercado produtor e consumidor de futebol

¹³⁸ O trabalho de Rodrigues (2002) *“Futebol e Teoria Social: Uma introdução a uma sociologia do futebol brasileiro”* foi também explorada no item 1.4 *Sobre Bourdieu e seus conceitos sociológicos: Capital, Habitus e Campo*, que faz parte do Primeiro Capítulo da Dissertação.

organizado. Assim, a autonomia, a racionalização e a especialização do campo futebolístico resultam de um conjunto de conflitos entre duas ideologias: a do amadorismo e a do profissionalismo (RODRIGUES, 2005, p. 116).

É clarificado ainda que “o futebol brasileiro pode ser entendido como um subcampo do campo esportivo”, onde é relatado alguns agentes deste espaço social, “como dirigentes esportivos, os órgãos governamentais de regulação do futebol, os empresários e os jogadores de futebol”, que tem um olhar distinto sobre o que está em jogo dentro do campo. Segundo Rodrigues (2005, p. 117) devemos buscar entender “que os atores sociais tendem a expressar concepções condizentes com seus interesses específicos e com suas posições ocupadas no campo futebolístico”.

Abordando como o campo esportivo futebolístico pode-se estruturar, é exibido o estudo sociológico de Souza, Almeida e Marchi Júnior (2014, p. 224) que discutem as questões postas sobre o futebol “a partir do quadro teórico de Bourdieu”. Os autores aplicando a teoria dos campos observam “que o futebol pode ser analisado como um espaço no qual os agentes e estruturas disputam o monopólio dos capitais em jogo, bem como lutam por legitimidade e reconhecimento” (SOUZA; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2014, p. 224).

Neste texto Souza, Almeida e Marchi Júnior (2014, p. 225) dialogam com Rodrigues (2005) e definem o futebol como “um subcampo do campo dos esportes”. Para chegar a essa definição os autores contextualizam “o futebol como espaço de disputas próprio”, considerando que esse campo esportivo específico possui “sua autonomia relativa – ou seja, que o processo histórico de constituição da modalidade da forma como se apresenta atualmente segue a lógica de estruturação do campo esportivo [...]”.

Fundamentados com os conceitos sociológicos de Bourdieu (1978; 2004a) os autores dissertam que:

[...] seria interessante tratar do futebol como um subcampo do campo esportivo tendo em vista que essa prática esportiva como as demais seria correspondente à estrutura de um determinado gosto de classe. Daí então a importância de pensar o futebol relacionalmente aos outros esportes, até mesmo para avançar no tratamento de como às práticas esportivas expressariam os “habitus” de classe e as lutas no espaço social mais amplo por prestígio e reconhecimento (SOUZA; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2014, p. 225).

Dialogando com esse pensamento exposto acima dos autores Souza, Almeida e Marchi Júnior (2014), Rodrigues (2005, p. 117) considera que o conceito de campo do sociólogo francês, permite compreender “que os principais atores (dotados de interesses em impor suas percepções, visões e padrões de classificação) do campo futebolístico brasileiro

são as instituições reguladoras (Ministério dos Esportes, CBF, federações estaduais de futebol)”, além dos “clubes, empresários e jogadores”. O que Rodrigues (2005, p. 117) empreende neste texto é uma abordagem breve sobre “as disputas, as lutas, e os conflitos em torno do fim do passe do futebol brasileiro, descrevendo e analisando algumas posições dos atores envolvidos”.

Delimitando no texto alguns conceitos sobre a formatação do campo esportivo futebolístico, alude-se o trabalho de Bueno e Rodrigues (2014) que analisou uma problemática sobre o maior evento de futebol do planeta¹³⁹, e utilizou como recurso metodológico a teoria social de campo esportivo. Neste estudo foi exposto “o esquema explicativo da teoria de campo esportivo, propondo temas e possibilidades de sua utilização nas investigações das práticas e modalidades esportivas, com ênfase na análise sobre os discursos acerca das ‘Obras da Copa’ do Mundo 2014 em Cuiabá/MT” (BUENO; RODRIGUES, 2014, p. 2). O que os autores objetivaram foi “descrever o esquema analítico de Bourdieu e posteriormente mostrar como é possível utilizar o referencial teórico deste sociólogo nas investigações do fenômeno esportivo” (BUENO; RODRIGUES, 2014, p. 2).

Nota-se que a partir do conceito sociológico de campo esportivo abra-se uma gama de possibilidades de investigação sobre as mais diversas questões presentes dentro do esporte moderno, e do futebol. Nos parágrafos anteriores foi erigida uma discussão teórica com diversos autores que apreendem estes conceitos em seus estudos. Esse referencial teórico nos permite estabelecer como se consolida o campo esportivo, e o subcampo futebolístico, sendo possível observar que essa teoria social pode ser utilizada como ferramenta metodológica para analisar os mais distintos objetos de pesquisa, que dão vida aos estudos sociológicos a respeito do esporte moderno.

Sob a luz de Bourdieu, e de autores que estudam e analisam suas teorias sociais, foi elaborado este item do segundo capítulo, com intuito de estabelecer uma compreensão dos conceitos sociológicos de campo esportivo, e entender como se constitui o subcampo do futebol. Por agora essa etapa da pesquisa chega ao seu epílogo, e segue para uma análise histórico-social do SPFC dentro do campo esportivo o qual ele faz parte, compreendendo as ações empreendidas pelo clube no referido espaço social, a partir dos fundamentos

¹³⁹ A Copa do Mundo da FIFA é considerada o maior evento de futebol do mundo. Os autores Bueno e Rodrigues (2014) analisam algumas questões postas sobre a realização da Copa do Mundo da FIFA de 2014 que foi realizada no Brasil.

sociológicos de Campo, Habitus, Capital, e Campo Esportivo, que foram expostos no item 1.4 do primeiro capítulo, e nas linhas acima deste item, respectivamente.

Para fundamentar toda essa discussão sociológica, esse instrumento de pesquisa social utilizou-se dos textos originais de Bourdieu (1970; 1974; 1975; 1978; 1979; 1983; 1986; 1989a; 1989b; 1997; 2000; 2004a; 2004b; 2007; 2009; 2011b; 2013)¹⁴⁰, e dos escritos dos seguintes pensadores¹⁴¹ Wacquant (2002), Moore (2008), Terray (2005), Catani (2002), Maton (2008), Boltanski (2005), Souza, Almeida e Marchi Júnior (2014), Malerba (2000), Azevedo (2003), Lopes (2008), Nogueira (1989), Miceli (1997), Garcia (1996), Setton (2002), Montagner e Montagner (2011), Hirata (2010), Araújo, Alves e Cruz (2009), Miranda (2005), Salvini, Souza e Marchi Júnior (2012), Souza e Marchi Júnior (2010a; 2010b), Rodrigues (2003; 2002; 2005), Marchi Júnior (2002; 2005;), e Bueno e Rodrigues (2014) que elucidam em seus trabalhos esses conceitos sociológicos.

A vista disso limita-se esta fase da pesquisa, porém ainda é reforçado que as linhas escritas neste item são de um valor incalculável para o trabalho, pois são esses escritos que darão um norte no decurso estrutural da pesquisa, possibilitando o desenvolvimento do próximo tópico do estudo, que analisará um campo esportivo específico, e as ações apreendidas de um ator deste referido local. Posto isto, o que se pretendeu até esta etapa do texto foi percorrer um trajeto teórico-metodológico, na incessante busca de apreender, e não por menos aprender o que a sociologia de Pierre Bourdieu nos proporciona, para assim alicerçado com esse arcabouço de conceitos sociológicos, dar o próximo passo do estudo, que será a compreensão do São Paulo Futebol Clube dentro do campo esportivo futebolístico do futebol brasileiro.

2.3 Bourdieu e seus conceitos sociológicos no campo esportivo investigado.

Depois de dialogar e apresentar no item anterior do capítulo os conceitos de campo esportivo, e do subcampo do futebol, discutido, analisado, e utilizado por diversos autores das ciências sociais, que aplicam este conceito social como uma ferramenta

¹⁴⁰ Todas essas obras foram escritas por Pierre Bourdieu durante sua trajetória acadêmica.

¹⁴¹ As referências de todos esses estudos se encontram no item *Referências Bibliográficas* do trabalho.

metodológica em seus estudos, o trabalho parte agora para uma interpretação analítica do principal agente investigado neste exercício sociológico, o São Paulo Futebol Clube, dentro do campo esportivo futebolístico.

Com o alicerce teórico que foi apresentado nas linhas que antecedem esse tópico, será possível analisar e discutir o SPFC dentro deste espaço social que engloba o mundo dos esportes, apreendendo uma leitura histórica do clube, abordando as principais ações empreendidas pelos agentes que comandavam o SPFC, desde o processo de sua fundação, passando pelos fatos que marcaram sua história, examinando-os dentro do cenário do futebol brasileiro¹⁴². Partir-se-á de uma análise histórica do SPFC, interpretando-os a partir dos conceitos de campo e campo esportivo.

Tratar-se-á também de maneira breve como se configurava a sociedade paulistana no final do século XIX e início do século XX, juntamente com o surgimento dos primeiros clubes de futebol da capital paulista, avultando o Club Atlético Paulistano, e a Associação Atlética das Palmeiras, responsáveis diretos pela fundação do SPFC. Serão evidenciados os principais fatos políticos que ocorreram fora das quatro linhas no futebol em São Paulo no final da década de 1920, para assim exibir de modo mais aprofundado as conjunturas que marcaram a fundação e refundação do SPFC, além de aludir sobre sua curta trajetória vida¹⁴³, de pouco mais de 86 anos de existência.

Deste modo, enceta-se o texto apresentando o trabalho de Duarte e Vilela (2011) que exibe um panorama da sociedade paulistana do final do século XIX, e início do século XX, demonstrando como se deu os primórdios do desenvolvimento da capital paulista:

Verdade que, até 1850 e mesmo depois, São Paulo fora acanhado pouso de tropeiro, cuja garoa, hoje objeto de nostalgia, não era considerada lá muito salubre ou animadora. Apesar de capital de província, era um cafundó cuja população não passava de 20 mil pessoas. Com riqueza cafeeira, a imigração europeia e a incipiente industrialização, isso mudou. A capital estadual se modernizou depressa, entrando no século XX com 240 mil habitantes – bem menos que tantas de suas atuais cidades-satélites, porém muito mais que a imensa maioria dos centros de um país que contava então com 17 milhões de habitantes. Por isso, não poucos visitantes interioranos já consideravam São Paulo – agora com suas grandes avenidas arborizadas, seus bondes, seu comércio elegante – uma pequena Paris. Era exagero, mas ser Paris, com pitadas variáveis de Londres, Boston, Berlim e Milão, constituía mesmo a aspiração da elite paulistana, num Estado que se ufanaria de ser a locomotiva do Brasil (DUARTE; VILELA, 2011, p. 19-20).

¹⁴² O referido cenário é o Campo Esportivo o qual o São Paulo Futebol Clube está inserido.

¹⁴³ Entre os grandes clubes de futebol do Brasil, o São Paulo Futebol Clube é o mais jovem.

Os autores demonstram como a cidade de São Paulo foi rapidamente se transformando em um dos principais centros urbanos e econômicos do Brasil, sendo a imigração europeia, a industrialização e a riqueza do café, os principais fatores que impulsionaram esse desenvolvimento. Souza (2008, p. 30) fazendo a leitura de Linhares (1990), cita que no começo dos anos 20 do século passado o Brasil “estava vivendo um período de intensa industrialização e urbanização”.

O autor segue:

Conjugaram-se aspectos excepcionais para o processo industrial: “capital, mão-de-obra, mercado relativamente concentrado, matéria-prima disponível e barata, capacidade geradora de energia e um sistema de transporte ligado aos portos” (Linhares, 1990, p. 223). Esta concentração de fatores teve no Rio de Janeiro e em São Paulo seus melhores exemplos. A urbanização das duas cidades também apresentou um crescimento maior que as demais do país. O Rio de Janeiro passou de 691.565 habitantes em 1900 para 1.896.998 em 1939. São Paulo passou de 239.820 para 1.322.643 no mesmo período (SOUZA, 2008, p. 30).

Diante destes aspectos econômicos e sociais começaram a surgir agremiações esportivas em São Paulo no final do século XIX, início do século XX, com características já citadas no estudo¹⁴⁴. Agremiações esportivas de caráter elitista, formadas por jovens da alta sociedade paulistana, que por muitas vezes faziam parte da colônia inglesa, alemã, francesa e portuguesa, além dos jovens endinheirados paulistanos que não possuíam origem em nenhuma dessas colônias aludidas. Podemos destacar o São Paulo Athletic Club, fundado por membros da colônia inglesa no final do século XIX em 1888, a Associação Athletica Mackenzie College de 1898, clube de brasileiros o qual foi concebido e administrado por missionários presbiterianos dos EUA, onde só podiam atuar alunos da própria escola. Em 1899 forma-se o Sport Club Internacional que abrigava descendentes de todas as colônias aqui mencionadas, e o Sport Club Germânia (atual Esporte Clube Pinheiros) fundado por Hans Nobiling e seus patrícios alemães em 1899 (DUARTE; VILELA, 2011).

Duas agremiações que eclodiram neste momento merecem destaque, o Club Atlético Paulistano em 1900, e a Associação Atlética das Palmeiras em 1902. Essas duas agremiações serão destacadas no texto, pois são elas que dão origem ao São Paulo Futebol

¹⁴⁴ Ver mais sobre a importância dos clubes de futebol no Brasil, para a disseminação do “esporte bretão” em solo brasileiro no item 2.1. *Um histórico sobre o tema: esporte, futebol e futebol no Brasil*, que faz parte do segundo capítulo desta Dissertação.

Clube, que viria a ser fundado apenas em 1930. Teceremos algumas considerações sobre os dois Grêmios Esportivos¹⁴⁵ (DUARTE; VILELA, 2011).

O Club Atlético Paulistano é fundado em 30 de novembro de 1900, Duarte e Vilela (2011) contam que o Paulistano nasceu a partir de jovens da oligarquia paulistana que optaram por fundar seu próprio clube, e não jogar futebol em algum dos clubes já existentes na capital bandeirante. No texto os autores deixam claro que o Paulistano tem suas origens atreladas à nata bandeirante, que possuía grande influência na sociedade da época, o que permitiu a agremiação se tornar rapidamente o principal clube da cidade de São Paulo:

Seus sobrenomes eram os donos do poder, a começar pelo presidente, Bento Pereira Bueno, na época secretário estadual do Interior. Os primeiros sócios eram 59, entre eles nosso já conhecido Antônio Prado Júnior – que, a propósito, era filho do então prefeito. O vice-presidente, Plínio da Silva Prado – outro neto de Veridiana –, praticara esportes universitários nos EUA e sugeriu para cores do clube o branco e o vermelho, as mesmas da caríssima universidade de Harvard. Como uniforme titular, os times do Paulistano usariam camisa e calção brancos e cinto vermelho – uma faixa de tecido que, depois dos jogos, os galantes *foot-ballers* desatavam e ofereciam às senhoras (DUARTE; VILELA, 2011, p. 23).

É possível interpretar os escritos de Duarte e Vilela (2011) mencionados acima, a partir das noções teóricas de Bourdieu (1983; 2004a)¹⁴⁶, compreendendo a fundação dessa nova agremiação esportiva paulistana no incipiente campo esportivo. Os agentes que são os principais autores dessa ação, ocupam posição de destaque dentro da sociedade da capital paulista, e deste modo, desejosos de permanecerem neste local de destaque também nesse novo espaço social de prática esportiva, decidem por fundar um clube que figura-se como um agente dominante no cenário futebolístico paulistano que se originava.

A Associação Atlética das Palmeiras é fundada em 9 de novembro de 1902, no centro da cidade de São Paulo, mais especificamente na Avenida Angélica que na época abrigava elegantes chácaras. O clube não tinha qualquer ligação com a Sociedade Esportiva Palmeiras dos dias de hoje, e nasce também da alta-sociedade paulistana, “um time que até 1915 seria exclusivamente de graduandos, bacharéis e doutores”, e que apresentava em suas cores o preto e o branco (DUARTE; VILELA, 2011, p. 25).

De fato também a Associação Atlética das Palmeiras nasce a partir de atores que possuíam lugar de destaque na sociedade, e faziam parte das classes economicamente

¹⁴⁵ O São Paulo Futebol Clube está entre esses grandes clubes do cenário futebolístico nacional, e compreende em seu seio de formação relação com a extinção do futebol do quadro esportivo do Club Atlético Paulistano, as dificuldades financeiras da Associação Atlética das Palmeiras. Além da grande discussão entre amadorismo e profissionalismo

¹⁴⁶ Pierre Bourdieu nos trabalhos: “*Coisas ditas*” (2004a), e “*Questões de sociologia*” (1983).

superiores, os quais além de possuir grande capital financeiro, portavam também grande capital cultural¹⁴⁷. Esse recorte é interessante, pois ele reflete de que maneira o campo esportivo futebolístico paulistano, e por que não dizer o brasileiro se caracterizavam nesse período, o qual revela uma idiossincrasia comum entre os membros deste espaço social, indivíduos que possuem capital econômico, cultural, e até mesmo político¹⁴⁸, ocupando posição de prestígio na sociedade.

A formatação desse novo espaço social que se configurava no início do século XX, e quais peculiaridades esses personagens possuíam já foi relatada no início do capítulo¹⁴⁹, deste modo, é exequível afirmar a acerca do conceito de capital, desenvolvido por Bourdieu (2004b; 2011b)¹⁵⁰, que os agentes fundadores, e participantes destas agremiações eram os que acumulavam mais capital (econômico, cultural, e político), possibilitando assim que estes indivíduos se diferenciasssem dentro da sociedade.

Destarte estes pontos colocados sobre a fundação dos dois clubes referidos nos parágrafos acima, seguir-se-á nas próximas linhas relatando a disputa que marcou o campo esportivo futebolístico brasileiro, durante a década de 1920 do século passado. Como referido anteriormente às agremiações esportivas marcam a primeira fase do futebol brasileiro, todas elas apresentavam caráter amador, que ocorreu de 1894 até 1933, quando é regulamentada a profissionalização do futebol no país. Em meados dos anos de 1920 começa a grande discussão que marcaria a história do esporte bretão não somente em São Paulo, mais também em todo Brasil, o debate entre o amadorismo e o profissionalismo, de um lado aqueles que eram contrários à profissionalização da modalidade esportiva em questão, e de outro os que a defendiam (CALDAS, 1990).

Caldas (1990) argumenta sobre o início da briga pelo poder no futebol em São Paulo, que fica exposto pela disputa entre a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) contra a LAF (Liga de Amadores de Futebol). Capitaneada pelo Club Atlético Paulistano juntamente com outras agremiações, o Internacional, Associação Atlética das Palmeiras, Antártica Futebol Club, Sport Club Corinthians, Sport Club Germânia, Britânia

¹⁴⁷ Ver mais sobre o conceito de Capital Cultural desenvolvido por Pierre Bourdieu em seu livro “*Razões Práticas: sobre a teoria da ação*” (2004). No item 1.4 desta peça de estudo sociológico já foi exibido algumas concepções sobre esse conceito social.

¹⁴⁸ Ver mais sobre o conceito de Capital Político desenvolvido por Pierre Bourdieu em seu livro “*Razões Práticas: sobre a teoria da ação*” (2004). No item 1.4 desta peça de estudo sociológico já foi exibido algumas concepções sobre esse conceito social.

¹⁴⁹ Ver essas questões no item 2.1. *Um histórico sobre o tema: esporte, futebol e futebol no Brasil*, da pesquisa.

¹⁵⁰ Pierre Bourdieu em: “*Razões Práticas: sobre a teoria da ação*” (2004), e “*The forms of capital*” (2011).

Athlético Club e Club Atlético Santista de Santos, abandonam a APEA para fundar uma nova entidade, a LAF.

Segue as palavras do autor sobre este fato:

Foi quando o Club Atlético Paulistano, após perder o título de campeão para o Esporte Clube São Bento, resolve abandonar a APEA e fundar outra entidade que se chamaria LAF – Liga de Amadores de Futebol. Os verdadeiros motivos pelos quais o C. A. Paulistano deixaria a APEA não eram, evidentemente, a perda do campeonato. Essa medida significava, na verdade, uma forma de protesto contra aquela entidade que estava, a cada dia, deixando o futebol “mais impuro”, ao permitir o ingresso de jogadores sem a devida qualificação social. Além disso, os diretores do C. A. Paulistano não admitiam que os jogadores recebessem dinheiro para jogar. Noutras palavras, os mesmos motivos que levaram o “grupo dos cinco” (Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu) no Rio de Janeiro a abandonar a LMDT e criar a AMEA [...]. Assim, o mesmo elitismo, o preconceito social e racial que se verificava no Rio de Janeiro repetia-se em São Paulo (CALDAS, 1990, p. 124).

Essa leitura nos permite entender que os motivos da briga entre os que defendiam o amadorismo, contra a profissionalização se deu não somente por razões políticas, mas também por razões de cunho ideológicas, cheias de preconceitos sociais e raciais, como bem escreveu Caldas (1990). Para melhor entendermos esse momento de turbulência no futebol de São Paulo, o texto segue dialogando com Caldas (1990) que resgata as palavras de Mazzoni (1950), as quais são relatadas o momento do desligamento do Paulistano da APEA:

Foi trágico para o futebol paulista o dia em que o Paulistano resolveu deixar a APEA. O ambiente já estava envenenado pode-se dizer, desde o ano anterior. O incidente com o S. Bento foi simples pretexto para estourar uma bomba que estava com seu pavio aceso a muito tempo. O Paulistano visava um movimento de depuração e de renovação. Imperava a indisciplina, a politicalha rasteira dos clubes e o falso amadorismo não tinha controle. A fundação de uma nova entidade era o grande remédio que o Paulistano queria usar, a exemplo de 1913 quando fundou a APEA. Pouco, entretanto, durou, essa ilusão. Seus propósitos eram bons, mas impossível se tornava desviar nosso futebol para o bom caminho da disciplina, da política sadia dos clubes e do extermínio do falso amadorismo com a simples fundação de uma nova entidade. Os vícios eram de berço... Impossível. O Paulistano e seus companheiros se atiraram com as maiores esperanças na nova tarefa e a princípio tudo correu bem. Mas, é fato que o futebol paulista entrou na sua mais violenta cisão que tantos males lhe causaram. Começou imediatamente uma guerra cega e sem quartel entre a APEA e a LAF (CALDAS, 1990, p. 124 -5).

Para ficar mais evidente esse momento histórico do futebol em São Paulo, o trabalho resgata o ofício¹⁵¹ enviado pelo C. A. Paulistano a APEA, o qual retirava o clube da entidade.

¹⁵¹ *São Paulo, 9 de novembro de 1925.*

*Ilmos. srs. diretores da Associação Paulista de Esportes Atléticos.
Prezados Senhores:*

Esse episódio relatado na leitura acima de Caldas (1990) demonstra como estava polarizado o futebol em São Paulo, e no Rio de Janeiro mais precisamente, durante a década de 1920, o qual ocorria uma disputa entre o amadorismo contra o profissionalismo. Podemos entender nas linhas acima, o campo esportivo futebolístico no Brasil nesse período como um “campo de lutas”, como bem definiu Bourdieu (2004b, p. 50), no qual existiam agentes que ocupavam posição dominante nesse espaço de prática esportiva, e lutavam pela conservação de sua posição no campo, e manutenção dessa estrutura (defensores do Futebol Amador – LAF), e os que buscavam a transformação desse espaço social (defensores do Futebol Profissional – APEA), mudando sua constituição, e também alterando seu lugar no contexto do futebol brasileiro, saindo da posição de dominado, para uma posição dominante.

Assim, seguindo com o relato histórico, no dia 3 de dezembro de 1925 é fundada a LAF, e o futebol paulista está oficialmente dividido, a assembleia que regulamentou a nova entidade ocorreu na sede do Paulistano, e reuniu figuras do cenário político, esportivo, e até cultural como o escritor Oswald de Andrade, que era amigo do então presidente do Paulistano Antônio Prado Júnior, que “doou, na ocasião, 150 contos para a fundação da nova entidade” (CALDAS, 1990, p. 125).

Já nos fins do ano de 1929, após 4 anos de brigas no futebol de São Paulo, a LAF junto com seus integrantes já perdera a força de outrora, agremiações aliadas do clube do Jardim América¹⁵² as quais faziam parte da LAF, se debandaram para a APEA. Mazzoni (1960, p. 21) relata que “os melhores aliados do Paulistano, principal sustentáculo da Laf, inclinaram-se pela outra entidade”, neste momento a APEA passa a dominar o cenário político do futebol bandeirante (clubes como Palmeiras, Atlético Santista, retornam para APEA). Deste modo, sob o comando de seu presidente Antônio Prado Júnior, o maior clube de futebol da cidade de São Paulo até então, decide abandonar o futebol, “declarando que se desinteressaria daí por diante pela vida futebolística local” (MAZZONI, 1960, p. 21).

Rogamos a vv. ss. queiram ter a bondade de tomar nota, para os devidos efeitos que, em reunião de hoje, e por unanimidade da decisão dos seus diretores, o Club Atlético Paulistano deliberou comunicar a sua instituição que se considera desligado do seu quadro de entidades filiadas.

Esperando que vv. ss. se dignarão proceder de acordo com este nosso comunicado, servimo-nos do ensejo para reiterar a essa entidade as seguranças da nossa perfeita consideração. – Club Atlético Paulistano – (aa.) – Antônio Prado Júnior, presidente; Mariano Procópio, vice-presidente; Fernão Salles, vice-presidente; Mário Cardim, 1º secretário; Maércio P. Munhós, 2º secretário; Manoel Carlos Aranha, 1º tesoureiro; Orlando Pereira, 2º tesoureiro (MAZZONI, 1950, p. 197).

¹⁵² Denominação do Club Atlético Paulistano.

O jornalista Thomaz Mazzoni (1960) descreve da seguinte maneira o fim do futebol no Paulistano:

A história do “association” de S. Paulo acabava assim, de encerrar um dos seus mais tristes capítulos! O desfecho da cisão tinha, na verdade trazido a grande alegria na nova união dos nossos clubes e as esperanças de um melhor futuro esportivo de nossa terra, mas por outro lado, o desaparecimento do glorioso e tradicional C. A. Paulistano da família do futebol abria uma lacuna irreparável. Mais de um clube querido, o “glorioso”, era – no esporte brasileiro – uma instituição pública! Entretanto a realidade foi aquela: não mais teríamos em nossos gramados o clássico e popular quadro alvi-rubro, A decisão estava tomada e nenhum argumento seria capaz de fazer com que fosse revogada tal deliberação do clube. Não se conformaram, porém, com esse lamentável desaparecimento vários dos mais influentes e dedicados associados do grêmio do Jardim América, que por sua vez, tinham o mais integral apôio da massa dos adeptos da turma de Friedenreich (MAZZONI, 1960, p. 21).

Nota-se a partir desta apreciação histórica como foi se desenvolvendo o campo esportivo futebolístico em São Paulo, sendo interessante observar esse momento do futebol paulista, o qual pode ser compreendido de acordo com as teorias de campo e campo esportivo de Pierre Bourdieu. A partir desta narrativa pode-se associar esse espaço social de prática esportiva com o que foi escrito por Araújo, Alves e Cruz (2009, p. 33)¹⁵³, que definem esse espaço como “um campo de forças”.

É destacado neste instante que os agentes que defendiam o caráter amador desta modalidade esportiva, além de ocupar posição de poder no campo esportivo futebolístico, também ocupavam posição dominante na sociedade, como mencionado nos primeiros parágrafos deste item. Logo, grande parte dos agentes que se encontravam em uma posição de inferioridade econômica na mesma sociedade, eram os que dentro do espaço social de prática futebolística defendiam a profissionalização da modalidade, o que possibilitaria a estes agentes alcançar um lugar de destaque tanto no campo esportivo do futebol, como também no seu espaço de vida social.

Observa-se que mesmo Bourdieu (2004b) definindo que diferentes espaços sociais possuem autonomia um sobre outros, é possível destacar que em alguns casos os diversos campos presentes na sociedade, convergem entre si, já que no caso exposto nas linhas do parágrafo anterior, os agentes que buscavam um lugar de destaque e domínio no campo esportivo futebolístico paulistano, também tinham como objetivo ascender para as classes financeiramente mais abastadas, alterando assim seu status social.

¹⁵³ A compreensão do o conceito de campo de Araújo, Alves e Cruz (2009) já foi exposta no estudo. Ver esse entendimento no Capítulo I deste instrumento de pesquisa, no item 1.4. *Sobre Bourdieu e seus conceitos sociológicos: Capital, Habitus e Campo*.

Logo, evidencia-se outro ponto desta disputa, o qual de um lado estava os diretores dos clubes que ocupavam um lugar de inferioridade no campo esportivo futebolístico, e que deste modo almejavam alcançar posições de domínio no referido campo¹⁵⁴, e também jogadores que vinham de classes economicamente inferiores, e enxergavam com a profissionalização do jogador de futebol, uma oportunidade de mudança social, além é claro de se estabelecerem em um lugar de destaque no incipiente campo esportivo que se desenvolvia no “país do carnaval”. Já do outro lado, situavam os dirigentes das agremiações esportivas que figuram como dominantes no campo futebolístico, e tinham como objetivo se manter nessa posição, como já relatado por Hirata (2010)¹⁵⁵ no estudo. Outros atores que estavam deste lado eram jogadores de futebol que faziam parte das camadas econômicas mais altas, e consideravam que a prática esportiva deveria ser feita de maneira amadora, entendendo que o profissionalismo depreciava o esporte¹⁵⁶.

O que se pode afirmar após essa disputa dentro do campo esportivo futebolístico nacional, compreendido a partir de Bourdieu (2004b, p. 50), é que o profissionalismo venceu esse confronto dentro deste “campo de lutas”, e o futebol brasileiro foi se desenvolvendo como uma modalidade esportiva de caráter profissional, transformando esse espaço social em não somente mais um local de prática esportiva, convertendo-se com bem definiu Holzmeister (2010, p. 5) em “mercadoria e regido pela lógica de mercado”¹⁵⁷.

Colocadas estas concepções, volta-se a relatar como se deu o fim dessa disputa, no instante em que é encerrado um dos quadros futebolísticos mais importantes do esporte bretão no Brasil até então, o Club Atlético Paulistano abandona o esporte ao perder a briga contra a APEA, e os clubes pró-profissionalismo. Com o fim do futebol no Grêmio do Jardim América, a LAF também é extinta.

É possível notar na leitura de Mazzoni (1960) que nem todos os integrantes do Paulistano eram favoráveis com o fim do futebol no clube, que contava em suas linhas com um dos maiores jogadores da fase amadora da modalidade esportiva em terras brasileiras,

¹⁵⁴ Podemos citar como exemplo deste fato o caso do Clube de Regatas do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, relatado na leitura do texto de Caldas (1990).

¹⁵⁵ Hirata (2010, p. 4) define que os agentes que ocupavam posição de domínio dentro do campo defendiam “a manutenção da ordem e o monopólio, objetivando exterminar a concorrência”, mantendo deste modo sua posição dentro do espaço social. Ver mais sobre os escritos de Hirata (2010) no item 1.4 da pesquisa.

¹⁵⁶ Essas questões foram já colocadas na pesquisa, de acordo com os escritos de Caldas (1990). O filme “*Carruagens de Fogo*” de 1981, dirigido por Hugh Hudson, aborda as questões do *Amadorismo X Profissionalismo* no esporte no início do século XX.

¹⁵⁷ Trabalho de Holzmeister já exibido na Dissertação no primeiro capítulo no item 1.3. *Sobre a temática central do estudo*.

Arthur Friedenreich¹⁵⁸. Alguns diretores e associados do clube liderados por Edgard de Souza, Alberto Caldas e Benedito Montenegro, contrários “a decisão da assembleia de conselheiros de que o clube abandonaria o futebol”, decidem formar uma nova associação esportiva “que prosseguisse com o futebol” (CALDAS, 1990, p. 192).

Juntamente com seus diretores, torcedores do Paulistano não aceitavam o fim do futebol em seu quadro esportivo, como “o clube mais bem-sucedido, com 11 títulos estaduais, sólida estrutura e boas finanças, podia simplesmente desistir dos gramados” (DUARTE; VILELA, 2011, p. 42). Foi então que seus dissidentes buscam a união com outro clube, para assim surgir uma nova agremiação esportiva. Foi pensado na união com o São Bento, porém após reuniões não houve acerto entre as partes, deste modo os ex-diretores do Paulistano procuraram a Associação Atlética das Palmeiras, que “há muito tempo em decadência havia corrido o risco de perder seu campo da Floresta” e se encontrava em uma situação difícil financeiramente (MAZZONI, 1960, p. 21).

Segundo Duarte e Vilela (2011) o Grêmio do Jardim América tinha amplas condições de continuar no futebol, agora a Associação Atlética das Palmeiras gostaria de continuar no esporte bretão, porém não possuía dinheiro, uma equipe, e suporte, somente dispondo de dívidas. Os autores seguem explicando:

A agremiação, sem condições de disputar o campeonato de 1930, morreria caso não surgisse alternativa. Nisto alguns jogadores e diretores se articularam com os obstinados do Paulistano para juntar a fome com a vontade de comer: os antigos rivais se associariam de modo que, com o plantel e cabedal de uns e as instalações dos outros, estabelecessem uma nova força (DUARTE; VILELA, 2011, p. 42).

Após inúmeras reuniões entre os ex-diretores do Club Atlético Paulistano e os diretores da Associação Atléticas das Palmeiras, no dia 27 de janeiro de 1930 nasce São Paulo Futebol Clube, com as cores que representariam as duas agremiações, o alvirrubro do Paulistano e o alvinegro do Palmeiras, eclodindo o Grêmio das Três Cores (MAZZONI, 1960, p. 21).

Todo esse quadro exposto no texto do cenário futebolístico do Brasil, mais precisamente em São Paulo nesse período, teve como escopo relatar uma das principais disputas que ocorreram dentro campo esportivo futebolístico do Brasil ao longo de sua história, e foram de suma importância para o nascimento do SPFC, em 1930. Isto posto,

¹⁵⁸ Arthur Friedenreich foi o primeiro grande craque brasileiro na fase amadora do futebol aqui no Brasil. Ver mais sobre a trajetória de Arthur Friedenreich na Dissertação de Mestrado de René Duarte Gonçalves Junior “*Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*”, 2008.

confrontando todos os conceitos teóricos utilizados neste exercício histórico-sociológico, com os fatos relatados neste item, é possível compreender a partir destas teorias sociológicas, que ao analisarmos algumas questões colocadas dentro do campo esportivo, podemos entender também outros aspectos da vida social, elucidando desta maneira, que a sociologia do esporte é de fato uma ferramenta metodológica que pode ser usada para compreender fenômenos que ocorrem na sociedade, corroborando assim com as concepções de Murad (2009)¹⁵⁹ já aludidas nesta Dissertação de Mestrado.

Após essa reflexão externada nas linhas acima, regressa-se ao trabalho de Mazzoni (1960) que apresenta o que foi noticiado em “*A Gazeta*” de 28 de janeiro de 1930¹⁶⁰, sobre a fundação do mais novo clube da cidade de São Paulo. Assim o São Paulo Futebol Clube é fundado, o novo clube passaria a mandar seus jogos no estádio da Floresta que fora reformado, e é reinaugurado no dia 9 de março de 1930, para a disputa do Torneio Início. Sua primeira escalação é formada por Nestor, Clodoaldo e Barthô, Abate, Rueda e Sérgio, Formiga, Siriri, Friedenreich, Araken e Zuanella. Grande parte desses jogadores que formaram o primeiro time do SPFC foi do Club Atlético Paulistano, como Abate, Nestor, e o craque Friedenreich. Logo em seu primeiro campeonato disputado um resultado satisfatório, o vice-campeonato estadual de 1930, já no ano seguinte o SPFC conquistara seu primeiro título, sagrando-se campeão paulista de 1931 (DUARTE; VILELA, 2011).

É válido destacar um importante fato que marcou a curta história do Grêmio das Três Cores¹⁶¹, que foi a disputa da primeira partida de futebol profissional no Brasil, “coube ao S. Paulo F. C. disputar o primeiro jogo oficialmente, tendo nessa ocasião enfrentado o Santos F. C., em Santos, vencendo por 5 a 1”, partida que ocorreu no dia 12 de março de 1933

¹⁵⁹ Ver mais no item 1.2 *Sobre a sociologia do esporte e do futebol*, que faz parte do Capítulo I do estudo.

¹⁶⁰ “*Ontem, às 14 horas, reuniram-se à praça da República, 28 sócios da A. A. Palmeiras e do C. A. Paulistano para o fim especial de fundarem um novo clube que representasse condignamente a cidade de S. Paulo em competições esportivas. Foi convidado a assumir a presidência o dr. João de Oliveira Barros, que foi secretariado pelo dr. Luiz F. do Amaral. Foram discutidos os estatutos, sendo aprovados. Em seguida, procedeu-se a eleição da primeira diretoria que foi eleita por aclamação. Ficou assim constituída: Presidente, dr. Edgard de Souza; 1.º vice, Alberto Caldas; 2.º vice, Gastão Rachou; 3.º vice, dr. Benedito Montenegro; 1.º secretário, dr. Luiz Oliveira Barros; 2.º dito, dr. José Martins Costa; 1.º tesoureiro, João B. da Cunha Bueno; 2.º dito, dr. Caio Luiz Pereira de Souza – dr. Samuel Toledo Filho, Nevio Barbosa e dr. Rafael Sales Sampaio [...] Esse Novo Clube obterá como seu campo oficial a antiga Chácara da Floresta, atualmente ocupada pela A. A. Palmeiras. Estamos seguramente informado que é intuito da diretoria nova sociedade entrar imediatamente em obras, a fim de melhorar as condições técnicas do campo para cultivo do futebol. A cisão é apenas entre elementos do Palmeiras e do Paulistano porque não entraram em acordo com os sambentistas. Podemos adiantar que já se inscreveram para o S. Paulo F. C. os seguintes jogadores que militavam no Paulistano: Nestor, Clodô, Bartô, Sergio, Mario Andrade, Friedenreich, Joãozinho e Cassiona Passos. Os restantes jogadores já hipotecaram solidariedade ao novo grêmio devendo, em breve, fazer as suas inscrições*” (MAZZONI, 1960, p.21-3).

¹⁶¹ O São Paulo Futebol Clube também é conhecido como Grêmio das Três Cores.

(MAZZONI, 1960, p. 24). Essa primeira fase do SPFC não foi somente de glórias, o ano de 1935 marcaria novamente a vida desse jovem clube da capital paulista.

O SPFC nesse período conseguiu montar boas equipes, e sua situação financeira se encaminhava bem, tanto que no ano de 1934 o clube decide por comprar uma nova sede social, chamada de Trocadero, um “palacete na Rua Conselheiro Crispiniano, pertinho do Teatro Municipal e do comércio refinado da Barão de Itapetininga” (DUARTE; VILELA, 2011, p. 58). Porém a aquisição e montagem dessa nova sede trouxeram sérios problemas financeiros ao clube, que “passou a ter 190 contos de dívida, e como as partidas pouco rendiam na situação anormal em que estava o nosso ‘association’, mais alarmou os dirigentes do S. Paulo F. C.” (MAZZONI, 1960, p. 24).

Com a dívida crescendo, o SPFC entra no ano de 1935 em uma situação difícil, em janeiro do mesmo ano o Conselho Deliberativo do clube decide por uma fusão com o Clube de Regatas do Tietê (outro clube da capital paulista que ficava as margens do Rio Tietê), para assim quitar as suas dívidas, “em 17 de abril de 1935, quando tinha passivo de 221 contos e ativo de 7, o SPFC se fundiu ao CR Tietê”, que “quitaria 10 contos no ato e amortizaria o resto à razão de 20 contos por mês” (DUARTE; VILELA, 2011, p. 59).

Neste momento surgiu o Grêmio Tricolor, associação composta apenas por “sócios do S. Paulo F. Clube que tinham por fim ‘não só cooperar com o Clube e o desenvolvimento das várias modalidades de esportes, como proporcionar aos sócios reuniões, sessões esportivas e literárias, a sociabilidade entre sócios e atletas’”, e que eram contrários a essa fusão. (MAZZONI, 1960, p. 30).

Estes sócios contrários com a fusão do SPFC com o C. R. Tietê, liderados por Paulo Sampaio resolvem entrar na justiça em 23 de abril de 1935 contra a fusão dos clubes, “impugnando o direito da diretoria de fundir o clube com o Tietê, sem ser ouvida a opinião dos sócios, em flagrante desrespeito aos estatutos” (MAZZONI, 1960, p. 26). Outro ponto levantado por esses associados é que o futebol do SPFC dava lucro, e que nos dois anos anteriores a agremiação obteve um superávit em suas contas, e mesmo com as dívidas da nova sede e outros dispêndios o clube conseguiria sanar suas contas, os opositores da fusão sustentavam “que, se clubes menores conseguiriam administrá-la, por que não uma entidade forte como o São Paulo?” (DUARTE; VILELA, 2011, p. 59).

Os autores resumem como foi o fim da primeira fase do SPFC:

Seis dias depois, os tricolores mais inconformados entraram na Justiça para impugnar tudo, porque a diretoria não ouvira os associados. Ganharam e convocou-se assembleia geral para votar a fusão. Mas o estatuto do clube determinava que só podiam participar os sócios fundadores, e a grande maioria deles estava mesmo com a diretoria. Em 14 de maio, a fusão foi votada e aprovada, e extinguiu-se oficialmente o SPFC. Deixava assim de existir o primeiro Tricolor – aquele que, só para diferenciá-lo do atual, passaria a ser comumente chamado São Paulo da Floresta, designação que nunca tivera existência jurídica. Era, de novo, o fim. E, de novo, apenas o começo (DUARTE; VILELA, 2011, p. 59).

Deste modo estava decretada a extinção do SPFC com apenas cinco anos de vida, juntamente com o clube o Grêmio Tricolor foi extinto, já que em seu estatuto estava definido que com o fim do SPFC, o Grêmio estaria acabado. Com o desaparecimento do SPFC novas agremiações foram surgindo com o intuito de manter acesa a chama do Clube, “em 4 de junho de 1935, na residência do Sr. Fernando Sampaio nasceu o ‘Clube Atlético S. Paulo’ que ficou conhecido como Estudantes, constituído por Cassio Vilaça e outros antigos associados do São Paulo (MAZZONI, 1960, p. 31).

É fundado também o Independente por Araken Patuska e outros membros da antiga agremiação. Logo houve uma aproximação entre as duas associações, o Clube de Regatas do Tietê, membros do extinto São Paulo Futebol Clube, e do também proscrito Grêmio Tricolor, costurando o que seria uma futura junção, unindo forças para fazer eclodir novamente o São Paulo Futebol Clube (MAZZONI, 1960).

No dia 16 de dezembro de 1935 após uma histórica assembleia que contou com a presença dos diretores do antigo São Paulo Futebol Clube, do Clube Atlético São Paulo, do Clube de Regatas do Tietê, do antigo Grêmio Tricolor, e do Independente, renascia o São Paulo Futebol Clube.

Destaca-se uma parte da ata¹⁶² da assembleia que protocolou a volta do SPFC, publicada no livro do jornalista Thomaz Mazzoni em 1960. Ao longo de sua trajetória de mais de 86 anos de vida, diversos fatos marcaram a história do SPFC. Duarte e Vilela (2011) apontam o que foi o início desse novo São Paulo, que nas palavras de Thomaz Mazzoni ficou conhecido como o “Clube da Fé”:

¹⁶² *Aos 16 dias do mês de Dezembro de 1935, nessa cidade de São Paulo, às 20 horas, numas das salas do prédio número 9 – A, da Rua 11 de Agosto, perante grande número de pessoas interessadas, que atenderam a um convite feito por intermédio da imprensa pela diretoria do Grêmio Tricolor, realizou-se a assembleia que teve por fim fundar o São Paulo F. C [...] Antes de levantar a secção o Sr. Presidente declarou que a diretoria iria tomar as providências necessárias para que os estatutos fossem imediatamente registrados e prometeu que os membros da diretoria estavam dispostos a não medirem sacrifícios para que o pavilhão tricolor voltasse a tremular glorioso nos campos esportivos do Brasil elevando cada vez mais o nome do São Paulo F. C., cognominado o “esquadrão de aço” [...] (MAZZONI, 1960, p. 32-3).*

Recentemente surgiu o São Paulo FC Júnior, com as mesmas pretensões do Antigo. Se o novo São Paulo veio ao mundo da bola sem os haveres, fama e prestígio dos seus antepassados, trouxe a maior das riquezas: a fé no seu destino, o amor ao seu hoje. Somente a fé poderia levar o atual Tricolor a nascer como um clube varzeano qualquer e tornar-se logo uma agremiação no caminho reto do progresso do futebol superior. O clube da Fé, como merece ser chamado o atual São Paulo FC, está se encarregando de ser grande e campeão (DUARTE; VILELA, 2011, p. 69).

Em seus primeiros anos de vida, o novo SPFC fez parte de um momento importante da história brasileira do último século, durante as manifestações contra o Regime Varguista em meados dos anos 30 e 40. O então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, célebre inimigo dos paulistas instituiu em seu governo “O Estado Novo” (1937 – 1945) que retirava uma série de direitos dos cidadãos, entre estas proibições estava a “supressão das identidades e símbolos estaduais”, admitindo apenas a bandeira nacional. Manifestantes paulistas sem contar com bandeira de seu Estado utilizaram o pavilhão do SPFC, para assim substituir o lábaro do Estado de São Paulo em diversas manifestações contrárias ao Regime (DUARTE; VILELA, 2011, p. 70).

Durante a inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu em 27 de abril de 1940, que contou com a presença de Getúlio Vargas, em um “desfile cívico-esportivo, cópia cabocla dos espetáculos promovidos por Hitler e Mussolini”, mais de 12 mil atletas do Brasil e da América do Sul desfilaram, além das delegações dos clubes paulistas, Corinthians e Palestra Itália. Ao adentrarem no gramado as delegações dos dois clubes foram bastante festejadas, porém nada comparado com a festa feita pelo povo paulistano no momento em que a delegação do SPFC desfilou. A delegação foi recebida de maneira apoteótica pelos torcedores, aos gritos de *São Paulo! São Paulo! São Paulo!* O que representou uma clara afronta ao déspota gaúcho presente no estádio. Segundo Duarte e Vilela (2011), Getúlio teria afirmado para Adhemar de Barros (prefeito de São Paulo na época), que o SPFC era o clube mais querido da cidade, alcunha que mais tarde se tornaria apelido da agremiação, após vencer um concurso popular que daria o título de clube “Mais Querido da capital”, ao vencer Corinthians e Palestra Itália (DUARTE; VILELA, 2011, p. 79-80).

Diante desta conjuntura histórica evidenciada acima, é possível estabelecer a importância que o campo esportivo futebolístico no Brasil ocupa na sociedade, onde de acordo com esses relatos, é concebível entender o valor desse espaço social. Como já narrado no estudo no item anterior, Rodrigues (2005, p. 112) dialogou expondo que Bourdieu traz o campo esportivo, como um espaço autônomo, composto de “regras e atores sociais com interesses em disputar o poder”, porém ao apreendermos os parágrafos anteriores, constata-se

que o espaço social de prática futebolística nacional, apresenta ligações bem próximas com o campo da política brasileira.

Isso fica claro no momento em que um agente que faz parte do campo esportivo do futebol (SPFC), é utilizado para confrontar o principal personagem da política tupiniquim (o Presidente da República, Getúlio Vargas). É possível enxergar isto, quando a bandeira deste ator social presente no campo esportivo, é usada em manifestações contrárias ao Governo vigente da época, e também durante o desfile de inauguração do Estádio do Pacaembu, quando a delegação do SPFC, foi a mais festejada ao desfilar no gramado, como bem reportou os autores Duarte e Vilela (2011).

A conjunção histórica brasileira, que marcou as brigas entre o Presidente da República Getúlio Vargas, e o Estado de São Paulo, expõem neste instrumento de análise sociológica, a relação que pode existir entre dois espaços sociais, de um lado o campo esportivo futebolístico, e de outro o campo da política nacional. Aclara-se agora, um pensamento de Bourdieu (2004a, p. 210) que confronta seus próprios conceitos¹⁶³, o qual o cientista social desenvolve suas ideias, dialogando que o campo esportivo “não é um universo fechado sobre si mesmo”¹⁶⁴, e que este espaço de prática esportiva pode interferir sobre outro espaço da vida social. Logo, admite-se que neste caso analisado, ocorreu uma relação direta entre dois campos distintos, e, por conseguinte, essa relação se deu entre o agente investigado nesta dissertação, e a principal figura política do país naquele período.

Claro que esse é só mais um exemplo de como o campo esportivo é capaz de interferir diretamente no campo da política nacional de um país. Na leitura já exibida no estudo de Guterman (2009)¹⁶⁵, é evidenciado a espécie onde o espaço social de prática futebolística no Brasil se relacionou diretamente com o cenário político brasileiro. Guterman (2009) traz o momento em que o Governo Militar (1964 – 1985) que governava o Brasil passou a estabelecer fortes ligações com importantes personagens do campo esportivo

¹⁶³ Bourdieu (1978).

¹⁶⁴ Essa passagem já foi exibida no item anterior do estudo 2.2 *Bourdieu, o campo esportivo, e o subcampo futebol*.

¹⁶⁵ Guterman em seu livro “*O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão de futebol do país*” (2009) disserta sobre essas questões, expondo no capítulo “Anos 1960 – 1980” como os governantes do Brasil utilizaram a Seleção Brasileira como instrumento de afirmação do Regime Militar durante a Copa do Mundo de 1970, realizada no México. O autor ainda apresenta como a Confederação Brasileira de Desportos na época foi aparelhada pelo Governo, sendo presidida a instituição que comandava o futebol brasileiro (CBD) a partir de 1975 pelo almirante Heleno Nunes.

futebolístico do país, entre eles a Seleção Brasileira de Futebol, e a Confederação Brasileira de Desportos, associação responsável por organizar e comandar o futebol brasileiro na época.

Depois de expor esta análise de um fato que marcou a história política nacional, e teve como um de seus personagens o SPFC, progredir-se-á com uma apreciação sobre as principais ações empreendidas pelo clube ao longo dos seus 86 anos de existência, buscando a compreensão de suas práticas, que tinham como objetivo situar o clube em uma posição dominante¹⁶⁶ no campo esportivo futebolístico nacional e internacional.

Dando início a essas ações empreendidas pelo SPFC, ilustra-se o campo esportivo futebolístico de São Paulo na década de 1940, onde o Campeonato Paulista de Futebol era a competição mais relevante que os clubes paulistas disputavam naquele período, e a conquista deste certame era de suma importância. Segundo Duarte e Vilela (2011, p. 93) “desde a refundação do SPFC, os títulos estaduais só se dividiam entre Corinthians e Palestra-Palmeiras”, deste modo, o Clube da Fé¹⁶⁷ desejava a conquista do título de campeão paulista, que o colocaria entre os principais clubes do Estado.

Para alcançar esse êxito esportivo os dirigentes do SPFC no ano de 1942, decidem pela contratação do grande ídolo do futebol brasileiro da época, o atacante de seleção brasileira, Leônidas da Silva. Duarte e Vilela (2011) relatam como foi essa contratação:

No SPFC, Paulo Machado de Carvalho, agora diretor de futebol, entusiasmou-se com a ideia de trazê-lo, e amigos que o cartola e o boleiro tinham em comum no rádio facilitaram as negociações. Roberto Gomes Pedrosa foi fechar negócio no Rio, e Leônidas, que antes fizera ressalvas a vir à terra da garoa – aquela história de que carioca julga impossível viver em outro hábitat, sobretudo quando este é a Pauliceia –, transferiu-se para o Tricolor por mais de 200 contos, entre passes e luvas (DUARTE; VILELA, 2011, p. 89).

Esta contratação foi segundo os autores “a maior transação da história de nosso futebol” até então, e mesmo com as desconfiças em torno do jogador, “a torcida são-paulina não quis saber e ficou eufórica”, cerca de “10 mil pessoas aguardava o trem de Leônidas no Brás” (DUARTE; VILELA, 2011, p. 89). A estratégia dos dirigentes tricolores deu certo, e logo na primeira competição disputada por Leônidas, o Campeonato Paulista de 1942, o

¹⁶⁶ Entende-se uma posição dominante neste cenário esportivo, a conquista de títulos e colocações de relevância nos campeonatos disputados no Brasil e no exterior, acúmulo de capital financeiro, grande número de torcedores, maior visibilidade do clube em terras brasileiras, fora delas, além também de estar entre os personagens que comandam os aspectos administrativos e burocráticos do campo esportivo futebolístico do Brasil.

¹⁶⁷ Apelido dado pelo jornalista Thomaz Mazzoni ao SPFC no período de sua refundação. Esse fato já foi relatado no texto na leitura de Duarte e Vilela (2011).

SPFC se tornara vice-campeão, conseguindo assim conquistar uma colocação de destaque no campeonato.

A estratégia de trazer esse grande ídolo brasileiro possibilitou ao clube alcançar uma posição de destaque no campo esportivo futebolístico paulista, já que sua chegada além de trazer uma melhora técnica dentro de campo, aumentou seu capital financeiro, e também o incremento de mais sócios e torcedores, “o clube conseguiu 7 mil novos sócios só no mês posterior à chegada de Leônidas”, amortizando o investimento feito para a sua contratação, além de aumentar a visibilidade do clube para fora da cidade de São Paulo. (DUARTE; VILELA, 2011, p. 92).

A estreia de Leônidas da Silva no SPFC foi divulgada por diversos veículos de comunicação do país, Souza (2008, p. 163) relata esse acontecimento, aludindo o que o jornal “*O Globo Sportivo*” do Rio de Janeiro publicava sobre o debute de Leônidas com a camisa tricolor, o qual foi noticiado como “o maior acontecimento esportivo do ano: a estreia de Leônidas”. Souza (2008, p. 163) seguiu destacando em seu trabalho o que foi publicado por esse periódico esportivo:

Às oito horas da manhã de domingo, grande era o público que se comprimia nas imediações do Pacaembu, esperando a abertura dos portões do estádio. E ao meio dia, quando cheguei ao campo procurando um lugarzinho para assistir sossegado o jogo, quase todas as dependências do Pacaembu estavam tomadas. (...) Era gente demais! (...) Mas valeu o sacrifício. Só o presenciar aquela formidável enchente humana valeu como um espetáculo! Deslumbrante e indescritível¹⁶⁸.

Ao trazer os escritos de Souza (2008) acima, comprova-se o aumento de visibilidade para fora das fronteiras paulistas que o SPFC teve ao contratar o Diamante Negro¹⁶⁹. Posto isto, a estratégia de trazer um astro do futebol brasileiro tinha dado certo, porém o clube ainda não havia conquistado o seu principal objetivo, que era a conquista do título do Campeonato Paulista. Por conseguinte, o SPFC em 1943 reforça seu quadro de jogadores, seus diretores esportivos contratam bons jogadores, como “Zezé Procópio, jogador de seleção [...], o parrudo Zarzur, que jogara na Floresta¹⁷⁰ e voltava de anos no Vasco” (DUARTE; VILELA, 2011, p. 94).

¹⁶⁸ Souza (2008) retirou essa notícia do jornal “*O Globo Sportivo*” de 29 de maio de 1942.

¹⁶⁹ Alcinha de Leônidas da Silva, que mais tarde se tornaria marca de chocolate e transformaria o craque brasileiro em garoto propaganda (DUARTE; VILELA, 2011).

¹⁷⁰ O São Paulo Futebol Clube entre 1930 – 1935 foi conhecido como São Paulo da Floresta, devido ao local do campo em que o clube mandava seus jogos.

Duarte e Vilela (2011, p. 94) reportam outra grande contratação que o SPFC fez ainda em 1943, Sastre grande “jogador do selecionado argentino”¹⁷¹. Com o acréscimo destas contratações, e com a base de jogadores que o SPFC já dispunha, o clube sagra-se campeão paulista de 1943, alcançando assim um dos seus principais objetivos traçados.

Seguindo essa mesma linha de ações, o SPFC alcança posição de domínio no campo esportivo futebolístico paulista na década de 1940, tornando-se campeão da principal competição do Estado em cinco oportunidades (1943¹⁷² – 1945¹⁷³ – 1946¹⁷⁴ – 1948¹⁷⁵ – 1949¹⁷⁶), estabelecendo-se como o maior ganhador de títulos paulista dessa década. Os diretores do clube nesse período prosseguiram com as mesmas estratégias, contratação de bons jogadores, e a manutenção da maioria dos jogadores campeões pelo clube nos anos antecedentes¹⁷⁷ (DUARTE; VILELA, 2011).

Alicerçado com o conceito de campo e campo esportivo de Bourdieu (1997; 1978), é possível compreender os escritos que se apresentam nas linhas que antecedem este inciso, entendendo que as ações apreendidas pelos diretores do SPFC foram executadas para posicionar o clube como um agente dominante no campo esportivo o qual ele fazia parte.

Evidenciando mais uma vez os escritos de Hirata (2010) que apreende o campo esportivo como um lugar que existem disputas entre os atores que formam esse espaço de prática esportiva (clubes e associações), pode-se afirmar que o SPFC ao alcançar seus objetivos estabelecidos, conseguiu modificar sua posição dentro do referido espaço de prática futebolística, mudando também a estrutura vigente no campo futebolístico paulista nos idos dos anos 40.

¹⁷¹Duarte e Vilela (2011, p. 94) discorrem sobre o jogador argentino que vestiu a camisa do SPFC: “O meia argentino Antonio SASTRE (Lomas de Zamora, 27/4/1911 – Buenos Aires, 23/11/1987) vinha de 12 temporadas do temido Independiente e era dos principais nomes de uma legendaria seleção argentina. Pelo São Paulo, seriam três campeonatos em quatro anos, e, naquele grande renascimento tricolor, El Maestro talvez só perca em importância para Leônidas”.

¹⁷² Escalação do SPFC no último jogo do Campeonato Paulista de 1943: *King; Piolim e Virgílio; Zezé Procópio, Noronha e Zarzur; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal* (DUARTE; VILELA, 2011, p. 96).

¹⁷³ Escalação do SPFC no antepenúltimo jogo do Campeonato Paulista de 1945: *Gijo; Piolim e Renganeschi; Bauer, Zarzur e Ruy; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira* (DUARTE; VILELA, 2011, p. 101).

¹⁷⁴ Escalação do SPFC no último jogo do Campeonato Paulista 1946: *Gijo; Piolim e Renganeschi; Ruy, Bauer e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira* (DUARTE; VILELA, 2011, p. 103).

¹⁷⁵ Escalação do SPFC no último jogo do Campeonato Paulista de 1948: *Mário; Savério e Mauro; Bauer, Ruy e Noronha; China, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeira* (DUARTE; VILELA, 2011, p. 106).

¹⁷⁶ Escalação do SPFC no penúltimo jogo do Campeonato Paulista de 1949: *Mário; Savério e Mauro; Bauer, Ruy e Noronha; Friaça, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeira* (DUARTE; VILELA, 2011, p. 107).

¹⁷⁷ O São Paulo Futebol Clube manteve sempre de um título para o outro na década de 1940 pelo menos 6 jogadores titulares em sua equipe (DUARTE; VILELA, 2011).

Essa passagem dialoga diretamente com o que foi já exibido no texto, sendo exequível apreciar estas questões com base nos escritos de Bourdieu (2004b), compreendendo este referido espaço social como um espaço de lutas pelo poder, e com disputas para alcançar posições de destaque, onde os que obtinham posição de superioridade buscavam se manter (Palestra Itália e Sport Club Corinthians Paulista), e os que ocupavam um lugar de desvantagem (São Paulo Futebol Clube) almejavam ascender ao domínio deste campo esportivo futebolístico. É visível notar, a partir dos relatos históricos, que o SPFC conseguiu atingir este posto, ao se tornar o maior vencedor de títulos estaduais na década citada.

Corroborando com o que foi descrito acima, alude-se novamente o texto de Duarte e Vilela (2011), que ilustra um momento que marcou a história do SPFC, e atesta o que foi exposto. Os autores trazem uma sátira que demonstra como a agremiação era enxergada dentro do cenário do futebol paulista:

[...] após a decisão de 1942, não estranhava que não se pusesse fé no Clube da Fé. Na brincadeira famosa, já poderiam tirar na moedinha o futuro campeão paulista. Cara, o Palmeiras. Coroa, o Corinthians. O São Paulo? Só se a moeda caísse em pé [...]. Na charge de **A Gazeta**, o que antes parecia impossível: no estadual de 1943, a moeda cai em pé, e o SPFC refundado é finalmente campeão, encerrando o longo período em que só Corinthians ou Palestra-Palmeiras conquistavam o título paulista (DUARTE; VILELA, 2011, p. 93-95).

A maneira de como o SPFC era visto dentro do campo esportivo do futebol de São Paulo, só foi alterada após a conquista dos cinco títulos estaduais vencidos pelo clube durante a década de 1940. Esses êxitos esportivos possibilitaram ao SPFC inverter sua imagem dentro do espaço social futebolístico da capital paulista, fazendo com que o clube ocupasse uma posição de notoriedade na referida esfera esportiva.

Dando prosseguimento ao texto, avançar-se-á neste átimo da pesquisa com as décadas subsequentes da história do SPFC, progredindo com a perquisição das ações que os dirigentes do clube realizaram, procurando as depreender de acordo com a fundamentação teórica já apresentada no trabalho. Ao adentrar nos anos 50 do século passado, o SPFC idealiza, e começa a erigir uma ambiciosa obra, a construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi). Porém, por ora, não teceremos grandes considerações sobre essa ação administrativa do clube, pois o Estádio do Morumbi é o objeto central de investigação desta dissertação, e será compreendido e analisado no próximo capítulo deste instrumento de pesquisa histórico-sociológico.

Antes de iniciar a análise das questões descritas nas linhas acima, introduzir-se-á uma breve observação sobre o homem que comandou o clube em grande parte da execução desse empreendimento são-paulino. Essa apreciação destacará Laudo Natel¹⁷⁸, presidente do SPFC de 1958 a 1971, que além de comandar o SPFC, foi um agente importante no campo político, e econômico brasileiro (VIVEIROS, 2010). Lutiano e colaboradores (2013) destacam a partir dos escritos de Viveiros (2010) quem foi esse personagem:

No cenário econômico, Laudo Natel começou sua carreira no Banco Noroeste, sendo levado por seu amigo Amador Aguiar para o Banco Brasileiro de Descontos, o Bradesco, onde teve uma atuação muito importante, ocupando o cargo de diretor e presidente da instituição. Natel também foi diretor da Associação Comercial de São Paulo, diretor do Sindicato dos Bancos de São Paulo e presidente da Comissão Bancária do Conselho Monetário Nacional. Como político, Laudo Natel foi eleito como vice-governador de São Paulo em 1962, ocupando a cadeira de governador por duas vezes: com seu primeiro mandato de 1966 a 1967, quando sucedeu o então governador do Estado de São Paulo Ademar de Barros que fora cassado pelo governo militar brasileiro, e de 1971 a 1975, quando foi eleito governador de maneira indireta, eleito pelo colégio eleitoral. Laudo Natel fazia parte do partido de direita ARENA (LUTIANO et al, 2013, p. 1).

Essa breve explanação sobre Laudo Natel dialoga diretamente com as concepções descritas no encetamento deste item, as quais observaram que os agentes que ocupavam posição de destaque em outros campos da vida social, também passaram a figurar no espaço de prática esportiva, e da mesma forma buscaram ocupar um lugar de destaque no campo futebolístico. Logo, esta concepção evidenciada acima, apresenta este ator do campo futebolístico brasileiro, o qual além de integrar esse específico espaço social, participava ativamente do cenário político, e econômico, ocupando nos três campos sociais posição de destaque, o que reforça o pensamento de Bourdieu (2004a), sendo plausível observar que agentes que ocupam posição de domínio em um determinado campo, também irão buscar situar-se do lado dominante em outros espaços sociais que se fizerem presentes.

Após essa circunscrita explanação sobre este particular personagem que atuou de maneira notável em diferentes campos da sociedade, regressar-se-á neste momento com as considerações aludidas anteriormente. Revela-se que durante a edificação do estádio nas décadas de 1950 e 1960, o SPFC sofreu no âmbito esportivo, conquistando apenas o Campeonato Paulista de 1953, e de 1957, sagrando-se campeão estadual novamente apenas no ano de 1970. Será exposto de maneira limitada agora, um dos motivos que fizeram o clube

¹⁷⁸ Laudo Natel foi eleito pela primeira vez presidente do São Paulo em 1958, e ocupou o cargo até 1971. Afastou-se da presidência em duas ocasiões, em 1966, para assumir o posto de Governador do Estado de São Paulo, regressando ao clube em 1967, e em 1971, para novamente encarregar-se da mesma função pública. (LUTIANO et al, 2013).

conquistar poucos títulos nesse período, além de exibir uma interpretação dessa ação erigida pelo Clube da Fé, segundo o conceito de estratégia de Bourdieu (1974; 2004a).

O primeiro ponto do parágrafo anterior a ser elucidado, é que a partir da construção do Morumbi, a maior parte das receitas do SPFC seria destinada às obras do estádio, deste modo, diminuindo os investimentos que eram designados ao time de futebol. Com isso não seria mais possível manter, e nem contratar grandes jogadores, como realizado anteriormente na década passada. Em vista disso, o clube neste momento abre mão de sua posição vencedora no campo esportivo do futebol bandeirante (DUARTE; VILELA, 2011).

Esse fato histórico é certificado por Duarte e Vilela (2011, p. 117) relatando que alguns diretores foram contrários à edificação do estádio, entre esses dirigentes estava o “*Marechal da Vitória*”¹⁷⁹, Paulo Machado de Carvalho que enxergava “não sem bons fundamentos, que seria uma aventura de muito dinheiro e muitos anos e traria sérios prejuízos para o departamento de futebol, pondo em risco a posição vencedora que o SPFC conquistara”. E isto de fato aconteceu, pois durante a construção do Morumbi, o SPFC amargaria 12 anos sem a conquista de um título paulista, voltando a ser campeão novamente apenas com o estádio totalmente pronto (DUARTE; VILELA, 2011).

Retornando a interpretação dessa ação efetivada pelo clube, é evidenciado que este ato pode ser apreendido através do conceito social de estratégia de Bourdieu (1974; 2004a), que será elucidado nos escritos a seguir. Reportando o trabalho já aclarado neste exercício acadêmico de Garcia (1996, p. 66), é exposto o conceito social de estratégia como uma cadeia de ações organizadas e canalizadas pelos atores de um determinado campo, que visam através dessas práticas alcançar e maximizar os “lucros específicos em jogo” no determinado espaço social. Os diretores são-paulinos vislumbraram a partir dessa estratégia de construir seu próprio estádio, potencializar as receitas econômicas do clube a partir da edificação do Morumbi.

A ideia dos dirigentes era possibilitar ao clube aumentar as suas receitas a partir da concepção do seu estádio, com as rendas provenientes das bilheteria dos jogos do SPFC, e das partidas de outros clubes que se enfrentariam na casa são-paulina, além da arrecadação

¹⁷⁹ Paulo Machado de Carvalho ficou conhecido como o Marechal da Vitória devido ao fato de ser o Chefe da Delegação Brasileira nas Copas do Mundo de 1958, e 1962, realizadas na Suécia e no Chile respectivamente. Nas duas competições a Seleção de Futebol do Brasil conquistou o título mundial.

que viria de outros eventos que o estádio poderia comportar¹⁸⁰. Salienta-se o fato que nessa época do futebol brasileiro eram poucos os clubes que possuíam seu próprio local de prática futebolística, e mesmo os “campos” particulares (algumas agremiações já contavam com seus respectivos estádios), não comportavam tantos torcedores como o Morumbi viria a acomodar (MASCARENHAS, 2014). Por conseguinte, o SPFC aumentaria seus recursos financeiros, que poderiam ser investidos na formação de um time forte, com bons futebolistas, além de empregar esse capital na melhoria da infraestrutura do clube.

Deste modo, podemos entender essa ação empreendida pelo SPFC, alicerçados com as concepções de Garcia (1996), interpretando-a como uma prática que maximizaria o faturamento do clube, e o transformaria no agente detentor de mais capital econômico dentro do campo esportivo o qual ele fazia parte, propiciando assim a montagem de boas equipes, com elevada qualidade técnica, além de melhorar a estrutura oferecida aos profissionais que integravam seu departamento de futebol, com o escopo final, de conquistar títulos esportivos, e consequentemente transformar o SPFC no principal ator do campo futebolístico nacional.

As concepções de Duarte e Vilela (2011, p. 117) seguem respaldando essa análise, na qual os autores confirmam que o Estádio do Morumbi proporcionaria ao SPFC acomodar muitos torcedores, além de livrá-lo “de continuar alugando o campo da prefeitura¹⁸¹ e faria do próprio clube um locador”, e como consequência disto, mais dinheiro entraria nos cofres do clube. À vista disso, é possível afirmar que essa estratégia foi seguida a risca, com o Morumbi terminado os diretores do SPFC decidem pela contratação de grandes jogadores do cenário futebolístico nacional e internacional.

Ainda no ano de 1969 o SPFC contrata o meio campista Gerson, grande jogador da seleção brasileira tricampeã do mundo na Copa de 1970 no México. Juntamente com o Canhotinha de Ouro¹⁸², ainda no mesmo ano, chega ao SPFC Toninho Guerreiro¹⁸³, atacante do grande time do Santos Futebol Clube de Pelé e companhia¹⁸⁴. No ano seguinte com o Estádio Cícero Pompeu de Toledo concluído, o SPFC adquire o lateral direito da seleção

¹⁸⁰ O Estádio Cícero Pompeu de Toledo foi palco de inúmeros eventos não esportivos, entre eles shows musicais (ARAUJO, 2015).

¹⁸¹ Estádio Municipal do Pacaembu.

¹⁸² Gerson foi apelidado desta forma devido ao fato de ser canhoto e ter uma técnica refinada com a perna esquerda.

¹⁸³ Toninho Guerreiro jogou oito anos no Santos Futebol Clube, marcando 283 gols (DUARTE; VILELA, 2011).

¹⁸⁴ O centroavante Toninho Guerreiro fez parte do maior time da história do Santos Futebol Clube, que era comandado dentro de campo pelo melhor jogador de futebol de todos os tempos, Pelé, e contava com craques do futebol brasileiro, como Clodoaldo, Edu, Pepe, entre outros.

uruguaia, Pablo Forlán¹⁸⁵, dessa maneira, com a aquisição desses futebolistas de destaque, e outros bons jogadores¹⁸⁶ no plantel o SPFC volta a ser campeão paulista em 1970 (DUARTE; VILELA, 2011).

Ainda no início da década de 1970, mais precisamente em 1971, o clube contrata Pedro Rocha, “escolhido por Pelé um dos cinco melhores do mundo”, para fazer parte do seu elenco de jogadores (DUARTE; VILELA, 2011, p. 155). Pode-se observar que o SPFC repete algumas estratégias já utilizadas anteriormente, como à contratação de grandes futebolistas, como consequência o clube restitui sua posição vencedora no cenário do futebol paulista, porém desta vez, se estabelece também como um importante agente esportivo do campo futebolístico nacional e internacional.

O SPFC volta a se tornar o maior vencedor de títulos paulistas em 10 anos, além do Campeonato Paulista de 1970, o clube sagra-se campeão estadual em 1971, 1975, e 1980. No cenário nacional um título conquistado, o Campeonato Brasileiro de 1977, e dois vices campeonatos, em 1971, e 1973, já na esfera esportiva internacional o clube chega a semifinal da Taça Libertadores da América¹⁸⁷ em 1972, e em 1974 conquista o vice-campeonato da competição, sendo derrotado pelo Clube Atlético Independiente da Argentina (DUARTE; VILELA, 2011).

Este relato histórico das conquistas do SPFC pós-imediata construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, possibilitaram ao clube alcançar uma posição dominante no campo esportivo futebolístico¹⁸⁸ neste período. Além deste êxito auferido, é possível interpretar que a partir da edificação do Morumbi, outro escopo dentro do espaço social de prática esportiva foi atingido pelo clube. Fundamentado com as perspectivas teóricas de Guterman (2009), Caldas (1990), Duarte e Vilela (2011), Santos (2014), Silva e Campos Filho (2006), e Campos e Roman (2008), elucidadas já neste instrumento de pesquisa, é compreendido que com a consecução do seu próprio estádio, o SPFC passa a acumular mais capital financeiro do que outros os agentes esportivos que disputavam o poder dentro do respectivo campo (Clubes de futebol do Brasil).

¹⁸⁵ Pablo Forlán vestiu a camisa da seleção uruguaia em três Copas do Mundo (DUARTE; VILELA, 2011).

¹⁸⁶ O elenco são-paulino no título paulista de 1970 contava ainda com Roberto Dias, considerado por Pelé seu grande marcador, Sérgio, Gilberto Sorriso, Paulo, Terto, Paraná, entre outros (DUARTE; VILELA, 2011).

¹⁸⁷ Principal competição de clubes da América do Sul. Hoje a *Copa Libertadores da América* conta com clubes mexicanos, além das agremiações esportivas do continente sul-americano (CONMEBOL, 2016).

¹⁸⁸ Ver nota de rodapé 149.

De acordo com a leitura de Rodrigues (2005, p. 115) dentro do espaço social de prática esportiva ocorrem disputas entre os agentes nele presentes, que visam obter um maior domínio dos elementos “simbólicos” e “materiais”, nos levando a interpretar o quesito financeiro como um dos objetos em disputa dentro deste campo, que possibilita ao agente detentor de maior poderio econômico, conquistar o “poder material”. Alicerçado com todos estes conceitos teóricos, e com os relatos acima apresentados, aclara-se que o SPFC apodera-se de mais um elemento requisitado no campo das práticas futebolísticas, acúmulo de mais capital.

Retrocedendo ao ponto inicial do texto que tratou das brigas que existiram dentro do espaço social de prática futebolística no Brasil, relacionar-se-á neste âmbito do estudo essas questões, com o que vem sendo exibido nos parágrafos anteriores. Um dos pontos apreendidos neste exercício acadêmico, que possibilitariam ao SPFC integrar o lado dominante do campo esportivo do futebol nacional, era comandar as ações administrativas do esporte bretão brasileiro.

Diante desta análise evidencia-se um período da história do SPFC, o qual o clube apresentou demandas contrárias a principal instituição reguladora da respectiva modalidade esportiva no Brasil, a CBF¹⁸⁹. Esta observação relata a relação direta dos atores esportivos brasileiros, apresentando as discussões entre o SPFC e a associação controladora do futebol nacional.

Beting (2011) descreve em seu texto todos os fatos que ocorreram neste episódio do futebol brasileiro em meados da década de 1980¹⁹⁰, porém nestas linhas que se sucedem o que abordaremos apenas, é que o SPFC foi um dos agentes mais envolvidos nesta trama administrativa do campo esportivo futebolístico do Brasil. O clube se posicionou contrário à instituição (CBF) que detinha o controle do Campeonato Brasileiro, e juntamente com outras agremiações esportivas, disputaram a chefia do referido espaço de vida social. Isto fica claro

¹⁸⁹ Confederação Brasileira de Futebol.

¹⁹⁰ Este episódio que marcou o Futebol Brasileiro ocorreu no ano de 1987. A partir dessas desavenças originou-se o Clube dos 13, entidade formada pelos principais clubes do futebol do Brasil. A partir da formação desta nova instituição foi concebida a Copa União, disputada em 1987. O jornalista Mauro Beting (2011) narra em seu texto, de maneira completa, todos os acontecimentos que envolveram esse capítulo da história futebolística nacional. A referência deste texto se encontra no item Referências Bibliográficas desta Dissertação de Mestrado.

na leitura de Beting (2011, p. 1) ao expor uma frase do então presidente do São Paulo Futebol Clube, Carlos Miguel Aidar¹⁹¹, que dizia “nós queremos o poder”.

Sob a luz dos relatos de Beting (2011), é aclarado que a partir destas disputas, os principais clubes de futebol do Brasil, criaram uma nova entidade, o Clube dos 13, que seria contrária a CBF. Atestando como o SPFC estava intimamente envolvido nesta querela, declara-se que o então presidente do SPFC aludido no parágrafo anterior, era o mesmo que iria presidir esta mais nova instituição do campo esportivo do futebol brasileiro.

Os conceitos de Bourdieu (2004a; 2004b), juntamente com as concepções desenvolvidas por Rodrigues (2005), nos permitem avançar sobre esse momento de análise proposto neste instante no texto, elucidando que durante um período histórico do futebol no Brasil, ocorreu uma disputa pelo poder desta modalidade esportiva, na qual os principais agentes presentes neste campo se enfrentariam com o intuito de conseguirem o controle da maior competição nacional de clubes, onde este comando proporcionaria aos que vencessem este litígio, a conquista de mais objetos que estavam em disputa neste espaço esportivo, entre eles o capital financeiro.

O que é importante ser destacado nas linhas a seguir, é o fato do SPFC ser um dos protagonistas desta disputa que ocorreu no cenário futebolístico brasileiro, o que expõe de acordo com o que foi exibido no encetamento deste item, que o clube além de almejar as conquistas no âmbito esportivo, e acúmulo de mais capital econômico, ambicionava também possuir o controle administrativo do futebol nacional, deste modo, posicionando-se como o principal ator desse espaço de prática esportiva, que sem exageros, o transformaria no agente esportivo possuidor de mais poder neste campo.

Cessando este tópico que buscou entender o SPFC dentro do espaço de prática esportiva¹⁹² o qual ele esta inserido, com base nas teorias de campo e campo esportivo de

¹⁹¹ Carlos Miguel Castêx Aidar foi presidente do SPFC entre 1984 – 1988, voltando ao principal cargo eletivo do clube em 2014, posteriormente pedindo renúncia da função em 2015 (SÃOPAULOFC.NET, 2016).

¹⁹² Rapidamente são evidenciados alguns esportistas que fizeram parte do quadro esportivo o SPFC. O clube contou com grandes atletas brasileiros de outras modalidades esportivas, destaca-se o saltador do salto triplo Adhemar Ferreira da Silva, bicampeão Olímpico nas olimpíadas de Helsinque 1952, e de Melbourne 1956 (defendendo as cores do SPFC foi campeão olímpico em 1952 e recordista mundial em 1955), e o pugilista Éder Jofre (campeão mundial de boxe em 1960 e 1973). No futebol vestiram a camisa tricolor jogadores que marcaram a história do futebol brasileiro e mundial, como os já citados Arthur Friedenreich, Leônidas da Silva, Pedro Rocha, Gerson, além de Bellini, Mauro Ramos de Oliveira, Careca, Cafu, Raí, Rogério Ceni, além de ter sido comandado por um ícone dos treinadores de futebol, o saudoso Telê Santana (DUARTE; VILELA, 2011) (SÃOPAULOFC.NET, 2016).

Bourdieu, esgota-se agora o texto, delimitando como o SPFC se encontra no campo esportivo futebolístico do Brasil, nos dias de hoje. Até o ano de 2016 o clube conta com um cartel de títulos nacionais e internacionais, é o maior vencedor de torneios internacionais do Brasil, sagrando-se tricampeão da Copa Libertadores da América, tricampeão do Mundo, bicampeão da Recopa Sul-Americana, campeão da Copa Sul-Americana, campeão da Copa CONMEBOL, campeão da Supercopa dos Campeões da Taça Libertadores da América, além do Hexacampeonato Brasileiro e vinte e uma conquistas do Campeonato Paulista (DUARTE; VILELA, 2011) (UOL, 2014).

Em termos financeiros o São Paulo Futebol Clube apresenta uma das maiores receitas dos clubes brasileiros, segundo a BDO em 2011, o SPFC foi exibido como o segundo clube mais valioso do Brasil com receitas sem transferências de atletas girando em torno de 201,9 milhões de reais (ESTADÃO, 2013). Em 2015 o SPFC foi apontado pela empresa de consultoria *Brand Finance* como o clube mais valioso fora do continente europeu, a empresa listou os 50 clubes mais ricos do mundo, e o SPFC apareceu na posição de número 43, com valor de mercado estimado de 95 milhões de dólares, o estudo utilizou como base de análise alguns fatores, como participação em torneios, fluxo de renda, ganho com transmissões de jogos, patrocínios, potencial de marketing, amplitude geográfica da ação da marca, entre outros elementos financeiros (SÃO PAULO FC.NET, 2015) (UOL, 2015). O clube ainda conta com uma das maiores torcidas do Brasil, pesquisas recentes realizadas pelos institutos IBOPE e DATAFOLHA apontam a torcida do SPFC como a terceira maior torcida do Brasil com cerca de 16,8 milhões de torcedores (LANCE!NET, 2012).

É possível observar que ao longo dos anos o SPFC se consolidou como um agente que está presente do lado dominante do campo esportivo o qual ele faz parte. Relembrando o que foi redigido no prelúdio deste item, o clube alcançou grandes conquistas de títulos no âmbito esportivo (estaduais, nacionais, e internacionais), acúmulo de um volumoso capital financeiro, excelente infraestrutura, notoriedade no cenário futebolístico nacional e internacional, tornando-se uma das agremiações esportivas do Brasil com o maior número de torcedores espalhados pelo país, além de ocupar durante um espaço de tempo, o comando administrativo do futebol brasileiro.

Todos esses pontos descritos acima foram compreendidos a partir da teoria de campo esportivo de Bourdieu (1978; 2004a; 2004b), o que nos leva a entender que a

conjuntura esportiva, e não esportiva que o São Paulo Futebol Clube se encontra hoje, o coloca como um agente detentor dos principais “capitais”¹⁹³ disputados dentro do campo futebolístico nacional, logo, o transformando em um ator dominante no espaço social de prática esportiva.

Delimita-se neste inciso, a interpretação analítica do São Paulo Futebol Clube no interior do campo esportivo o qual ele faz parte. É reconhecido, que essa interpelação teórica desenvolvida neste tópico da pesquisa, compreendeu apenas algumas das principais ações e práticas empreendidas pelo SPFC ao longo de sua história, pois sabe-se que faltaria espaço dentro deste exercício acadêmico, para redigir de maneira completa uma análise histórico-sociológica, de tudo o que foi executado pelo clube no decorrer dos seus 86 anos de vida. Porém, deve-se reconhecer que os parágrafos elaborados nesta etapa metodológica do estudo, abordaram acontecimentos históricos relevantes que marcaram este agente esportivo. Deste modo, foi aventado aqui uma intervenção descritiva e analítica sobre o principal ator investigado dentro deste instrumento de pesquisa.

Seguindo com a estrutura metodológica do estudo, aclara-se que este item se faz necessário, pois o SPFC foi o empreendedor do principal objeto de análise do trabalho, que será abordado posteriormente. Limitando agora esta temática sobre o SPFC, observa-se que os clubes de futebol, tanto nacionais como internacionais, apresentam um vasto campo de investigação para a sociologia e história do esporte, que se compreendidos corretamente podem auxiliar no entendimento das diversas questões que abrangem as ciências sociais e humanas.

Partir-se-á agora para o próximo capítulo desta peça de estudo social, que irá tratar, discutir, e analisar o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, sob a luz dos conceitos de Capital e Habitus, além de relatar as principais conquistas esportivas do SPFC após a edificação do Morumbi, até o ano do seu primeiro título mundial (1970 – 1992).

¹⁹³ A partir dos escritos de Bourdieu (1978; 2004a; 2004b), e dos demais autores utilizados neste instrumento de pesquisa histórico-social, definiu-se quais eram os capitais disputados dentro do campo esportivo em que o SPFC está inserido. Entendem-se estes capitais em disputa como: conquista de títulos esportivos no âmbito estadual, nacional e internacional, visibilidade de sua marca no Brasil e no mundo, acúmulo de grandes quantidades de rendas financeiras, grande número de torcedores espalhados pelo país, e excelente infraestrutura disponível aos seus profissionais.

CAPÍTULO III. DISCUSSÃO TEÓRICA

HABITUS E CAPITAL: UMA LEITURA SOBRE O ESTÁDIO DO MORUMBI

3.1. Capital, Habitus e o Morumbi.

O trabalho chega neste instante ao capítulo que irá apreender o principal objeto de análise da pesquisa, o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, que será compreendido a partir da metodologia de estudo proposta por Pierre Bourdieu. O que se empreenderá nesta fase da pesquisa, é uma discussão teórica com base nos conceitos sociais de Capital, e Habitus, que foram tratados no trabalho no item *1.4 Sobre Bourdieu e seus conceitos sociológicos: Capital, Habitus e Campo*¹⁹⁴.

Este diálogo conceitual que será exibido nos parágrafos abaixo apresentará um caráter histórico descritivo-analítico¹⁹⁵, o qual compreenderá as teorias sociais de Bourdieu aludidas acima, que serão utilizadas na análise das questões históricas que envolvem o estádio do SPFC, abordando-o como um objeto de diferenciação dentro do campo esportivo do futebol brasileiro. Iniciando este tópico, evidencia-se que a primeira etapa desta explanação teórica aludirá o surgimento dos primeiros estádios de futebol construídos no Brasil, seguindo posteriormente para o que foi versado no inciso anterior, uma análise do principal objeto de estudo do texto, articulando de maneira mais profunda as ações que marcaram essa obra empreendida pelo São Paulo Futebol Clube.

Guterman (2009, p. 17) traz que “o primeiro campo oficial do país foi o terreno da Chácara Dulley, no Bom Retiro, onde já se jogava críquete”. O autor afirma que “o primeiro estádio de futebol digno desse nome no Brasil foi uma adaptação do Velódromo Paulistano, erguido em 1892 por encomenda de Antonio da Silva Prado, ou simplesmente conselheiro Antonio Prado” (GUTERMAN, 2009, p. 17). Define-se:

O terreno onde foi construído o Velódromo era da mãe de Prado, Veridiana de Almeida Prado, ou simplesmente “Dona Veridiana”. Ficava onde hoje é a Praça Roosevelt, e nas redondezas jogava-se pelota basca. Na época, o ciclismo era moda

¹⁹⁴ Ver nas páginas 49-58.

¹⁹⁵ Será exposto os principais fatos que marcaram a idealização, e construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, além de analisar como o Morumbi foi se estabelecendo ao longo dos anos enquanto um elemento presente dentro do campo esportivo do futebol nacional.

em São Paulo, e a ideia era ter um lugar fechado onde a elite paulistana pudesse exercitar-se – ao local afluíam os amigos da família Prado; mais tarde, surgiria ali o Clube Athletico Paulistano. Em 1901, foi adaptado para receber jogos de futebol (GUTERMAN, 2009, p. 17-8).

Nota-se que tanto o primeiro campo de futebol, como o primeiro estádio em São Paulo citados pelo autor são construídos para o exercício de outras modalidades esportivas, não para o futebol, sendo esses espaços adaptados para a prática do esporte bretão. Mascarenhas (2014, p. 108) cita o estádio Parque Antarctica, “como provavelmente o primeiro estádio de futebol na história do Brasil”, que surge no local onde existia o parque de lazer da Companhia Antarctica, o qual já abrigava partidas de futebol. Este local foi o “palco dos jogos do primeiro Campeonato Paulista de futebol” em 1902 (MASCARENHAS, 2014, p. 108). Os três espaços mencionados, Velódromo, Chácara Dulley, e o Parque Antarctica são os primeiros “estádios” da capital paulista no início da década de 1900.

Registra-se também os primeiros estádios construídos fora de São Paulo, o primeiro da Região Sul do Brasil é erguido pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense em 1904, no Rio de Janeiro o Estádio das Laranjeiras do Fluminense Football Club é construído na década de 1900, e surge como primeiro palco futebolístico carioca. Em Salvador o Estádio da Graça é edificado em 1920, já na capital paranaense o Estádio Joaquim Américo é inaugurado no ano de 1924, e por fim, no Recife o Estádio da Liga Sportiva Pernambucana é arquitetado em 1915 (MASCARENHAS, 2014).

O trabalho do geógrafo Gilmar Mascarenhas (2014) traz uma leitura da geografia dos estádios construídos na primeira fase do futebol aqui no Brasil, são relacionadas estas construções com as condições de como se deu a introdução do esporte na sociedade brasileira:

Nesse sentido, nossos primeiros estádios eram destinados exclusivamente às elites. Sua geografia é inequívoca: localizados nos bairros mais nobres, e como equipamentos de pequeno porte (geralmente uma única estrutura edificada que sequer cobria toda a extensão de um dos quatro lados), apresentavam uma arquitetura mais assemelhada a um confortável teatro, porém, a céu aberto (MASCARENHAS, 2014, p. 107).

Um marco importante da construção dos estádios no Brasil é a edificação do Estádio de São Januário do Clube de Regatas do Vasco da Gama, inaugurado em 1927 com capacidade na época de 50 mil lugares. Erigido o Estádio de São Januário evidencia-se a segunda fase da construção dos estádios no Brasil, a fase dos grandes estádios construídos com grandes investimentos. Caldas (1990) traz a importância da inauguração do Estádio do

Vasco da Gama, o autor aponta para esta nova geração de aparelhos esportivos erguidos no Centro-Sul do país:

Em 1927, temos certamente um dos mais importantes acontecimentos político-esportivos da fase amadora, com a inauguração do Estádio de São Januário, do Clube de Regatas do Vasco da Gama. Este evento é um marco no futebol brasileiro. É a fase dos grandes investimentos em estádios no Sudeste e Sul do país. Com capacidade para um público de 50.000 pessoas, ele só seria superado pelo Estádio Alto da Glória (Belfort Duarte) em Curitiba, em 1932, e mais tarde pelo Estádio Municipal do Pacaembu (atual Paulo Machado de Carvalho), em 1940, São Paulo (CALDAS, 1990, p. 88).

Serão citados agora mais três estádios importantes para a história do futebol brasileiro, que são antecessores do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Pacaembu (Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho)¹⁹⁶, o Maracanã (Estádio Jornalista Mario Filho)¹⁹⁷ e por fim o Mineirão (Estádio Governador Magalhães Pinto)¹⁹⁸.

Erguido pela Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo em 1940, o Estádio do Pacaembu é concebido como um monumento da capital paulista, em consonância dos ideais da revolução de 1932. Mascarenhas (2014, p. 123) interpela que o estádio do Pacaembu nasce “com o discurso bandeirante ufanista de ‘locomotiva do Brasil’”. O estádio paulistano é inaugurado com capacidade para 70.000 pessoas, e é o primeiro grande estádio de futebol construído pelo poder público. A partir de sua obra inicia-se uma nova fase na edificação dos estádios do futebol brasileiro, a construção de imensos palcos futebolísticos com capacidade para mais de 100.000 pessoas, erigidos pelo Estado.

Isso fica claro com o Estádio Jornalista Mario Filho, ou Maracanã, um dos mais importantes templos do futebol mundial, que foi construído pelo governo carioca, para ser o principal palco da Copa do Mundo de 1950. Guterman (2009) traz algumas concepções sobre o que foi a realização desta obra colossal:

[...] Dutra investiu suas forças na realização da Copa de 1950. Dois anos antes, começou a construção do Maracanã, que viria a ser o maior estádio do mundo na época e que se tornaria o símbolo desse Brasil que almejava ser grande, a despeito dos problemas crônicos de sua eterna transitoriedade. Cerca de 3.500 operários foram mobilizados para a obra do estádio, que funcionou, no imaginário popular, como a nossa São Petersburgo – no século XVIII, a título de igualar-se às capitais europeias iluministas, o czar russo Pedro mandou construir uma cidade sofisticada às margens lodosas do rio Neva, mobilizando para isso todos os pedreiros de seu império. O Maracanã seria do mesmo modo, a prova que poderíamos eventualmente superar aquilo que de melhor havia na Europa, como prova da pujança nacional (GUTERMAN, 2009. p. 89-90).

¹⁹⁶ Nome oficial do Estádio do Pacaembu.

¹⁹⁷ Nome oficial do Maracanã.

¹⁹⁸ Nome oficial do Estádio Mineirão.

Já o Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, é inaugurado em 1965 com capacidade para cerca de 132.000 torcedores em Belo Horizonte. É arquitetado sob as mesmas concepções do Maracanã, o “Gigante da Pampulha” (como é conhecido devido sua localização) torna-se a casa do futebol de Minas Gerais. O Mineirão proporcionou “um salto evolutivo formidável na capital mineira, já que os demais se situavam no interior do espaço original da urbe planejada, àquela altura já bastante adensada” (MASCARENHAS, 2014, p. 166).

Observa-se que a edificação dos primeiros grandes palcos do futebol em terras brasileiras ocorreu por etapas, dos primórdios do esporte bretão por aqui no final do século XIX início do século XX, passando pelos anos pré-profissionalismo, até o momento da construção dos estádios com capacidade para acomodar grandes multidões. De acordo com o que foi exposto nos parágrafos anteriores sobre a edificação do Pacaembu, Maracanã, e Mineirão, pode-se compreender a concepção destes grandes equipamentos futebolísticos brasileiros a partir da teoria social de Capital.

Bourdieu (2011b) traz em um de seus textos o conceito de capital na sua forma material, apreendendo-o como um elemento que está vinculado diretamente na esfera econômica. Consoante com os escritos de Bourdieu (2011b) é possível compreender que estes grandes estádios com capacidade para comportar milhares de torcedores, proporcionaram grandes receitas financeiras aos agentes do campo esportivo futebolístico neste determinado período. Isto fica claro na leitura precedente de Mascarenhas (2014), que atesta como o “Gigante da Pampulha” (Mineirão) foi de suma importância para o crescimento econômico do futebol mineiro, possibilitando assim o seu desenvolvimento¹⁹⁹.

Além de compreender esses grandes palcos do futebol nacional como um elemento de cunho econômico, Bourdieu (1989a) nos permite interpretar esses locais de prática esportiva como espaços que irão expressar determinada influência dentro do campo esportivo, se tornando um fator de diferenciação em seu interior, exercendo uma força simbólica quando percebido dentro do meio em que está inserido, ou seja, o capital simbólico do estádio de futebol (Bourdieu, 2013 p. 113).

¹⁹⁹ Com grande capacidade de público, o Mineirão proporcionou aos principais clubes do Estado de Minas Gerais (Clube Atlético Mineiro, e Cruzeiro Esporte Clube) arrecadarem grandes rendas provenientes de suas partidas disputadas no “Gigante da Pampulha”. Isto posto, o Mineirão foi um importante instrumento do cenário futebolístico de Minas Gerais, através das receitas geradas pelo estádio foi possível o desenvolvimento econômico e esportivo do futebol mineiro.

Asseverando estas concepções, mais uma vez recorre-se ao trabalho de Mascarenhas (2014) ao discorrer sobre o “*Próprio da Municipalidade Bandeirante*”²⁰⁰ (Pacaembu), e ao texto de Guterman (2009) o qual concebe uma leitura sobre a edificação do Maracanã. No primeiro caso, o Pacaembu (estádio erguido pelo governo paulistano), fora sinônimo de orgulho para o povo paulista, em uma época de conflitos no cenário político brasileiro, onde de um lado estava o Estado Nacional Brasileiro, e do outro o Governo Bandeirante. O Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho se tornou orgulho do povo paulista, simbolizando a pujança do Estado de São Paulo, além de representar a sua força dentro do cenário político e esportivo. Deste modo, podemos interpretar este equipamento esportivo (Pacaembu) de acordo com as ideias de Bourdieu (2013) apreendendo-o como um capital simbólico dentro de dois diferentes campos sociais, o político, e o esportivo.

Elucidando o Maracanã a partir da teoria social de Bourdieu (1989b) regressa-se aos escritos de Guterman (2009) sobre o que foi a concepção do maior templo do futebol mundial²⁰¹, definindo que o Gigante de Concreto Carioca²⁰² foi concebido como símbolo de um país que ambicionava ser uma potência mundial, e a construção desta gigantesca obra demonstraria para os demais países que o Brasil era capaz de realizar feitos grandiosos como os realizados pelas grandes nações do mundo na época, por conseguinte, o Estádio Jornalista Mário Filho se tornaria um ícone que tinha como objetivo simbolizar a grandiosidade da nação brasileira, o que de acordo com os escritos de Bourdieu (1989b) é factível dizer, que o Maracanã pode ser entendido com um capital simbólico, sinônimo do desejo de retratar para o mundo a robustez do Brasil. É interessante aclarar, que da mesma forma que o Pacaembu se apresentou como um capital simbólico em mais de um espaço social, o principal palco futebolístico carioca também iria ser reconhecido em mais de um campo, neste caso sendo objeto de diferenciação no campo esportivo do futebol brasileiro e mundial, e no campo político internacional.

Após clarificar sobre estes três grandes palcos do futebol brasileiro, apreendendo-os com o conceito social de Bourdieu (1989a; 1989b; 2011b; 2013) prosseguir-se-á neste átimo do texto para a construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, explanando as

²⁰⁰ O Estádio Municipal do Pacaembu (Paulo Machado de Carvalho) também foi chamado com a alcunha de “*Próprio da Municipalidade Bandeirante*”, em sinônimo demonstrativo da força paulista. Junior (1995) disserta sobre o Pacaembu em seu texto “*O futebol paulista é o novo ‘homeless’*”, no jornal Folha de São Paulo de 02 de fevereiro de 1995.

²⁰¹ O estádio do Maracanã “viria a ser o maior estádio do mundo”, com capacidade para mais de 200 mil pessoas (Guterman, 2009, p. 89).

²⁰² Estádio do Maracanã.

principais ações empreendidas pelo SPFC para erigi-lo²⁰³. O então presidente do SPFC, Cícero Pompeu de Toledo é influenciado pela a realização da Copa do Mundo de 1950, e pela nova tendência de erguer gigantes estádios no Brasil, com a edificação do já citado Maracanã, e do estádio Olímpico do Grêmio, que já em 1954 abrigava quase 100.000 torcedores (MAZZONI, 1960) (MASCARENHAS, 2014). O SPFC motivado por esses exemplos vislumbrou a construção de um colossal estádio que iria lhe proporcionar um salto de qualidade estrutural, e a partir de seu novo empreendimento assegurar um futuro rentável (FUMAGAL; LOUZADA, 2009).

Destarte o presidente do SPFC na época, aderi à ideia da construção de um grande estádio, consoante ao texto de Duarte e Vilela (2001, p. 117), a “obra não só acomodaria muito mais pagantes, como livraria o São Paulo de continuar alugando campo da prefeitura e faria do clube um locador”. O momento vivido pelo país que progredia em compasso irrefletido possibilitou aos dirigentes do SPFC sonhar com um projeto grandioso.

Fumagal e Louzada (2009) relatam sobre essa decisão dos diretores do SPFC de erigir um gigantesco estádio:

Diante desta visão, decidiu-se pela construção de um estádio com capacidade para 150.000 pessoas, que se tornou a principal prioridade da administração; somente após a realização desta meta os investimentos seriam canalizados para a montagem de uma equipe competitiva, o que permitiria atingir o segundo objetivo: manter o SPFC entre os grandes clubes (FUMAGAL; LOUZADA, 2009, p. 12).

A leitura de Duarte e Vilela (2011) e de Fumagal e Louzada (2009) apresentadas acima, nos permitem depreender que o Estádio do Morumbi foi idealizado, e posteriormente edificado como um equipamento de grande importância para o progresso do SPFC dentro do campo esportivo do futebol brasileiro, conforme já abordado no capítulo anterior. Diante da fundamentação teórica que o estudo apresenta da teoria social de Capital, é exequível tratar esta passagem descrita pelos autores neste parágrafo.

Dialogando com o que foi exposto no último item do capítulo anterior²⁰⁴, que analisou o SPFC dentro do campo futebolístico o qual ele faz parte²⁰⁵, entender-se-á agora a concepção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo com base na teoria social de Capital. No

²⁰³ O grande idealizador da obra foi Cícero Pompeu de Toledo, presidente do SPFC de 1947 a 1958 (MAZZONI, 1960).

²⁰⁴ 2.3. *Bourdieu e seus conceitos sociológicos no campo esportivo investigado.*

²⁰⁵ No procedimento metodológico desta análise foram utilizados os conceitos sociológicos de Campo e Campo Esportivo.

texto já aclarado de Bourdieu (2004b, p.19), é definido a existência de dois tipos distintos de capital, o “capital econômico”, e o “capital cultural”, por ora iremos aplicar a ideia de capital econômico na compreensão desta conjuntura.

Ao expor seu entendimento, Bourdieu (2004b, p.19) esclarece que dentro de um espaço social existem alguns elementos que são utilizados como “princípios de diferenciação”, entre esses “princípios” está o capital econômico, que é estabelecido pelo autor como um dispositivo que distingue agentes sociais presentes dentro das sociedades. O sociólogo usa como exemplo o Japão, e a França, que tem o capital econômico como fator de distinção social. Diante destes escritos podemos apreender que dentro do campo esportivo futebolístico nacional, o capital econômico pode ser considerado como um elemento que distinguem os personagens (Clubes e Associações) presentes no interior deste espaço social, e que, por conseguinte, o detentor de maior capital financeiro irá ocupar posição de domínio no referido campo, diferenciando-se dos demais agentes.

A leitura de Bourdieu (2004b) permite depreender o Morumbi como um facilitador, ou seja, um elemento que possibilitaria ao clube dispor de grandes receitas financeiras, logo o diferenciando dentro do campo esportivo do futebol brasileiro. O que tornaria possível estabelecer essa distinção seria o volumoso acúmulo de capital econômico que o SPFC passaria a ter com o advento do seu novo estádio. De acordo com os relatos de Duarte e Vilela (2011) e Fumagal e Louzada (2009), a edificação do seu próprio estádio viria significar ao SPFC um grande aumento de recursos financeiros, transformando o clube em um agente esportivo singular, distinguindo-o dentro do espaço social de prática esportiva o qual ele fazia parte, fazendo com que ocupasse uma posição de domínio e destaque no referido campo.

Conforme já exibido no item anterior do trabalho, é possível fazer esta análise alicerçado com o trabalho de Mascarenhas (2014)²⁰⁶, que desenvolveu uma leitura histórica dos estádios de futebol aqui no Brasil. Destarte esta glosa, entende-se que a partir do Morumbi, um volume grande de receitas passaria a entrar nos cofres do SPFC, pois o clube poderia contar com as rendas dos seus jogos, com o aluguel do estádio para as partidas de outras equipes, além também de contar com as receitas provenientes de outros eventos que poderiam ser realizados no estádio. À vista disso, é estabelecido que a “casa do São Paulo Futebol Clube” se torna um instrumento que possibilitaria ao clube adquirir um dos principais

²⁰⁶ Ver nas páginas 119 e 120 desta Dissertação de Mestrado.

elementos de diferenciação presente no campo esportivo futebolístico nacional, e mundial, o capital financeiro.

E isto de fato ocorreu, com a edificação deste empreendimento seria viabilizado o aumento de receitas que entrariam no clube, o que é comprovado com as rendas dos grandes jogos disputados no Morumbi. De acordo com o site oficial do São Paulo Futebol Clube (2013), a partida inaugural do estádio recebeu um público pagante de 107.869 torcedores, para uma renda de NCr\$ 440.258,00²⁰⁷, sendo este fato corriqueiro durante os anos subsequentes, pois não só nos jogos do SPFC o Estádio Cícero Pompeu de Toledo acomodaria grandes públicos, e arrecadaria avultantes rendas (SÃO PAULO FC.NET, 2013).

Corroborando com o que foi descrito acima, já nos primeiros anos do Morumbi, durante a década de 1970 o estádio recebeu inúmeras partidas com mais de 100 mil torcedores, as quais foram disputadas pelo SPFC e seus adversários, além de confrontos entre os grandes clubes da capital paulista e do Brasil, e jogos da Seleção Brasileira de Futebol. Serra (2012) traz em seu texto os 100 maiores públicos do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, ao analisarmos seus escritos, nota-se que as partidas que se encontram no topo desta lista, foram disputas entre as décadas de 1970 e 1980, e início dos anos 1990, o que reforça as linhas do parágrafo anterior, certificando que o SPFC passaria a auferir grandes receitas a partir do seu estádio, o que possibilitaria o seu desenvolvimento econômico.

Abaixo segue uma relação dos vinte maiores públicos que o Estádio do Morumbi já registrou, reforçando o que foi referido acima. Ao visualizarmos essa resumida lista de jogos, será possível perceber que estas partidas foram disputadas nos anos iniciais do estádio, comprovando a importância que o Morumbi passou a ter para o SPFC. Segue nas linhas posteriores a relação dos vinte maiores públicos do Estádio Cícero Pompeu de Toledo²⁰⁸ (SERRA, 2012, p. 1).

OS 20 MAIORES PÚBLICOS DO ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO.

1º. 09/10/1977 – Associação Atlética Ponte Preta X Sport Club Corinthians Paulista – Público: 138.032.

2º. 15/10/1978 – Sociedade Esportiva Palmeiras X Santos Futebol Clube – Público: 123.318.

3º. 01/05/1974 – Brasil X Áustria – Público: 122.849.

²⁰⁷ O Cruzeiro Novo foi à moeda vigente no Brasil durante o período de 13/02/1967 a 14/05/1970 (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2016).

²⁰⁸ A relação a seguir foi registrada até o ano de 2012, pelo historiador Michael Serra. Ver a lista completa em <http://spfclopedia.blogspot.com.br/2012/09/os-100-maiores-publicos-do-morumbi.html>.

- 4°. 30/06/1985 – Brasil X Bolívia – Público: 122.308.
- 5°. 16/11/1980 – São Paulo Futebol Clube X Santos Futebol Clube – Público: 122.209.
- 6°. 22/12/1974 – Sociedade Esportiva Palmeiras X Sport Club Corinthians Paulista – Público: 120.522.
- 7°. 26/11/1978 – Sport Club Corinthians Paulista X Santos Futebol Clube – Público: 120.000.
- 8°. 29/05/1977 – Sport Club Corinthians Paulista X Santos Futebol Clube – Público: 117.677.
- 9°. 05/12/1982 – Sport Club Corinthians Paulista X São Paulo Futebol Clube – Público: 117.061
- 10°. 20/03/1977 – Santos Futebol Clube X Sport Club Corinthians Paulista – Público: 116.801.
- 11°. 26/08/1973 – Santos Futebol Clube X Associação Portuguesa de Desportos – Público: 116.156.
- 12°. 06/05/1984 – Sport Club Corinthians Paulista X Clube de Regatas do Flamengo – Público: 115.002.
- 13°. 22/05/1983 – Santos Futebol Clube X Clube de Regatas do Flamengo – Público: 114.491.
- 14°. 22/11/1976 – Sport Club Corinthians Paulista X Sport Club Internacional – Público: 113. 286.
- 15°. 17/06/1979 – Sociedade Esportiva Palmeiras X São Paulo Futebol Clube – Público: 112.016.
- 16°. 27/02/1983 – Santos Futebol Clube X Clube de Regatas do Flamengo – Público: 111.111.
- 17°. 20/08/1978 – Santos Futebol Clube X Sport Club Corinthians Paulista – Público: 111.103.
- 18°. 01/12/1991 – São Paulo Futebol Clube X Sociedade Esportiva Palmeiras – Público: 110.915.
- 19°. 20/12/1992 – São Paulo Futebol Clube X Sociedade Esportiva Palmeiras – Público: 110.887.
- 20°. 16/08/1979 – Brasil X Bolívia – Público: 109.735 (SERRA, 2012, p. 1).

Após registrar no texto as vinte maiores lotações do Morumbi, evidencia-se neste instante um dos grandes responsáveis pela concepção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o já citado Laudo Natel, presidente do SPFC durante grande parte da execução deste empreendimento. Este importante agente esportivo proferiu algumas palavras em um evento solene que ocorreu no Morumbi em 2012. O discurso do Patrono do SPFC²⁰⁹ assevera o que foi explanado neste ensaio teórico, atestando a importância do Morumbi para o crescimento econômico e estrutural do clube, além de registrar também sua importância para o desenvolvimento do futebol paulista e brasileiro. É transcrito nas linhas a seguir os dizeres do ex-presidente do SPFC:

[...] um estádio que representou o alargamento econômico do futebol de São Paulo, que é a capacidade do estádio do Morumbi. Hoje o futebol tem muitas rendas, o futebol tem televisão, o São Paulo tem muitas rendas, mais inicialmente era exclusivamente bilheteria, e o alargamento econômico que eu falo, foi exatamente a capacidade do estádio, o aumento do estádio. LAUDO NATEL (CANAL OFICIAL DO SPFC, 2012).

²⁰⁹ Laudo Natel recebeu o título de Patrono do clube como consequência de todos os seus atos realizados em pró do SPFC (SÃO PAULO FC.NET, 2017).

Entende-se então a partir destes relatos históricos e da sustentação teórica de Bourdieu (2004b; 2011b) o porquê o Estádio do Morumbi pode ser interpretado como um capital econômico do SPFC, podendo ser considerado segundo as palavras de Bourdieu (2004b, p. 19) como um “princípio de diferenciação”, que permitiu ao clube se distinguir dos demais agentes esportivos que buscavam alcançar a mesma posição de domínio dentro do campo esportivo. Aclarado esta questão, avançar-se-á agora com um relato histórico das ações empreendidas pelo SPFC, realizadas com o objetivo de erguer o seu estádio, interpretando-as alicerçado com a teoria social de Habitus de Bourdieu (1970)²¹⁰.

Enceta-se essa análise com o ano de 1950, que marca o início da jornada do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o SPFC até idos dos anos 50 era sediado no Canindé, local situado às margens do Rio Tietê, lá foi pensado em erguer o estádio, porém o terreno de 70.000 m² não abrigaria uma grande obra, e com a retificação do rio, e o projeto para construção das marginais o terreno seria diminuído ainda mais, logo não acomodaria um grande estádio. Por consequência, o SPFC passa a procurar um terreno, o primeiro local a ser pensado foi o terreno onde hoje está localizado o Parque do Ibirapuera, porém a prefeitura de São Paulo foi contrária a essa ideia, devido ao fato que em 1954 ela inauguraria o Parque em comemoração pelo aniversário do Quarto Centenário da cidade²¹¹ (DUARTE; VILELA, 2011) (SERRA, 2015).

Antes mesmo de o SPFC conseguir um terreno para levantar seu estádio, em 1951 à diretoria consegue um aval junto a Caixa Econômica Estadual de um empréstimo no valor de Cr\$ 5.000.000,00²¹², que auxiliaria no início da construção do estádio. É válido ressaltar que esse empréstimo também foi concedido a outros, clubes da capital paulista, como o Sport Club Corinthians Paulista, e a Sociedade Esportiva Palmeiras, que já haviam reivindicado e conseguido o benefício (SÃOPAULOFC.NET, 2013).

A construção do estádio onde hoje se encontra o parque mais famoso dos paulistanos não seria viabilizada, coube ao corpo diretivo do SPFC buscar alternativas. Após reuniões com o então prefeito Armando de Arruda Pereira²¹³, e a Imobiliária e Construtora Aricanduva, é escolhido o bairro do Jardim Leonor, Morumbi, como local onde o Estádio Cícero Pompeu de Toledo seria erigido. No dia 4 de agosto de 1952 o SPFC adquire o terreno

²¹⁰ Idem nota de rodapé 94.

²¹¹ O Parque do Ibirapuera foi inaugurado em 21 de agosto de 1954. Ver mais em <http://parqueibirapuera.org/category/revista/cultura-no-parque/>.

²¹² Em 1951 a moeda brasileira era o Cruzeiro (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2016).

²¹³ Armando de Arruda Pereira foi prefeito da cidade de São Paulo entre 1951 e 1953 (VIRGÍLIO, 2010).

de 99.873m², nessa primeira fase o Clube comprou cerca de 25.000m², a construtora doou 25.000m², e os outros quase 50.000m² foi doado pela prefeitura da capital paulista (SÃOPAULOFC.NET, 2013) (DUARTE; VILELA, 2011) (SERRA, 2015).

É importante explicar porque a engenharia para aquisição do terreno se deu desta forma, havia uma Lei Municipal que estabelecia espaços para a construção de praças de esporte em São Paulo, por isso a prefeitura doou uma parte do terreno ao SPFC, já a Construtora e Imobiliária Aricanduva era dona de uma gleba de mais de 2,3 milhões de metros quadrados na zona oeste paulistana, e tinha por objetivo o loteamento comercial do local. Nada melhor que um estádio, um grande empreendimento do SPFC como atrativo para o desenvolvimento da região, e consequentemente um chamariz para a venda dos lotes, já que a região era distante do centro da cidade, desconhecida por grande parte da população, e carente de infraestruturas básicas (SÃOPAULOFC.NET, 2013) (DUARTE; VILELA, 2011) (SERRA, 2015).

O jornalista Orlando Duarte e o historiador Mário Vilela (2011) em sua obra destacam essa passagem:

Em 1950, a Aricanduva passara a controlar na zona oeste uma gleba de 2,3 milhões de metros quadrados. Acusou-se Adhemar de, enquanto ainda estava no governo, ter desviado recursos públicos para a aquisição. Pela lisura do homem, não poremos a mão no fogo. Mas que fique bem claro: a incorporação da gleba seria auditada e aprovada pelas autoridades competentes e, de qualquer modo, não ocorreu nada de suspeito ou ilegal nas transações que a Aricanduva fez com o São Paulo e as outras pessoas físicas e jurídicas que se estabeleceriam ali. Igualmente importante: tampouco houve doação do poder público ao clube. A imobiliária pretendia transformar o que era um imenso ermo em bairro de alto padrão, e um dos chamarizes seria justamente o estádio numa época em que isso atraía compradores em vez de afugentá-los. Em iniciativa semelhante à City no Pacaembu, a Aricanduva doou 25 mil metros quadrados ao São Paulo, que comprou outros 25 mil e, no correr do tempo, adquiriria lotes contíguos até chegar aos quase 190 mil metros quadrados do atual complexo do clube (DUARTE; VILELA, 2011, p. 117).

Para apreender as primeiras ações realizadas pelo SPFC para erigir seu estádio, utiliza-se como ferramenta metodológica o conceito de *habitus*, o qual nos permite elucidar estas condutas iniciais interpretadas pelos dirigentes do SPFC. Estas práticas foram efetivadas com o intuito de dar os passos iniciais para a construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, para tal compreensão evidenciam-se as concepções teóricas de Bourdieu (2007, p. 162), as quais entendem o *habitus* como um “princípio gerador de práticas”, que são processadas pelos agentes presentes em um determinado campo, e que podem realizar estas determinadas ações com o intuito de alcançar um escopo já pré-estabelecido.

Deste modo, ao entender os procedimentos introdutórios para a concepção do Morumbi descritos acima, é claramente possível interpreta-los com este pensamento de Boudieu (2007) expostos nas linhas do parágrafo anterior. Definir o local onde seria erguido o estádio, auferir uma quantia financeira para poder dar início às obras, e atuar junto ao poder público, e a iniciativa privada com o objetivo de conseguir melhores condições para a aquisição do espaço onde seu empreendimento seria erigido, são práticas que podem ser interpretadas de acordo com a fala de Bourdieu (2007).

Esta leitura é entendida consoante às ideias de Bourdieu (1970; 2007), no instante em que essas práticas são atinadas como ações executadas por personagens que estão inseridos em um determinado espaço social, e que ao definirem estas estratégias de ação tem por objetivo atingir metas específicas. Tornando esta compreensão um pouco mais clara, é limitado que os agentes do campo são os dirigentes do SPFC, as ações tomadas por esse grupo de atores sociais aludidas acima são estes “princípios geradores de práticas” exposto por Bourdieu (2007), e que estas atitudes administrativas operacionalizadas tinham como alvo alcançar um objetivo singular, que era o de começar a erguer o Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

Estas conjunturas também podem ser depreendidas sob a luz das concepções de Azevedo (2003, p. 2), que apreende a teoria do habitus como práticas concebidas por um determinado grupo de pessoas, que tem como objetivo traçar “estratégias, respostas ou proposições objetivas ou subjetivas”. Logo, é aclarado que estas ações empreendidas pelo clube foram colocadas em prática por um grupo de indivíduos, no qual foi definido um plano estratégico para alcançar um deliberado escopo.

À vista disso, após ser colocado esta primeira análise das condutas administrativas do SPFC, apreciadas segundo o conceito social de habitus, prosseguir-se-á neste átimo temporal do texto com a leitura dos fatos que foram se sucedendo durante a empreitada de erguer o Estádio do Morumbi. Dessa forma, é exposto o momento em que a pedra fundamental do estádio é lançada, no dia 15 de agosto de 1952, em cerimônia que contou com o presidente do SPFC Cícero Pompeu de Toledo e diversos diretores, como General Porphirio da Paz, Frederico A. G. Menzen, Caetano Estelita Pernet entre outros, além da presença do Cardeal Monsenhor Francisco Bastos, que abençoou as terras onde seria erigido o estádio. (MAZZONI, 1960).

Comandado por Cícero Pompeu de Toledo, o SPFC constitui a Comissão Pró-Estádio, presidida pelo mesmo, e que contava em seus quadros com Piragibe Nogueira na Vice-presidência, Luiz Cássio dos Santos Wernec como Secretário, e Amador Aguiar no cargo de Tesoureiro. A comissão apresentava ainda os demais membros: Altino de Castro Lima, Carlos Alberto Gomes Cardim, Luiz Campos Aranha, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Oswaldo Artur Brakte, Roberto Gomes Pedroza, Roberto de Barros Lima, Marco Gasparian, Paulo Machado de Carvalho, e Pedro França Pinto²¹⁴ (MAZZONI, 1960).

Serra (2015) exhibe que o projeto do Morumbi foi concebido pelo escritório do arquiteto Vilanova Artigas,²¹⁵ um dos fundadores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. O projeto do arquiteto paranaense venceu outros dois que também se interessaram na construção do estádio, um da empresa soviética Antonov & Zolnerkevic, e outro da firma de Gilberto Junqueira e Caldas. A concepção de Vilanova Artigas apresentou a edificação de um estádio com capacidade para 120 mil torcedores, além de uma praça de atletismo, um parque aquático (os dois com arquibancadas para 5 mil lugares), ginásio poliesportivo com capacidade para 20 mil pessoas, quadras poliesportivas e uma sede social.

Segundo consta, Vilanova Artigas tinha por concepção arquitetônica o movimento de vanguarda artística que apreciava o concreto exposto, o Brutalismo,²¹⁶ posto isto, o Estádio do Morumbi foi construído apresentando as características do movimento artístico o qual Artigas era adepto, sendo exibidos esses traços no estádio até os dias de hoje (SERRA, 2015).

Em julho de 1953 iniciam-se as obras do estádio, para que estas fossem iniciadas a Comissão Pró-Estádio tomou algumas medidas para angariar recursos. Primeiramente foi decidido a venda de 5 mil futuras cadeiras cativas, com título válido por 20 anos. A segunda estratégia na busca de recursos financeiros foi fechar um contrato de exploração comercial do estádio junto a Companhia Antártica Paulista. A companhia de cerveja concebeu ao SPFC Cr\$ 5.000.000,00 em troca ela teria o direito exclusivo de comercializar seus produtos no

²¹⁴ Todos esses nomes citados foram agentes esportivos importantes na história do São Paulo Futebol Clube.

²¹⁵ João Batista Vilanova Artigas foi um grande arquiteto brasileiro do século XX. Foi idealizador de grandes obras e projetos arquitetônicos em cidades de São Paulo, Minas Gerais, e Paraná. Artigas também teve destaque como um dos fundadores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Universidade de São Paulo, além de ser um dos intelectuais que lutaram contra a ditadura militar brasileira entre 1964 – 1985. Vilanova Artigas faleceu no dia 12 de janeiro de 1985, aos 69 anos de idade (VILANOVAARTIGAS.COM, 2016).

²¹⁶ Brutalismo é um movimento artístico da área da arquitetura, segundo Kogan (2013, p. 1) esta “escola arquitetônica surgiu nos anos 1950, com obras como a Unidade de Habitação de Le Corbusier”. No Brasil podemos ver esses traços no Museu de Arte Moderno do Rio de Janeiro, de 1962, e também na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), de 1969 (KOGAN, 2013).

Estádio do Morumbi por dez anos, com opção para renovar o contrato por mais cinco. Esse contrato foi intermediado pelo são-paulino e então dono do Banco Bradesco, Amador Aguiar (SÃOPAULOFC.NET, 2013).

Para conseguir mais recursos e adquirir materiais que seriam utilizados na obra, o SPFC planejou outras ações, como a campanha de venda de souvenirs (entre eles o LP Bola no Barbante), a famosa campanha de doação de cimento, a exploração publicitária do canteiro de obras como fonte de receitas, possibilitando que as empresas divulgassem seus produtos, e até mesmo utilizar a imagem do presidente do SPFC (Laudo Natel) como garoto propaganda de uma indústria de parafusos, para assim conseguir cerca 400 mil unidades (SÃOPAULOFC.NET, 2013).

Abre-se um pequeno parêntese nesta etapa que narra as ações implementadas pelo SPFC, para elucidar um fato que marcou o empreendimento do SPFC, e pode ser interpelado de acordo com o conceito de Capital Simbólico de Bourdieu (2004b). Exibindo novamente a leitura de Serra (2015) a qual o autor narra que em 1954, o arquiteto responsável pelas obras, Vilanova Artigas, repassa os direitos de propriedade do projeto ao SPFC, que muda uma parte do planejamento, e altera a capacidade do estádio, de 120 mil lugares para 156 mil. Esta mudança transformaria o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, no maior estádio particular do mundo.

É evidenciado que ao adquirir os direitos do projeto, o SPFC o altera, e aumenta a quantidade de torcedores que o seu estádio poderia comportar, passando de 120 mil pessoas, para uma lotação máxima de 156 mil torcedores. Isto transformaria o SPFC no agente esportivo detentor do maior equipamento futebolístico privado do mundo. A partir da compreensão de Bourdieu (2004b), que afirma existir dentro dos espaços sociais diversos tipos de capitais, que poderão se sobrepor ao capital econômico, é compreensível dizer que o SPFC ao mudar o projeto inicial do seu estádio, alterando a capacidade de público, o fez para ostentar o fato de que ele seria o portador da maior praça esportiva do futebol mundial.

Claro que o acréscimo de mais 36 mil lugares não haveria de alterar tanto assim os ganhos em receitas do clube, porém esses mais de 30 mil assentos no estádio significaria a obtenção de outro tipo de capital, não mais o econômico, e sim o simbólico que existe dentro do campo esportivo do futebol. Esse capital simbólico é manifestado a partir do orgulho que os diretores, e torcedores do SPFC viriam a ter com o fato de o clube possuir o maior estádio

particular do mundo. Por conseguinte, podemos definir que esta conjuntura representaria ao SPFC obter um tipo de capital simbólico específico existente no campo esportivo do futebol mundial, o que permitiria ao SPFC se tornar um importante ator presente neste espaço social.

Encerrado este parêntese, regressa-se neste instante aos fatos históricos que ocorreram durante a edificação do Morumbi, além de continuar abordando as práticas que os agentes esportivos do SPFC realizaram para erigir essa obra. Em vista disso é relatado que o clube sofre uma grande perda no ano de 1957, o então Presidente Cícero Pompeu de Toledo, grande idealizador do projeto é afastado da direção devido a problemas de saúde, vindo a falecer em 1959, com 49 anos de idade vítima de um tumor cerebral (REIS, 2010).

Quem assume o comando do empreendimento é o já citado Laudo Natel, eleito presidente do SPFC em 1958, ocupa também a presidência da Comissão Pró-Estádio. Laudo executivo de uma grande instituição financeira²¹⁷, foi nomeado por Cícero Pompeu de Toledo em 1952 como diretor do departamento de finanças do clube, passa depois em 1956 para o cargo de primeiro tesoureiro, até chegar ao posto máximo do corpo diretivo do SPFC em 1958 (DUARTE; VILELA, 2011) (MAZZONI, 1960).

Retomando as ações empreendidas pelo SPFC para angariar fundos para a construção de seu mais novo estádio, o Clube para impulsionar a venda das cadeiras cativas, contrata o produtor de rádio e TV Oswaldo Molles, e passa também a utilizar o grande veículo de informação da época, o rádio:

Para contornar a situação e promover o Morumbi, o São Paulo contratou Oswaldo Molles e a Rádio Bandeirantes. Produtor de Rádio e TV, Oswaldo desenvolveu personagem S.O (sigla para Sócio-Olímpico, ou seja, sócio dono de cadeira cativa) que se tornou um sucesso, aumentando consideravelmente as vendas (SERRA, 2015, p. 62).

De acordo com Serra (2015) essas duas ações proporcionaram um aumento considerável na venda das cadeiras. A partir da criação do S.O, mudou-se o formato de como as cadeiras cativas seriam comercializadas, ao invés de acomodações no estádio com título válido por 20 anos, estas passariam a serem comercializadas com título patrimonial definitivo. A junção de todos esses fatores, contratação de um executivo para gerir as vendas, juntamente com um grande veículo de informação, e a mudança no formato do título, faz com que a

²¹⁷ Laudo Natel foi um importante executivo de uma das maiores instituições financeiras do Brasil, o Banco Bradesco.

vendagem se torne um sucesso, viabilizando o comércio de 12 mil cadeiras cativas com título patrimonial definitivo (SERRA, 2015).

Dois anos após iniciar a construção do estádio, o SPFC vende sua sede do Canindé para um de seus Conselheiros Wadi Saddi, que no ano seguinte, já em 1956 comercializa o terreno com outro clube da cidade de São Paulo, a Associação Portuguesa de Desportos, que inauguraria em 1972 o Estádio Dr. Oswaldo Teixeira Duarte, mais conhecido como Canindé²¹⁸. Todo o dinheiro conseguido com a venda da antiga sede foi destinado a Comissão Pró-Estádio, que utilizou toda essa receita nas obras do Morumbi (DUARTE; VILELA, 2011).

Os anos de 1956 e 1957 se destacam, pois é nesse momento que as obras mais pesadas (como obras das fundações, e sustentação das colunas) são iniciadas, possibilitando que em 1960, cerca de dois terços do estádio já estivessem concluídos. Contudo o SPFC decide inaugurar o Morumbi de forma parcial, porque mesmo com as obras inacabadas, o estádio poderia gerar mais recursos para continuar sua edificação, provindo novas receitas através das rendas dos jogos, e da exploração publicitária, pois o Morumbi passaria a ter jogos, e com isso teria grande destaque na imprensa esportiva, tornando-se interessante para as grandes empresas anunciarem seus produtos no estádio (SERRA, 2015).

Em 2 de outubro de 1960, em festividades que contou com a benção do Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, o SPFC inaugura de forma parcial seu estádio, em um jogo festivo contra o Sporting Club de Portugal, que contou com a presença de 64.748 pessoas. O SPFC venceu a partida por um a zero, com o gol marcado pelo atacante do SPFC Peixinho (MAZZONI, 1960).

Laudo Natel então presidente da Comissão Pró-Estádio e do Clube, proferiu algumas palavras que estão gravadas no livro de Thomaz Mazzoni (1960) sobre esse momento:

A inauguração, ainda que parcial, do Estádio “CÍCERO POMPEU DE TOLEDO”, é o acontecimento de maior vulto entre tantos outros que ornamentam a jovem mas gloriosa história do São Paulo F. C. A gigantesca obra do Morumbi nasceu do nada. Teve, apenas, a impulsiona-la, a chama do ideal e a fé inquebrantável que tem sido a principal característica do grêmio das três cores. Constitue, sem dúvida, exemplo magnífico do que pode a vontade sadia de uma coletividade esportiva para quem o

²¹⁸ A Associação Portuguesa de Desportos adquire o terreno onde seria construído o Canindé em 1956, porém só em 1972 termina as obras do estádio. O Canindé foi inaugurado com o nome de Estádio Independência, hoje seu nome oficial é Estádio Doutor Oswaldo Teixeira Duarte. Ver mais em <http://portuguesa.com.br/clube/historia/>.

dia de amanhã reserva papel de grandeza no cenário esportivo da nação. Ao ensejo da inauguração parcial do Estádio, cumprimos o dever de apresentar agradecimentos a quantos, ainda que anonimamente, colaboraram para a concretização do velho sonho são-paulino, tornando possível o acontecimento que ora comemoramos, que transcende às fronteiras do nosso clube para se integrar, com destaque, no patrimônio de nossa terra. LAUDO NATEL (MAZZONI, 1960, p. 5).

Podemos enxergar a partir de mais essa fala do principal personagem do SPFC da época, que o Estádio Cícero Pompeu de Toledo já se tornara motivo de orgulho para toda coletividade do SPFC, o que assevera a análise feita já neste tópico. O Morumbi aqui não é interpretado apenas com um capital econômico, é sim também apreendido como um capital simbólico, e este feito de construir o seu próprio estádio avultaria o SPFC como um agente dominante no campo esportivo do futebol brasileiro, já que o clube possuiria dois importantes capitais que estão em disputa neste espaço social, como bem definiu Bourdieu (2004b).

É interessante destacar que a compreensão realizada acima apreende o conceito sociológico de capital desenvolvido por Bourdieu (2004b), onde este foi empreendido através de dois distintos tipos de capital que o cientista social francês criou. Desta forma é elucidado nesta mesma interpretação a ideia de capital econômico, e o raciocínio sobre o capital simbólico, duas importantes concepções teóricas que norteiam essa teoria social.

Regressando ao histórico sobre a construção do Morumbi, aclara-se o trabalho do jornalista Ricardo Perrone (2011), que expõe um relatório financeiro emitido pelo SPFC em 2011 sobre a edificação do seu estádio. Perrone (2011) apresenta nesta descrição documentos da Comissão Pró-Estádio, que esmiuçavam a engenharia financeira realizada pelo SPFC na construção do Morumbi, relatando os passivos e os ativos da obra.

Em um desses documentos da Comissão Pró-Estádio de 23 de agosto de 1956, foi exposto quais as fontes dos recursos iniciais para a obra, composta por doações, venda das cadeiras cativas, concessão de exploração de bares e propaganda, campanha de fundos, juros e descontos, todas essas ações já citadas anteriormente no texto, de acordo com as referências utilizadas. O documento também cita que o SPFC recebeu junto à prefeitura de São Paulo (Cr\$ 5.473.000,00 em 1956) e do Governo do Estado de SP (Cr\$ 5.500.000,00 entre 1956 e 1958), verbas para a edificação do estádio, o que representou 4,54% do total gasto com a obra até 1961. Segundo a diretoria essa ajuda financeira foi concedida ao Clube em formato de Títulos Públicos restituíveis com juros, sendo esses mesmos títulos cedidos a outros clubes. (PERRONE, 2011).

Como já demonstrado anteriormente no texto, os escritos de Perrone (2011) constataam a atuação do SPFC junto ao poder público, o que corrobora com o pensamento de Bourdieu (2004a) o qual define que agentes sociais podem interagir em distintos campos. Diante deste registro alude-se o trabalho de Froncillo e Almeida (2013) que analisaram a construção da Arena Itaquera do Sport Club Corinthians Paulista, nota-se neste estudo que a mesma práxis realizada pelos agentes esportivos do SPFC no passado, foi utilizada pelos dirigentes corintianos nos dias de hoje. Segundo os autores o SCCP²¹⁹ para erigir o seu estádio conseguiu junto à prefeitura de São Paulo “a emissão de certificados (CIDs)”²²⁰ no valor de 420 milhões de reais para estimular o desenvolvimento da região”, e com isso levantar o seu equipamento esportivo. (FRONCILLO; ALMEIDA, 2013, p. 1).

Não entrar-se-á na seara do que foi a construção da Arena Itaquera, aludindo que esse registro foi feito apenas para demonstrar que os agentes esportivos do SCCP executaram um habitus semelhante ao dos dirigentes do SPFC no passado. Esse relato é interpretado com os escritos de Setton (2002, p. 61) o qual acredita ser o habitus “um sistema engendrado no passado e orientado para uma ação presente”, o que nos permite compreender que alguns habitus efetuados por agentes dentro de um específico espaço social, são novamente repetidos por outros personagens dentro do campo.

Regressando ao período da edificação do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, remete-se ao momento pós-primeira inauguração do Morumbi, neste instante o SPFC segue para a segunda fase do projeto, a construção de seu parque social. Para isso a agremiação obtém junto a Imobiliária Aricanduva mais 25.936m², e compra mais 29.584m² de terreno para construção da sua área social. Os recursos advindos para esta fase são oriundos das vendas dos Títulos Patrimoniais instituído pelo Conselho Deliberativo do Clube, ao preço de Cr\$ 100.000,00. Logo de cara são vendidos 7.500 títulos, permitindo que em 16 de março de 1961 as obras do parque social fossem iniciadas. A empresa responsável pelas obras é a Civilsan Engenharia S/A, que entrega toda estrutura social do complexo em 30 de setembro de 1962 (SPFC INSIDE, 2015).

Com o debut parcial do estádio, e a inauguração do parque social, faltava finalizar as obras deste empreendimento. Porém os anos posteriores foram de inúmeras dificuldades, os recursos diminuíram substancialmente, fazendo com que as obras se

²¹⁹ Sigla de Sport Club Corinthians Paulista.

²²⁰ Certificado de Incentivo ao Desenvolvimento.

estagnassem durante 8 anos, no período entre 1961 e 1968 o estádio quase não avançou. Com uma ação elaborada pelo apresentador de TV e são-paulino Hélio Setti e o já citado Oswaldo Molles, é lançado o Carnê Paulistão.

Serra (2015) esclarece o que foi esse carnê:

O Morumbi só voltou a crescer, e a passos largos, em 1968, com o advento do fantástico Carnê Paulistão. “A Grande Jogada é Construir o Paulistão”, foi uma campanha idealizada por Hélio Setti e Oswaldo Molles. Na TV Excelsior, nos intervalos das novelas, sorteavam prêmios para aqueles que estivessem em dia com suas mensalidades. Com tiragem inicial de 100 mil unidades, o carnê fez tanto sucesso que ganhou outras seis séries, totalizando 700 mil carnês. Outros clubes, posteriormente, adotaram a mesma prática, inclusive pressionando o São Paulo a romper sua patente. Os carnês concorrentes não vingaram, e o Tricolor, então, comprometeu-se a repassar-lhes uma quota dos ganhos (SERRA, 2015, p. 63).

Os recursos voltaram, e em dois anos o SPFC conseguiu concluir o estádio, finalizando as obras em 20 de dezembro de 1969. Sua inauguração definitiva ocorre em 25 de janeiro de 1970, dia do aniversário da cidade de São Paulo, em partida realizada entre o clube português Futebol Clube do Porto e o SPFC. O jogo da inauguração completa do Estádio Cícero Pompeu de Toledo teve como resultado um empate de 1 a 1 (o gol do SPFC foi marcado pelo atacante Miruca). Depois de mais de 18 anos e com um gasto total da obra de 70 milhões de dólares, chega ao fim a construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo (MAZZONI, 1960).

A idealização, criação, e comercialização do Carnê Paulistão foi uma das últimas estratégias do SPFC no intuito de edificar por completo o Morumbi, sendo uma ação muito eficaz realizada pelos dirigentes do SPFC. Alicerçado com o trabalho já aludido no texto de Garcia (1996) é possível depreender essa ação consumada pelo clube de acordo com o conceito de estratégia concebido por Bourdieu. A autora faz uma leitura da concepção de estratégia, entendendo que estas “são ações que visam determinadas finalidades”, ou seja, dialogando com a temática exposta na pesquisa, podemos afirmar que a ação de criar e comercializar o Carnê Paulistão, tinha como finalidade aumentar os recursos destinados para as obras do estádio, e assim terminar de construir o Morumbi. (GARCIA, 1996, p. 66).

Após relatar no texto todo esse registro histórico que abordou as principais atividades administrativas realizadas pelos dirigentes do SPFC, com o escopo final de erguer o Estádio do Morumbi, delimita-se neste átimo da dissertação a compreensão destas práxis realizadas por esses agentes esportivos, apreendendo agora uma leitura final destas questões. Diante desta proposta de análise que foi empreendida neste tópico do trabalho, elucida-se um

pensamento de Bourdieu (2004a) que assume entender o habitus como a concepção de princípios sociais, que são concebidos por indivíduos através de suas ações e pensamentos.

Bourdieu (2004a, p. 157) segue aludindo seu ponto de vista, expondo que o habitus deve ser encarado como “as disposições dos agentes”, ou seja, estas disposições podem ser compreendidas como a percepção que os personagens de um determinado campo têm sobre a sua estrutura, o que significa dizer, que esses agentes ao compreenderem esse arcabouço estrutural vigente dentro do espaço social, irão estabelecer quais ações serão empreendidas dentro do campo. Essa fala que Bourdieu (2004a) nos traz, é de suma importância para a compreensão da temática que vem sendo discutida neste item da pesquisa.

Ao apreendermos este raciocínio sociológico, pode-se interpretar que os agentes esportivos do SPFC entenderam como se estruturava o campo esportivo do futebol brasileiro, e até mundial em meados do século passado, e a partir dessa assimilação, objetivaram e planejaram quais ações, e práticas seriam tomadas com o objetivo de alcançar no futuro a posição de domínio dentro do espaço social que a agremiação fazia parte. Desta forma, assimila-se a idealização e construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, como resultado do habitus dos agentes esportivos do SPFC em um determinado período de sua história.

Diante desta interpretação, volta-se ao já citado texto de Lopes (2009)²²¹, o qual apresenta um entendimento sobre o conceito de habitus, e dialoga diretamente com a compreensão que foi exibida nas linhas acima. O autor entende que o habitus pode ser compreendido como uma tendência “dos agentes sociais para se moverem e se orientarem num determinado espaço social, segundo a lógica específica desse próprio espaço”, o que nos remete diretamente ao que foi exposto no parágrafo anterior (LOPES, 2009, p. 396).

Dialogando com Lopes (2009), evidencia-se que os agentes são-paulinos se orientaram a partir da lógica que regia o espaço de prática esportiva do futebol brasileiro, e de acordo com essa organização, pensaram em uma estratégia que transformaria o SPFC em um dos principais personagens do campo esportivo futebolístico do Brasil. Essa estratégia foi à construção do Estádio do Morumbi, que faria do clube um grande possuidor de capital (econômico, e simbólico), o que o colocaria em posição de domínio no espaço social do

²²¹ O trabalho de Lopes (2009) foi utilizado como referencial teórico no desenvolvimento da pesquisa, sendo abordado no item 1.4. *Sobre Bourdieu e seus conceitos sociológicos: Capital, Habitus e Campo* que se encontra no primeiro Capítulo desta Dissertação.

futebol brasileiro. Por conseguinte os dirigentes do SPFC guiaram suas práticas e ações (habitus) com o propósito de auferir a edificação de seu próprio estádio.

Destarte todas estas conjunturas, delimita-se agora esta explanação histórica descritivo-analítica, que interpretou o que foi a idealização, e edificação do Estádio Cícero Pompeu de Toledo. Alicerçado com as teorias sociais de Capital e Habitus de Bourdieu (1970; 1989a; 1989b; 2004a; 2004b; 2007; 2011b; 2013) e apreciadas por Garcia (1996), Setton (2002), Azevedo (2003), e Lopes (2009), é declarado que foi concebido neste átimo do estudo uma análise sociológica das questões que envolveram a edificação do principal empreendimento realizado pelo SPFC. Além desta interpretação social, este tópico contou de maneira resumida, alguns fatos que marcaram a construção dos estádios no Brasil, e os principais acontecimentos que ocorreram durante a trajetória de edificação do Morumbi²²², sintetizando o que foi a concepção do estádio do SPFC.

À vista disso, limita-se este tópico da pesquisa, o qual buscou apreender o principal objeto de estudo desta dissertação, o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, a partir das teorias sociais de Capital e Habitus. Isto posto, encerra-se este item regressando ao testemunho do homem que ocupou o principal cargo diretivo do SPFC durante grande parte das obras do estádio, as palavras de Laudo Natel retratam de maneira limitada, porém significativa, o que significou esta ação para a história do São Paulo Futebol Clube, expressando o que simboliza o Estádio Cícero Pompeu de Toledo para toda coletividade do SPFC:

[...] Este estádio tem o nome de um famoso são-paulino, de um grande são-paulino que foi Cícero Pompeu de Toledo, mais se tivesse um sobrenome seria Fé e Perseverança, porque é um produto de fé e perseverança. Muita gente entende que aqui teve dinheiro público, aqui não teve dinheiro público e dinheiro de ninguém, foi exclusivamente a venda de ideias, título patrimonial, cadeira cativa, enfim rifa, e toda sorte de ideias que foram surgindo, o que modernamente se chamaria hoje uma obra de marketing. Mais o São Paulo conseguiu esse milagre, um clube endividado, um clube que tem a ousadia de lançar um estádio, consegue esse milagre de inaugurar esse estádio sem um centavo de dívida, o estádio foi inaugurado completamente pago, graças à ajuda da coletividade dos amigos que o São Paulo foi granjeando, e até de outros homens de outros clubes que vieram apoiar essa ideia, [...] Mais eu quero fazer aqui uma ressalva, o Juvenal me atribui muito esse estádio do Morumbi, eu fui apenas um coordenador de esforços de uma coletividade que fez esse estádio. [...] Então essa consolidação do patrimônio, esta fazendo a grandeza e é à base de sustentação do nosso SPFC. Desculpe se eu me alongo um pouco, mais é que essa solenidade tem para mim particularmente um grande significado, ela fala muito de perto a minha sensibilidade que desde menino venho acompanhando a

²²² Os relatos históricos abordados neste item foram apoiados nos trabalhos de Mazzoni (1960), Caldas (1990), Guterman (2009), Fumagal e Louzada (2009), Reis (2010), Duarte e Vilela (2011), Perrone (2011), Serra (2012; 2015), e Mascarenhas (2014).

história desse Clube. De modo que tive aqui a satisfação imensa de ver tanta coisa, o privilégio de entregar esse troféu pro Peixinho, que marcou o primeiro gol desse estádio, que ficou na história do SPFC. Por tudo isso, isto para mim foi uma noite feliz, e eu espero que tenha sido para todos os presentes, como esta sendo para todos os são-paulinos, meus cumprimentos à direção do São Paulo, as autoridades que estão hoje nos prestigiando, e que eu tenho certeza que vão continuar prestigiando o SPFC, e a todos vocês hoje que estão aqui honrando com a sua presença essa solenidade, eu quero lhes dar os meus cumprimentos. Que Deus continue ajudando o nosso SPFC. LAUDO NATEL (CANAL OFICIAL DO SPFC, 2012).

3.2. O Estádio do Morumbi e os êxitos esportivos do SPFC.

O estudo chega neste momento na sua fase final, e a execução deste último item do terceiro capítulo da dissertação nos dá a clareza que nos passos anteriores foi facultado uma gama de conceitos teóricos, e fatos históricos que marcaram a vida de um agente específico do cenário do futebol brasileiro. Ao compreendermos a maneira que o trabalho está estruturado, e como foi definida a sua metodologia, debuta-se esse item explicando os objetivos e a justificativa de se apresentar este tópico no epílogo do texto.

A intenção de elaborar essa etapa da pesquisa é evidenciar a importância que o Estádio Cícero Pompeu de Toledo (objeto central de investigação do estudo) teve na trajetória do SPFC, aludindo os êxitos esportivos que o clube conquistou após a inauguração do seu estádio. Sabe-se que a conquista de vitórias tanto nos gramados, como fora deles depende de uma série de fatores presentes no futebol, logo o que será elucidado aqui, é um demonstrativo dos triunfos alcançados pelo SPFC após a edificação do Morumbi, até um determinado ano, entendendo o estádio como um elemento importante para o desenvolvimento esportivo do SPFC²²³.

Ao darmos os primeiros passos neste tópico, será definido o que é êxito esportivo, e o porquê foi delimitado no início do trabalho o período de 1970 a 1992. Entender-se-á êxito esportivo como a conquista de títulos, e vice-campeonatos em competições relevantes²²⁴, que o SPFC disputou ao longo desses 23 anos. É definido o Campeonato Paulista, o Campeonato Brasileiro, a Copa Libertadores da América, e o Campeonato Mundial de Clubes como os

²²³ É possível atestar essas questões após fazer a leitura dos capítulos anteriores desta Dissertação de Mestrado.

²²⁴ As competições citadas são os principais campeonatos disputados pelo São Paulo Futebol Clube neste período estudado.

principais campeonatos que faziam parte do cenário do futebol paulista, brasileiro, sul-americano e mundial.

Diante do que foi exposto no parágrafo acima, explica-se o motivo pelo qual foi definido o período estudado, já que em 1970 o estádio do Morumbi foi totalmente inaugurado, e o ano de 1992 é momento que o São Paulo Futebol Clube conquista o seu primeiro título Mundial de clubes no Japão, em dezembro daquele ano. É importante registrar que o êxito de vencer o Campeonato Mundial de Clubes é considerado dentro desta dissertação como o ápice que uma agremiação futebolística pode alcançar.

Seguir-se-á nos escritos a seguir com a construção de uma linha do tempo das conquistas esportivas do SPFC pós-inauguração final do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, em 1970, até 1992. A referência teórica utilizada na elaboração desta parte do texto será o trabalho de Duarte e Vilela (2011), o qual já foi aludido anteriormente em diversos momentos neste instrumento de pesquisa social.

Década de 1970:

Como ponto de partida inicia-se o texto destacando os anos 70 do último século, este período será compreendido do ano de 1970 até 1980, pois como já foi informado anteriormente no estudo, a inauguração final do Estádio Cícero Pompeu de Toledo ocorreu no dia 25 de janeiro de 1970 (DUARTE; VILELA, 2011). Desta maneira, abordar-se-á nos escritos a seguir os êxitos conquistados pelo SPFC durante os onze primeiros anos de existência do Morumbi.

É possível afirmar que durante esta década o SPFC voltou a figurar como um dos maiores vencedores de títulos do Brasil, destacando que no estado de São Paulo, o SPFC foi o clube que mais venceu o Campeonato Paulista²²⁵, com quatro conquistas, além de ficar com dois vice-campeonatos. No cenário brasileiro o clube foi também duas vezes vice-campeão, sangrando-se campeão brasileiro em uma oportunidade neste período. Já na principal competição da América do Sul, o SPFC foi vice-campeão em 1974. Devido ao fato do SPFC

²²⁵ O São Paulo Futebol Clube foi o maior vencedor de títulos Paulista da década com quatro conquistas (1970, 1971, 1975, 1980), a Sociedade Esportiva Palmeiras venceu três vezes o campeonato estadual (1972, 1974, 1976), o Sport Club Corinthians Paulista em duas oportunidades foi o campeão paulista (1977, 1979), e a Associação Portuguesa de Desportos e o Santos Futebol Clube foram considerados os campeões paulista de 1973 (FUTPÉDIA, 2017).

não conseguir vencer a competição sul-americana, o clube nos anos 1970 não disputou o Campeonato Mundial de Clubes²²⁶.

Abaixo é exibida a lista de conquistas do SPFC durante os anos 70 do século XX (DUARTE; VILELA, 2011):

- 1970: CAMPEÃO PAULISTA.**
- 1971: CAMPEÃO PAULISTA.**
- 1971²²⁷: VICE-CAMPEÃO BRASILEIRO.**
- 1972: VICE-CAMPEÃO PAULISTA.**
- 1973: VICE-CAMPEÃO BRASILEIRO.**
- 1974: VICE-CAMPEÃO DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA.**
- 1975: CAMPEÃO PAULISTA**
- 1976: NÃO CONQUISTOU NENHUM ÊXITO ESPORTIVO.**
- 1977: CAMPEÃO BRASILEIRO.**
- 1978: VICE-CAMPEÃO PAULISTA.**
- 1979: NÃO CONQUISTOU NENHUM ÊXITO ESPORTIVO.**
- 1980: CAMPEÃO PAULISTA.**

É importante destacar que nos anos primários do Estádio do Morumbi, o SPFC não alcançou posição de destaque no cenário futebolístico apenas em duas oportunidades, nos anos de 1976 e 1979, notando que nos outros nove anos o clube sempre conquistou uma posição relevante em pelo menos um campeonato que disputou.

Década de 1980:

A década de 1980 foi uma época de diversas conquistas esportivas para o SPFC, durante o período de 1981 a 1990 o clube se estabeleceu novamente como o maior vencedor de títulos estaduais²²⁸, com quatro o triunfos, além de dois vice-campeonatos. No

²²⁶ O Campeonato Mundial de Clubes desde 1960 era disputado entre o vencedor da Copa Libertadores da América e o campeão da Copa dos Campeões da Europa. Esse formato seguiu-se até o ano de 2004, e em 2005 a FIFA passou a organizar a competição, e clubes de todos os continentes passaram a disputar o torneio (FIFA, 2017).

²²⁷ O ano de 1971 se repete devido ao fato do SPFC conquistar dois êxitos esportivos.

²²⁸ Na década de 1980 os títulos estaduais foram distribuídos entre São Paulo Futebol Clube (1981, 1985, 1987, 1989), Sport Club Corinthians Paulista (1982, 1983, 1988), Santos Futebol Clube (1984), Associação Atlética Internacional de Limeira (1986), e Clube Atlético Bragantino (1990) (FUTPÉDIA, 2017).

Campeonato Brasileiro o SPFC se tornou o recordista de finais na década, foi finalista em quatro ocasiões (1981, 1986, 1989, 1990), porém conquistou o título em apenas uma oportunidade, ficando com a segunda colocação nas outras três vezes.

Na Copa Libertadores da América foram duas participações com resultados de pouca relevância, em 1982 o SPFC foi eliminado na primeira fase, e em 1987 resultado semelhante, o clube não conseguiu passar para as fases finais do torneio sul-americano (DUARTE; VILELA, 2011). Pelo mesmo motivo já citado anteriormente no texto, o SPFC durante esta década não conseguiu uma vaga para a disputa do Campeonato Mundial.

Evidencia-se a seguir os êxitos esportivos auferidos durante a década de 1980 (DUARTE; VILELA, 2011):

1981: CAMPEÃO PAULISTA.

1981²²⁹: VICE-CAMPEÃO BRASILEIRO.

1982: VICE-CAMPEÃO PAULISTA.

1983: VICE-CAMPEÃO PAULISTA.

1984: NÃO CONQUISTOU NENHUM ÊXITO ESPORTIVO.

1985: CAMPEÃO PAULISTA.

1986: CAMPEÃO BRASILEIRO.

1987: CAMPEÃO PAULISTA.

1988: NÃO CONQUISTOU NENHUM ÊXITO ESPORTIVO.

1989: CAMPEÃO PAULISTA.

1989²³⁰: VICE-CAMPEÃO BRASILEIRO.

1990: VICE-CAMPEÃO BRASILEIRO.

Nota-se novamente que na década analisada acima, o SPFC passou apenas dois anos sem conseguir resultados importantes, o que atesta a consolidação do clube no cenário futebolístico nacional, faltando apenas à conquista de resultados importantes nos campeonatos disputados fora do Brasil, para assim se estabelecer como uma força esportiva da América do Sul, e posteriormente se fixar como um dos grandes clubes do Mundo.

²²⁹ O ano de 1981 se repete devido ao fato do SPFC conquistar dois êxitos esportivos.

²³⁰ O ano de 1989 se repete devido ao fato do SPFC conquistar dois êxitos esportivos.

Década de 1990 – (1991 a 1992):

Findando esta linha do tempo que abordou os principais êxitos esportivos que o SPFC obteve ao longo das duas décadas subsequentes a construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, chega-se ao momento que o clube atinge o seu ápice esportivo. É possível identificar que nos anos 70 e 80 do último século, o SPFC se consolidou com uma das principais forças do futebol paulista, e brasileiro, pois nos dois espaços sociais de prática futebolística a agremiação figurou sempre no topo dos campeonatos, ficando por diversas vezes nas primeiras colocações dos campeonatos disputados neste período.

Por conseguinte, admite-se que o SPFC foi o maior vencedor títulos do Campeonato Paulista entre 1970 e 1990 (oito conquistas), o maior finalista do Campeonato Brasileiro (sete oportunidades) sagrando-se duas vezes campeão, o que transformou em um dos clubes que mais havia vencido a competição na época²³¹ (DUARTE; VILELA, 2011). Faltava ao SPFC à conquista da Copa Libertadores da América, maior competição de clubes da América do Sul, e do Campeonato Mundial, disputado no Japão entre o campeão do continente europeu, e o vencedor do continente sul-americano.

Como explicado no início do item, é considerado ápice esportivo a conquistada do título Mundial de Clubes, e durante esses dois próximos anos que serão exibidos a seguir, o SPFC atinge esse resultado, sagrando-se campeão das quatro principais competições que disputou entre 1991 e 1992, alcançando o número de cinco títulos nesse biênio (DUARTE; VILELA, 2011).

Aclaram-se estes triunfos esportivos:

1991: CAMPEÃO PAULISTA.

1991: CAMPEÃO BRASILEIRO.

1992: CAMPEÃO PAULISTA.

1992: CAMPEÃO DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA.

1992: CAMPEÃO MUNDIAL DE CLUBES (DUARTE; VILELA, 2011).

²³¹ Entre 1970 e 1990 o São Paulo Futebol Clube foi Bicampeão Brasileiro (1977, 1986), ficando atrás somente do Sport Club Internacional, campeão em três oportunidades 1975, 1976, 1979, e do Clube de Regatas do Flamengo, vencedor da competição nacional em 1980, 1982, 1983 (FUTPÉDIA, 2017). É considerado aqui o Campeonato Brasileiro a partir de 1971.

Ao abordar de maneira cronológica a maneira que o SPFC foi se estabelecendo como um meritório agente esportivo, que passou a ocupar uma posição de domínio dentro do campo futebolístico nacional e internacional, retrata-se que após a edificação do seu estádio, nos 23 anos que se sucederam o clube alcançou o seu ápice esportivo. Vale registrar que em 1993 o SPFC se manteve no topo do cenário futebolístico sul-americano e mundial, pois também neste ano o clube sagrou-se Bicampeão da Copa Libertadores da América, e Bicampeão Mundial de Clubes, alcançando novamente o ápice do esporte bretão. É reconhecido que durante mais de duas décadas, em somente quatro oportunidades o SPFC passou um ano inteiro sem a conquista de um título, ou sem conseguir uma posição de destaque (vice-campeão) nas competições disputadas (somente em 1976, 1979, 1984, 1988 o SPFC não foi campeão ou vice).

Um ponto importante também que é levantado neste átimo do texto, diz respeito ao considerável aumento de torcedores que o SPFC obteve neste período compreendido pelo estudo. Segundo a revista esportiva Placar (1993), em um período de dez anos, o SPFC saltou da sétima colocação geral entre todas as torcidas do Brasil, para o clube com a terceira maior massa de torcedores em terras brasileiras.

De acordo com este texto exibido pela Revista Placar, no ano de 1983 foi encomendada “ao Instituto Gallup uma pesquisa de opinião pública para descobrir quais eram as maiores torcidas do país”, essa pesquisa revelou que a torcida do SPFC apresentava 6% da preferência nacional, com cerca de 2.290.000 torcedores, ficando atrás do Clube de Regatas do Flamengo, Sport Club Corinthians Paulista, Sociedade Esportiva Palmeiras, Clube de Regatas Vasco da Gama, Santos Futebol Clube, e Clube Atlético Mineiro respectivamente²³². (PLACAR, 1993, p. 12).

Porém na pesquisa realizada pelo instituto Ibope/PLACAR²³³ publicada na mesma edição do periódico, é demonstrado como se configurava a preferência nacional dos

²³² Na pesquisa realizada pelo Instituto Gallup em 1983, o Clube de Regatas do Flamengo aparece com 31%, o Sport Club Corinthians Paulista com 17%, a Sociedade Esportiva Palmeiras e o Clube de Regatas Vasco da Gama com 9%, o Santos Futebol Clube, e o Clube Atlético Mineiro com cerca de 7% (PLACAR, 1993, p. 12).

²³³ Diante desta nova pesquisa que foi feita pelo Instituto Ibope/PLACAR o Flamengo ainda lidera a preferência dos torcedores brasileiros com 16,5%, o Corinthians segue em segundo com 13,6%, o São Paulo como informado acima com 7,2%, seguido de Vasco com 6,3%, Fluminense com 4,6%, e Palmeiras com 3,4%, sendo estes os sete primeiros colocados. É valido ressaltar que segundo a Revista Placar (1993) as duas pesquisas publicadas no periódico tiveram metodologias diferentes, dificultando assim uma comparação entre as duas pesquisas (PLACAR, 1993, p. 12). Hoje todas as pesquisas sobre o tamanho das torcidas dos clubes de futebol no Brasil, colocam o SPFC ainda como a terceira maior torcida (LANCENET, 2012) (KFOURI, 2015) (GLOBO ESPORTE.COM, 2016).

torcedores brasileiros em 1993. Neste recorte temporal a torcida do SPFC aparece na terceira colocação, com cerca de 7,2%, o que significava na época cerca de 10.523.000 torcedores espalhados pelo Brasil, ficando somente atrás agora do Clube de Regatas do Flamengo, e do Sport Club Corinthians Paulista na preferência dos torcedores brasileiros.

Este parêntese que foi aberto nas linhas acima, só reforça que esse período analisado por esta ferramenta de pesquisa social, foi um momento de suma importância para a história do SPFC, o qual o clube não apenas obteve grandes resultados dentro dos gramados, mas também foi bem sucedido fora deles. Registra-se por ora, que durante esta fase que o SPFC se afirmava com um agente dominante dentro do campo, e passou a conquistar bons resultados dentro dele, um aspecto deve ser levada em consideração, a presença do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, um fato novo que se desenhou dentro do campo do futebol brasileiro na época.

Como vimos já neste estudo, durante o período estudado, nenhum clube do cenário futebolístico nacional possuía um estádio do porte do Morumbi, o que faz com que pensemos que a estratégia de construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo (já discutida no texto), foi uma ação muito bem sucedida pelo SPFC.

Mais uma vez volta-se ao que foi exibido nas primeiras linhas deste tópico, as quais evidenciaram que para auferir estes êxitos esportivos, os clubes devem praticar diversas ações, tanto no âmbito esportivo²³⁴, como fora dele, para que os resultados possam aparecer. Aclara-se que possuir um estádio próprio, é só uma dessas ações que podem levar os clubes a conquistar glórias esportivas, logo elucida-se aqui, que não foi somente pela construção do Morumbi que o SPFC atingiu uma posição de domínio no campo esportivo, e sim também por uma série de outras ações efetuadas por seus dirigentes durante essa fase de sua história.

Porém o que é discutido e analisado nesta dissertação é o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, posto isto, é exequível transmitir que a idealização, e edificação do seu estádio, foi uma importante ação realizada pelo SPFC, sendo este um elemento significativo para que o clube conseguisse se situar no lado dominante do espaço social de prática esportiva, o qual ele faz parte. Só é admissível transcrever as linhas acima, após toda análise sociológica feita neste instrumento de pesquisa.

²³⁴ As ações executadas pelos dirigentes do SPFC durante as décadas de 1940 e 1970, que compreenderam a contratação de bons jogadores, são exemplos de práticas de cunho esportivas que visam à conquista de triunfos dentro dos gramados. Ver mais sobre essas ações no item 2.3. *Bourdieu e seus conceitos sociológicos no campo esportivo investigado*, nas páginas 114-116.

A partir das teorias sociais de Campo, e Campo Esportivo, foi enxergado o SPFC como um agente que está vinculado a um campo esportivo específico, o qual apresenta determinada estrutura de funcionamento, compreendendo de acordo com estes conceitos teóricos, algumas ações que este personagem praticou dentro deste espaço social. Já alicerçado com as teorias de Capital e Habitus, aprendeu-se a construção desse equipamento esportivo (Estádio do Morumbi), entendendo-o como uma peça de grande valor para o clube dentro do campo do futebol brasileiro e mundial.

Destarte todas essas questões elucidadas neste item do trabalho, finaliza-se neste instante o terceiro capítulo desta Dissertação de Mestrado, com a ciência que a metodologia proposta nesta peça de estudo social contempla os objetivos delimitados no princípio da pesquisa. Logo, encerra-se mais um capítulo deste instrumento de análise histórico-social, com o desejo que os leitores tenham tido uma excelente leitura desta etapa do estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de percorrer todo o caminho metodológico da pesquisa, chega-se neste instante ao fim desta trajetória, que buscou apreender o seu principal objeto de análise, a partir das teorias sociais de Capital, Habitus, Campo e Campo Esportivo. Isto posto, retorna-se ao início dessa caminhada, mais precisamente no ano de 2014, átimo temporal do encetamento do processo de elaboração do projeto de pesquisa que seria desenvolvido na Pós-Graduação. Neste instante foi definido que o objeto central de investigação do trabalho seria o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, equipamento esportivo construído por uma agremiação do cenário futebolístico nacional.

Com o elemento central de investigação já delimitado, pensou-se de que maneira seria estruturado o método de pesquisa que seria empregado no estudo, isto é, como seria abordado esse fato histórico, e qual seria a temática utilizada no decorrer desta dissertação. Para responder essas perguntas, recorreu-se a literatura, esquadrinhando uma gama de autores que desenvolvem estudos em áreas distintas, para assim, poder chegar de fato ao desenho estrutural deste instrumento de análise. Após esta apreciação teórica, foi limitado como seria urdido o projeto de pesquisa, expondo a tônica conceitual que nortearia o trabalho, constituindo e findando esta primeira etapa.

Por conseguinte, foi objetivado que a pesquisa se apresentaria como uma peça de estudo que estaria vinculada as ciências humanas, e sociais, a qual denotaria um caráter descritivo-analítico de um fato histórico que se fez presente em um determinado setor da sociedade. Aclara-se deste modo, a arquitetura metodológica da dissertação, elucidando que a análise central da pesquisa seria interpretada de acordo com as teorias citadas no primeiro parágrafo deste tópico de encerramento, e ainda o trabalho teria como alicerce conceitual, um diálogo teórico com os principais autores que debatem as questões da sociologia do esporte, e do futebol.

Outro ponto importante a ser destacado, é evidenciar que foi registrado em uma etapa específica do estudo, uma leitura de cunho histórica sobre macros elementos que circundam o texto, sendo estes o esporte, e o futebol, além de exibir como o esporte bretão floresceu no Brasil. Destarte toda esta apresentação introdutória do que foi a concepção, e

elaboração desta dissertação, seguir-se-á nas próximas linhas com algumas reflexões do que foi empreendido no estudo.

Após chegar ao momento final desta jornada, acredita-se que foi oferecido ao leitor, uma análise histórico-sociológica de caráter descritivo-analítico sobre um evento específico que ocorreu em uma época particular da história de um agente esportivo presente no campo futebolístico nacional. É reconhecido neste átimo que as teorias sociológicas Capital, Habitus, Campo e Campo Esportivo, podem ser utilizadas como ferramentas metodológicas para diversos estudos, sabendo que estes conceitos sociais contêm em si um arcabouço de ideias, que os permitem alicerçar as mais distintas pesquisas desenvolvidas dentro da grande área da sociologia.

Este fato se comprovou nos escritos que sucedem este item final, pois através destes conceitos foi exequível analisar, e apreender um clube de futebol brasileiro, o enxergando-o dentro do espaço social em que ele se constituiu, e ao longo dos anos foi se estabelecendo como um agente de valor, além é claro de fornecer a possibilidade de interpretar o que foi a construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo. Elucida-se que de acordo com os princípios que Pierre Bourdieu desenvolveu em suas análises sociais, é possível entender este empreendimento como um elemento de diferenciação presente em um campo social específico, e também compreender as práxis que foram executadas por agentes sociais, para que esta obra viesse a se concretizar.

O estudo ainda buscou relacionar o sucesso esportivo que o São Paulo Futebol Clube obteve, durante um determinado recorte temporal. Como já mencionado anteriormente, sabe-se que para obter os êxitos esportivos que foram delimitados no estudo, os clubes de futebol devem realizar uma série de ações esportivas e administrativas, compreendendo o fato que a conquista destes triunfos são dependentes de uma conjunção de fatores. Deste modo, entende-se que o Morumbi não foi o principal responsável pela aquisição destas conquistas, mas sim, foi mais uma das ações erigidas pelo clube que possibilitaram a obtenção destas vitórias esportivas.

Volta-se neste momento para o que foi definido nas linhas do encetamento do item 3.2 desta dissertação, as quais delimitam uma relação que de fato existiu, onde a partir do que foi exibido nos escritos do tópico anterior, o SPFC após edificar o Estádio do Morumbi,

conquistou diversos títulos, e posições de destaque no cenário futebolístico estadual, nacional, e internacional.

Com a clareza de que foi empreendido nesta Dissertação de Mestrado todo o esforço necessário, para que esta se apresente como mais um instrumento de pesquisa social, e possa vir a auxiliar novos trabalhos que venham a discutir as demandas presentes dentro desta incipiente área acadêmica, a sociologia e história do esporte, é finalizado agora este ensaio teórico. Destarte, delimita-se o texto esperançoso que as linhas escritas neste objeto de análise histórico-social, proporcionem uma visão crítica aos leitores.

Logo, afirmamos também que a elaboração desta ferramenta teórica tem o desejo, e por que não dizer, a pretensão de motivar novos pesquisadores a desenvolverem cada vez mais estudos sociais sobre os elementos existentes dentro do esporte moderno.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L; FERREIRA, R. P. Futebol e ferrovia: A história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 2, p.249-259, 2010. Trimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v24n2/v24n2a08.pdf>. Acesso em: 16 out. 2015.
- ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G; MARQUES, R. Uma leitura do futebol em São Paulo: A ginga, os territórios e as identidades. *Revista da Alesde*, Curitiba, v. 3, n. 1, p.52-71, abr. 2013. Semestral. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/alesde/article/view/32028/20828>. Acesso em: 17 set. 2014.
- ARAÚJO, F. M. de B; ALVES, E. M; CRUZ, M. P. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. *Perspectivas da Ciência e Tecnologia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.31-40, 2009. Disponível em: <http://revistascientificas.ifrj.edu.br:8080/revista/index.php/revistapct/article/view/14/14http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a03n26.pdf>. Acesso em: 01 out. 2014.
- ARAUJO, B. Estreia da banda Queen no Brasil reuniu cem mil pessoas no Morumbi, em 1981 © 2015. O Globo. Rio de Janeiro, 16 set. 2015. Cultura, p. 1-1. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/estreia-da-banda-queen-no-brasil-reuniu-cem-mil-pessoas-no-morumbi-em-1981-17486276>. Acesso em: 02 mar. 2016.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DESPORTOS (São Paulo). História. 2015. Disponível em: <http://portuguesa.com.br/clube/historia/>. Acesso em: 02 mar. 2016.
- AZEVEDO, M. L. N. Espaço social, campo social, habitus e conceito de classe social em Pierre Bourdieu. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 3, n. 24, p. 1-4, mai. 2003. Mensal. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/024/24cneves.htm#_ftn2. Acesso em: 09 jun. 2016.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL (Brasília). Cédulas e moedas. 2016. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pt-br/#/n/CEDMOED>. Acesso em: 22 dez. 2016.
- BAVEREZ, N. Raymond Aron: Un moraliste au temps des idéologies. Paris: Flammarion, 1993. 541 p.
- BERGER, B; BERGER, P. L. O que é uma instituição social? In: FORACCHI, M. M; MARTINS, J. S. *Sociologia e sociedade: Leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1980. p. 193-199.
- BETING, M. Copa União 1987 – A linha do tempo e do dinheiro. 2011. Lance, 25 fev. 2011. Blog Lance, p. 1-1. Disponível em: <http://blogs.lance.com.br/maurobeting/2011/02/25/copa-uniao-1987-e-clube-dos-13-a-linha-do-tempo-e-do-dinheiro/>. Acesso em: 09 dez. 2016.
- BETTI, M. Esporte e sociologia. *Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*, Florianópolis, n. 2, p.7-11, 1989. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19979/18383>. Acesso em: 23 set. 2014.
- BOLTANSKI, L. Usos fracos e usos intensos do habitus. In: ENCREVÉ, P; LAGRAVE, R. M. *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro; Bertrand, 2005. *Lógicas da Prática*, p. 155-163.
- BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. 560 p. Tradução: Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. Tradução de: *La distinction: Critique sociale du jugement*.

_____. A economia das trocas simbólicas. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. 361 p. Introdução, organização e seleção: Sergio Miceli.

_____. Passeron, J. C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011a. 280 p.

_____. Avenir de classe et causalité du probable. Revue Française de Sociologie, Paris, v. 15, n. 1, p. 3-42, 1974. Trimestral. Disponível em: http://www.persee.fr/docAsPDF/rfsoc_0035-2969_1974_num_15_1_2234.pdf. Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. Capital simbólico e classes sociais. Revista Novos Estudos, São Paulo, n. 96, p. 105-115, 2013. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n96/a08n96.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2016. Tradução: Fernando Pinheiro.

_____. Coisas ditas. 2º reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2004a. 234 p. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim.

_____. Como é possível ser esportivo? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO HISPA, 1978, Paris. Congresso Internacional do Hispa. Paris: INSEP, 1978. p. 1-19. Disponível em: http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos_PS_Mest_2015/ELS/WM-Como_e_posssivel_ser_esportivo_P_Bourdieu.pdf. Acesso em: 05 out. 2015.

_____. Esquisse d' une théorie de la pratique: précédé de trois études d'ethnologie kabyle. Paris: Seuil, 2000. 429 p.

_____. La noblesse d' état: grandes écoles et esprit de corps. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989a. 569 p.

_____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989b. 314 p. Tradução: Fernando Tomaz.

_____. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 277 p. Tradução Jeni Vaitsman.

_____. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. 5 ed. Campinas: Papirus Editora, 2004b. 224 p. Tradução: Mariza Corrêa.

_____. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997. 144 p. Tradução: Maria Lucia Machado.

_____. The forms of capital. In: SZEMAN, I; KAPOSY, T. Cultural theory: An anthology. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2011b. Cap. 8, p. 81-97.

BRACHT, V. Esporte, história e cultura. In: PRONI, M. W; LUCENA, R. F. Esporte: História e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. Cap. 8, p. 191-205.

BRÉKILIEN, Y. Vie quotidienne en Bretagne au XIX siècle. Paris: Hachette, 1966. 366 p.

BROHM, J. M. Sociología política del deporte. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1982. 334 p.

BUCKLEY, W. A sociologia e a moderna teoria dos sistemas. São Paulo: Editora Cultrix da Universidade de São Paulo, 1971. 307 p.

BUENO, I. A. S; RODRIGUES, F. X. F. A teoria dos campos de Pierre Bourdieu e o fenômeno esportivo: uma análise sobre as disputas em torno das “obras da Copa”. In: HUMANIDADES EM CONTEXTO: SABERES E INTERPRETAÇÕES, 2014, Cuiabá. 7º Seminário Humanidades em Contexto: Saberes e Interpretações. Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal de Mato Grosso - ICHS/UFMT, 2014. p. 1-20. Disponível em:

http://www.humanidadesemcontexto.com.br/resources/anais/3/1415555679_ARQUIVO_ATEORIADOSC_AMPOSDEPIERREBOURDIEUEOFENOMENOESPORTIVO_.pdf. Acesso em: 30 jun. 2016.

BYINGTON, C. A. B. O arquétipo da alteridade e a riqueza simbólica do futebol: uma contribuição da psicologia simbólica junguiana. *Psicologia Atual*, São Paulo, ano. 5, n. 25, p. 20-32, 1982. Disponível em: http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/o_futebol_e_a_arte_do_corpo.pdf. Acesso em: 08 abr. 2016.

CALDAS, W. O Pontapé Inicial: memória do Futebol Brasileiro (1894 - 1933). São Paulo: Ibrasa, 1990. 234 p.

CAMPOS, F; ALFONSI, D. Apresentação. In: CAMPOS, F; ALFONSI, D. Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. p. 7 – 20.

CAMPOS, L. C. F; ROMAN, E. P. Diferenças de planejamento e administração de clubes de futebol da Europa e do Brasil. *Revista Mineira de Educação Física*, Viçosa, v. 16, n. 1, p.50-63, 2008. Disponível em: <http://www.revistamineiradeefi.ufv.br/artigos/arquivos/debf9c559d6b85d9030c1b3891d991e8.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2016.

CASTRO, S. O futebol brasileiro: bicampeão do mundo. Rio de Janeiro: Anuário da Literatura Brasileira, 1962. 164 p.

CATANI, A. M. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 78, p. 57-75, 2002. Trimestral. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/EDS/VOL23_N78/EDS_23N78_4.PDF. Acesso em: 13 jun. 2016.

CHAUÍ, M. Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. 103 p.

CLUBE NÁUTICO CAPIBARIBE (Recife). O clube/estrutura: Aflitos e sede social. 2016. Disponível em: <http://www.nautico-pe.com.br/estrutura>. Acesso em: 19 abr. 2016.

COBERTURA do Morumbi - Laudo Natel. Direção de São Paulo. Produção de Canal Oficial do São Paulo Futebol Clube. Realização de São Paulo Futebol Clube. São Paulo, 2012. (8 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K_xK8sREbcQ. Acesso em: 02 mar. 2016.

CONMEBOL. Copa Libertadores América 2016. 2016. Disponível em: <http://www.conmebol.com/pt-br/copa-libertadores-2016-pt>. Acesso em: 09 dez. 2016.

COSTA, A. S. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade. In: LOVISARO, M; NEVES, L. C. Futebol e sociedade: um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 13-26.

COSTA, F. S et al. Características sociais do futebol: notas a partir da teoria de Norbert Elias e Eric Dunning. In: IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 9., 2005, Ponta Grossa. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa: Uel, 2005. p. 1-7. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/comunicacao_oral/art9.pdf. Acesso em: 26 set. 2014.

COSTA, P. H. V et al. Parceria público privada para investimento em arenas multiuso - estudo de caso da Arena Pernambuco. In: XIII CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DA LATIN AMERICAN REAL ESTATE SOCIETY, 13., 2013, São Paulo. 13ª Conferência Internacional da LARES. São Paulo: Latin

American Real Estate Society, 2013. p. 1-19. Disponível em: <http://lares.org.br/Anais2013/artigos/765-986-1-RV.pdf>. Acesso em: 08 out. 2014.

DAMATTA, R; et al. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982. 124 p.

DAOLIO, J. Educação física e futebol. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. 151 p.

DOMINGUES, E. P; JUNIOR, A. A. B; MAGALHÃES, A. S. Quanto vale o show? Impactos econômicos dos investimentos da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Estudos Econômicos, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 409-439. Trimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ee/v41n2/a08v41n2>. Acesso em: 10 fev. 2017.

DUARTE, O; VILELA, M. São Paulo FC: o super campeão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011. 328 p.

DUNNING, E. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 39, p.11-40, 2003. Editora: UFPR. Disponível em: [http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/165322_Vol.39,No0\(2003\)_1.pdf](http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/165322_Vol.39,No0(2003)_1.pdf). Acesso em: 25 set. 2014.

_____. CURRY, G. Escolas públicas, rivalidade social e o desenvolvimento do futebol. In: GEBARA, A. PILATTI, L. A. Ensaio sobre história e sociologia nos esportes. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. Cap. 2, p. 45-76.

DURKHEIM, É. As regras do método sociológico. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007. 165 p. Tradução: Paulo Neves, Eduardo Brandão.

EKELUND, P. A rentabilidade das Associações de times de futebol: os exemplos das ligas de Futebol da Itália e da Inglaterra. In: 1º CONGRESSO INTERNACIONAL EAESP DE GESTÃO DE ESPORTES, 1998, São Paulo. 1º Congresso Internacional EAESP de Gestão de Esportes. São Paulo: EAESP-FGV, 1998.

ELIAS, N. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995. 264 p.

_____. DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992. 429 p. Tradução: Maria Manuela Almeida e Silva.

_____. Deporte y ocio en el proceso de La civilizacion. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 350 p. Disponível em: <https://tallerdeinvestigacionyensayo.files.wordpress.com/2008/04/elias-norbert-deporte-y-ocio-en-el-proceso-de-la-civilizacion.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2017.

ESTADÃO: O material jornalístico produzido pelo Estadão é protegido por lei. Para compartilhar este conteúdo, utilize o link: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,balanco-de-2012-do-corinthians-mostra-receita-de-r-324-7-milhoes,1013528>. São Paulo, 26 mar. 2013. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,balanco-de-2012-do-corinthians-mostra-receita-de-r-324-7-milhoes,1013528>. Acesso em: 19 set. 2014.

FIFA. Fifa Club World Cup archive. 2017. Disponível em: <http://www.fifa.com/fifa-tournaments/archive/clubworldcup/index.html>. Acesso em: 12 jan. 2017.

FILHO, M. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964. 402 p.

FERREIRA, A. L. P; MOREIRA, T. S; MARCHI JÚNIOR, W. O estado da arte da sociologia do esporte no Brasil: Um mapeamento da produção bibliográfica de 1997 a 2007.. In: XXVII CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA., 27., 2009, Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología. Buenos Aires: Acta Académica, 2009. p. 1-9. Disponível em: <http://www.aacademica.com/000-062/1897.pdf>. Acesso em: 22 set. 2014.

FRANCO JUNIOR, H. A dança dos deuses: Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 433 p.

_____. Futebol, sociedade, cultura: apontamentos a título de conclusão. In: CAMPOS, F; ALFONSI, D. Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. p. 365-383.

FRANZINI, F. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, M. D; MELO, V. A. de. História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Cap. 4, p. 107-131.

FRONCILLO, A. V; ALMEIDA, M. A. B. Análises sociais do impacto da construção do estádio do Corinthians para Itaquera. Revista Digital EFDeportes, Buenos Aires, v. 18, n. 179, p. 1-1, 2013. Mensal. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd179/impacto-da-construcao-do-estadio-do-corinthians.htm>. Acesso em: 11 jan. 2017.

FUMAGAL, R. F; LOUZADA, R. O modelo de gestão do São Paulo Futebol Clube. Razón y Palabra: Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación, Mexico, n. 69, p.1-35, 2009. Disponível em: [http://www.razonypalabra.org.mx/O MODELO DE GESTAO DO SAO PAULO FUTEBOL CLUBE.pdf](http://www.razonypalabra.org.mx/O%20MODELO%20DE%20GESTAO%20DO%20SAO%20PAULO%20FUTEBOL%20CLUBE.pdf). Acesso em: 07 out. 2014.

FUTPÉDIA. A história do futebol em números: Campeonato Brasileiro. 2017. Disponível em: <http://futpedia.globo.com/campeonato/campeonato-brasileiro>. Acesso em: 12 jan. 2017.

FUTPÉDIA. A história do futebol em números: Campeonato Paulista. 2017: Disponível em: <http://futpedia.globo.com/campeonato/campeonato-paulista>. Acesso em: 12 jan. 2017.

GALEANO, E. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: L&PM Editora, 2004. p 296. Tradução: Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito.

GAMBETA, W. R. A bola rolou: O velódromo paulista e os espetáculos 1895 – 1916. 2013. 408 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GARCIA, M. M. A. O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 97, p.64-72, maio 1996. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/414.pdf>. Acesso em: 30 set. 2014.

GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, M. W; LUCENA, R. F. Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. Cap. 1, p. 5-29.

GIL, G. O drama do “futebol arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, n. 25, v. 9, junho 1994. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_10.htm. Acesso em: 01 fev. 2017.

GIOIA, R. Especial: Que saudades das Laranjeiras. 2010. Disponível em: <http://canelada.com.br/fluminense/especial-que-saudade-das-laranjeiras/>. Acesso em: 19 abr. 2016.

GIOVANNETTI, B et al. Medindo a fidelidade das torcidas brasileiras: uma análise econômica no futebol. Revista Brasileira de Economia, Rio de Janeiro, v. 60, n. 4, p.1-1, 2006. Trimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbe/v60n4/a04v60n4.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2016.

GIULIANOTTI, R. Sociologia do Futebol: dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. 248 p. Tradução: Marcelo de Oliveira Nunes, Wanda Nogueira Caldeira Brant.

GLOBO ESPORTE.COM (Rio de Janeiro). Futebol: Pesquisa mostra que torcida “sem time” fica na frente de Fla e Corinthians. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/12/pesquisa-mostra-que-torcida-sem-time-fica-na-frente-de-fla-e-corinthians.html>. Acesso em: 10 mar. 2017.

GONZÁLEZ, J. I. B. Materiales de sociología del deporte. Madrid: Editora Endymion, 1993. 188 p.

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE (Porto Alegre). Memorial e Títulos: Estádio Olímpico. Disponível em: http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=id_1133&language=0. Acesso em: 29 abr. 2016.

GUEDES, S. L. Que “povo brasileiro” no campo de futebol? Razón y Palabra: Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación, Mexico, n. 69, p. 1-9, 2009. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/QUE%20POVO%20BRASILEIRO%20%20NO%20CAMPO%20DE%20FUTEBOL.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.

GUTERMAN, M. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 270 p.

GUTTMANN, A. From ritual to record: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 1978. 222 p.

HIRATA, E. Análise da mercantilização do futebol a luz de Pierre Bourdieu (1980-2010). In: XIV ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPUH-RIO MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 2010, Rio de Janeiro. XIV Encontro Internacional da ANPUH-RIO Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro: Associação Nacional de História, Seção Rio de Janeiro – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – ANPUH-RIO/UNIRIO, 2010. p. 1-8. Disponível em: http://encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276715552_ARQUIVO_anpuhrjfinal2010EdsonHirata.pdf. Acesso em: 16 jun. 2016.

HELAL, R; SOARES, A. J; LOVISOLO, H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. 162 p.

HOBSBAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWM, E; RANGER, T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Cap. 7, p. 271-316.

HOLLANDA, B. B. B. O fim do Estádio-nação? notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, F; ALFONSI, D. Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. p. 321-346.

HOLZMEISTER, A. A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. A virada econômica do futebol: Observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo. 2010. 228 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp126157.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2016.

JUNIOR, M. S. O futebol paulista é o novo “homeless”. 1995. Folha de São Paulo. São Paulo, 02 fev. 1995. Esporte, p. 1-1. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/2/02/esporte/6.html>. Acesso em: 21 dez. 2016.

JUNIOR, R. D. G. Friendereich e a reinvenção de São Paulo: O futebol e a vitória na fundação da metrópole. 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

KFOURI, J. Pesquisa “Lance/Ibope”: Fla na frente, Corinthians diminui distância. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2015/04/pesquisa-lanceiboep-fla-na-frente-corinthians-diminui-distancia/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

KOGAN, G. Arquitetura brutalista se popularizou no Brasil na década de 1960. 2013. Folha de São Paulo. São Paulo, 08 set. 2013. São Paulo, p. 1-1. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/09/1337952-estilo-arquitetonico-brutalista-se-popularizou-no-brasil-na-decada-de-1960.shtml>. Acesso em: 22 dez. 2016.

LANCENET. CINCO MAIORES TORCIDAS DO BRASIL SOMAM 47% DO TOTAL: Empresa divulga pesquisa sobre torcidas e cita Fla, Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Vasco como as maiores do país. São Paulo, 20 mar. 2012. Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/maiores-torcidas-Brasil-representam-total_0_667133350.html. Acesso em: 01 mar. 2016.

LÉVY-STRAUSS, C. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1975. 368 p. Tradução: Chaim S. Katz, Eginardo Pires.

LIMA, E. C. Tema transversal: uma questão de inovação ou mudança? In: LOVISARO, M; NEVES, L. C. Futebol e sociedade: um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 43-54.

LINHARES, M. Y. História geral do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1990. 445 p.

LOPES, F. T. P. Bourdieu e Goffman: Um ensaio sobre os pontos comuns e as fissuras que unem e separam ambos os autores a partir da perspectiva do primeiro. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 389-407, 2009. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.revipsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a09.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2016.

LUCENA, R. F. O esporte na cidade. Campinas: Editora Autores Associados, 2001. 153 p.

LUTIANO, D. V. Futebol e a gestão dos estádios: o caso do Morumbi. In: ALMEIDA, M. A. B. Estudos interdisciplinares em sociologia do esporte: aspectos filosóficos, sociais, políticos e econômicos. São Paulo: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Futebol e Modalidades Lúdicas – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, 2016. p. 254-276. Disponível em: <http://200.144.182.130/ludens/index.php/pt/acervo/biblioteca-ludens/375-edicoes-disponiveis-em-formato-e-book>. Acesso em: 09 fev. 2017.

_____. et al. Os presidentes dos clubes de futebol São Paulo Futebol Clube e Sport Club Corinthians Paulista: perfil, atuação e inserção organizacional. Revista Digital EFDeportes, Buenos Aires, v. 18, n. 179, p. 1-1, 2013. Mensal. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd179/os-presidentes-dos-clubes-de-futebol-paulista.htm>. Acesso em: 09 dez. 2016.

LÜSCHEN, G. Sociology of sport and the cross-cultural analysis of sport and games. In: LÜSCHEN, G. The cross-cultural analysis of sport and games. Champaign: Stipes Publishing Company, 1970. 192 p.

_____. WEIS, K. Deporte en la sociedad: posición y cometidos de una sociología del deporte. In: LÜSCHEN, G; WEIS, K. Sociología del deporte. Valladolid: Miñón, 1979. p. 9-19.

MACHADO, F. M; BANCHETTI, L. D. O futebol rouba a cena! O Estádio-Monumento enquanto palco de tensões e resistência: O caso do Pacaembu. Projeto História. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados de História da PUC-SP, São Paulo, v. 40, p. 447-459, 2010. Trimestral. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6143/4463>. Acesso em: 22 nov. 2016.

MALERBA, J. Para uma teoria simbólica: conexões entre Elias e Bourdieu. In: CARDOSO, C. F; MALERBA, J. Representações: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000. p. 199-225.

MARCHI JÚNIOR, W. Como é possível ser esportivo e sociológico? In: GEBARA, A. PILATTI, L. A. Ensaio sobre história e sociologia nos esportes. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. Cap. 6, p. 159-195.

_____. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, M. W; LUCENA, R. F. Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. Cap. 4, p. 77-111.

_____. O processo de resignificação do voleibol a partir da inserção da televisão no campo esportivo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 149-162, 2005. Trimestral. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/153/162>. Acesso em: 29 jun. 2016.

_____. Três décadas de história do Voleibol Brasileiro. In: XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anpuh, 2003. 6 p. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.689.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2016.

MARINHO, P. A pesquisa em ciências humanas. Petrópolis: Editora Vozes, 1980. 172 p.

MARQUES, R. F. R. Esporte e qualidade de vida: reflexão sociológica. 2007. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MARX, K. Para a crítica da economia da política do capital. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. 256 p. Tradução: Edgard Malagodi.

MASCARENHAS, G. Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 256 p.

MATON, K. Habitus. In: GRENFELL, M. Pierre Bourdieu: Key concepts. Acumen, 2008. Cap. 3, p. 46-65.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Edusp, 1974. 535 p.

MAZZONI, T. História do futebol Brasileiro: 1894 - 1950. São Paulo: Olympicus, 1950. 342 p.

_____. Problemas e aspectos do nosso futebol. São Paulo: Edições A Gazeta, 1939. 254 p.

_____. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960.

MELO, V. A de. Esporte, futurismo e modernidade. História, São Paulo, v. 26, n. 2, p.201-225, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v26n2/a11v26n2>. Acesso em: 24 set. 2014.

MICELI, S. Entenda a sua época: sociologia, 1997. Folha de São Paulo, 13 abr. 1997. Caderno Mais!. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs130427.htm>. Acesso em: 13 jun. 2016.

MILLS, J. R. Charles Miller: o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2005. 236 p.

MIRANDA, L. Pierre Bourdieu e o campo da comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. 193 p.

MOLETTA JUNIOR, C. L et al. Norbert Elias, uma nova abordagem para o estudo da história do futebol brasileiro. In: IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 9., 2005, Ponta Grossa. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa: Uel, 2005. p. 1-5. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/comunicacao_oral/art5.pdf. Acesso em: 25 set. 2014.

- MONTAGNER, M. A; MONTAGNER, M. I. A teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu: uma leitura. Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva, Brasília, v. 5, n. 2, p. 255-273, 2011. Trimestral. Disponível em: <http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/979/919>. Acesso em: 17 jun. 2016.
- MOORE, R. Capital. In: GRENFELL, M. Pierre Bourdieu: key concepts. Acumen, 2008. Cap. 6, p. 101-117.
- MUCCHIELLI, L. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880 – 1914). Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 35-54, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n41/a03v2141.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2016.
- MURAD, M. A Violência e o Futebol: dos Estudos Clássicos aos Dias de Hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007a. 196 p.
- _____. Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Editora Irradiação Cultural Ltda, 1996. 176 p.
- _____. Futebol e cinema no Brasil: interações. In: CAMPOS, F; ALFONSI, D. Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. p. 263-280.
- _____. O futebol no Brasil: reflexões sociológicas. Caravelle: Le sport en Amérique latine, Toulouse, n. 89, p.109-128, dez. 2007b. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/40854372?sid=21106086428453&uid=3737664&uid=2&uid=4>. Acesso em: 29 set. 2014.
- _____. Sociologia do esporte. Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, p.1-2, 2009. Disponível em: http://www.fef.unicamp.br/feff/sites/uploads/congressos/ccd2009/palestras/mauricio_murad.pdf. Acesso em: 22 set. 2014.
- NOGUEIRA, M. A. Apresentação ao artigo A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura, de Pierre Bourdieu. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 5, n. 4, p. 3-4, 1989. Trimestral.
- PARQUE IBIRAPUERA (São Paulo). História e Cultura. 2017. Disponível em: <http://parqueibirapuera.org/category/revista/cultura-no-parque/>. Acesso em: 09 jan. 2017.
- PERRONE, R. Dossiê do SPFC diz que Morumbi teve 4,5% de dinheiro público. 2011. Disponível em: <http://blogdoperrone.blogosfera.uol.com.br/2011/07/dossie-do-spfc-diz-que-morumbi-teve-45-de-dinheiro-publico/>. Acesso em: 17 nov. 2015.
- PILATTI, L. A. Guttman e o tipo ideal do esporte moderno. In: PRONI, M. W; LUCENA, R. F. Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. Cap. 3, p. 63-76.
- PLACAR. Pesquisa Ibope/Placar por quem torce o brasileiro. São Paulo: Editora Abril, n. 1088, 1993. Mensal.
- POZZI, L. F. A grande jogada: teoria e prática do marketing esportivo. São Paulo: Editora Globo, 1998. 280 p.
- PRONI, M. W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, M. W; LUCENA, R. F. Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. Cap. 2, p. 31-61.
- _____. LUCENA, R. F. Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. 250 p.

RATTON, J. J; MORAIS, J. V de. Futebol e sociedade no mundo contemporâneo: visões das ciências sociais. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 42, n. 1, p.8-10, 2011. Semestral. Disponível em: http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v42n1/rcs_v42n1ap.pdf. Acesso em: 26 set. 2014.

REIS, L. Família criou presidentes de clubes rivais. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/830342-familia-criou-presidentes-de-clubes-rivais.shtml>. Acesso em: 02 mar. 2016.

RIBEIRO, L. C. O futebol no campo afetivo da história. Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.99-111, 2004. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2851/1463>. Acesso em: 02 set. 2014.

ROCCO JUNIOR, A. J; BELMONTE, W. B. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da Revista Placar. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 19., 2014, Vila Velha. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Vila Velha: Intercom, 2014. p. 1 - 15. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4023573.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2016.

RODRIGUES, F. X. F. A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002). 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3538/000389503.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2016.

_____. Futebol e teoria social: introdução a uma sociologia do futebol brasileiro. In: RBA - REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 23., 2002, Gramado. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Gramado: Associação Brasileira de Antropologia, 2002. p. 1 - 16. Disponível em: http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/034836_Rodrigues%20-%20Futebol%20e%20teoria%20social.pdf. Acesso em: 30 set. 2014.

_____. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. Sociologias, Porto Alegre, v. 6, n. 11, p. 260-299, 2004. Semestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n11/n11a12.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

_____. Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. Sociedade e Cultura, Goiania, v. 8, n. 1, p.111-125, 2005. Disponível em: <http://h200137217135.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/999/1198>. Acesso em: 24 set. 2014.

ROTTENBERG, S. The baseball players labor market. Journal of Political Economy, Chicago, v. 64, n. 3, p. 242-258, 1956.

SALVINI, L; SOUZA, J; MARCHI JÚNIOR, W. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 401-410, 2012. Trimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n3/06.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2016.

SANDER, R. Sul – Americano de 1919: quando o Brasil descobriu o futebol. Rio de Janeiro: Maquinaria, 2009. 84 p.

SANTOS, I. S. C. O público dos estádios: marcos históricos da atual elitização e arenização do futebol brasileiro. In: XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 16., 2014, João Pessoa. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. João Pessoa: Intercom, 2014. p. 1-15. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0817-1.pdf>. Acesso em: 02 out. 2014.

SANTOS NETO, J. M. Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 117 p.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE (São Paulo). A história do SPFC: Morumbi. 2013. Disponível em: <http://www.saopaulofc.net/spfcpedia/a-historia-do-spfc/morumbi>. Acesso em: 11 nov. 2015.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE (São Paulo). A marca mais valiosa das Américas: Conceituada consultoria avalia o São Paulo como possuidor da marca mais valiosa fora da Europa. 2015. Disponível em: <http://www.saopaulofc.net/noticias/noticias/sao-paulo-fc/2015/6/9/a-marca-mais-valiosa-das-americas/>. Acesso em: 29 fev. 2016.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE (São Paulo). Grandes ídolos. 2016. Disponível em: <http://www.saopaulofc.net/spfcpedia/grandes-idolos/>. Acesso em: 29 fev. 2016.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE (São Paulo). Presidentes. 2017. Disponível em: <http://www.saopaulofc.net/o-clube/presidentes/>. Acesso em: 17 fev. 2017.

SEBAN, M. M. A theoretical consideration of the internal dynamics of sport. In: HART, M. Sport in the sócio-cultural process. Dubuque: W. C. Brown Co, 1976.

SERRA, M. Fé e Perseverança. SPFC INSIDE. São Paulo: Áurea Editora, v. 1, n. 5, 2015. Bimestral.

_____. Os 100 maiores públicos do Morumbi. 2012. Disponível em: <http://spfcpedia.blogspot.com.br/2012/09/os-100-maiores-publicos-do-morumbi.html>. Acesso em: 22 dez. 2016.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 20, p.60-70, 2002. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>. Acesso em: 01 out. 2014.

SIGOLI, M.A; DE ROSE JR, D. A história do uso político do esporte. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 12, n. 2, p.111-119, 2004. Trimestral. Disponível em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/566/590>. Acesso em: 07 out. 2015.

SILVA, C. V. G. F; CAMPOS FILHO, L. A. N. Gestão de clubes de futebol brasileiros: fontes alternativas de receita. Revista Eletrônica Sistemas & Gestão, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p.195-209, 2006. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.revistasg.uff.br/index.php/sg/article/view/SGV1N3A2/20>. Acesso em: 03 out. 2014.

SOMOGGI, A. Gestão de espaços esportivos como negócio. In: MATTAR, M. F; MATTAR, F. N. Gestão de negócios esportivos. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2013. Cap. 13, p. 243-255.

SOUZA, D. A de. O Brasil entra em campo! construções e reconstruções da identidade nacional (1930 – 1947). São Paulo: Annablume, 2008. 220 p.

SOUZA, J; ALMEIDA, B. S; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial sociológico de Pierre Bourdieu. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 221-232, 2014. Trimestral. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/84065/86898>. Acesso em: 15 abr. 2016.

SOUZA, J; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas. Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 45-70, 2010a. Trimestral. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/11159/8920>. Acesso em: 17 jun. 2016.

_____. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 293-315, 2010b. Trimestral. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/10496/7529>. Acesso em: 22 jun. 2016.

SPFC. Complexo social. SPFC INSIDE. São Paulo: Áurea Editora, v. 1, n. 6, 2015. Bimestral.

SPORT CLUB INTERNACIONAL (Porto Alegre). Patrimônio: Beira – Rio. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=1&setor=279&secao=273>. Acesso em: 20 abr. 2016.

STAREPRAVO, F. A; SOUZA, J; MARCHI JÚNIOR, W. Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: uma argumentação inicial sobre a importância da utilização da teoria dos campos de Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 785-798, 2013. Trimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v35n3/18.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

TERRAY, E. Proposta sobre a violência simbólica. In: ENCREVÉ, P; LAGRAVE, R. M. *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro; Bertrand, 2005. Formas de Dominação, p. 303-308.

THOMSON, P. Field. In: GRENFELL, M. *Pierre Bourdieu: Key concepts*. Acumen, 2008. Cap. 4, p. 67-81.

TOLEDO, L. H. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996. 176 p.

UOL ESPORTE. Ranking dos torneios internacionais. 2013. Disponível em <http://esporte.uol.com.br/infograficos/2013/07/25/ranking-dos-torneios-internacionais.htm>. Acesso em: 19 set. 14.

UOL ESPORTE FUTEBOL. SP supera o Corinthians entre clubes mais valiosos do mundo, diz estudo. 2015. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/06/08/sp-supera-o-corinthians-entre-clubes-mais-valiosos-do-mundo-diz-estudo.htm>. Acesso em: 29 fev. 2016.

VASCONCELLOS, M. D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 78, p. 77-87, abr. 2002. Trimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a06v2378.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2016.

VIGARELLO, G. Sistemas de esportes, esportes concorrentes. In: ENCREVÉ, P; LAGRAVE, R. M. *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro; Bertrand, 2005. Lógicas da Prática, p. 185-193.

VILANOVAARTIGAS (São Paulo). Cronologia. Disponível em: <http://www.vilanovaartigas.com/cronologia>. Acesso em: 22 dez. 2016.

VIRGÍLIO, M. *São Paulo 1946 – 1957: representações da cidade na música popular*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010. 174 p.

VIVEIROS, R. *Laudo Natel: um bandeirante*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S/A, 2010. 320 p.

WACQUANT, L. J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 19, p.95-110, set. 2002. Tradução de: Adriano Nervo Codato e Gustavo Biscaia de Lacerda. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n19/14625.pdf>. Acesso em: 03 set. 2014.

WEBER, M. *Max Weber: sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1979. 168 p. Tradução: Amélia Cohn, Gabriel Cohn. Organização: Gabriel Cohn.

ZUCAL, J. G. Prólogo. In: GODIO, M; ULIANA, S. *Fútbol y sociedade: prácticas locales e imaginários globales*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2011. p. 13-2.

ANEXOS

ANEXO A – EVENTOS MUSICAIS REALIZADOS NO ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO ENTRE 1981 - 1990.

- 1. 20/03/1981 – Show: QUEEN – Público: 80.000.**
- 2. 21/03/1981 – Show: QUEEN – Público: 110.000.**
- 3. 07/02/1982 – Festival: CANTA BRASIL – Público: 90.000.**
- 4. 25/06/1983 – Show: KISS – Público: 125.000.**
- 5. 15/03/1985 – Show: MENUDO – Público: 80.000.**
- 6. 16/03/1985 – Show: MENUDO – Público: 150.000.**
- 7. 13/01/1988 – Festival: HOLLYWOOD ROCK ‘88 – Público: 600.000.**
- 8. 14/01/1988 – Festival: HOLLYWOOD ROCK ‘88 – Público: ?**
- 9. 15/01/1988 – Festival: HOLLYWOOD ROCK ‘88 – Público: 80.000**
- 10. 16/01/1988 – Festival: HOLLYWOOD ROCK ‘88 – Público: 80.000.**
- 11. 18/01/1990 – Festival: HOLLYWOOD ROCK ‘90 – Público: ?**
- 12. 19/01/1990 – Festival: HOLLYWOOD ROCK ‘90 – Público: ?**
- 13. 20/01/1990 – Festival: HOLLYWOOD ROCK ‘90 – Público: ?**

FONTE: Site Oficial do São Paulo Futebol Clube. Disponível em:
<http://www.saopaulofc.net/estrutura/morumbi/shows/>. Acesso em: 18 jan. 2017.

ANEXO B – EVENTO RELIGIOSO REALIZADO NO ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO EM 1980.

- **03/07/1980** – Missa do Papa João Paulo II realizada no gramado do Estádio Cícero Pompeu de Toledo. Aproximadamente 200 mil pessoas foram ao Morumbi acompanhar o Pontífice.

FONTE: Site **globoesporte.globo.com.** Disponível em:
<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2010/10/morumbi-completa-50-anos-de-historia-e-passagens-marcantes.html>. Acesso em: 18 jan. 2017.

ANEXO C – PRESIDENTES DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

ENTRE 1952 – 1992.

- *Cícero Pompeu de Toledo* – De 30/09/1947 a 29/04/1958.
- *Laudo Natel* – De 30/04/1958 a 05/12/1970.
- *Manoel Raymundo Paes de Almeida* – De 06/06/1966 a 31/01/1967.
- *Cláudio Aidar* – De 05/12/1970 a 11/01/1971.
- *Henri Couri Aidar* – De 15/03/1971 a 27/04/1978.
- *Antônio Leme Nunes Galvão* – De 27/04/1978 a 27/04/1982.
- *José Douglas Dallora* – De 27/04/1982 a 17/04/1984.
- *Carlos Miguel Cástex Aidar* – De 17/04/1984 a 16/04/1988.
- *Juvenal Juvêncio* – De 16/04/1988 a 23/04/1990.
- *José Eduardo Mesquita Pimenta* – De 23/04/1990 a 25/04/1994.

FONTE: Site oficial do São Paulo Futebol Clube. Disponível em: <http://www.saopaulofc.net/o-clube/presidentes/>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Foto: Time do SPFC de 1930 – 1931.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 27

Foto: Charge sobre a construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio "Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo": Olympicus, 1960. p. 4.

Foto: Carta dos Editores do livro São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio "Cícero Pompeu de Toledo".

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio "Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo": Olimpicus, 1960. p. 7.

CICERO POMPEU DE TOLEDO
(Falecido)

SR. LAUDO NATEL

Foto: Presidentes do SPFC. À esquerda Cícero Pompeu de Toledo, e a direita Laudo Natel.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 16.

*Os diretores da última diretoria presidida pelo saudoso
Cícero Pompeu de Toledo.*

Foto: Reunião dos diretores do SPFC.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio "Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo": Olympicus, 1960. p. 62.

Foto: Corpo Diretivo do SPFC nos anos 1950.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio "Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo": Olympicus, 1960. p. 53.

*Jantar-homenagem do São Paulo F. C. ao presidente da C. B. D.,
Sr. J. Havelange.*

Foto: Jantar dos Dirigentes do SPFC com o Presidente da Confederação Brasileira de Desportos João Havelange. Anos 1950.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 72.

A Diretoria do São Paulo no Palácio dos Campos Elísios em visita ao Governador Carvalho Pinto, vendo-se o General Porphirio da Paz, vice-governador, Dep. Chiquito Franco, Sr. Laudo Natel e Monsenhor Francisco Bastos

Foto: Diretores do SPFC em visita ao Governador do Estado de São Paulo Carvalho Pinto.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olimpícus, 1960. p. 99.

Assinatura da ata da memorável reunião de diretoria, quando se projetou a construção da praça de esportes do São Paulo. Ao lado de Cícero Pompeu de Toledo, vemos o então Prefeito dr. Armando de Arruda Pereira, o dr. Figueiredo Ferraz, representando o dr. Adhemar de Barros, rodeados de diretores e sócios do tricolor; isso aconteceu em 1952

Foto: Reunião de assinatura do contrato entre SPFC e a Prefeitura da cidade de São Paulo. 1952.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olimpicus, 1960. p. 119.

Primeira fotografia tirada no terreno do Morumbí (15-8-1952), onde destacamos o saudoso Presidente Cícero Pompeu de Toledo, e os senhores Gal. Porphirio da Paz, Dr. Frederico A. G. Menzen e Dr. Caetano Estelita Pernet.

Foto: Membros do Corpo Diretivo do SPFC no terreno aonde viria a ser construído o Estádio Cícero Pompeu de Toledo. 1/08/1952.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 121.

A maquete do Estádio, autoria do Eng. Vilanova Artigas

Foto: Maquete do Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 121.

Cícero Pompeu de Toledo, condecorando o então governador do Estado, Dr. Lucas Nogueira Garcez, por ocasião de sua visita às obras do Estádio, em 1955

A princípio... ninguém acreditava

Foto: Acima na imagem a visita do então Governador do Estado de São Paulo Lucas Nogueira Garcez as obras do estádio, 1955. Abaixo o início das obras do Morumbi.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio "Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo": Olimpicus, 1960. p. 129.

Foto: Primeiras tubulações do estádio.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 131.

O estádio começa a se tornar realidade

Foto: O Estádio Cícero Pompeu de Toledo começa a ganhar forma.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 132.

Foto: Obras do Estádio do Morumbi em 1958.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olimpicus, 1960. p. 132.

Outro aspecto do muro de vedação que viria a receber a colaboração publicitária da INDÚSTRIA E COMÉRCIO de São Paulo

Linda vista aérea, já em 1960

Foto: Acima as obras do Estádio. Abaixo vista aérea do Morumbi em 1960.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 135.

Foto: Vista da pista de atletismo e do campo a partir das arquibancadas do Estádio do Morumbi.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 137.

Foto: Imagem do primeiro treino do SPFC no Estádio do Morumbi ainda em obras.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 139.

Foto: Primeiro treino no Estádio Cícero Pompeu de Toledo. O Senhor Carlos Joel Nelli da o pontapé inicial de honra do treino.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 55.

No ato do descobrimento do saudoso Cicero, o Dr. Piragibe fez uso da palavra em nome do Clube

Foto: Primeiro evento realizado no Morumbi. Inauguração do Busto do ex-presidente Cícero Pompeu de Toledo. À direita o Presidente do SPFC Laudo Natel.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 142.

Última vista ao Morumbi, antes de sua inauguração por nossa reportagem

Foto: Vista aérea do Estádio Cícero Pompeu de Toledo em 1960.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 140.

Foto: Cerimônia de hasteamento das bandeiras no Estádio do Morumbi. Acima o Governador do Estado de São Paulo Carlos Alberto Carvalho Pinto faz o hasteamento das bandeiras. Ainda na foto o Deputado Cunha Bueno Netto (representando o Presidente da República) e o Prefeito da Cidade de São Paulo Adhemar de Barros.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 83.

Imponente vista aérea do novo estádio no dia da inauguração, totalmente ocupado pelo público, minutos antes da partida inaugural (foto obtida por gentileza do Aero Clube de São Paulo e executada pelo fotógrafo Juarez de A Gazeta Esportiva)

Foto: Inauguração Parcial do Estádio Cícero Pompeu de Toledo – 02/10/1960.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olimpicus, 1960. p. 86.

PAULO:
 Poy
 Ademar
 Gildesio
 Satrio
 Vitor
 Riberto
 Peixinho
 (Paulo)
 Gino
 Claudio/
 Chafeliro/
 Roberto)

ARTING:
 Anibal
 Lino
 Hilario
 Mendes
 Morato
 Julio
 Hugo
 Faustino
 Aguiaredo
 Fernando/
 Geo (Geo)
 Seminario

O quadro do São Paulo Futebol Clube, vencedor por um a zero

**Foto: Time do SPFC no jogo de inauguração do Estádio Cícero Pompeu de Toledo.
 02/10/1960.**

**FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio
 “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 85.**

A equipa do Sporting de Lisboa

Foto: Time do Sporting Clube de Portugal no jogo de inauguração do Estádio Cícero Pompeu de Toledo. 02/10/1960.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 84.

Laudo Natel, agradece ao Governador do Estado Prof. Carvalho Pinto, a colaboração prestada ao Estádio, vendo-se na foto além do presidente tricolor, os Srs. Waddi, tesoureiro, Homero Belintani, segundo secretário, Mario Naddeu, administrador do estádio e Moura Cavalcanti, funcionário da secretaria do Clube

Foto: Presidente do SPFC Laudo Natel juntamente com o Governador do Estado de São Paulo Carvalho Pinto, e diretores do clube.

FONTE: MAZZONI, T. São Paulo Futebol Clube: Album Comemorativo da inauguração do Estádio “Cícero Pompeu de Toledo. São Paulo”: Olympicus, 1960. p. 164.

Foto: Capa da Edição de “A Gazeta Esportiva” de 25 de janeiro de 1970, sobre a inauguração final do Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

FONTE: DUARTE, O; VILELA, M. São Paulo FC: o supercampeão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011. p. 150.

Foto: Estádio do Morumbi. Década de 1970.

FONTE: Site Tricolor On The Rock. Disponível em: <http://www.tricolorontherock.com.br/a-construcao-do-morumbi/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Foto: Estádio do Morumbi – Final do Campeonato Paulista de 1977. Sport Club Corinthians Paulista X Associação Atlética Ponte Preta. 09/10/1977.

FONTE: Site Botões para Sempre. Disponível em:
<http://botoesparasempre.blogspot.com.br/2010/12/corinthians-e-ponte-preta-1977-gulliver.html>.
Acesso em: 14 mar. 2017.

Foto: Estádio do Morumbi. Década de 1980.

FONTE: Site SPFCpédia. Disponível em: <http://spfcpedia.blogspot.com.br/2009/01/construcao-do-morumbi.html>. Acesso em: 13 mar. 2017.

**Foto: Papa João Paulo II em Missa realizada no Estádio do Morumbi em 1980.
03/07/1980.**

FONTE: Site SPFCpédia. Disponível em: http://spfcpedia.blogspot.com.br/2009_02_01_archive.html.
Acesso em: 14 mar. 2017.

Foto: Banda Queen no Estádio do Morumbi em 1981.

FONTE: Site Aconteceu nos anos 80, 90. Disponível em:
<http://aconteceunosanos80.blogspot.com.br/2010/11/os-shows-da-decada-de-80-quem-esteve.html>.
Acesso em: 13 mar. 2017.

Foto: Torcida do SPFC lota o Estádio do Morumbi na Final do Campeonato Brasileiro de 1981, disputada entre São Paulo Futebol Clube X Grêmio Football Porto Alegrense. 03/05/1981.

FONTE: Site Gazeta Press. Disponível em:
<http://gazetapress.com/busca/fotos/?q=campeonato+brasileiro+1981>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Foto: Torcida do Clube de Regatas do Flamengo no Estádio do Morumbi na Final do Campeonato Brasileiro de 1983, disputada entre Santos Futebol Clube X Clube de Regatas do Flamengo. 22/05/1983.

FONTE: Site Gazeta Press. Disponível em:
<http://www.gazetapress.com.br/busca/fotos/?q=campeonato+brasileiro+de+1983>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Foto: Estádio do Morumbi – Final do Campeonato Paulista de 1989. São Paulo Futebol Clube X São José Esporte Clube. 02/07/1989.

FONTE: Site Opinião Tricolor. Disponível em: <http://opiniaotricolor.com.br/?cat=1&paged=4>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Foto: Estádio do Morumbi – Final do Campeonato Paulista de 1991. São Paulo Futebol Clube X Sport Club Corinthians Paulista. 15/12/1991.

FONTE: Site Opinião Tricolor. Disponível em: <http://opiniaotricolor.com.br/?p=2098>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Foto: Estádio do Morumbi. Década de 2000.

FONTE: Site São Paulindas. Disponível em: <http://saopaulindas.spfc1935.com.br/2009/11/estadio-cicero-pompeu-de-toledo.html>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Foto: Estádio do Morumbi. 2016.

FONTE: Site Gazeta Press. Disponível em:
<http://gazetapress.com/pauta/47669/estadio-do-morumbi-reforma-do-gramado>. Acesso em: 13
mar. 2017.